

JOÃO PAULO FRANCISCO DE SOUZA

**UM LOBO NOS TRÓPICOS:
A RECEPÇÃO CRÍTICA DE HERMANN HESSE NO BRASIL
(1935-2005)**

ASSIS

2007

JOÃO PAULO FRANCISCO DE SOUZA

**UM LOBO NOS TRÓPICOS:
A RECEPÇÃO CRÍTICA DE HERMANN HESSE NO BRASIL
(1935-2005)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social.

Orientador: Dr. Álvaro dos Santos Simões Junior.

ASSIS

2007

Ficha catalográfica elaborada pelo
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação – UNESP – Campus de Marília

Souza, João Paulo Francisco de.

S7291 Um lobo nos trópicos : a recepção crítica de Hermann
Hesse no Brasil (1935-2005) / João Paulo Francisco de
Souza. -- Assis, 2007.
296 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de
Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista,
2007.

Bibliografia: f. 76-99.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Álvaro dos Santos Simões Junior

1.Hesse Hermann, 1877-1962 – Crítica e interpretação -
Bibliografia. 2. Literatura alemã. I. Autor. II. Título.

CDD 833

À memória dos familiares:

Elízio, Amaro; Tiago.

À lembrança do amigo Daniel.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Álvaro Santos Simões Junior, pela oportunidade de realizar este trabalho.

Às Professoras Ana Maria Domingues de Oliveira e Maria Lúcia Lichtscheidl Maretti, pelas relevantes contribuições e pela leitura bem cuidada por ocasião do Exame de Qualificação, assim como à Prof^a. Regina Célia dos Santos Alves (UEL/Londrina).

À Capes e à Secretaria Estadual da Educação (Bolsa Mestrado), pelo auxílio financeiro.

À toda a Comunidade da UNESP pelo meu crescimento intelectual e criativo; sobretudo aos professores que, ativamente, incentivaram e colaboraram durante esta pesquisa.

Aos funcionários das Bibliotecas e Acervos consultados, pelo auxílio oferecido na compilação da coleta de dados.

Aos amigos, professores e pesquisadores de Assis, Marília, São Paulo, Campinas e São José dos Campos, pela hospedagem física e espiritual em seus lares e seus corações, respectivamente.

Aos meus pais Mário e Fátima e aos meus irmãos Fred e Daniel, por me lançarem no mágico mundo dos encontros e desencontros do meu próprio mito.

À minha família, que sempre esteve presente e envolvida no meu processo de individuação.

Às *Águias Terrenas* Marisa Zaniratto, Débora Silvana, Mestre Frangão, Mestre Saci, e tantos outros *Filhos das Estrelas* que, sabiamente, iluminam o meu caminho.

Em especial, à Cristiane Baldinotti - *minha amiga e companheira no infinito de nós dois*, que com amor e obstinação esteve sempre presente nos momentos mais felizes e mais difíceis desta jornada.

E, finalmente, a todos os envolvidos, direta e indiretamente, para a concretização deste trabalho.

“Não menos importante do que a opinião dos pensadores atuais sobre o mundo e o tempo são, para o presente, as reedições, os estudos críticos e as seleções da literatura antiga, feitas hoje em dia. A maneira como uma geração administra sua herança espiritual é um dos mais importantes sintomas da cultura”.

Hermann Hesse

“Cada livro que lemos agita sempre nossa bússola interior. Cada autor nos mostra como o mundo pode ser enfocado sob outros pontos de vista diversos. Aos poucos, vai cessando a oscilação, e a agulha volta a indicar a antiga direção que as tendências de nosso próprio ser lhe davam. Assim acontece sempre comigo, quando faço uma pausa em minhas leituras. Podemos ler muito, e um solitário amigo da leitura respeita os livros e o que eles dizem, do mesmo modo como um homem educado respeita os outros homens. Fico às vezes admirado de quanto proveito as leituras nos trazem. Mas, depois, é preciso de novo deixar tudo de lado e, por algum tempo, caminhar pelas florestas, sentir o ar e as flores, as nuvens e o vento e reencontrar aquele tranqüilo ponto, a partir do qual o mundo se nos abre em sua unidade”.

Hermann Hesse

SOUZA, J. P. F. *Um lobo nos trópicos: A Recepção Crítica de Hermann Hesse no Brasil (1935-2005)*. Assis, 2007. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

Esta dissertação é fruto de coleta e reflexão a respeito da recepção crítica de Hermann Hesse (1877-1962) no Brasil com vistas a verificar a importância que lhe atribuiu a crítica brasileira, em especial no contexto paulista. Para tanto, o *corpus* utilizado constituiu-se de fontes primárias recolhidas nas bibliotecas e acervos das cidades de Assis, Marília, Campinas e São Paulo, bem como nos meios eletrônicos (Internet) - nos *sites* de buscas e outros relacionados ao banco de dados virtuais de acervos afins. Os textos consultados, referentes a Hesse e sua obra, abrangem o período de 1935 até 2005. Trata-se, portanto, de averiguar em que circunstâncias ocorreu o encontro entre a literatura hesseana e os leitores brasileiros, representados pelos jornalistas e pesquisadores acadêmicos, destacando as tendências e as contribuições mais relevantes da crítica em meio a história da leitura de Hesse no Brasil. Como eixo norteador da pesquisa foi elaborada uma lista bibliográfica comentada que permite uma visão circunstanciada de todos os textos localizados. A pesquisa também consta de transcrição dos textos publicados em jornais e revistas informativos de acesso restrito. Ao reunir a bibliografia sobre o escritor, procurou-se ampliar o conhecimento sobre a literatura hesseana e possibilitar o surgimento de novos estudos.

Palavras-chave: Hermann Hesse, recepção crítica, literatura alemã, crítica brasileira.

SOUZA, J. P. F. *A wolf on the tropics: Hermann Hesse's critical reception in Brazil (1935-2005)*. Assis, 2007. Master Thesis. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista.

ABSTRACT

This text is about collecting and thinking over Hermann Hesse's reception in Brazil seeking to verify the importance that's been given by the Brazilian critic to him, specially in the state of São Paulo. For this, the *corpus* used has been built from primary sources collected in the libraries and collection from the cities of Assis, Marília, Campinas and São Paulo, as well as through electronic methods (internet) – in the sites of searching and others related to the virtual data of collections. The consulted texts, referring to Hesse and all his work, involve the period from 1935 to 2005. This is all about verifying then in which circumstances occurred this encounter between the Hesse's literature and the Brazilian readers, represented by the journalists and academic researchers emphasizing the tendencies and the most important contributions of the critic concerning the story of Hesse's reading in Brazil. As guiding axis of this research a bibliographic list with comments has been made allowing a circumstanced view concerning all the texts found. The research also contains transcription of the texts published in newspapers and magazines which have its access restricted. When reunited the bibliography about the writer, the knowledge concerning Hesse's literature has been increased making possible the appearance of new studies.

Key-words: Herman Hesse, critical reception, German literature, Brazilian critic.

SOUZA, J. P. F. *Ein Wolf in den Tropen: Der kritische Empfang von Hermann Hesse in Brasilien (1935-2005)*. Assis, 2007. Abhandlung (akademischer Abschluss vor der Promotion). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Abhandlung handelt von der Sammlung und Analyse über den Empfang von Hermann Hesse (1877-1962) in Brasilien, um die Wichtigkeit, die von der Kritik in Brasilien zugeschrieben wurde, zu analysieren. Zu diesem Zweck wurden die primären Quellen benutzt, die in den Bibliotheken und Beständen von Marília, Campinas und São Paulo gesammelt wurden, ebenso wie im Elektronikmittel (Internet) – in den Sites von Recherche und andere, die in Beziehung zu virtuellen Daten von verwandten Beständen stehen. Die konsultierten Texte über Hesse und sein Werk umfassen die Zeit zwischen 1935 bis 2005. Es handelt sich, also, um die Ermittlung über die Umstände, an den sich das Treffen zwischen der Literatur von Hesse und den brasilianischen Lesern, die von den Journalisten und akademischen Forschern repräsentiert sind, ereignet ist. Als eine Orientierung für die Recherche wurde eine kommentierte bibliographische Liste ausgearbeitet, die eine detaillierte Anschauung im Hinblick auf allen gefundenen Texten erlaubt. Die Recherche ist auch von der Wiedergabe von allen Texten gebildet, die in begrenzte zugängliche Zeitungen und Zeitschriften bekannt gemacht wurden. Mit der Sammlung der Bibliografie des Schreibers versucht man die Kenntniss über Hesses Literatur zu erweitern und das Entstehen von neuen Studien zu ermöglichen.

Schlüsselwörter: Hermann Hesse, kritischer Empfang, deutschsprachige Literatur, Kritik in Brasilien.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
ZUSAMMENFASSUNG	9
INTRODUÇÃO	
Percurso da pesquisa	11
CAPÍTULO I	
Breve história da leitura de Hermann Hesse no Brasil	16
CAPÍTULO II	
Este lado da crítica: tendências temáticas da crítica hesseana	25
CAPÍTULO III	
Bibliografia crítica comentada: Textos datados	38
Bibliografia crítica comentada: Textos não datados.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
Bibliografia teórica	76
Bibliografia de Hermann Hesse	81
Bibliografia sobre Hermann Hesse	84
Bibliografia dos Meios Eletrônicos	97
ANEXOS	
Anexo A - Transcrição dos textos publicados em periódicos informativos	101
Anexo B - Lançamento das obras de Hermann Hesse na Alemanha	290
Anexo C - Traduções das obras de Hermann Hesse no Brasil	293
Anexo D - Listagem alfabética dos críticos da literatura hesseana	296

INTRODUÇÃO

Percurso da Pesquisa

O interesse suscitado pela presente pesquisa não decorre somente da atenção dada à popularidade do escritor alemão - naturalizado suíço - Hermann Hesse, mas antes à sua grandeza que sempre nos intrigou.

A possibilidade de refletir acerca dessa grandeza e desvendar seu caráter paradigmático nos conduziu à demarcação de certos limites e à restrição de nossa abordagem. Ao percebermos a complexidade de sua literatura aliada à sua popularidade no Brasil, ocorreu-nos que primeiramente deveríamos averiguar em que circunstâncias se deu o encontro entre Hermann Hesse e os seus leitores - o que abriu-nos caminho para uma investigação de sua recepção no cenário cultural brasileiro, alterando-se assim o propósito inicial da pesquisa.

Hermann Hesse proclama em seu poema: “sentimento estranho o de quem caminha na neblina¹” (HESSE, 1961, s/p.). Do mesmo modo, ao principiarmos essa investigação, nos sentíamos “estranhos” frente à complexidade, agora não do escritor, mas sim das dificuldades encontradas na localização dos textos críticos.

Inicialmente, verificamos o quanto são escassas as fontes já existentes sobre a obra do escritor. Os levantamentos bibliográficos realizados nas bases de dados das principais universidades estaduais dos cursos de Letras no contexto paulista sugeriam um autor muito pouco estudado, apesar da inúmera quantia de obras suas já traduzidas.

Com intenção de buscar mais informações sobre Hermann Hesse recorremos a respeitados professores que ministram a disciplina de literatura alemã, bem como a demais contatos acadêmicos e pessoais. Nesses primeiros contatos, pudemos confirmar que eram mesmo muito raras as fontes de pesquisa sobre o autor, de modo que as que haviam encontravam-se dispersas, dificultando o conhecimento de sua extensão e importância.

Porém, o que nos hesitava era que os poucos textos encontrados quase sempre salientavam a grande repercussão de Hesse, tendo em vista o grande número de edições e vendas no mercado mundial de livros. Havia, portanto, uma desproporção entre a difusão das traduções de Hesse no Brasil e a relativa escassez de sua fortuna crítica. A partir dessas primeiras constatações, decidimos sair à procura de material mais consistente - nas bibliotecas e acervos de maior importância no cenário cultural paulista.

¹ Versão em alemão do verso: “*Sellsam, im Nelbel zu wandern!*”.

Primeiramente, percorremos as bibliotecas das cidades de Marília e Assis, concomitantemente ao levantamento de fontes existentes nos meios eletrônicos (Internet). Em Marília, consultamos as bibliotecas da Universidade de Marília (UNIMAR), Fundação Eurípides de Soares da Rocha (UNIVEM) e Universidade Estadual Paulista (UNESP - FFC). Em Assis, consultamos a Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP - FFCL) e o acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP).

Posteriormente, visitamos a cidade de Campinas, onde nos debruçamos à biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), à biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), à Biblioteca Central da Unicamp e ao acervo do Centro de Documentação (CEDAE).

Em São Paulo foram consultadas a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, a Biblioteca Presidente Kennedy, a biblioteca do Centro Cultural São Paulo, a Biblioteca Haroldo de Campos, o acervo do Arquivo do Estado, o acervo do Banco de Dados da Folha de S. Paulo, o acervo do Instituto Goethe, o acervo do Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM), a biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e a biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Biblioteca Central - FFLCH).

Nas fontes pertinentes às bases de dados em meio eletrônico o acesso incluiu o Banco de Dados Bibliográficos da UNESP (Base ATHENA e Base ALEPH), da USP (DÉDALUS), da UNICAMP (ACERVUS), a base UNIBIBLI e CRUESP (ambas integram os acervos de livros e teses das bibliotecas da USP, UNESP e UNICAMP), Catálogo on-line da Biblioteca Nacional, IBICT, Scielo, CAPES, Plataforma Lattes, além dos sites de buscas – como Google e Cadê.

Também é importante destacar a pesquisa, de caráter complementar, realizada nos *sites* oriundos dos acervos e bibliotecas cariocas, uma vez que a consulta realizadas nos bancos de dados paulistas incluíam jornais cariocas de grande circulação no estado de São Paulo. Neste caso, foram pesquisados: *Jornal do Brasil*, *Jornal O Globo*, *O Cruzeiro*, *Última Hora* e *Dia*. Nas fontes de mídia eletrônica, foram incluídos trabalhos acadêmicos providos de serviços prestados pelas bibliotecas da UFRJ, UERJ e Universidade Federal Fluminense.

No que concerne ao material jornalístico foram consultados os cadernos culturais e literários dos periódicos de maior representatividade no cenário cultural brasileiro. Neste sentido, concentramos nossa pesquisa nos jornais de São Paulo: *O Estado de S. Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Correio Paulistano*, *Revista Veja* e *Revista Época*, *Revista Entre Livros* e *Revista Cult*. Posteriormente, também foi efetuado levantamento em jornais

alternativos como *As flores do mal*, *Pasquim*, *Opinião*, dentre outros de circulação mais restrita como a revista *Humboldt*.

Em relação à produção acadêmica, optamos por concentrar nossos estudos no levantamento de artigos, resenhas, teses e dissertações produzidas em instituições de pesquisa paulistas – dentro da nossa área de investigação².

A análise dos textos selecionados compreende o período em que foi publicada a primeira tradução no Brasil da obra *O lobo da estepe* em 1935 até o ano de 2005³ - data do texto recolhido com data mais próxima à conclusão desta dissertação.

Além das investigações feitas a partir dessas categorias textuais, foi realizada análise dos paratextos (prefácios, posfácios, orelhas e introduções) recolhidos das edições das obras de Hermann Hesse pesquisadas. Vale ressaltar que algumas obras traziam autores de paratextos diferentes, conforme a edição consultada.

Concluída essa etapa de levantamento bibliográfico, foram elaborados os fichamentos e a organização de todo o material recolhido, a fim de catalogar e tecer considerações a ele referentes. Ao dispor de todo esse acervo em mãos, uma observação heurística e ainda minguate apontava para uma constelação de perspectivas a serem delimitadas.

Concomitante a esse período, ocorreu o Exame de Qualificação, no qual recebemos importantes contribuições de leitura - por parte da Banca - com vistas a enriquecer a estruturação deste trabalho. Nessas circunstâncias, tivemos o privilégio de ampliar nossa perspectiva por meio de outros olhares, à medida que fomos orientados a respeito de possíveis empecilhos que poderiam prejudicar o bom desenvolvimento desta dissertação.

Reunir e analisar as possíveis relações entre os textos, bem como as diferentes perspectivas a respeito da literatura hesseana é o objetivo de nossa proposta. A recepção crítica do “escritor mais lido do século” - nas palavras de Erwin Theodor (1990, p. 79) - nos permitirá um olhar mais cuidadoso para podermos compreender e apreciar melhor a qualidade e a categoria de sua obra.

Para tanto, este trabalho foi organizado em três partes. No capítulo primeiro, de caráter descritivo e intitulado “Breve história da leitura de Hermann Hesse no Brasil”, traçamos um balanço da fortuna crítica hesseana, no qual foi realizada uma sistematização sumária dos

² A abrangência da pesquisa não se pretendeu exaustiva, porém contundente e significativa – haja vista o caráter investigativo pormenorizado em relação aos estudos dentro do cenário cultural paulista. Futuramente, novos estudos que abrangessem o sul do Brasil e o Rio de Janeiro mais detidamente interessante se tornariam para a complementação desse estudo.

³ Recentemente encontramos uma obra do escritor e psicanalista Frederico Lucena de Menezes intitulada *Hermann Hesse: o personagem que se fez autor*. Este livro foi consultado, porém não houve tempo hábil para sua incorporação nesta dissertação de mestrado, uma vez que a obra foi lançada recentemente.

textos localizados, situando-os categoricamente em relação ao teor assumido por cada um deles.

A fim de fundamentar e executar tal sistematização, dividimos os textos localizados em quatro modelos de referências, segundo a ABNT (NRB 6023, 2002): *publicações periódicas*⁴, que incluem artigos em periódico, notas em periódico, ensaios em periódico, resenhas em periódico, editoriais em periódico; *documentos monográficos*, que incluem livros, capítulos de livros e trabalhos acadêmicos; *partes de monografias*, onde foram incluídos os prefácios, orelhas, introduções, prólogos e posfácios; e *documentos iconográficos*, nos quais se incluem as capas e algumas caricaturas, desenhos e fotos de Hermann Hesse. Vale esclarecer que essa sistematização visa a uma melhor visualização do conjunto textual, não tendo como pretensão classificá-los rigorosamente.

No segundo capítulo - intitulado “Este lado da crítica: tendências temáticas da crítica hesseana” - foi desenvolvida uma contextualização a respeito de tendências da crítica coletada, cujos aspectos nos possibilitaram destacar as contribuições mais relevantes. A observação mais cuidadosa dessa seleção de textos críticos nos permitiu estabelecer entre eles relações, contraposições e complementações – com vistas a fornecer a partir desses aportes um estudo mais efetivo.

Assim, a título de elucidação, enfocamos nesse capítulo os textos mais importantes advindos do meio acadêmico e dos meios de circulação jornalística, além dos paratextos referentes às diferentes edições hesseanas. Para a escolha desses textos, foi observada a predominância de temáticas recorrentes, bem como a presença de importantes estudiosos especialistas em literatura alemã.

No capítulo terceiro, nomeado “Bibliografia crítica comentada”, reunimos toda a bibliografia coletada sobre Hermann Hesse, seguida de breve comentário descritivo a respeito dos conteúdos centrais de cada texto catalogado. Este capítulo, organizado em duas partes, constitui o ponto central deste trabalho, onde se encontram os resultados objetivados. Na primeira parte, relacionamos todos os textos datados - os quais estão dispostos cronologicamente. Na segunda, temos os artigos, prefácios, orelhas, posfácios e introduções não datados. Os textos também trazem, ao final da notação bibliográfica, a identificação ligada ao modelo de referência textual ao qual se relaciona.

⁴ Aqui também incluímos a transcrição de poemas de Hesse, que assim consideramos devido à sua apresentação em publicação periódica.

Logo após, têm-se as Considerações Finais e em seguida as Referências Bibliográficas, onde constam a “Bibliografia Teórica”, a “Bibliografia de Hermann Hesse”, a “Bibliografia sobre Hermann Hesse” e a “Bibliografia dos Meios Eletrônicos”.

Posteriormente, no Anexo A, foram transcritos os textos de difícil acesso e que constituem importante material de consulta para o surgimento de novas pesquisas sobre o escritor alemão. Vale ressaltar a importância dessa transcrição pelo fato de que os textos presentes nesse anexo encontram-se, em sua forma original, muitas vezes em estado delicado de utilização, devido ao tempo e à má conservação. No Anexo B está a relação das obras de Hermann Hesse traduzidas no Brasil com suas respectivas datas de lançamento⁵. No Anexo C encontra-se a lista das obras de Hermann Hesse traduzidas no Brasil. Em Anexo D, têm-se a listagem dos críticos da literatura hesseana que fizeram parte deste trabalho⁶.

Assim organizado, o intuito desta dissertação é fornecer uma fonte de consulta para o estudo de Hermann Hesse e sua obra, assim como a respeito da crítica aqui apontada, esperando contribuir para trabalhos mais aprofundados. Um exemplo dessa contribuição seria, futuramente, poder oferecer subsídios para um trabalho que vise destacar e desvendar simultaneamente o caráter paradigmático e confessional apontado por um viés da crítica literária. Outra hipótese seria, posteriormente, reavaliar especialmente as fontes levantadas à luz das tendências críticas do século XX a respeito do papel da crítica, entre muitos outros estudos possíveis.

⁵ Esta relação bibliográfica foi obtida na *home page* oficial de Hermann Hesse na Alemanha e serviu para nos situarmos frente às críticas advindas nos períodos de lançamentos de suas obras no Brasil.

⁶ Vale destacar que os tradutores também constituem importante fonte de análise e fornecem aqui reunidos eloqüente pretexto para futuras investigações mais aprofundadas. Eles estão destacados entre parênteses (trad.) no Anexo D. Uma vez que também produziram textos críticos estão grafados como: (trad)*.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Breve História da leitura de Hermann Hesse no Brasil

Neste capítulo, traçamos um balanço geral da fortuna crítica hesseana, no qual foi realizada uma sistematização sumária dos textos localizados, situando-os cronologicamente e destacando as críticas mais representativas sobre o escritor. Assim, temos uma visão panorâmica da recepção de Hermann Hesse no Brasil.

É importante destacar que o levantamento de todo o material recolhido, seja dos textos que tratam de Hesse de forma mais específica, seja dos que o citam de forma mais circunstancial, abrangeu um longo período de produção. Procuramos evidenciar sua recepção nos diversos meios e em diversas formas de apresentação⁷, enfocando-a em seus diferentes momentos de concentração. Desse modo, foram contabilizados, no total, cento e cinquenta e três estudos críticos, dispersos nas sete décadas pesquisadas (1935-2005) e relativos a diferentes momentos da história da recepção da fortuna crítica sobre Hesse.

O primeiro texto relacionado a Hermann Hesse no Brasil data de 1935, e trata-se da primeira edição de *O lobo da estepe*. Alguns estudiosos mencionam essa edição em seus artigos a fim de relacioná-lo com os diferentes momentos de acolhida da literatura hesseana. É interessante ressaltar que nesta década o acesso à sua obra ainda era restrito no país e a algumas leituras adivinham das edições em língua espanhola, como afirma César Tozzi (1983).

Os anos 40 anunciam as primeiras aparições da crítica hesseana na imprensa. Somam-se nesta década sete artigos recolhidos. A outorga do prêmio Nobel de Literatura, em 1946, é tema que ocupa lugar privilegiado nestes artigos. Além disso, alguns autores põem em evidência a obra recém-lançada - *O lobo da estepe*.

Dentre esses artigos, os mais representativos dizem respeito a dois textos constantes da revista *Província de São Pedro* - um de 1946 e outro de 1947. Nesse primeiro contato da crítica brasileira com o escritor alemão, apontamos os pioneiros artigos que buscaram promover a compreensão da obra e o conhecimento a respeito de Hesse.

Encontraram-se, nessa revista gaúcha de alcance nacional, os textos “Impressão do *O Lobo da Estepe*”, de Carlos Dante de Moraes, e “O Caminho de Hesse”, de Otto Maria

⁷ Anunciamos na Introdução os quatro modelos de referências e suas subdivisões, que compõem as formas (tipos) de apresentação dos textos. Esta classificação está marcada, na notação bibliográfica, em todos os textos localizados disponíveis no último capítulo desta dissertação de mestrado.

Carpeaux, ambos encontrados por meio de levantamento de material eletrônico (CD-ROM) do acervo do Departamento de Literatura desta faculdade.

Editado pela livraria Globo, no Rio Grande do Sul, no ano de 1945, com a finalidade de reunir, estimular e difundir as atividades e realizações da vida cultural daquela região, esse periódico literário fez-se dentro de um espírito de afirmação nacional.

Durante os doze anos em que permaneceu ativo (1945-1957), foi espaço de intercomunicação cultural, recebendo elogios da imprensa especializada, por ser uma das melhores publicações do país. Por exercer boa influência na vida literária do Brasil, atualmente foi recuperada integralmente em CD-ROM pelos professores de crítica literária do departamento de Pós-Graduação da PUC-RS.

Formada por intelectuais tais como Carlos Lessa, Érico Veríssimo e Mario Quintana; escritores do nível de Cecília Meireles, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, e outros pensadores como Paulo Rónai e Roger Bastide, a *Província de São Pedro*, visava ser uma revista de caráter universal. Alguns colaboradores faziam críticas a obras estrangeiras e é nesse âmbito que se inserem os textos recolhidos de Otto Maria Carpeaux (1947) e Carlos Dante de Moraes (1946).

Quanto ao pioneirismo desses textos, Carpeaux (1947) indica a título de referência a escassez de fontes sobre o escritor naquele período:

[...] ao que saiba não existe sôbre Hesse nenhum estudo compreensivo em língua francesa nem em língua inglêsa nem em espanhol nem em italiano, e as poucas fontes alemãs – é indispensável a biografia, escrita por Hugo Ball na qual também me baseio – estão hoje inacessíveis (CARPEAUX, 1947, p.75).

Por ocasião do lançamento de *O lobo da estepe* no Brasil, segundo Erwin Theodor (1977), deu-se o primeiro contato do leitor brasileiro com a obra de Hesse, que até então era desconhecida. Assim, explicam-se as crescentes aparições do escritor como tema de críticas no cenário nacional.

No Brasil, Hermann Hesse colheu seus primeiros e significativos triunfos nos anos de trinta, quando foi publicado *O lobo da estepe*, na tradução bastante boa de Augusto de Souza (Edições Cultura Brasileira, São Paulo), e antes ainda da grande onda de popularidade de que Hesse viria a desfrutar [...] foram publicados em português estudos sobre sua obra e pensamento (THEODOR, 1977, p. 3).

No artigo “Impressões do *Lobo da Estepe*”, Moraes caracteriza o interior desse solitário e amargo personagem para desvelar seus maiores segredos e artimanhas, pois em

meio às muitas contradições ele espelha em certo sentido a figura de seu criador Hermann Hesse.

A associação da vida de Hesse à sua obra ocorre no artigo de forma cuidadosa e meticulosa, repleto de especulações filosóficas e psicológicas, tornando a revista literária um importante veículo de difusão cultural da obra hesseana no Brasil. Desse modo, Carlos Dante de Moraes (1946, p. 56) busca compreender Hermann Hesse no conjunto de sua obra: “O romance de Hermann Hesse é desses livros que nos despertam um vivo desejo de conhecer muito do seu autor. Sabemos que êle nos devolve, numa ficção inexaurível de intenções, um intenso mundo interior.”

Da mesma forma que Moraes, o crítico Otto Maria Carpeaux revela como a conturbada vida de Hesse foi marcada por confrontos existenciais que se refletiam em seus relacionamentos sociais. Este fator, segundo Carpeaux, marcou o estilo literário do escritor e encontrou ressonância em seus leitores, que interagiram com suas idéias e seu caminho solitário, principalmente em o *Lobo da Estepe*, onde foi levado pelo rompimento com quaisquer formas de papéis culturais coletivos e pelo envolvimento com seus próprios mitos. Sendo assim, Carpeaux (1947, p. 75) afirma: “Mas quem se interessa seriamente por Hesse, participando de qualquer maneira da amizade espiritual que liga ao poeta o autor destas linhas, não será decepcionado. Descobrirá uma grande figura da nossa época”.

Em concomitância ao lançamento de *O lobo da estepe* em língua portuguesa, há o laureamento do escritor com o Prêmio Nobel, que teve intensa repercussão na Alemanha. Brink afirma que “[...] a popularidade de Hermann Hesse na Alemanha ressurgiu quando lhe foi outorgado o Prêmio Nobel em 1946, e manteve-se até meados dos anos de 50” (BRINK, 1980, p. 11). Por outro lado, o escritor, que seria pouco difundido no mundo, foi bastante presente entre os leitores no cenário brasileiro, onde atinge uma inesperada boa repercussão, como aponta Rêgo (1970):

Poucos escritores - entre os maiores - serão tão desconhecidos no mundo inteiro quanto Hesse, apesar do seu prêmio Nobel e da respectiva promoção publicitária. E é paradoxal que no Brasil, onde se lê comparativamente pouco, os seus livros tenham atingido tiragens superiores às de alguns países europeus. A divulgação de Hermann Hesse é um dos poucos consolos do nosso campo editorial (RÊGO, 1970, p. 3).

Na década de cinqüenta, temos um aumento significativo do número de publicações, principalmente na imprensa paulista. Os jornais noticiam a comemoração do octatênário do escritor, bem como começam a tratar de temas característicos da obra hesseada. Trata-se de doze fontes, atualmente arquivadas precariamente nos acervos pesquisados, mas aqui

recuperadas por meio de transcrição⁸. Surgem, também, neste período, as primeiras referências a Hesse em artigos acadêmicos acerca da história de literatura alemã.

Neste período, temos os primeiros dos muitos textos encontrados no Suplemento Literário *d'O Estado de S. Paulo* (1956-1974), e obtido por meio do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da UNESP, *campus* de Assis, onde também estão reunidos outros dois suplementos (*Cultura; Cultural*) *d'O Estado de S. Paulo*, além do *Suplemento Minas Gerais*, os quais citaremos mais adiante.

Assim, dentre os textos encontrados nesta década, três apresentam considerações mais gerais, sendo eles “A época contemporânea” (1956) de Angelloz, “Automóvel e casa de campo” (1957) e “Um narrador surrealista” (1958), ambos de Anatol Rosenfeld. Estes críticos citam Hermann Hesse de forma breve, sem oferecer maiores informações sobre o escritor .

Quanto aos textos de caráter mais específico, os mais representativos são “Hermann Hesse e o verão” (1957) de Sylvia Barbosa Ferraz, “O romance lírico de Hermann Hesse” (1957) de Anatol Rosenfeld, “A auto-educação em Hermann Hesse” (1958), “As fontes do individualismo de Hesse” (1958) e “Hermann Hesse e a história” (1958) — todos estes três últimos de Pedro Moacyr Campos. Destaca-se também o texto de Daniel Brito (1957), dentre os aqui mencionados, o único publicado no *Jornal do Brasil*. Esses textos abordam Hesse de maneira mais central, tendo como temática comum o delineamento do seu perfil biográfico, na medida em que identificam aspectos de sua personalidade, bem como a influência dela na construção e expressão de seus personagens.

Ao tratarem de Hermann Hesse e de sua formação cultural, destacam a grande influência dos conceitos da psicanálise de Freud e de Jung na sua obra. Contextualizam a sua obra enfocando-a numa sociedade germânica marcada pelos horrores da Grande Guerra. Tais críticas abrem espaço para uma investigação mais especializada e fundamental para a literatura hesseana, na medida em que há uma maior aproximação do escritor alemão às suas principais temáticas.

Desse modo, esses textos colocam em evidência a importância do conhecimento biobibliográfico de Hesse impulsionando, alhures, a publicidade da obra de Hesse, que até então era pouco conhecida e pouco acessível aos leitores brasileiros. Esses textos visam predominantemente ao aspecto promocional do autor.

⁸ Visando a uma maior contribuição para futuras consultas e estudos sobre Hermann Hesse e a literatura alemã, este material encontra-se transcrito em Anexo A, uma vez que o acesso aos periódicos de grande circulação é limitado.

Em decorrência dos novos estudos e de textos que vieram depois d’*O lobo da estepe*, Hesse passou a ser não apenas lido, como também criticado com maior freqüência. Assim, nos anos seguintes a 1958, percebemos que, com o aumento de suas publicações em língua portuguesa, juntamente com o aumento significativo de seus leitores, voltaram-se os olhares da crítica da época para suas obras.

A década de 60 consta de dezesseis textos levantados. O período todo é marcado pela morte do escritor em 1962. Ao final da década, a imprensa anuncia a grande afinidade da juventude com a obra de Hermann Hesse e destaca-o entre os escritores mais lidos, conforme várias notas publicadas pela revista *Veja*.

De acordo com Brink (1980), após a primeira grande repercussão com a outorga do prêmio Nobel em 1946,

[...] A segunda fase do prestígio de Hesse no Brasil começou após a sua morte em 1962, sendo talvez influenciada pela euforia com que os norte-americanos aceitavam a obra do autor nos anos entre sessenta e setenta (BRINK, 1980, p. 11).

Assim, nesta década, o nome do escritor passa a ser quase sempre associado à figura de grandes nomes da literatura mundial. No texto intitulado “A literatura alemã atual” (1964), escrito por Erwin Theodor, é traçado um perfil da posição da moderna literatura alemã, na qual Hermann Hesse é citado ao lado de nomes como Thomas Mann e Bertolt Brecht.

Os textos mais significativos noticiam a morte do escritor, não deixando de enfatizar as características centrais de sua literatura. Assim, temos “Hermann Hesse e o verão” (1960) de Sylvia Barbosa Ferraz, “Hermann Hesse” (1960) - nota anônima, “Morreu Hermann Hesse” (1962) - nota anônima de falecimento, “Hermann Hesse” (1962) de Anatol Rosenfeld, “Poemas de Hermann Hesse” (1969) – transcrição de poemas do escritor, “Popularidade de Hesse” (1969) de Anatol Rosenfeld.

Dentre estes textos, o primeiro, de Sylvia Barbosa Ferraz, da Universidade de São Paulo, trata da personalidade do escritor em sua relação com o estio, que aparece constantemente em suas obras. Já os textos de Rosenfeld procuram explorar a razão do prestígio mundial do escritor, relacionando-o a temas sociais. Nesses textos, também é mencionado o fato da eminente publicação de *O jogo das contas de vidro* em língua portuguesa.

A nota anônima, intitulada “Hermann Hesse”, traz a divulgação de uma consideração negativa a respeito da repercussão de Hesse nos Estados Unidos. A segunda nota não

assinada, por sua vez, relata a divulgação da morte do escritor enfocando também aspectos de sua personalidade pacifista.

Vale também destacar a orelha (sem assinatura) incluída na obra *Narciso e Goldmund* (1969), além da orelha e do prefácio de *Demian* (1969), da autoria de, respectivamente, Otto Maria Carpeaux e Ivo Barroso. Todos esses paratextos priorizam o caráter biográfico da obra, relacionando-o a uma melhor compreensão do livro.

Na década de setenta foram recolhidos cinquenta e nove textos críticos, os quais demonstram a maior concentração de estudos sobre o autor no período. Entre esses recolhidos, um terço se destaca como paratextos: são orelhas, prefácios, introduções e prólogos de obras de Hermann Hesse lançadas e/ou reeditadas em português, os quais apontam para uma maior repercussão do autor em termos de vendagem no mercado livresco. As principais obras editadas são *O jogo das contas de vidro*, *Viagem ao Oriente*, *Gertrud*, *Pequeno mundo*, *Peter Camenzind*, *Para ler e guardar*, *Andares*: antologia poética, *Histórias medievais*, *Sidarta*, *Rosshalde* e *O lobo da estepe*.

Entre os textos que mais se destacam nesta década, temos: “O círculo hermético: Hermann Hesse a C. G. Jung” (1970) de Miguel Serrano e “A idade média na obra de Hermann Hesse” (1972) de Pedro Moacyr Campos. O primeiro, após tradução, por Marcelo Corção, a partir da versão original chilena, passou a ser considerado como parte da crítica nacional, ocupando lugar privilegiado. Três anos depois a obra foi relançada. O segundo texto mencionado aborda os aspectos biográficos do escritor, associando-os à obra do escritor, na proporção em que aponta para características tempo-espaciais marcantes na obra.

O artigo intitulado “Ascensão literária da Alemanha” (1973), de Aires da M. M. Filho, aponta para o caráter promocional da literatura de Hesse a partir da forte presença das edições das principais obras. Outros textos exploram aspectos, por vezes, negligenciados em Hermann Hesse. É o caso da estudioso Alfredo Lage em: “A busca da sabedoria I” (1970) e “Hesse: salvação e história II” (1970), em que o autor recorre a vários elementos filosóficos para explorar o caráter humanístico de Hesse.

Também nesta década, por ocasião do lançamento do romance *O jogo das contas de vidro*, quatro importantes artigos saem motivados pela obra. São duas resenhas de periódico - de Rêgo e de Rosenfeld - e dois artigos críticos de Alfredo Lage - antes mencionados. Estes merecem destaque por destoarem dos demais quanto à sua forma e profundidade ao tratarem de modo filosófico e sociológico do posicionamento de Hermann Hesse “em face do mistério da vida”, segundo palavras do próprio autor.

Além desses artigos de periódicos, na Universidade de São Paulo, é defendida uma dissertação de mestrado a respeito do caráter simbólico na literatura hesseana. Este estudo, intitulado “Metamorfoses de Piktör: um conto de Hermann Hesse”, de Ingeburg Dekker manifesta várias facetas do escritor aproximando sua obra do pensamento oriental e da psicologia junguiana.

Os demais artigos situados nesta década referem-se ao centenário de nascimento do escritor, o que ocasionou um resgate da importância de suas obras. Nesse momento Hermann Hesse era amplamente reeditado e lido em todo o mundo, o que explica o grande número de reedições referentes a essa época, que resulta no aumento significativo no número de orelhas, prefácios, introduções e prólogos (dezesseis). No Brasil, era muito admirado pela juventude dos anos 60, como aponta Maciel (1977): “Hermann Hesse foi um dos escritores favoritos dos jovens da década de 60, que inventaram o que se convencionou chamar de contracultura” (MACIEL, 1977, p. 124).

Essa década é, desta forma, marcada também pela comemoração do centenário de nascimento do escritor alemão. Neste caso podemos citar os textos “Hesse revisto” (1977), de Walter Faber; “Hermann Hesse: 100 anos” (1977), de Luis Carlos Maciel; “Editorial” (1977), de Nilo Scalzo; “Centenário de Hermann Hesse” (1977), de Erwin Theodor; “Hermann Hesse: o centenário de um rebelde não violento”, de Acyr Castro; “Na Floresta Negra, há sem ano, nascia Hermann Hesse” e “Hermann Hesse, o centenário de um mágico”, publicado no jornal *O Globo*, mas de autoria desconhecida.

De acordo com Erwin Theodor (1977), o centenário de nascimento “serve [...] para a reavaliação do grande escritor” (1977, p. 3). Passado então o momento de apresentação de Hesse ao leitor brasileiro e do contato desse leitor com a sua obra, essa fase proporciona uma reflexão a respeito da grande significação de seus escritos, o que pode explicar, juntamente com a evidente euforia dos anos 70, o fato de que corresponde ao momento de maior vendagem de exemplares – principalmente entre o público mais jovem.

Vale lembrar que nessa década, o *Suplemento Literário*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, passa a ser denominado *Suplemento Cultural*, o qual se estende de 1976 a 1980. Na década de oitenta, o periódico sofre mais uma alteração, de modo que o caderno literário do matutino passa a ser denominado *Suplemento Cultura*, que circula de 1980 a 1991.

A década de 1980 constitui uma época em que é abordado com maior frequência a repercussão do escritor alemão no Brasil. Encontramos também muitos textos que citam o autor superficialmente, é o caso de “A literatura de passagem do século: caminhos do romance” (1986), de Heise e Röhl. Outros textos que merecem destaque são: “A presença de

Hermann Hesse no Brasil” (1980), publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, mas sem autoria; “A obra de Hesse no Brasil” (1980) de Brink, “Até nossos dias: 1. Thomas Mann, Hesse e Döblin” (1980) e “Hermann Hesse e Thomas Mann: correspondência entre amigos” (1981) ambos de Erwin Theodor, “Hermann Hesse e o expressionismo alemão” (1982) de Antônio Espeshit e “A solidão de Hermann Hesse” (1984) de Luiz Carlos Lisboa. Nesta década é também publicada no *Jornal do Brasil* (RJ) uma coletânea de textos de Hesse, em artigo assinado por Daniel Brilhante Brito.

Na década de noventa, notamos uma presença um pouco maior de menção ao escritor nos livros de teoria literária. Vale destacar os textos “Agrada-me viver: a prosa alemã na época da reconstrução” (1990), “Hesse, Mann e Musil: Hesse, o mais lido do século” (1990) e “Hesse, Mann e Musil: Hesse, idealista e cético” (1990) – todos os três textos de Erwin Theodor; “Perfis e sombras: a diversidade da literatura alemã” (1991) de José G. N. Montinho e “A prosa expressionista: controvérsias do gênero” (1995) de C. Cavalcanti.

Em fase mais adiantada da pesquisa, localizamos na Hemeroteca do CEDAE – UNICAMP, em Campinas, uma coletânea de textos sobre Hesse, especialmente desta década. Estes artigos apontam para características da personalidade do escritor, associando-o como dantes ao apreço que a juventude dos anos 60 tem por sua literatura. Vale mencionar o artigo de Léo Gilson Ribeiro, intitulado “Hermann Hesse, o primeiro hippie moderno”.

No período que vai de 2000 a 2005, são lançados 16 textos, ainda que breves, nos quais ecoam ainda a perspectiva biográfica das obras do autor. Com o novo lançamento de algumas obras mais renomadas destacam-se a reedição de *Demian* (2000), com prefácio de Ivo Barroso e orelha anônima; *Sidarta* (2001), com orelha e prefácio de Luis Carlos Maciel.

Nesta década ocupa lugar de destaque o artigo “O defensor do individualismo: Hermann Hesse e o processo de massificação nas primeiras décadas do século XX” (2005) de Ana Lúcia Enne e “O jogo das contas de vidro de Hermann Hesse: uma dialética reflexiva” (2005) de Ingeborg Hartl.

De um modo geral os textos referentes a essas três últimas décadas retomam principalmente as características da obra de Hesse e a reação do público leitor brasileiro. Uma vez que coincidem com a presença de uma crítica cada vez mais especializada, podemos perceber que esses textos assumem caráter mais reflexivo, embora a maior concentração de textos críticos estejam frequentemente ligados ao espaço limitado dos jornais. No meio acadêmico, no entanto, os estudiosos tratam de situar a literatura hesseana não apenas no seu aspecto social, mas na associação deste com a obra.

Os textos, que constituem em sua maioria resenhas críticas, abordam a temática da grande repercussão da obra de Hermann Hesse no Brasil, identificando os conflitos presentes em suas obras com os constantes conflitos vividos pela juventude. Desse modo, dizem respeito à formação de Hesse no que concerne à sua personalidade individual e sua escala de valores que tanto se identificava com a então numerosa juventude no Brasil interessada pela resposta aos seus recorrentes conflitos. Assim, segundo Brink, as obras de Hesse,

Durante longos anos, têm encontrado um público leitor do qual a maior parte é jovem [...]. Principalmente nas suas obras da fase inicial aborda problemas típicos da juventude, tais como solidão, busca da individualidade, desprezo pelo dinheiro e pela sociedade burguesa (BRINK, 1980, p. 2).

Como obras não datadas, encontramos oito textos, dentre eles orelhas, introduções e posfácios de obras hesseanas que, devido à não identificação de suas respectivas datas dentro das edições das obras em que se encontravam, não podemos especificá-las pontualmente. Destacam-se os paratextos das obras *Este Lado da Vida*, tradução e orelha de Álvaro Cabral; *Minha Fé*, tradução de Luiza L. Leite Ribeiro, posfácio traduzido de Siegfried Unseld e orelha anônima; *Minha Vida*, tradução de Affonso Blacheyre e introdução de Theodore Ziolkowski; *Obstinação*, tradução de Belchior Cornélio da Silva e posfácio traduzido de Siegfried Unseld; *O Livro das Fábulas*, tradução de Álvaro Cabral com orelha de Mario da Silva Brito; *O Jogo das Contas de Vidro*, tradução de Lavínia Abranches Viotti e Flávio Vieira de Souza com orelha anônima; *Pequenas Alegrias*, tradução e orelha de Lya Luft e posfácio de Volker Michels traduzido da edição alemã; e *Sobre a Guerra e a Paz*, tradução de Lya Luft com prefácio de Hermann Hesse à edição alemã de 1946 seguido de orelha anônima.

Assim, ao estudar a recepção da crítica hesseana no Brasil e sua repercussão, procuramos realizar um apanhado geral da recepção de Hermann Hesse no Brasil. Observamos que o esforço da crítica, apresentado cronologicamente, permite-nos apreciar, ilustrativamente, os diferentes momentos e tipos de abordagem correspondente a cada período histórico-receptivo apresentado.

Desse modo, no capítulo seguinte, nomeado “Este lado da crítica: as tendências temáticas da crítica hesseana”, passaremos a tecer pontuais considerações a respeito de como a crítica facilitou ao grande público o acesso a obra hesseana, esclarecendo ocasionais aspectos de difícil apreensão e oferecendo cada vez novas perspectivas interpretativas. Neste sentido, não é nosso intuito esgotar o assunto, mas sim destacar as críticas-objeto mais relevantes dentro das tendências a serem abordadas.

CAPÍTULO II

Este lado da crítica: tendências temáticas da crítica hesseana

“Ela (a literatura) não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.

Antônio Cândido

Hermann Hesse (1877-1962), poeta e romancista, prêmio Nobel de literatura de 1946, contaria em 2 de julho de 2007 exatos 130 anos de vida. É oriundo de uma corrente inovadora que impulsionou a literatura alemã a partir do final do século XIX e, já no novo século, assumiu os contornos do que hoje chamamos expressionismo. Conforme Boesch (1967), essa corrente sempre buscou projetar a imagem do homem moderno total, proveniente de traços existenciais profundos do ser humano.

Nas obras literárias produzidas sob a influência desta vertente da literatura alemã, ainda segundo Boesch (1967, p. 445), “o mundo em torno foi pesquisado e revelado sob ângulos novos [...]; o cosmo e a paisagem terrena, assim como a história, mereceram novas apreciações e os caminhos pareciam se abrir para o campo das experiências psíquicas, sempre contextualizadas pelos problemas políticos e sociais emergentes”.

Nascido em Calw, uma pequena cidade da Alemanha, cercado pela Floresta Negra, Hermann Hesse começou desde jovem a escrever românticos poemas e, desde então, esta paisagem passaria por várias cenas de sua enorme produção literária. A influência do pai e do avô, que foram missionários na Índia, introduziu no jovem artista a cultura oriental. Este contato desencadearia uma constante dualidade ocidente-oriental presente nas suas obras, na qual configuraria uma visão de mundo dinâmica e integral.

A conturbada vida desse grande escritor foi marcada por intensos confrontos existenciais, levando-o também ao rompimento com qualquer forma de papel cultural coletivo e ao envolvimento com seus próprios mitos. Nesta jornada em que o escritor, desde a infância, opôs-se à casa paterna, tendo uma vida atribulada por várias fugas e conflitos, mostrou-se um ferrenho crítico da ordem burguesa, das atrocidades das guerras e da visão parcial que o homem tem de si mesmo e dos seres com os quais convive.

A sabedoria oriental confortava-o nestes momentos de profundas reflexões, que às vezes o levavam a profunda crise existencial, mas que mais tarde lhe proporcionaram o

conhecimento de abordagens psicológicas, cujas representações aparecem no seu romance *Demian* (1919). Em outras obras, como *Sidarta* (1922), é evidenciada sua familiaridade com a Índia e o povo hinduísta, além da doutrina budista e das implicações do homem com sua espiritualidade. Em *O Lobo da Estepe* (1927), utiliza-se o tema da alienação do artista representando diretamente as experiências do herói dentro do mundo hostil; nessa obra, a vida urbana é retratada como símbolo da desintegração cultural e psicológica do homem; a revolta substitui, então, a fuga, antes revelada. Mais maduro, escreve *O Jogo das Contas de Vidro* (1943), obra em que pretendia englobar toda a história do espírito da humanidade, valendo-se também de seu conhecimento sobre música, arte e educação. Segundo Martini (1974), essa obra fecha um círculo que engloba o romance formativo de tipo goethiano e o mistério oriental; apresentava-se, simultaneamente, como crítica e profecia a uma época, só podendo ser compreendido na perspectiva conjunta da obra hesseana.

Grande parte de sua obra já foi traduzida para mais de 60 idiomas e, segundo estimativas da editora Suhrkamp, mais de 100 milhões de exemplares da obra de Hesse já foram publicados em edições autorizadas, ao que se soma um considerável número de publicações-piratas.

Nos Estados Unidos, o escritor só passou a ser conhecido em meados dos anos 1960, posto que até então as traduções ainda eram insuficientes e quase sem êxito. No entanto, desse período em diante, Hesse passa surpreendentemente a ser um dos escritores europeus mais lidos e traduzidos do século XX. *Sidarta* e *O lobo da estepe*, – ambos da década de 1920, – eram livros de bolso com vendagens de dimensões gigantescas, segundo informações da Editora Suhrkamp, que ainda ressalta semelhante sucesso no Japão e na Austrália.

Na Alemanha, o escritor teve seu primeiro momento de sucesso com o lançamento de *Peter Camenzind* que, apesar de não ser sua primeira publicação, foi reconhecida pelo leitor alemão daquela época como sua primeira obra-prima, ampliando-se o prestígio do autor à medida que surgiam novas obras. Segundo Brink (1980, p. 11.), a popularidade de Hermann Hesse na Alemanha só ressurgiria com a outorga do Prêmio Nobel de Literatura em 1946, mantendo-se muito lido até meados dos anos 50.

No Brasil o sucesso do escritor não foi diferente. Até hoje já vendeu mais de quinhentos mil livros, sendo lançadas dezenas de títulos⁹, segundo dados da revista *Época* (21 jun. 1999). Encontrou, assim, neste país, constante apreço do público, principalmente o mais jovem.

⁹ Sobre esse assunto, observar Anexo C, onde constam as obras traduzidas no Brasil, segundo a Editora Suhrkamp, dona dos direitos autorais de Hermann Hesse na Alemanha.

Em 9 de agosto de 2007, completar-se-ão quarenta e cinco anos da morte de Hermann Hesse e a importância mundial de sua obra ainda vem sendo evidenciada por meio do grande número de traduções, publicações e pela venda global no mercado livreiro, além do considerável interesse da crítica brasileira pelo autor alemão.

Segundo César Tozzi (1983), ocorreu um contato preliminar do público brasileiro com a literatura hesseana com a edição de *Sidarta* em língua espanhola, na década de 1940. Esta obra permaneceu relacionada ao nome do escritor, “pois para tantos, Hesse significava *Siddharta*, um auge de experiência mística” (TOZZI, 1983, s/p). Assim, a primeira impressão dos restritos leitores surgia associando-o a temática de cunho orientalista, abarcando o misticismo e a religiosidade explorados naquela obra.

O contato mais significativo do leitor brasileiro com Hermann Hesse ocorreu a partir da primeira edição de *O Lobo da Estepe* no Brasil, traduzida por Augusto de Souza e publicada pela Editora Cultura Brasileira em 1935¹⁰. No entanto, o primeiro texto crítico de que temos registro, conforme foi constatado no capítulo anterior, data de 1946, da autoria de Carlos Dante de Moraes.

Desde então, como pudemos perceber com o desenvolver da pesquisa, foram numerosas as menções a Hesse em artigos críticos, descritivos, de divulgação ou comemorativos. A análise da crítica coletada nos possibilita observar e estabelecer diálogos entre alguns aspectos por ela atribuídos ao escritor. A observação mais aprofundada dos textos críticos nos permite perceber entre eles constantes relações, contraposições e complementações, que configura o plano conceitual de nosso trabalho.

Assim, a título de elucidação, selecionamos para análise neste capítulo artigos em que se nota predominância de temáticas recorrentes, bem como a presença de importantes estudiosos especialistas em literatura alemã.

Segundo MORAES (1946, p. 1), “O romance de Hermann Hesse é desses livros que nos despertam um vivo desejo de conhecer muito do seu autor”. Esta primeira formulação parece permear uma considerável parte dos textos recolhidos, uma vez que muitas vezes a biografia do escritor é mais acentuada do que sua obra propriamente dita.

Convém esclarecer que esse aspecto temático é tratado marcadamente por um considerável número de textos críticos, que facilitam o entendimento da personalidade de Hermann Hesse e dos fatores sociais e culturais que marcaram a sua formação. O caráter autobiográfico de algumas obras hesseanas é acentuado, reforçando essa tendência, como se

¹⁰ Esse foi o primeiro romance traduzido, segundo dados da Editora Suhrkamp (ver Anexo C).

nota em Menezes (1977, s/p): “O tema central do livro é a luta entre a dualidade do mundo luminoso e do mundo sombrio pelo qual transita Sinclair, - personagem autobiográfico – na busca da edificação de sua personalidade”. Em outro fragmento encontramos:

Certamente Veraguth (personagem de *Rosshalde*) tem muita coisa do próprio Hesse, na medida em que todo romance é autobiográfico, mas o espantoso é encontrarmos uma profunda identidade entre ele e o futuro autor do “*Lobo da Estepe*” (MOUTINHO, 1973, s/p.).

Ana Lúcia Enne (2005), professora da Universidade Federal Fluminense, também destaca os estreitos laços entre escritor e personagens:

Não há como negar o paralelo entre a vida de Hermann Hesse e sua obra literária. Assim como seus personagens empreenderam diversas viagens em busca da verdade interior, [...] também o autor trilhou em sua vida caminhos similares [...] Como aconteceu com Hesse em sua vida real, vários de seus personagens precisam romper com a infância luminosa e protegida de uma família burguesa e pietista (ENNE, 2005, p. 96).

Enne sugere vínculos ideológicos entre personagens e o autor, que reagem semelhantemente diante dos valores burgueses; tal ligação reflete-se na própria nomeação da personagem:

Com Harry Haller, de *O lobo da estepe*, a relação de conflito que marca a obra de Hesse em relação ao fascínio exercido pelo mundo burguês sobre o indivíduo aparece ainda mais claramente. Harry Haller (cujas iniciais HH já remetem a um caráter autobiográfico direto, apenas umas das brincadeiras estilísticas feitas por Hesse com sua projeção pessoal sobre a obra) é o antiburguês em todos os sentidos [...] (ENNE, 2005, p.98).

Há, desse modo, uma preferência pela abordagem biográfica. Procura-se nesse sentido incorporar as características individuais de Hermann Hesse à sua produção literária. Muito dos percursos empreendidos pelo escritor constituem objeto de estudo comparativo entre sua biografia e determinadas peculiaridades de seus personagens. O modo como essa relação é abordada pela crítica também varia conforme a posição do estudioso.

Dentro dessa tendência biográfica, alguns aspectos da personalidade hesseana são destacados e constituem também temáticas a serem estudadas pelos críticos. Individualismo, transgressão, orientalismo, misticismo e romantismo constituem fortes apelos discutidos pela crítica, bem como outras características decorrentes destas como o humanismo e o pacifismo. Muitas vezes a escolha desses temas, segundo alguns textos, vem justificar a quantidade de obras traduzidas, editadas e relançadas no Brasil.

Notamos, no entanto, que todas essas características derivam especialmente de uma principal: o individualismo, como se nota nas palavras de Luis Carlos Lisboa (1972):

Que espécie de individualismo era esse de Hermann Hesse? Alguns críticos superficiais, que disparam seus comentários logo que ouvem certas palavras, acusaram Hesse de “indiferença em relação aos problemas humanos e sociais”. Os livros do escritor dão resposta a essas interpretações maliciosas. *Sidarta*, um balanço das idéias de Hesse, fala no problema do individualismo, e no que isso quer dizer [...] Para o autor de *Demian*, toda criatividade humana e todos os momentos cruciais da descoberta de si mesmo ocorrem quando o homem está só. É nessa mesma solidão, que todo homem parece temer, que nascem as grandes revelações que justificam a humanidade, segundo Hesse. A solidariedade humana, a piedade pelo sofrimento alheio, tudo isso tem que ser profundamente sincero, e não resultado das decisões religiosas ou morais. Essa sinceridade é produto de uma sensibilidade que só se conquista por si mesmo – nessa solidão individual que é uma espécie de *via crucis* e que não exclui o próximo [...] A noção de individualismo em Hermann Hesse é fundamental. Sua compreensão decide, dentro do leitor, se seus livros serão apreciados ou, se sua mensagem será entendida ou não. Os escritos autobiográficos do autor esclarecem muita coisa a esse respeito, de acordo com Edgard Friedenberg, professor canadense da Dalhousie University. Em resumo, ou nós entendemos o sentido hessiano de individualismo ou não apreciamos Hesse (LISBOA, 1972, s/p).

Pedro Moacyr Campos, da Universidade de São Paulo, também já dedicava sobre esse assunto, em 1958, um artigo intitulado “As fontes do individualismo de Hesse”. Neste artigo, o estudioso destaca que o processo de formação pessoal é a principal característica de Hesse, para quem a preservação da personalidade e a auto-realização são os pontos-chave de sua concepção educativa, que se contrapõe à massificação do indivíduo, quer por meios políticos, quer pelo desenvolvimento da tecnocracia. Para o autor, somente por meio dessa busca o homem chegaria a um ideal de “comunidade humana”:

Praticamente toda a obra de Hesse está impregnada deste princípio de aceitação incondicional da existência, da vida permanentemente em mutação, em “werden”, sem outro motivo para o homem além de sua auto-formação, através de provações, através de contínuas experiências, pelas quais se distribuem as etapas de realização individual (CAMPOS, 1958, s/p).

Tanto Lisboa (1972) quanto Campos (1958) atribuem à obra hesseana a importância da compreensão da visão que o autor tem sobre a questão do individualismo. Ambas as leituras apontam a ênfase de Hesse na auto-realização do indivíduo.

Segundo Anatol Rosenfeld (1948), essas formulações têm conseqüências diretas no domínio da formação espiritual postulado por Hermann Hesse, em oposição a um universo socialmente massificante:

O interesse do autor do “*Lobo da Estepe*” não é de ordem social; nas suas narrativas quase não existe o fundo duma sociedade real. O seu problema é de ordem inteiramente individual e aristocrática. A maior parte das suas numerosas obras pertence à categoria dos *Entwicklungsromane*”, dos romances que descrevem a evolução espiritual duma personagem de *escol*, existindo todos os acontecimentos e todas as figuras apenas em função do “herói” para enriquecê-lo e encaminhar a sua formação espiritual (ROSENFELD, 1948, s/p).

O destaque dos textos acima mostra claramente que o tema central de Hesse relaciona o *individualismo* e a *formação individual* como manifestação de “*Bildung* - cultivo de si – e *Beruf* – vocação e chamado” como aponta Enne (2005, p.95). Trata-se de uma representação elucidativa se se considerar que esse tema central prepara e possibilita a mediação para o humanismo, o pacifismo, o misticismo e o orientalismo.

Neste momento, podemos perceber que a crítica ora estudada delinea-se por meio de temas semelhantes. Assim, os textos e os temas interagem e complementam-se, sempre mantendo um sentido de percurso a ser seguido, ora pela temática ora pela retomada de posições críticas, ressaltando aspectos necessários a uma melhor compreensão da literatura de Hermann Hesse¹¹.

Nota-se, depois dessas primeiras observações acerca da obra hesseana, que o tom predominante nestes textos críticos citados contribui para a apresentação do escritor comprometido com a censura à massificação do indivíduo, numa sociedade moderna cercada por elementos alienantes, bem como atribui a Hesse uma inclinação ao misticismo. Neste caso, ambas as tendências desenvolveriam um mergulho para dentro de si mesmo.

Segundo Anatol Rosenfeld (1962), as críticas de Hesse: “[...] dirigem-se não só contra o capitalismo e sim contra a limitação da liberdade e contra toda espécie de totalitarismo” (ROSENFELD, 1962, s/p). Neste sentido, podemos depreender que toda forma de cerceamento da liberdade conduz à alienação e degradação do ser, porém é passível de transformação, quando subvertida pelo cultivo da interioridade.

Como aponta Enne (2005), o escritor “condenava a massificação pelo que ela representava de desvio no caminho da constituição da verdadeira humanidade [...] somente possível [de ser revertida] pela imersão em si mesmo, pela interiorização, pela singularidade individual” (ENNE, 2005, p. 110).

Aqui, o sentido de transgressão, tomado como busca da salvação pressupõe a tomada de consciência, do mesmo modo que se atribui o sentido em relação ao individualismo e à

¹¹ As considerações temáticas abordadas neste estudo são tratadas, portanto, separadamente apenas para fins de compreensão didática, uma vez que acontecem concomitantemente na literatura hesseana.

interioridade hesseanos, antes destacado. Em artigo publicado juntamente com outro artigo de Erwin Theodor em 3 de julho de 1977, por ocasião do centenário de nascimento de Hermann Hesse, Walter Faber (1977) afirma:

A decadência do Oriente (...) verifica-se inapelavelmente, “porque cada indivíduo, desde que não pertença ao mundo ultrapassado, encontra em si mesmo um caos em que se confundem o bem e o mal, o belo e o feio, o claro e o escuro.” (VII, 264) Caberia a cada um, por isso mesmo, assumir a sua parcela de responsabilidade na divisão, “pois o caos deve ser reconhecido, antes que seja possível estabelecer-se uma outra ordem” (FABER, 1977, p. 4).

Também buscando estabelecer os pressupostos hesseanos acerca do embate entre as instâncias do social e do indivíduo, Alfredo Lage (1970) discorre sobre esse conflito:

O tema central dos livros de Hesse é a busca da *salvação*, se por esse termo designarmos o encontro do homem com a sua alma e uma tomada de posição vital, não meramente intelectual, em face do mistério da vida. Em face do mistério da vida, em última análise, está o homem só. Cada homem, cada alma. A isto se opõe a atitude gregária por Pascal chamada *divertissement* [...].

Uma civilização deve ser julgada pelo lugar que concede a essa busca, pela posição que assume em face dela e pela possibilidade que assegura à procura da sabedoria. A nossa parece debater-se numa fase comparável ao fim da antiguidade clássica [...]. Em que momento na nossa cultura começou a gerar-se uma oposição social à atitude de procura existencial do *self*? Difícil é determiná-lo. Mas o fato é que, depois do Racionalismo, vemos surgir um desastroso conflito entre o ser social e o que poderíamos chamar o ser transfenomenal do homem. O indivíduo passa a definir-se por sua oposição ao Todo, quer se conceba como “afirmação exaltada da diferença individual” ou – ao oposto – como exaltação ao Todo, que engloba e devora o indivíduo. Neste caso, o indivíduo se perde num *self* vital e coletivo que o sacrifica, mas que de outro lado fascina, que lhe acena - para depois de total imolação cívica – com uma sorte de ressurreição mística numa plenitude ilimitada de ser e de vida; isto, uma vez suprimidos todos os conflitos e conciliadas todas as oposições criadas pelas projeções alienantes nas instituições, nas apropriações privadas e nas ideologias (LAGE, 1970, p. 5).

Estabelecidos estes pressupostos, podemos observar que as temáticas abordadas pela crítica hesseana e a própria posição dessa crítica complementam-se, parecendo haver uma síntese entre quem analisa e o conteúdo analisado. Sujeito e objeto formando, assim, um todo complementar e dinâmico. Essa maneira dialética de pensar a unidade, ora ilustrada, permite-nos, agora, apontar uma outra temática constante da crítica sobre Hermann Hesse: o orientalismo.

Segundo Falcão (2003), na obra de Hesse, assim como no oriente, reflete-se uma visão de mundo segundo a qual

o dilema dos contrários, o choque dos opostos [...] deve conduzir a uma síntese que englobe ambos num mesmo universo [...] Seus personagens parecem sempre procurar

o mergulho total nas suas dicotomias até fundirem os opostos numa síntese que quase sempre se encontra próxima ao ponto de onde partiram, como em uma volta de 360 graus no círculo do *Tao* (FALCÃO, 2003, p. 5-8).

Em dissertação de mestrado apresentada na Universidade de São Paulo em 1978, Ingeburg Dekker afirma:

A temática fundamental de Hesse, '*a mola que move seu relóginho*' é a tentativa de expressar a unidade através da dualidade, através de um contínuo oscilar entre pólos iguais e contrários no mundo interior. '*Este é o meu problema e o meu dilema*', diz Hesse (DEKKER, 1978, p. 8).

Em seu comentário acerca do "Caminho de Hesse", Carpeaux (1947) aponta a constante luta frente aos poderes estabelecidos:

Hesse assumiu a sua nova responsabilidade política. Lançou vários panfletos em favor do pacifismo, da democracia, de um socialismo religioso, chamando a atenção para o sentido de Dostoiewski e da literatura russa, para a sabedoria do Oriente, da Índia e China. Convencido, como muita gente estão, do "Ocaso do Ocidente" Hesse não se entregou no entanto a um pessimismo desesperado; no Oriente procurava novas fontes de vida espiritual, e nisso também o poeta se encontrou com correntes da época: por volta de 1919 e 1920, os pacifistas gostavam de citar os sábios chineses, e a mística hindu foi bastante cultivada em conventículos mais ou menos aristocráticos. Modas que passaram. Foram desiludidas tôdas essas esperanças. O que ressucitou foi o mundo do capitalismo e imperialismo. A mocidade alemã, enquanto não se tornou comunista antes de tornar-se nazista, sucumbiu ao comodismo da prosperidade aparente do "l'entre-deux-guerres". O autor de *Peter Camenzind* e *Demian* foi novamente esquecido (CARPEAUX, 1947, p. 79).

Uma consequência interessante de se observar é a repercussão que tomou essa temática orientalista constante na obra de Hesse, principalmente a partir do final da década de 1960 até meados de 1970. Segundo Falcão (2003):

O caminho até a síntese, no entanto, sempre será cheio de questionamentos e dúvidas, apegos e abandonos. A espiritualidade de Hesse jamais tendeu para as soluções fáceis e rasas. Ao contrário, as angústias e inquietações são a própria ferramenta de sua investigação, e como afirmam os ocultistas, a "noite escura da alma" como preâmbulo da iluminação é uma companhia constante para aqueles que trilham a verdadeira busca e não aceitam as fórmulas prontas como receita de felicidade. Esta será a principal razão pela qual a obra deste "peregrino do Oriente" ecoou tão fundo na alma dos que tomaram parte na revolução de costumes que aconteceu nos anos sessenta e que serve como referência para tudo que se discute até os dias de hoje no campo da espiritualidade e da quebra de paradigmas do mundo ocidental (FALCÃO, 2003, p.8).

Esta revolução de costumes de que trata Falcão configurou-se em meio a movimentos de contestações culturais e sociais das décadas de 1960 e 1970. Exemplo ilustrativo desse momento foi o movimento tropicalista no Brasil:

O Tropicalismo catalisou as inquietações e impasses da situação pós-64, acabando por promover uma renovação estética e abrindo novas possibilidades de ser, sentir e pensar o Brasil, através de uma crítica caricatural do Brasil e de seus “sujeitos históricos”. Almejavam desestruturar não só à direita, que se irritava com os modos “exagerados e provocadores” de seus integrantes, mas também a esquerda tradicional que rotulava o movimento de alienado, descompromissado e como uma importação inútil advinda dos Estados Unidos. Contudo, os tropicalistas foram também presos pela ditadura “sem motivos concretos”. Poucos perceberam que a capacidade do movimento de pulverizar a realidade junto ao modo fragmentário de tratar costumes e valores morais poderia causar mais danos à estabilidade da sociedade do que o plano revolucionário da esquerda tradicional. A idéia não era apenas a de uma revolução social, o Movimento Tropicalista buscava antes de tudo, a revolução individual. Daí sua proximidade ideológica com a contracultura norte-americana (MARCONDES, 2002, s/p).

Assim, contextualizada por essa mentalidade, um novo paradigma surgia e a crítica passa a observar, por meio da temática hesseana, a relação da obra do escritor alemão com o comportamento adotado principalmente por aquela juventude contestadora dos anos 1960-1970. Boa parte da crítica destaca que o encontro entre esse grupo de jovens leitores e a literatura hesseana estava marcado por uma esperança em uma revolução que transcendesse a material, ou seja, aquela necessidade de uma transformação que partisse de dentro do indivíduo, por meio da “busca de uma identidade numa sociedade tecnológica à procura de uma moralidade pessoal e de um individualismo responsável, o conflito entre a reflexão e o compromisso” – nas palavras de Fausto Cunha (1972, p. 2).

Desse modo, a crítica aqui estudada mostra uma realidade vista sob novos ângulos, em que a literatura hesseana passa a ser um canal para contestação e expressão da liberdade de muitos de seus leitores que se sentiam inadaptados àquele mundo hostil e burguês. Assim, as idéias orientalistas, que ganharam mais força nos Estados Unidos nesta fase, ganham no Brasil suas nuances tropicais, especialmente por essa juventude advinda, em grande parte, da classe média burguesa.

Para melhor situarmos o contexto em que se dá essa revolução de costumes, reproduzimos a afirmação de Patrícia Marcondes (2002):

O inconformismo da juventude, embora não pudesse mudar o modo de vida da civilização ocidental, tinha a possibilidade de criar uma subcultura marginal no interior do seu próprio corpo e influenciar a década de 60 com sua nova e insólita perspectiva de avaliação da própria realidade (MARCONDES, 2002, s/p).

Esse novo modelo em voga ora estudado também encontra correspondência com o romantismo alemão; tratam dessa similaridade e da forte repercussão de Hesse no cenário cultural brasileiro em dois textos significativos: “A popularidade de Hesse” (4 out. 1969), de

Anatol Rosenfeld, e “A obra de Hesse no Brasil” (30 mar. 1980), de Christl Brink, ambos recolhidos em suplemento do Jornal *O Estado de S. Paulo*.

Segundo Rosenfeld (1969),

O renascimento do prestígio de Hesse, talvez sob o poder de irradiação dos Estados Unidos, sem dúvida se deve a certa correspondência existente entre o mundo imaginário do solitário de Montagnola e a difusa atmosfera de irracionalismo romântico, de orientalismo místico e de evasão anárquica que se manifestam no movimento hippies e semelhantes, típicos, aliás, de uma fase de restauração. O Oriente é tema constante do autor de “*Peregrinação ao Oriente*”, desde a juventude, por tradição de família, aberto ao influxo asiático. E particularmente hoje, talvez confusamente associado a uma nova imagem política, o mundo oriental representa para inúmeros ocidentais, mórmente os jovens, o continente mítico onde se haure a mensagem da unidade e totalidade para superar ou esquecer a fragmentação da existência, produzida pelo progresso científico e tecnológico do Ocidente (ROSENFELD, 1969, s/p).

Rosenfeld, ao analisar os motivos do prestígio de Hermann Hesse, esboça alguns paralelos entre o mundo imaginário do escritor e algumas tendências do romantismo, do romance alemão e de algumas visões orientais de síntese do pensamento, bem como aponta as características dessas visões em algumas obras¹².

Pedro Moacyr Campos (1958) justifica essa proximidade reconhecendo no escritor características pertinentes a essa tendência estilística:

As relações com o romantismo expressamente reconhecidas pelo autor, evidenciam-se, aliás, a todo momento na sua obra: o papel desempenhado pela natureza, a libertação dos modelos rígidos, a justificação e a intensidade atribuída as forças do sentimento, com a correspondente reação ao racionalismo, o papel do elemento religioso, o estado de ânsia contínua, de aspiração a união com o plano natural-divino, tudo isto manifesta-se frequentemente na carreira de Hesse (CAMPOS, 1958, s/p).

Assim como Rosenfeld e Campos, Brink (1980) salienta:

A afinidade de Hermann Hesse com o romantismo alemão, do qual sofreu reconhecida influência, não só quanto aos temas, mas também quanto ao individualismo, como atitude de espírito, seria um dos motivos que explicariam a excepcional acolhida dada no Brasil ao autor de “*Sidarta*”. Ao lado disso figuram também a religião e o orientalismo (BRINK, 1980, p. 11).

¹² Sobre esse ponto, o termo romantismo é compreendido como coloca Enne (2005) em seu artigo, relacionando-o justamente ao escritor alemão: “Falar de Hesse [...] é apontar, por definição, algumas das características mais fortes da sua trajetória como autor, exatamente aquelas que remontam ao romantismo: a ênfase no indivíduo, o processo de tomada de consciência de si, o olhar para ‘dentro’, o sofrimento como via de conversão e transformação do sujeito, a busca de aproximação com a via oriental, a busca da singularidade e da distinção, o desencantamento e estranhamento do homem frente à cultura objetiva em que sua subjetividade se insere, a denúncia do filistinismo, enfim, o processo de autodescoberta do indivíduo de *Bildung*, não sem dores, não sem percalços, na direção de si mesmo, de sua rendição à interioridade que o constitui e lhe dá significado” (ENNE, 2005, p. 94-95).

Neste momento, a recepção de Hermann Hesse tende a assumir dois caminhos diferentes, de modo que sua leitura – em meio ao aumento de sua popularidade – atinge novos alcances. No artigo intitulado “Hesse, o mais lido do século”, Erwin Theodor reflete como que a consequência de sua condição de “best-seller” frequentemente levava-lhe a interpretações paradoxais:

[...] se é verdade que a enorme receptividade desse escritor contribuiu para revelar alguns aspectos negligenciados de sua obra, não é menos correto dizer que o subjetivismo de muitas das apreciações incondicionalmente encomiásticas serviu para encobrir numerosos outros ângulos (THEODOR, 1990, p. 81).

Nesse artigo, Theodor, a respeito das comemorações do centenário de nascimento de Hermann Hesse, ressalta os “contraditórios efeitos” decorrentes de seu significativo sucesso. Para o autor, essa popularidade incorreria em algumas vezes sua literatura ser tomada como “revelações divinas”, e em outras vezes ser tomada “leitura complexa”.

Assim, em algumas resenhas, como a que Haag escreveu sobre *Sidarta*, a abordagem consiste em classificar o modo como o escritor da literatura alemã foi lido no Brasil:

Se o escritor alemão (naturalizado suíço) Hermann Hesse desconfiasse que, um dia, toda uma geração o leria como se fosse um Paulo Coelho teutônico, com certeza teria pedido que seus livros fossem queimados em praça pública pelos nazistas. Tudo bem, a uma primeira vista, a sua obra, que definiu como sendo, do primeiro ao último escrito, uma defesa – até mesmo um SOS, para usar palavras suas – da personalidade, do ser individual, parece ocultar aquela bata de algodão indiano – se falarmos em *Sidarta*, então, a coisa fica ainda mais tendenciosa – e um pezinho na tal auto-ajuda literária [...] Mas não se engane [...] Hesse foi um digno representante da literatura do século 20, um defensor da volta ao mundo clássico, em oposição a um mundo que cria mergulhado na vulgaridade folhetinesca (HAAG, 1999, s/p).

Notamos neste texto o interesse por parte do resenhista em estabelecer certos limites em relação ao modo como o autor foi lido pela juventude dos anos 1960-1970: “ele não foi um guru da contracultura, mas um bom literato [...]. O temerário foi a posteridade jovem pensar ter reconhecido nele um manual” (Haag, 1999, s/p). Ao enfatizar - categoricamente - a beleza da linguagem de Hesse, o autor busca recuperar a imagem do artista em contraposição à do homem.

Dessa mesma maneira, Mario Pontes (1980) delimita algumas consequências dessa popularidade, destacando também ressonância entre Hermann Hesse e a juventude contestadora dos anos 1960-1970:

A adoção pela contracultura dos anos 60 foi ao mesmo tempo boa e má para Hermann Hesse. Trouxe-lhe, de um lado, uma popularidade de que não reconhecera em vida, nem mesmo na resta área dos países de expressão alemã. De outro, obrigou-o a pagar por isso o preço de uma certa banalização [...]. Hesse, porém, foi muito mais do que um romancista *fácil*, cujo lirismo campônico fez dele o agradável companheiro de viagem de uma geração que transitou da contestação ao *sistema* para a regressão a um idílico ruralismo. É verdade que sua biografia contribuiu para que fosse tomado como uma espécie de profeta dessa fuga ao mundo industrial e urbano [...]. O mal é que Hesse, como todos os grandes autores que por esta ou aquela razão caem na moda, foi lido apenas epidermicamente. Dos seus romances extraía-se o óbvio, o que convinha às circunstâncias. O essencial das duas idéias não era, freqüentemente, sequer percebido (PONTES, 1980, s/p).

O que esses autores põem em destaque não é o questionamento dos valores artísticos da obra de Hermann Hesse; lançam, ao contrário, um olhar clínico perante os condicionamentos do momento e do meio que interferem no modo como a leitura dessa obra é realizada. A esse respeito considera Antonio Candido (1975, p. 36-37): “muito do que julgamos reação espontânea da nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões [...] ancorando a nossa reação no reconhecimento coletivo”.

A alienação verificada pela crítica retoma toda a formulação antes colocada a respeito da massificação do indivíduo inserido no mundo globalizado e da dificuldade de transcendê-la por meio da “tomada de consciência de si”. Os condicionamentos apontados nos textos acima implicam na formação de leitores alienados. De outro lado, quando lido cuidadosamente, a leitura do escritor incorreria, em conformidade com seus ideais, na formação individual do homem. Para Luis Carlos Maciel, “Hesse e os jovens da contracultura são testemunhos dessa dificuldade, mas, também, inegável inspiração para nova tentativa de libertação no futuro” (MACIEL, 1977, p. 124).

Otto Maria Carpeaux (1947), sem anular a individualidade da literatura hesseana e amparado por uma visão que integra a estética de Hermann Hesse e os elementos sociais constituintes de sua obra, ressalva o descompasso das leituras realizadas:

No *Peter Camenzind*, no *Demian*, e no *Lôbo da Estepe*, o conflito é no fundo idêntico, se bem que em níveis diferentes: a procura do equilíbrio entre a natureza instintiva e o espírito civilizador na alma do homem moderno [...] A sua sensibilidade de poeta é mais rica do que a comum, e nunca pode estar inteiramente identificado com qualquer programa racional. Sempre quando os outros o compreenderam, manifestando-se a compreensão pelo êxito de uma obra sua, o poeta já estava um passo mais adiante (CARPEAUX, 1947, p. 80).

Em suma, um dos pontos mais interessantes a se considerar, por meio das reflexões aqui expostas, está nas significativas e constantes tendências à abordagem biográfica observadas na crítica a Hermann Hesse ao longo da cronologia evidenciada. Neste caso, o

apelo metafórico a partir do título *Um lobo nos trópicos* a um dos mais apreciados romances de Hesse, *O lobo da estepe*, e alusiva ao seu personagem Harry Haller, faz referência, agora, ao escritor Hermann Hesse. Este reforço estético-metafórico da tendência biográfica ainda está reproduzido no título deste capítulo intitulado *Este lado da crítica...* em alusão a uma outra obra de Hesse nomeada *Este lado da vida*.

Por meio da apreciação das tendências temáticas abordadas, observa-se uma busca contínua de sentido para a afirmação da literatura hesseana face às contradições da sociedade contemporânea. Disso nos convencemos ao destacar - por meio de uma seleta de textos críticos - as contribuições mais importantes capazes de tornar a abordagem sobre os textos fundamental para o não ofuscamento da compreensão das diferentes perspectivas manifestadas.

CAPÍTULO III
BIBLIOGRAFIA CRÍTICA COMENTADA
Textos Datados

1930

HESSE, Hermann. *O lobo da estepe*. Trad. Augusto de Souza. São Paulo: Cultura brasileira, 1935. Trata-se da primeira edição brasileira do escritor alemão.

1940

MORAES, Carlos Dante de. Impressão do *O Lobo da Estepe*. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 2, n. 5, p. 56-60, jun. 1946. Artigo de revista. Neste artigo, o autor traça um perfil psicológico do modo como o lobo da estepe se constitui. Por meio deste texto puramente descritivo, Moraes caracteriza o interior desse solitário e amargo personagem para desvelar seus segredos e artimanhas, que em meio às muitas contradições espelha em certo sentido a figura de seu autor Hermann Hesse, quer seja no plano artístico, quer seja no literário ou espiritual. Constitui importante valor documental por seu pioneirismo em relação aos escritos sobre Hesse.

HOMEM que sempre foi um grande solitário... *Jornal de S. Paulo*, São Paulo, 26 jan. 1947. Não paginado. O texto apresenta dados biográficos de Hesse com base em entrevista publicada em *Les Nouvelles Littéraires* com um amigo íntimo do escritor. Assim, caracteriza Hermann Hesse como pacifista constantemente afastado de disputas partidárias e que, em suas obras, teve a influência de nomes como Romain Rolland, Balzac, Tolstoi, Dostoievski e Gorki, além de filósofos orientais.

ROSENFELD, Anatol. I: Hermann Hesse, prêmio Nobel 1946. *Jornal de S. Paulo*, São Paulo, 04 fev. 1947. Não paginado. Rosenfeld aqui caracteriza Hesse como um romântico na sua paixão pela natureza, na forma de suas obras e em seus temas. Traça breve biografia do escritor para relacionar aspectos como família, infância e religiosidade à freqüente temática de ordem individual e aristocrática, que se relaciona à elevação espiritual.

ROSENFELD, Anatol. II: Hermann Hesse, prêmio Nobel 1946. *Jornal de S. Paulo*, São Paulo, 05 fev. 1947. Não paginado. O autor aponta, em contrapartida ao romantismo hesseano anteriormente identificado, o humor rude presente em obras já referentes a seu período

enfermo, em poemas como *Gota e Dama sentimental*. Referindo-se ao prêmio então recentemente laureado, revela não saber se se deve à totalidade de suas obras ou, em distinção de contribuição a *Das Glasperlenspiel*, obra segundo Rosenfeld, “de extraordinário alcance”, na qual Hesse aborda o afastamento lúdico da realidade como a essência da “vida”.

CARPEAUX, Otto Maria. O Caminho de Hesse. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 75-81, mar. 1947. Artigo de periódico. Neste artigo, o autor traz ao leitor daquele momento o conhecimento sobre a trajetória significativa da obra de Hesse e sobre sua personalidade. Esse conhecimento torna-se fundamental dada à falta de artigos sobre o assunto, como o autor realça. O artigo delineia o sinuoso caminho para a superação das dificuldades que se apresenta ao longo da vida do romancista e sua busca incessante pela integração dos opostos.

HERMANN Hesse, prêmio Nobel de 46. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1947. Não paginado. O artigo, que omite o autor, começa relacionando o momento de premiação do Nobel de 1946 com a agravada enfermidade de Hermann Hesse, que recebeu a notícia por correspondência. Em seguida, o texto apresenta a autobiografia relatada por Hesse, na qual o escritor assume que sua constante preocupação se volta não aos problemas sociais, mas aos individuais. Diante da crítica mundial desse momento, o escritor é conhecido como dono de um estilo de prosa sensível, colorida e harmoniosa, um misto de romântico e místico, que via a reeducação de sua Alemanha muito distante e árdua no âmbito da erradicação da doutrina de Hitler.

IGLESIAS, Francisco. Sobre Hermann Hesse, *O Estado de S. Paulo*, 2 set. 1947. Não paginado. Trata-se de texto em que o crítico aborda algumas características da personalidade do escritor, associando-as a aspectos marcantes de algumas de suas obras. O destaque dado à imaginação, como elemento de vigor de sua obra, é tratado de modo a considerar Hesse como um escritor que foge às classificações esquemáticas e simplificações críticas. Iglesias considera que o conhecimento de sua biografia faz-se necessário para uma melhor compreensão da razão de ser dos personagens hesseanos.

1950

BACIU, Stefan. Os setenta e cinco anos de Hermann Hesse, *Correio da Manhã*, Distrito Federal, 16 ago. 1952. Pequeno texto em que o crítico descreve alguns pontos importantes da

vida e obra de Hermann Hesse, assim como relata como foi comemorado na Alemanha os setenta e cinco anos do escritor. Baciú ressalta que a comemoração contou com o lançamento das obras completas de Hesse por meio da Editora Suhrkamp.

ANGELLOZ, J. F. A época contemporânea. In: _____. *A literatura alemã*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1956. p. 117-130. (Coleção Saber Atual). Capítulo de livro. Neste texto, o autor cita brevemente Hermann Hesse, contextualizando-o em sua temática e listando suas principais obras.

THEODOR, Erwin. Hermann Hesse octogenário. [S.l.], 1957. O artigo tem como tema o octogésimo aniversário de Hesse, o qual é pelo autor denominado “o mais importante representante literário da Alemanha” depois da morte de Thomas Mann. Após breve biografia do escritor, Theodor caracteriza suas obras como introspectivas, de linguagem simples, harmoniosa e expressiva. Destaca a curiosidade de *Demian*, que teve sua primeira edição publicada sob o pseudônimo de Emil Sinclair e, como mais profunda obra, *Glasperlenspiel*, que demonstra reflexões realizadas por um sábio idoso e profundo.

ROSENFELD, Anatol. Automóvel e Casa de Campo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1957. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano I, n. 28, p. 1. Artigo de periódico. Neste texto, Anatol Rosenfeld, ao se valer de um questionário que Ernest von Salomon propõe, classifica alguns autores alemães entre “donos de automóvel” ou “donos de casa de campo”, esboçando um perfil de ambos os grupos e colocando Hermann Hesse na segunda categoria, definindo-o como “um dos mais lídimos democratas e humanistas da literatura alemã” do século XX.

FERRAZ, Silvia Barbosa. Hermann Hesse e o Verão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 jul. 1957. Suplemento Literário, ano I, n. 40, p. 3. Artigo de periódico. A autora, neste texto, cita um trecho da autobiografia hesseana intitulada *Kurzgefasster Lebenslauf (1925)*. Nesse pequeno resumo, segundo a autora "metade realidade, metade fantasia", traça-se um perfil do escritor em que se demonstra sua estreita relação com as qualidades próprias da estação do verão e a influência dessa característica na sua personalidade e em toda sua produção literária.

ROSENFELD, Anatol. O Romance Lírico de Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 ago. 1957. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano I, n. 46, p. 1. Artigo de

periódico. Neste artigo, o autor vem elucidar uma questão bastante polêmica na Alemanha: a comparação entre Hermann Hesse e Thomas Mann com vistas à depreciação de um ou de outro, sempre considerando-se diferentes acepções do termo "poeta" (*Dichter*). Para tanto, o crítico disserta sobre este termo explicando-o como manifestação típica da força criadora admirada pelos alemães. O autor também coloca a força lírica de Hesse como solução para suas contradições. Trata-se do primeiro texto de uma trilogia disponível no livro *Letras Germânicas* (1993), do mesmo autor, que traz textos retirados da coluna homônima do *Suplemento Literário* d' O Estado de S. Paulo.

BRITO, Daniel Brilhante. Os oitenta anos de Hermann Hesse, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1957, p. 6-7. Coletânea de textos do escritor por ocasião de seu octogenário. O artigo ainda traz uma breve nota introdutória contextualizando Hesse filosoficamente e literariamente.

CAMPOS, Pedro Moacyr. *Conferência: Hermann Hesse e a História. Revista de História*, São Paulo, ano IX, v. XVII, n. 36, p. 289-311, 1958. Trabalho acadêmico. Orientado pelo pensamento nietzschiano, o autor faz uma série de "cogitações" a respeito da posição de Hermann Hesse frente ao seu tempo histórico. Moacyr Campos traz à tona a predileção do escritor pela superação do tempo em detrimento da história, na medida em que esta é concebida como "choque com a época" e negação à vida. Ao esboçar a "evolução espiritual" empreendida por Hesse em busca da "harmonização entre o tempo que passa e a eternidade", o autor conclui que o pensamento hesseano leva-nos à consciência da "permanente adaptação" aos valores absolutos da existência diante do caminho prescrito da liberdade humana e espiritual.

CAMPOS, Pedro Moacyr. As Fontes do Individualismo de Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 maio 1958. *Literatura e Arte*, ano LXXIX, n. 25460. Artigo de periódico. Trata-se de alguns trechos de cartas de Hermann Hesse, em que se discute a questão da educação na concepção do escritor alemão. Segundo o autor, o processo de formação pessoal torna-se a principal característica de Hesse, para quem a preservação da personalidade e a auto-realização são os pontos-chave de sua concepção educativa em contraposição à massificação do indivíduo, quer por meios políticos, quer pelo desenvolvimento da tecnocracia. Assim, por meio desta busca o homem chegaria a um ideal de "comunidade humana".

ROSENFELD, Anatol. Um narrador surrealista. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 maio 1958. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano II, n. 83, p. 1. Artigo de periódico. O texto contém pequena menção a Hermann Hesse, que é comparado ao autor Ernest Kreuder, no tocante à afinidade entre o surrealismo e o romantismo alemão.

CAMPOS, Pedro Moacyr. A Auto-educação em Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 jun. 1958. Suplemento Literário, ano II, n. 86, p. 3. Artigo de periódico. Neste artigo, o crítico, a partir de um fragmento epistolar de Hesse, faz uma reflexão sobre a visão de Hesse a respeito da auto-educação, que seria um processo fundamental para a formação e desenvolvimento da personalidade em meio à massificação da sociedade industrial.

SELANSKI, Wira. Tendências atuais da literatura alemã. In: _____. *Épocas de literatura alemã*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959. p. 61-119. Capítulo de livro. Breve explanação que situa Hermann Hesse no contexto geral da literatura alemã. A autora destaca que o tema da utopia presente na sua obra “pertence ao que há de mais problemático na literatura moderna”.

1960

FERRAZ, Silvia Barbosa. Hermann Hesse e o verão. In: _____. *Filtros Mágicos*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura Comissão de Literatura, 1960. Capítulo de livro. Este texto, — organizado em três partes: I – Princípio e fim; II – Basiléia e Calw e III – Constança e Montagnola, — explora as influências que fatores diversos, como o verão, as cidades e a própria etapa de vida em que Hesse se encontrava, exerciam sobre o autor alemão. Segundo a autora, esses aspectos tiveram um papel fundamental sobre o “destino” de Hesse. Vale notar que a primeira parte desse texto já havia sido publicada no Suplemento Literário d’ *O Estado de S. Paulo* - sob o título *Hermann Hesse e o verão*, em 20 de julho de 1957 - embora tenha sofrido algumas breves modificações, fruto da revisão para o novo formato de texto.

CAMPOS, Geir. Poesia alemã. [S.l.]: Ministério da Educação e Cultura, 1960. A extensa antologia poética de Geir Campos inclui dois poemas do escritor alemão, apresentando a versão alemã acompanhada da tradução em língua portuguesa. O poema *Über die Felder* (Pelos campos) vem traduzido por João Acciola, sendo que o poema *Vergiss es Nicht* (Não te esqueças) vem traduzido por Maria Krumenacher e Paulo Mendes Campos.

HERMANN Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 set. 1960. Suplemento Literário, ano IV, p. 4. Nota em periódico. Breve texto a respeito da publicação nos Estados Unidos de um trabalho intitulado *Hermann Hesse and his Critics*, de Joseph Mileck. O interessante da nota é a consideração negativa que o autor dá sobre a questão, inclusa na obra de lançamento, de que Hermann Hesse dificilmente atrairia o público leitor norte-americano. Porém, alguns anos depois verificou-se diametralmente o oposto - a enorme ascensão de Hesse e o absurdo aumento de vendagem no mercado livresco da obra hesseana naquele mesmo país.

MORREU Hermann Hesse, O Renovador da Novela Alemã. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 ago. 1962, p. 8. Nota em periódico. Trata-se de texto sobre o falecimento de Hermann Hesse transcrito de publicação suíça. Em seguida, encontra-se nota da redação do jornal brasileiro que traz uma pequena biografia enfatizando o caráter pacifista, simples e inovador de Hesse, sempre contestador de qualquer tipo de autoritarismo.

MOUTINHO, Nogueira. Em memória de Hermann Hesse. [S.l.], 19 ago. 1962. Neste texto, o autor destaca o “longo itinerário de Hesse em busca da Verdade”. A psicanálise e a sabedoria oriental são destacadas por Moutinho, a fim de compreender a evolução do escritor nesta jornada. A embriaguez, o cristianismo e o lúdico também tiveram papel importante na formação de Hesse. O texto revela o conjunto das obras hesseanas associado com sua autobiografia como fator de suma relevância para o entendimento da proximidade de Hermann Hesse com a juventude.

ROSENFELD, Anatol. Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 1962. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano VII, n. 302, p. 1. Artigo de periódico. Neste artigo, o crítico, por ocasião da morte de Hermann Hesse, analisa o prestígio do escritor perante a crítica alemã. Coloca-se no texto a questão do romantismo hesseano e questiona-se a surpresa diante do sucesso do escritor anti-burguês numa Alemanha que tanto o censurava. Ao final, Rosenfeld coloca Hesse em suas duas facetas “esquizofrênicas” - como artista e como cidadão - para explicar certa dicotomia do autor. Nesta crítica, é importante atentar para a produtiva discussão em torno dos temas capitalismo, marxismo e romantismo hesseano.

KOHNEN, Mansueto. A espiritualização do impressionismo. In: _____. *História da literatura germânica*. Rio de Janeiro: Mensageiro da Fé, 1962. v. 3. p. 180-191. Capítulo de livro. O autor traça um panorama da literatura hesseana. Na medida em que concentra-se em

evidenciar suas posturas filosóficas e seus pontos de afinidade com outras instâncias do pensamento, como a psicanálise, destaca a constituição de sua literatura de “totalidades” – capaz de abarcar novas tendências da modernidade.

THEODOR, Erwin. A literatura alemã atual. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 mar. 1964. Suplemento Literário, ano VII, v. 373, p. 3. Artigo de periódico. Neste pequeno texto, o crítico menciona Hermann Hesse brevemente ao traçar um panorama da posição da moderna literatura alemã. Hermann Hesse, Thomas Mann e Bertolt Brecht são citados como autores já conhecidos, lidos e debatidos - em contraposição a muitos autores considerados proibidos durante o regime nazista na Alemanha.

FLACHSKAMPI, Ludwig. O último poema de Hermann Hesse. *Humboldt*, Hamburgo/São Paulo, ano 4, n. 10, p. 79-83, 1964. Artigo de periódico. Texto produzido por ocasião do recente falecimento de Hermann Hesse. Traz um longa biografia do escritor alemão, na qual intercala citações sobre o autor em língua alemã.

CARPEAUX, Otto Maria. As revoltas modernistas. In: _____. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. p. 3031-3041. Capítulo de livro. Neste texto, Carpeaux evidencia o caráter humanista e lírico da literatura hesseana. O autor também sua aproximação com o escritor André Gide.

BOESCH, Bruno (org). *História da literatura alemã*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1967. p. 422-425, 444-451. Capítulo de livro. Neste texto, Bruno Boesch aponta as principais obras do escritor alemão, situando-as brevemente no contexto social e literário nos diferentes momentos perpassados pelo escritor.

JOVEM aluno do Convento. In: HESSE, H. *Narciso e Goldmund*. Trad. Myriam Moraes Spiritus. São Paulo: Brasiliense, 1969. Orelha anônima. Neste texto, há breve descrição da obra, que é descrita como “um maravilhoso quadro colorido da Idade Média Alemã, onde o romântico e o real se confundem”. A orelha também inclui uma lista de obras recentemente lançadas de Hesse.

CARPEAUX, Otto Maria. Um romance imortal. In: HESSE, Hermann. *Demian: História da juventude de Emil Sinclair*. Trad. Ivo Barroso. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

1969. Orelha de Otto M. Carpeaux. O orelhista apresenta o romance como obra hesseana de mais profunda repercussão pelo fato de ter formado toda uma geração. Filia, desse modo, também o texto ao gênero “romance de formação”, em que se destacaram autores como Goethe, Keller e Mann.

BARROSO, Ivo. Prefácio. In: HESSE, Hermann. *Demian: História da juventude de Emil Sinclair*. Trad. Ivo Barroso. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. Orelha de Otto M. Carpeaux e prefácio de Ivo Barroso. No prefácio, de caráter biobibliográfico, Ivo Barroso relaciona a época de lançamento da obra em língua alemã (1919) à identificação que teve como os anseios da juventude daqueles tempos, sobrevivente de uma guerra em que a Alemanha foi derrotada. No final, o autor discorre sobre a concepção que Hesse possui a respeito da “consciência de si mesmo e de seu próprio caminho”.

ROSENFELD, Anatol. Popularidade de Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 out. 1969. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano XIII, n. 644, p. 1. Artigo de periódico. Trata-se de texto em que o crítico analisa os motivos do prestígio de Hermann Hesse. Para isso, ele esboça alguns paralelos entre o mundo imaginário do escritor e algumas tendências do romantismo, do romance alemão e de algumas visões orientais de síntese do pensamento. O autor finaliza apontando as características dessa sua visão em algumas de suas obras e aponta para a importância do lançamento em língua portuguesa da obra *O Jogo das Contas de Vidro*. Na conclusão da crítica, Rosenfeld usa dos mesmos argumentos utilizados em texto anterior intitulado “O Romance Lírico de Hermann Hesse” (1957). Trata-se do segundo texto de uma trilogia, disponível no livro *Letras Germânicas* (1993), do mesmo autor.

POEMAS de Hermann Hesse: Obras Póstumas de José Servo - Poesias do Discípulo e do Estudante Universitário. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 maio 1969. Suplemento Literário, ano XIII, n. 626, p. 3. Tradução de Lavínia Viotti. Transcrição de poemas. O periódico publica a tradução de alguns poemas que se encontram na obra *O Jogo das Contas de Vidro*. Vale notar que Viotti, a tradutora da obra e dos poemas, manteve a mesma tradução para a versão para este caderno.

1970

MOUTINHO, Nogueira. Prefácio. In: HESSE, H. *O Jogo das Contas de Vidro*. Trad. Lavínia Abranches Viotti e Flávio Vieira de Souza. Prefácio de Nogueira Moutinho. 4. ed. São Paulo:

Brasiliense, 1970. Neste prefácio, o autor dá algumas informações acerca do enredo e da biografia de Hermann Hesse, observando a relação entre a vida e a obra do escritor.

LAGE, Alfredo. Hesse: A Busca da Sabedoria I. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 abr. 1970. Suplemento Literário, ano 14, n. 668, p. 5. Ensaio de periódico. Neste texto, de forte cunho filosófico e psicológico, Alfredo Lage faz uma profunda reflexão sobre o conceito de salvação enquanto “o encontro do homem com sua alma e uma tomada de posição vital (...) em face do mistério da vida”. Para tanto Lage apropria-se de idéias de Freud, Hegel, Marx, Marcuse, Bosin, dentre outros, para compor sua formulação definindo que a “salvação consiste na ‘apropriação’ final do ser imanente pelo homem perfeitamente socializado, para além das classes, grupos e interesses parciais”. Neste texto, o autor refere-se a Hesse como escritor de temática existencial que se opõe diretamente à “era das guerras e das páginas de variedades”, fruto do coletivismo e da dissociação entre princípio paterno e materno na civilização ocidental. O artigo discute e tenta explicar a noção da evolução da civilização e não se detém tanto em Hermann Hesse como o próprio título sugeriria, mas dedica-se àqueles preceitos teóricos que foram levantados.

LAGE, Alfredo. Hesse: Salvação e História II. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 maio 1970. Suplemento Literário, ano 14, n. 669, p. 4. Ensaio de periódico. Trata-se de uma reflexão a respeito da temática da salvação da humanidade e sua relação com a sabedoria. O autor situa a obra *O jogo das contas de vidro*, descrevendo-a em seus aspectos substanciais para em seguida discutir a busca espiritual e histórica do homem em meio à sua cultura contraditória. Para Lage, essa obra máxima de Hermann Hesse figura e supõe utopicamente a “experiência da futilidade da violência e o reconhecimento da primazia do Espírito”.

ÖSTERLING, A. Discurso de recepção pronunciado por Anders Österling... Trad. Bella Josef. In: HESSE, H. *Sidarta: Um poema indiano*. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1970. p. 17-22. Introdução da obra. Trata-se de texto escrito por ocasião da entrega do prêmio Nobel de literatura conferido a Hermann Hesse. Neste texto, transcrito do discurso de 10 de dezembro de 1946, Anders Österling discorre a respeito dos vários fatores determinantes da obra hesseana. Em todo o texto associa vida e obra para qualificar Hesse como um bom homem que lutou para “manter a flama do verdadeiro humanismo”.

RÊGO, Victor da Cunha. As Contas de Vidro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 fev. 1970. Suplemento Literário, ano XIV, n. 660, p. 3. Resenha de periódico. Nesta resenha, o autor traz à tona uma reflexão a respeito do otimismo de Hermann Hesse em meio a um tempo moderno de “decadência e desagregação”. Explora a visão dicotômica hesseana dividida entre os tempos modernos e a Idade Média e eleva a obra *O Jogo das Contas de Vidro* a mais do que um “um livro de fantástica erudição”, pois seria, essencialmente, um tratado de pedagogia e sociologia, em que retrata a sobrevivência do homem em meio ao caos. O título do artigo faz menção direta ao título da obra de Hesse que estava em período de lançamento no Brasil. O crítico menciona também sua perplexidade diante da boa vendagem da obra num país de leitura rarefeita.

ROSENFELD, Anatol. O Jogo das Contas de Vidro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 mar. 1970. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano XIV, n. 665, p. 1. Resenha de periódico. Trata-se do terceiro texto da trilogia encontrada em *Letras Germânicas*, compilação de textos de Rosenfeld. A resenha divide-se em cinco partes. Primeiramente há uma discussão acerca do caráter “doutrinário” da obra hesseana. Em seguida, o crítico faz uma breve descrição do que seja *O Jogo das Contas de Vidro*. Na terceira parte, há uma pequena discussão a respeito das ambigüidades do romance. Logo depois, na quarta parte, o crítico faz um passeio pelo caráter lúdico, místico, contraditório e de ironia romântica da obra, em alguns momentos dialogando com a obra de Thomas Mann. Ao final do texto, por ocasião do lançamento desta obra, Rosenfeld faz elogios à edição e à tradução brasileira realizada pela Editora Brasiliense, ressaltando sua surpresa frente à grande tiragem editorial. Vale notar que muitas vezes Rosenfeld se mostra repetitivo ao considerar traços da obra hesseana, chegando mesmo a reescrever trechos de textos de seus artigos anteriores. Seus textos são de suma importância para compor um quadro significativo da recepção de Hesse na medida em que é um arguto leitor e estudioso do romancista, deixando entrever sua criticidade de cunho didático no âmbito da literatura alemã.

ÍDOLOS dos hippies. *Veja*, São Paulo, 28 out. 1970. Literatura, p. 79-80. O artigo começa tratando da forte presença de Hesse, suas obras e seus símbolos diante da juventude americana e traça um paralelo com o Brasil. Nesta introdução o autor ainda reafirma tal presença ao citar a fala de um gerente de importante livraria de São Paulo - onde os jovens brasileiros procuram com muita freqüência. Em seguida, o artigo aborda a obra em lançamento *O livro das fábulas*, na qual Hesse se revela um sensível profeta ao tratar temas da juventude diante da sociedade

industrial. De forma mais detalhada, o artigo trata do conteúdo do conto *Um homem chamado Ziegler e Um homem de muitos livros*, concluindo que com as simbologias neles encontradas, Hermann Hesse conquista seus leitores.

SERRANO, M. *O círculo hermético: Hermann Hesse a C. G. Jung*. Trad. Ricardo Mosqueira. São Paulo: Brasiliense, 1970. Livro. O autor discorre, neste livro, a respeito dos encontros pessoais que manteve com o escritor Hermann Hesse e o psicólogo Carl Gustav Jung. Miguel Serrano examina o pensamento e a “mensagem” deixados por esses autores, revelando suas proximidades e diferenças. Na conclusão, o autor constata que Hesse e Jung “viveram suas vidas plenamente, enchendo-as de significado”, para nesses termos realizarem um compromisso com os homens “de geração em geração”.

STRÖMBERG, K. Pequena história da atribuição do Prêmio Nobel a Hermann Hesse. Trad. Bella Josef. In: HESSE, H. *Sidarta: Um poema indiano*. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1970. p. 9-14. Introdução da obra. Texto de caráter informativo acerca do prêmio Nobel que foi conferido a Hermann Hesse tardiamente. Segundo o autor, Hesse era visado ao prêmio há pelo menos quinze anos. No final, comenta a importância dessa conquista para difusão e o estudo por parte de pesquisadores a respeito da obra hesseana no cenário mundial.

THÜRER, G. Vida e obra de Hermann Hesse. Trad. Bella Josef. In: HESSE, H. *Sidarta: Um poema indiano*. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1970. p. 23-51. Introdução da obra. Trata-se de texto biobibliográfico subdividido em quinze partes. Em cada uma das partes, o autor discorre acerca de vida e obra do escritor, relacionando-os diretamente. No final, é citado um trabalho intitulado “Hermann Hesse, bibliografia das obras sobre Hermann Hesse”, de Otto Bareiss, em que o autor revela possuir oitocentos estudos. No entanto, não é informada a língua de origem desse trabalho ou se o mesmo foi traduzido.

FILÃO Esgotado. *Revista Veja*, São Paulo, n. 136, p. 66, 14 abr. 1971. Artigo de revista. O texto trata da tardia redescoberta de Hesse pelos editores brasileiros, na situação em que o entusiasmo dos redescobridores insiste em fonte já quase esgotada. Assim, identifica nos contos do livro *Primeiro mundo* temas já exauridos por Hermann Hesse, fato que se prejudica

ainda mais pela tradução de Álvaro Cabral. Provoca então em seus leitores a impressão de que a espontaneidade e a novidade de sua obra sejam suprimidas pelo tédio.

MOUTINHO, Nogueira. A fantasia e a razão. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1971. Breve comentário a respeito do lançamento no Brasil da obra hesseana *Pequeno Mundo*. Nogueira Moutinho contextualiza a obra no conjunto das outras principais que surgiriam posteriormente.

HERMANN Hesse, O jogo do lobo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1971. Breve introdução de artigo em que o autor situa Hesse como novo campeão em vendas depois de Morris West. O autor justifica o êxito aos seus romances de formação que acabam por amparar jovens desesperançados com o pós-guerra.

DE *DEMIAN* às *Contas de vidro*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1971. Texto que faz um sucinto traçado biográfico relacionando o autor à repercussão de obras como *Demian*, *Sidarta*, *O lobo da estepe* e *O jogo das contas de vidro*. Essa obra é apontada como obra mais ambiciosa de Hermann Hesse, coroamento de seu romantismo e criticada pela ausência do aspecto de revolta característico do escritor em obras anteriores.

ENTRE *Goldmund E Narciso*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1971. O autor aponta o jogo de opostos existente entre *Narciso e Goldmund* como também presente entre obras anteriores, como *O lobo da estepe* e *O jogo das contas de vidro*; *Demian* e *Sidarta*, oposições estas que confirma a mensagem já presente em *Demian*: “quem quiser nascer tem que destruir um mundo”. Segue de dados biográficos que vão desde a fuga da casa paterna e das religiosidades ao refúgio suíço em tempos de guerra.

O JOVEM Hesse. *Veja*, São Paulo, 18 ago. 1971. Literatura, p. 74. Texto por ocasião do lançamento da obra *Debaixo das rodas*, editada pela Civilização Brasileira. O autor, ao longo de todo o texto, enfatiza e compara a vida e a personalidade de Hermann Hesse aos personagens de suas narrativas. Em comentário sobre a nova obra, é apontado seu caráter crítico em relação à escola alemã de seu tempo, na qual a carruagem que antes prometia levar para longe acaba por esmagar o homem.

OLIVEIRA, Franklin. Aurora, dialética de Hesse. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 02 out. 1971. Neste texto, o crítico e orelhista de algumas obras hesseanas destaca a sabedoria presente na vida e obra de Hesse. O texto, elaborado por ocasião do lançamento da obra *Debaixo das rodas*, também tece confrontos da novela germânica com outras obras brasileiras e francesas que abordam a temática do sistema educacional.

TÔRRES, Mariano. [Orelha]. In: HESSE, Hermann. *Viagem ao Oriente*. Trad. Leda M. G. Maia. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. Orelha. Após breve relato biográfico sobre Hesse, o orelhista descreve-o como escritor de espírito intranquilo, que sempre reflete os acontecimentos sociais. Para comprovar sua asserção, menciona a posição anti-militarista de Hesse, que o levou à Suíça, pois suas obras foram censuradas por Hitler, saindo de circulação. Descreve o livro como “perturbador e fascinante”, além de esteticamente elevado para a produção do nosso tempo.

LISBOA, Luís Carlos. Hermann Hesse, ou o mundo sem guerras do homem solitário, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 ago. 1972. O texto traz a tona o caráter solitário e individualista de Hermann Hesse em contraposição ao homem coletivo. Por meio de alguns dados biográficos e da citação das principais obras hesseanas, Luís Carlos Lisboa trata da singular personalidade do escritor que sempre foi e sempre se dirigiu ao homem solitário.

MISTICISMO e vanguarda na obra de Hermann Hesse. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1972. O artigo apresenta a identificação do leitor brasileiro com o misticismo oriental presentes em obras hesseanas, como em *O lobo da estepe* e em *O jogo das contas de vidro*, no qual o escritor mantém forte ligação com a questão dos ritos e do lúdico presentes na vida humana.

CHAVS, Nina. No cinema pela primeira vez um romance de Hesse: *Sidarta*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1972. Notas estrangeiras: Paris, via Varig. Texto publicado a propósito do lançamento do filme *Sidarta* no cinema por meio do diretor Conrad Rooks. O artigo traz algumas informações sobre o percurso desse jovem diretor para em seguida abordar a influência do pensamento hesseano em seu trabalho. Vale notar a atenção que o texto dá ao fato de o Brasil já ter conhecimento do livro homônimo, uma vez que o artigo fora apresentado originalmente na França.

JUNG e Hesse, os “gurus” modernos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1972. Editorial do Suplemento do Jornal do Brasil. Sucinta introdução que associa Hesse e Jung no contexto de suas afinidades e destas com seus leitores mais assíduos.

CUNHA, Fausto. A volta do lobo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1972. Suplemento. Trata-se de um artigo publicado dez anos após a morte de Hermann Hesse, acerca da constante e renovada repercussão do escritor no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa. O autor trata da personalidade individualista, rebelde e fulgás do romancista. Ainda, incluindo no artigo o subtítulo *Caminho sob a névoa*, Fausto Cunha se mostra um arguto conhecedor de sua obra e sua vida situando-o entre os escritores de maior influência do século vigente. O ponto mais questionável do artigo se dá pelo fato do autor considerar a obra de Hesse inseparável do conjunto de seus dados biográficos.

CUNHA, Fausto. Um espírito guia da juventude. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1972. Suplemento. O texto procura mostrar a similitude entre o escritor Hermann Hesse e o analista Carl Gustav Jung, ambos ligados aos interesses da juventude - temática que muitos críticos abordaram. O autor levanta uma série de elementos comuns a ambos, como por exemplo a proximidade com o pensamento oriental, o individualismo e o humanismo.

CAMPOS, Pedro Moacyr. A idade média na obra de Hermann Hesse. São Paulo: Sociedade de Estudos Históricos; Universidade de São Paulo, 1972. n. 90, v. XLIV, a. XXIII. p. 357-379. Trabalho acadêmico. Neste texto, o autor perpassa várias passagens da vida de Hesse, exemplificando sua estreita ligação com os temas medievais preentes nas suas obras. Para Moacyr Campos, a predileção pela Idade Média deixa para Hermann Hesse e seus personagens uma liberdade, no tempo e no espaço, “em que a expansão do indivíduo não encontra limites para sua efetivação”. Ao abordar muitos fatores dessa admiração, o autor explora como o estreito laço com a temática medieval é importante para a compreensão da obra do escritor alemão.

TÔRRES, Mariano. [orelha]. In: HESSE, Hermann. *Gertrud*. Trad. Mário da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. Orelha. Neste texto, em que esboça uma pequena síntese de seu conteúdo, Mariano Torres identifica a solidão como tema central de *Gertrud*, em que se notaria um “realismo intimista”. Cita uma crítica de Otto Heuschele, que, em 1910,

atribuiu à obra marcantes traços de uma “pureza originária”, a qual voltará a ser abordada em suas obras subseqüentes, fato que proporciona prazer em lê-lo.

TÔRRES, Mariano. O pequeno grande mundo de Hermann Hesse. In: HESSE, Hermann. *Pequeno Mundo*. Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. Orelha. Neste breve texto, Mariano Torres relaciona algumas obras de Hesse, nomeando-o “um dos escritores prediletos do grande público brasileiro”, fato que se comprova com suas numerosas reedições e com o orgulho da Civilização Brasileira em divulgá-lo. Torres ressalta que a literatura hesseana não vem com o intuito de ser industrializada, mas de restituir o senso de humanidade em seus leitores. Descreve *Pequeno mundo* como uma reunião de sete novelas com personagens de diversas personalidades que caracterizam a filosofia de vida (e de sociedade) que acompanha o autor em suas novelas.

HERMANN Hesse: Peter Camenzind. In: HESSE, Hermann. *Peter Camenzind*. Trad. Myriam Moraes Spiritus. São Paulo: Brasiliense, 1972. Orelha anônima. Neste texto, a obra em questão é apontada como passo inicial aos que querem compreender o caminho poético de Hesse, por ser uma obra de sua juventude. Nela, encontram-se acontecimentos “inesquecíveis” para as gerações mais velhas e até para as mais jovens, exercendo grande fascínio pela beleza com que é composta. Segue-se breve descrição das obras *O jogo das contas de vidro* e *Narciso e Goldmundo*.

MOUTINHO, Nogueira. *Rosshalde*: um relato do jovem Hermann Hesse, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jan. 1973. Neste texto, por ocasião do lançamento recente da novela hesseana *Rosshalde*, o crítico Nogueira Moutinho dispõe de seu conhecimento sobre a obra de Hermann Hesse para apontar seu ponto de vista a respeito desse romance. O autor inicia informando sobre o sucesso de venda de Hesse na Europa e na América, bem como sobre o curioso interesse da juventude brasileira pelo escritor. Em seguida, Moutinho faz uma breve discussão a respeito do enredo e dos personagens da novela em questão para finalizar tentando explicar a relação biográfica entre obra e escritor.

FERRAZ, Geraldo Galvão. Tributo à moda, *Veja*, São Paulo, 31 jan. 1973. Literatura, p. 88. Ferraz aborda a edição de *Peter Camenzind* no Brasil como um tributo - e não homenagem - a Hermann Hesse. Ao declarar que a obra tem pouco a ver com seus posteriores sucessos *Demian*, *Sidarta* ou *O lobo da estepe*, traça breve resumo e situa-a como “um dos últimos

ecos do romantismo alemão”, ressaltando que o romantismo e o bom humor da obra não justificam sua edição no Brasil após 68 anos de seu sucesso na Alemanha, quando Hesse era ainda aluno de romance.

DESENHOS e aquarelas de Hesse. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1973. Artigo divulga a exposição das aquarelas de Hermann Hesse no Museu Regional de Munster, na Alemanha. Ressalta a riqueza em cores e harmonia das composições, com provável influência impressionista e hindu. Segundo biografia hesseana de Hugo Ball, o escritor começou a se dedicar à pintura como superação de seu caos interior diante da enfermidade da esposa, tendo mais tarde maior identificação com a arte. Encerrada a exposição, as peças puderam ser vistas apenas isoladamente, segundo o autor.

FILHO, Aires da M. M. Ascensão Literária da Alemanha. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 ago. 1973. Suplemento Literário, ano VIII, n. 364. Não paginado. Artigo de periódico. O autor menciona brevemente o escritor Hermann Hesse, em razão da consagração do Prêmio Nobel de Literatura em 1946. Segundo o autor, a obra *O lobo da estepe*, a partir desse fato, torna-se mais conhecida do público leitor, além de abrir novos caminhos para o conhecimento das obras posteriores a ela. Vale notar que o autor coloca o lançamento de novas edições de clássicos da literatura alemã como um dos motivos da ascensão de Hesse na literatura mundial.

BROWNE, P. R. Pobre adágio. *Veja*, São Paulo, 14 ago. 1974. Em relação ao filme *Siddharta*, que teve como diretor Conrad Rooks, Browne aponta que a profundidade do livro foi pouca tratada em sua versão cinematográfica que, como ele mesmo afirma: “tem outras preocupações menos sutis”. O insucesso do filme é então justificado pelo fato de que as transcendências hesseanas são simplesmente infilmáveis.

CARPEAUX, Otto Maria. Sidarta. In: HESSE, Hermann. *Sidarta*. Trad. Herbert Caro. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. Orelha. O orelhista considera *O lobo da estepe* a obra mais conhecida de Hermann Hesse, entre os brasileiros. Após a consagração de seu Prêmio Nobel, a editora Civilização Brasileira inicia, com *Sidarta*, a publicação de outros romances de tamanha relevância. Nesta orelha, é traçada uma breve trajetória de suas obras, onde o escritor é caracterizado como grande romancista, “embora poeta por vocação” e

encerra o texto com alguns dados biográficos de Hesse, destacando suas constantes “fugas” e sua espiritualidade.

CARPEAUX, Otto Maria. Expressionismo. In: _____. *A literatura alemã*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 194-222. Capítulo de livro. Carpeaux, neste texto, cita Hermann Hesse brevemente apontando a obra *Demian*, de Hesse, como símbolo do expressionismo. Destaca também a difusão da psicanálise por meio dessa obra.

BECHERUCCI, Bruna. Vigor agressivo. *Veja*, São Paulo, 31 dez. 1975. A crítica coloca a obra *O último verão de Klingsor* como uma das mais vigorosas e livres concepções de Hermann Hesse. Ao tratar do caráter romântico do escritor, afirma que a denominação é incompleta, visto que não trata de puro lirismo, mas de interesses universais que se encontram em seu interior. Após traçar breve resumo da obra, destaca o retrato pintado por Klingsor, personagem do livro, que diz respeito a seu espírito íntimo e afirma que o retrato “a la Klingsor” de Hermann Hesse está em sua escrita e nas muitas facetas de seus personagens.

PARA Ler e Guardar. In: HESSE, Hermann. *Para Ler e Guardar*. Trad. Belchior Cornélio da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. Na anônima orelha do livro, comenta-se a respeito do sucesso de *Lektüre für Minuten* na Alemanha e do igual sucesso da presente obra em línguas estrangeiras. Segundo o autor, a “seleção editorial do imenso espólio e das cartas de Hesse” surgidos após a sua morte possibilitaram o surgimento desta obra, onde há uma seleção de todo esse material encontrado e documentado em forma de pequenos trechos temáticos. O orelhista afirma que o conteúdo da obra *Para ler e guardar* serviu à publicidade da obra.

THEODOR, Erwin. A tradução de obras alemãs no Brasil. *Humboldt*, Munique/São Paulo, ano 15, n. 31, p. 38-47, 1975. Artigo de periódico. Artigo acerca de algumas “confusões lingüísticas” presentes em obras da literatura alemã. Neste contexto, o autor exemplifica com alguns termos a má tradução presente em breves passagens da obra hesseana.

MENDES, Oscar. Para ler e pensar. *Minas Gerais*, Suplemento Literário, 10 jan. 1976. Divulgação da obra *Para ler e pensar* – com tradução de Belchior Cornélio da Silva. Traça uma breve apologia aos livros, assim como à leitura, propriamente dita, tomando como exemplo atinados conceitos, pensamentos e idéias rejuvenescedoras.

D'AMARAL, Márcio Tavares. Hesse, toda a poesia, simples vida. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 fev. 1976. Texto sobre o lançamento da obra *Antares*, ora citada como dona de um bom título. Situa as obras de Hermann Hesse, em geral, como dotadas de conselhos de sabedoria e histórias de superações e revoltas – talvez por influência de sua própria história de vida. Descreve a obra hesseana como preenchidas de unidade e sentido, nos quais a vida se faz plena pela unidade e pela superação de distâncias como pecado e santidade, natureza e cultura. Finalmente, vale destacar o elogio que tece à tradução da obra realizada por Geir Campos.

GREENSBURG, Martin. Hermann Hesse: uma certa banalidade romântica. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 27 mar. 1976. O autor relaciona a afinidade da juventude americana dos anos 60 com o escritor alemão e sua negação à escola tradicional. Mais adiante, trata do livro *Episódios da vida estudantil*, que reúne histórias como *Berthold*, *Amigos e a Quarta Vida*, apontando finalmente o grande gosto dos jovens americanos por seus manifestos fortemente marcados por sua “banalidade romântica” que lembra a Romain Rolland.

COSTA, Flávio Moreira. Roteiro para conhecer Hermann Hesse, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1976. Flávio Moreira, por meio de algumas citações do próprio escritor germânico, descreve um superficial perfil de Hesse, para fazer a apresentação da obra *Obstinação*, ora em lançamento. Nesta descrição, o autor também relaciona o escritor à juventude dos anos 70, sedenta de transformações e coragem frente aos desafios da vida.

BECHERUCCI, Bruna. A magia de Hesse. *Veja*, São Paulo, 8 dez. 1976. Becherucci relaciona o título da obra recém lançada *Obstinação* à constante obediência de Hesse à sua única lei pessoal, que acabou por fazê-lo enfrentar seu próprio destino e suas conseqüências. Deste modo, ressalta a magia como estado freqüente nas obras hesseanas, que representam uma forma fascinante de mudar a realidade. A obra *Obstinação* é tratada pela crítica como um relato das magias e não da realidade de Hesse propriamente dita.

ANDARES. In: HESSE, Hermann. *Andares*: Antologia Poética. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. Orelha anônima e Prólogo de Geir Campos. Trata-se de orelha informativa em relação ao contexto de lançamento da obra. No prólogo, intitulado *Da poesia e da tradução*, Campos recorre a três autores para a conceituação da poesia em três aspectos elementares: psicológico, histórico e lingüístico. Em seguida, Campos faz uma sucinta análise

da viabilidade de aplicação desses conceitos à possibilidade de tradução dos poemas de Hermann Hesse. Este texto torna-se interessante na medida em que Geir Campos é o próprio tradutor da antologia e mostra um conhecimento histórico dos poemas de Hesse, e também porque se verifica a escassez de traduções de poemas do escritor.

LUFT, Lya. [Orelha]. In: HESSE, Hermann (org.). *Histórias Medievais*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 1976. Orelha. Neste texto, a autora discorre somente sobre a importância e influência da Idade Média no mundo contemporâneo, apresentando Hermann Hesse como o tradutor e adaptador das histórias contidas neste livro.

CASTRO, Acyr. Hermann Hesse: o centenário de um rebelde não violento. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 4, 2 jul. 1977. Resenha de periódico. A matéria refere-se ao centenário de Hesse, que é lembrado também por seu caráter pacifista. O autor cita e comenta algumas passagens da vida e obra do escritor alemão.

FABER, Walter. Hesse Revisto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural: Letras, ano I, n. 38, p. 4-5. Artigo de periódico. Este texto retoma a afirmação de que seria “inadequado” perceber um posicionamento otimista de Hesse diante das modernas correntes sociais e evidencia, por conseguinte, o pessimismo cultural do escritor. Segundo Faber, Hermann Hesse depara-se com a falta de gosto e sentido dessa nova cultura que não atenta para as grosserias da realidade existente por trás dos banquetes e mármore, uma vez que para o escritor há a necessidade de formar entre vida e cultura “uma unidade indivisível”. O artigo inclui caricaturas, desenhos, capas de livros e retratos de Hermann Hesse.

HESSE: A aventura do lobo solitário. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural, ano I, n. 38. Documento Iconográfico. O suplemento traz a capa da primeira edição de *Sob as rodas*, de Hermann Hesse, em língua alemã.

SCALZO, Nilo. Editorial. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural, ano I, n. 38, p. 2. Editorial de periódico. O autor faz uma breve apresentação da obra hesseana como romântica e com idéias existenciais, mas que segundo o próprio Hesse não podem ser tomadas como lições ou verdades objetivas por se tratarem de ficção.

THEODOR, Erwin. Centenário de Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural, ano I, n. 38, p. 3-4. Letras. Resenha de periódico. Trata-se de texto em que o autor, por ocasião do centenário de nascimento de Hermann Hesse, aponta sua grande repercussão e afinidade com o público leitor brasileiro e internacional. Mais adiante no texto, Theodor explora o centenário como momento de reavaliação da obra hesseana, que é festejada mas não “ressuscitada”, visto que o autor é celebrado e lido em mais de 35 idiomas, figurando entre os escritores “mais lidos do século” (XX). Vale ressaltar a importância desse texto na medida em que remete a outras fontes para o estudo do escritor.

MENEZES, Carlos. Na Floresta Negra, há 100 anos, nascia Hermann Hesse. *O Globo*, Rio de Janeiro, 05 jul. 1977. Citação do centenário de Hesse, autor de títulos bastante conhecido pelo público brasileiro da década de 70. O autor apresenta dados biobibliográficos, ressaltando o laureamento do Prêmio Nobel e do Prêmio Goethe de Literatura em 1946.

MACIEL, Luis Carlos. Hermann Hesse, 100 anos. *Revista Veja*, São Paulo, n. 552, p. 124, 6 jul. 1977. Artigo de revista. Nesse texto, o autor principia informando alguns dados biobibliográficos do escritor alemão, para em seguida afirmar que Hesse é o escritor mais lido entre os jovens dos anos 60, período em que se desenvolveu a “contracultura”. Maciel caracteriza a temática hesseana como de constante balanço das repressões entre as forças do corpo e as forças do espírito, de modo que tanto o escritor como os seus jovens leitores dos anos 60 buscavam a síntese entre esses dois caminhos divergentes. Vale ressaltar o insistente destaque que o autor dá ao momento vivido pelos leitores “contraculturais”, que se punham em consonância com o “pensamento inconformista” de Hermann Hesse.

HERMANN Hesse, o centenário de um mágico, *O globo*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1977. Primeiramente, o artigo traz dados biográficos de Hesse com citações do escritor, identificando mais enfaticamente suas revoltas, fugas e sua visão bastante peculiar da realidade. Em seguida, caracteriza suas obras como dotadas de caráter biográfico que despertam para o conhecimento de si e a poesia da realidade.

BRITO, Mario da Silva. Rosshalde. In: HESSE, Hermann. *Rosshalde*. Trad. Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. Orelha. Segundo o orelhista, assim como em *Gertrud* trata-se da música, em *Rosshalde* tematiza-se a pintura. O drama é caracterizado, por Brito, como tema “existencial do próprio escritor”, pois tem identificação com a fase de sua

vida em que deixa seu casamento para buscar seu caminho em países exóticos. E ainda afirma que “pode-se dizer que o substrato da arte de Hermann Hesse foi essa incessante tentativa de descobrir a essência do homem”.

OBRY, Olga; BALTÉ, Teresa. Hermann Hesse: pensamentos. *Humboldt*, Munique/São Paulo, ano 17, n. 36, p. 45-49, 1977. Artigo de periódico. Trata-se de coletânea de aforismo que expressam os principais temas discutidos na obra hesseana. O texto também traz muitas imagens do escritor – fotografado pelo seu filho Martin Hesse.

DEKKER, Ingeburg. *Metamorfozes de Piktör*: um conto de Hermann Hesse. São Paulo, 1978, 122. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Trabalho acadêmico. Estudo acerca da relação de Hermann Hesse e o oriente. Dekker traz várias citações do escritor e procura explorar a sua literatura no que há de simbólico por meio do conto *Metamorfozes de Piktör*. O texto é importante na medida em que é um dos primeiros estudos de maior fôlego sobre a obra de Hermann Hesse.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 198-203. Capítulo de livro. Trata-se algumas linhas acerca da afinidade de Hermann Hesse e a juventude dos anos de 1960 e 1970.

MIDDLETON, Christopher. Relinchando ao vento. *Cadernos de Opinião*, São Paulo/Rio de Janeiro, p. 56-64, jul. 1979. Artigo de periódico. Trata-se da tradução de artigo de Middleton, em que o autor explora a biografia do autor fora do Brasil – situando-o no contexto geral de sua popularidade. O texto elogia o escritor no que ele tem de pacífico e ideal.

OLIVEIRA, Franklin. Clarão e luz em Hermann Hesse. In: HESSE, Hermann. *O Lobo da Estepe*. Trad. Ivo Barroso. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Orelha de Franklin de Oliveira. O orelhista afirma que Hermann Hesse já foi considerado o homem mais sábio de nosso tempo devido à sua “perfeição moral”, além de sua ligação com o que é belo, justo, bom e verdadeiro. Oliveira traça, brevemente, o perfil de duas obras hesseanas, considerando especificamente *O lobo da estepe* como “romance de clarões”. Em seguida afirma que, em *O jogo das contas de vidro* prevalece a serenidade. Ao final, conclui que, na primeira obra, a leitura guiaria os caminhos, ao passo que, na segunda obra, “é preciso queimar-se antes nas chamas”.

1980

A PRESENÇA de Hermann Hesse no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1980. Suplemento Cultural, ano IV, n. 178. Resenha de periódico. O caderno traz uma capa ilustrada com retrato desenhado de Hermann Hesse, que apresenta em seu título uma antecipação dos artigos de que trata no restante do caderno.

BRINK, C. A Obra de Hesse no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1980. Suplemento Cultural: Letras, p. 11-12. Artigo de periódico. O autor descreve neste artigo algumas razões que explicariam a grande repercussão da obra de Hermann Hesse no Brasil. Situando a obra do escritor em dois diferentes momentos: 1946, com o Prêmio Nobel de Literatura, e 1962, com a morte de Hesse e a euforia norte-americana. Christl Brink também considera outros dois níveis explicativos: “o da história cultural-literária brasileira e o da formação do próprio autor”. No primeiro nível, o autor considera a fase do romantismo e modernismo no Brasil e sua aproximação com o escritor. Já em um segundo nível, a personalidade intelectual e a escala de valores de Hesse são tomadas como pontos de encontro com o leitor brasileiro, principalmente o mais jovem. Finalmente, para o autor, os leitores do Brasil identificam-se com o romantismo de Hesse, que também aborda temas típicos do agrado da juventude brasileira. Desse modo, Brink considera que a religião e a linguagem clara, simples, harmoniosa e sensível de Hesse facilitariam também a tarefa do tradutor para abarcar sua obra de modo mais completo.

CARTAS de Gênios, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1980. Texto que anuncia a publicação da obra *Correspondência entre amigos* no Brasil, cuja tradutora é Lya Luft. Em breve discurso acerca do conteúdo do livro, a amizade entre Thomas Mann e Hermann Hesse, nele retratada, é caracterizada pela recíproca ajuda extraliterária observada nas cartas que abrangem o período de 1904 a 1955, quando ocorreu a morte de Mann.

PONTES, Mário. Hesse sem exotismos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1980. O artigo aponta a antiga e freqüente busca entre os jovens por exotismo e espiritualismo nas obras hesseanas, o que resultou em maior identificação com suas obras por parte dos que contestavam ao sistema industrial e urbano. No entanto, segundo Pontes suas obras são, na maioria das vezes, lidas superficialmente, de modo que o livro então em divulgação *Correspondência entre amigos* pode revelar com clareza o aspecto mais profundo de Hesse. Assim, o crítico ressalta a facilidade de Hermann Hesse em revelar suas emoções enquanto

Thomas Mann se mostra mais reservado. Mesmo diante de tal ambigüidade, ao final da obra pode-se perceber a aproximação entre a personalidade e os ideais dos dois escritores.

OPINIÕES: Hesse, Mann. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1980. Caderno B. Breves pensamentos de Hesse e Mann sobre temas como Weimar, Wagner, o burguês, o apoliticismo, a política, história, o Estado e a guerra.

FIORILLO, Marília Pacheco. Para adormecer. *Veja*, São Paulo, 12 nov. 1980. Texto publicado na presente revista por ocasião do lançamento de uma coletânea de textos curtos do escritor intitulada *Narrativas*. Aqui, Fiorillo tece duras críticas ao conjunto de narrativas hesseanas, caracterizando-as como de um “pessimismo langoroso”. Por fim, destaca dois textos que se sobressaem em meio as 299 páginas da obra anunciadas na introdução deste artigo. É importante ressaltar que esta é uma das poucas críticas que alertam sobre o questionável valor literário de uma obra hesseana.

THEODOR, E. Até nossos dias: I. Thomas Mann, Hesse e Döblin. In: _____. *A literatura alemã*. São Paulo: T. A. Queiros: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980. p. 133-143, Cap. XV. Capítulo de livro. Neste texto, o autor coloca Hermann Hesse entre os escritores que se situam “acima das escolas e dos movimentos definidos”, assim como Thomas Mann e Döblin. O texto se divide em três momentos, cada um dos quais dedicado a um dos escritores alemães ora citados. Na parte dedicada a Hesse, discute a temática em cada uma de suas principais obras, além de ressaltar, como já fez em outros textos, o sucesso de publicidade da obra hesseana.

THEODOR, Erwin. Hermann Hesse – Thomas Mann: Correspondência entre Amigos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 jan. 1981. Suplemento Cultura: O livro da semana, ano I, n. 32, p. 12-13. Resenha de periódico. Neste texto, o autor trata do lançamento do livro *Correspondência entre amigos*, que se compõe de cartas trocadas entre Hesse e Mann. Nessas cartas, pode ser observada a crescente ligação entre ambos, o que faz do livro fonte de imenso valor para os que estudam os dois escritores, bem como a história política e literária da Alemanha. Nelas, Hesse é identificado por Theodor como um lúcido que, frente à realidade política de julho de 1933, revela sentir “cheiro de desgraça no ar”, enquanto Mann parece bastante otimista por acreditar na superação dos “cumes da loucura”. Vale lembrar que o

resenhista chama a atenção para a necessidade de revisão da tradução, dadas às “deturpações” lingüísticas cometidas por Lya Luft.

LOUZADA FILHO, O. C. Amizade em nome da resistência humanista. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 jul. 1981. Texto aborda a ‘traição’ de Thomas Mann e Hermann Hesse ao retratarem a insatisfação com sua pátria em período de guerra na obra *Correspondência entre amigos*, cujo caráter é basicamente humanista. Por fim, o crítico se coloca bastante insatisfeito com o prefácio de Theodore Ziolkowski, afirmando que ao retratar Hesse como heremita e Mann como vaidoso e autor de poucos títulos, o prefaciador acaba por cair no pior dos equívocos.

ESPESHIT, Antônio. Hermann Hesse e o Expressionismo Alemão. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9 jan. 1982. Suplemento Literário, ano XV, n. 797, p. 2. Resenha de periódico. Neste texto, o autor situa Hermann Hesse no panorama da literatura alemã, em que filia-se ao expressionismo alemão, do qual a obra *Demian* foi “expressão máxima”. O autor também relaciona informações biobibliográficas, revelando o caráter romântico e contestador do escritor, que pertenceu à terceira fase do expressionismo. Segundo o texto, nessa fase Hermann Hesse e Thomas Mann surgiram como referências literárias, sendo que se sobressaíram “acima de movimentos”.

BECHERUCCI, Bruna. Hermann Hesse, enigmático e culto. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 25 set. 1982. Trata-se de breve análise do romance *O lobo da estepe*, na qual Bruna Becherucci procura interpretar a intrigante personalidade do personagem do livro chamado Harry Haller. Para tanto, a autora recorre à biografia de Hermann Hesse, pois ressalta a influência dos estudos psicanalíticos do escritor na construção da obra. Bruna também destaca que a finalidade da obra, além da crítica ao burguês, sugere o conflito existente entre o “individualismo cego e sofrido” e as “alturas serenas da beleza, da arte, da imortalidade.” Ilustram o texto duas fotos correntes de Hermann Hesse, sendo uma em seu escritório e a outra ao lado do escritor Thomas Mann.

TOZZI, Cesar. Só um fiapo, mas feito de puro linho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983. O crítico aponta que, com a edição em 1940 de obras hesseanas em língua espanhola, poucos jovens brasileiros tiveram a oportunidade de conhecer, ainda que superficialmente, o escritor que seria ícone entre os hippies dos anos 60. Destaca que Hesse teve maior apreciação por

parte dos jovens devido a seu “aspecto juvenil”, enquanto que Thomas Mann constantemente apresentou-se bastante “adulto”. Em seguida, em breve bibliografia hesseana, Tozzi evidencia a crescente profundidade psicológica de seus personagens.

SEQUERRA, Renne. Hermann Hesse antes de sua melhor hora. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983. O artigo trata do lançamento de *Rosshalde*, obra definida pelo crítico como de trama simples e previsível, não sendo uma das melhores obras hesseanas. Sequerra ainda aponta Hermann Hesse como um dos poucos autores que conheceram o sucesso em vida.

HERMANN Hesse, oito contos sobre temas juvenis. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jan. 1984. Trecho a respeito da quinta reedição da obra *Este lado da vida* no Brasil, com tradução de Álvaro Cabral. O texto discorre sobre a revolta dos padrões burgueses tratados na obra, assim como a sua identificação com os jovens desde sua primeira edição em 1930.

LISBOA, Luiz Carlos. A Solidão de Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 ago. 1984. Suplemento Cultura, ano IV, n. 217, p. 1-2. Artigo de periódico. O texto aborda dados biográficos de Hesse ligando-os diretamente com o contexto em que escreve suas obras. Em meio à sua aversão pelo ensino religioso, seus amores, seu combate ao militarismo alemão e suas amizades, mostra a peregrinação de um homem “sempre atrás de um sentido profundo para a vida, sem o encontrar”.

HEISE, H.; RÖHL, R. A literatura de passagem do século: Caminhos do romance. In: _____. *História da literatura alemã*. São Paulo: Editora Ática, 1986. p. 68-69. Capítulo de livro. Trata-se de breves informações a respeito da vida e da produção de Hermann Hesse. Neste texto, o autor também situa o escritor alemão como um dos importantes nomes da literatura do começo do século XIX, bem como aponta o posicionamento de Hesse em face da sua relação com o mundo.

HEISE, Eloá; RÖHL, Ruth. Caminhos do romance. In: _____. *História da literatura alemã*. São Paulo: Ática, 1986. p. 68-69. Capítulo de livro. Breve comentário acerca do estilo subjetivo de Hermann Hesse. As autoras destacam ainda a afinidade do escritor com a juventude dos anos de 1960.

ESTILL, Daniel A. Escritor disfarçado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1987. Artigo de divulgação da obra *O caderno de Sinclair*, escrita entre os anos de 1917 e 1920. O texto que possui conteúdo antibelicista foi publicado sob o pseudônimo de Emil Sinclair. O crítico ressalta a boa qualidade da tradução de Marija Cesar Mendes Bezerra.

NOVAES, Luís Antônio. Um velho cult, *Leia*, São Paulo, ago. 1987, p. 38. Novaes, ao traçar breve biografia de Hesse, coloca-o como ‘profeta à sua maneira’ visto que escreveu o que viveu. Em *Caderno de Sinclair*, segundo o crítico, encontra-se o mosaico da amplitude de suas preocupações, que passam por fatos de sua época como a I Guerra Mundial, a explosão psicanalítica de Freud, bem como as interpretações oníricas de Jung, às quais Hesse também se entregou. Novaes aponta o escritor como inspirador do “paz e amor” dos hippies da contracultura e afirma a obra *O lobo da estepe* como atual por tratar do despertar individual.

FLEXA, Jair Arco e. [Hermann Hesse], *Isto é*, São Paulo, 2 set. 1987. Texto que apresenta a obra *Caderno de Sinclair* como pequena, mas com um Hesse de maior qualidade em textos de amargura e elegância. Destaca as visões pessimistas do escritor para a sociedade pós I Guerra Mundial – período no qual a obra foi escrita – e compara Hesse a Sócrates quando o escritor diz que mais patriota que o soldado em campo de batalha é o camponês que calmamente cultiva sua terra.

1990

RIBEIRO, Léo Gilson. Hermann Hesse, o primeiro hippie moderno? *Jornal da Tarde*, São Paulo, 20 ago. 1990. Neste artigo, Léo Gilson Ribeiro ressalta a releitura de Hesse em Portugal. Aponta que também os jovens dos anos 60, principalmente nos Estados Unidos e na França, usavam o nome de Hermann Hesse como uma verdadeira bandeira dos hippies, que se apoiavam nas idéias de paz e amor e na salvação por meio da natureza e do orientalismo tratados pelo escritor.

THEODOR, Erwin. “Agrada-me viver”: A prosa alemã na época da reconstrução. In: _____. *Perfis e sombras: estudos de literatura alemã*. São Paulo: EPU, 1990. p. 202-215. Capítulo de livro. Neste texto, o autor cita de passagem a obra *O jogo das contas de vidro*, de Hermann Hesse, como uma das obras imediatamente posteriores à grande guerra de 1945. O autor traça de um modo geral o contexto da produção literária alemã “em fase de reconstrução”.

THEODOR, E. 2. Hesse, Mann e Musil: Hesse, o mais lido do século. In: _____. *Perfis e Sombras: Estudos de Literatura Alemã*. São Paulo: EPU, 1990. p. 79-84. Capítulo de livro. Neste texto, o autor recupera alguns aspectos da “encomiástica” receptividade de Hermann Hesse no Brasil e no cenário mundial. Ao apontar o centenário de nascimento do escritor como estímulo das recentes críticas, Theodor destaca a reavaliação e os preitos de “admiração e respeito” à sua obra, que não se faziam com o intuito de “ressuscitar” nem muito menos reavivar um suposto esquecimento – o que não foi o caso. Vale notar que o autor faz esclarecimentos sobre a importância que a crítica dá a sua temática mais do que, meramente, à sua cronologia biobibliográfica.

THEODOR, E. Hesse, Mann e Musil: Hesse, idealista e cético. In: _____. *Perfis e Sombras: Estudos de Literatura Alemã*. São Paulo: EPU, 1990. p. 85-90. Capítulo de livro. Neste texto, o autor destaca o “pessimismo cultural” de Hermann Hesse em relação à sua época. Elencando desde a decadência das letras até a das artes plásticas, o autor revela, por meio de alguns exemplos das obras hesseanas, o quanto o escritor considerava “empobrecida e vergonhosamente simplificada” a sociedade massificada. Segundo Theodor, Hesse partilhava, juntamente com Nietzsche e Spengler, a teoria de uma constante renovação paradigmática, somando-se a isso a supremacia e renovação da natureza em face de uma cultura universal contemporânea “fadada ao desaparecimento breve e total”.

MOUTINHO, José G. N. *Perfis e Sombras: A Diversidade da Literatura Alemã. O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano VIII, n. 549, p. 9, 16 fev. 1991. Resenha de periódico. Trata-se de texto produzido por ocasião de lançamento da obra homônima de Erwin Theodor, em que se faz uma descrição dos principais autores da literatura alemã. Neste texto, Hermann Hesse é mencionado sucintamente, dentre outros dois autores alemães – Thomas Mann e Robert Musil, como autores que compõem o “sombrio legado do romantismo”.

OLIVEIRA, Franklin de. *A dança das letras*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991. Livro. Trata-se de texto de cunho biobibliográfico acerca de Hermann Hesse. O autor constata a sabedoria de Hesse como importante traço de sua obra na construção de uma literatura de formação.

FERREIRA, Rodrigo Gil. Um coração aberto para o mundo. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 8 ago. 1992. Caderno de Sábado, p. 4. Ferreira apresenta dados biobibliográficos do escritor, revelando prontamente que o nome de batismo de Hermann Hesse é Emil Sinclair. Segue

relacionando as obras hesseanas à personalidade do escritor, destacando os aspectos pacifista, romântico e da constante análise psicológica de seus personagens. Acompanham o artigo breve trecho da obra *Sidarta*; lista de obras do escritor publicadas pela Editora Record e um curto poema escrito por Hesse no natal de 1961.

GOMES, Márcio dos Santos. Budismo: a verdadeira viagem de Hermann Hesse ao oriente. In: Semana de Estudos Anglo-Germânicos, 1993, Rio de Janeiro. *Caderno de Letras*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 9, 1993.¹³ Trabalho acadêmico.

CAVALCANTI, C. A prosa expressionista: Controvérsias do gênero. In: _____. *A literatura expressionista alemã*. São Paulo: Editora Ática, 1995. p. 56. Capítulo de livro. Nesse texto, o autor cita brevemente o escritor alemão, abordando alguns de seus traços expressionistas.

HAAG, Carlos. O eterno retorno do alemão que amava a indisciplina. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 jan. 1999. Artigo que trata do momento de publicação de *Felicidade*, questionando como será a reação do leitor ao ler Hesse depois do centenário de sua primeira obra. Haag define o estilo hesseano, enfatizando sua defesa da personalidade e do ser individual e questiona a juventude dos anos 60 que o leu quase que como uma literatura de auto-ajuda. Em seguida, o crítico traça breve biografia, em que relaciona passagens de sua vida com as cenas vividas por seus personagens em suas obras; ressalta as constantes revoltas, a intensa busca do equilíbrio e o pacifismo diante da Guerra. Feitas essas ressalvas, vale notar que o autor destaca a beleza de sua linguagem e acaba por colocá-lo mais como um literato do que como um guru da contracultura. Por fim, destaca ainda que os mochileiros dos anos 60 levaram o Homem muito a sério, enquanto que o Escritor foi lido com pouco cuidado. Daí sua crítica de que o erro da juventude de sua época foi tomá-lo como manual, visto que suas idéias não eram funcionais – embora mereçam todo o respeito de seus leitores.

FELICIDADE. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 abr. 1999. Artigo sobre o lançamento da obra *Felicidades* e a reedição de *Demian*, ambas de Hermann Hesse. *Felicidade* reúne textos esparsos do escritor, que segundo o autor revela muitos traços ainda não discutidos sobre Hesse, justamente por se tratar de uma obra póstuma. O crítico também dá um destaque especial sobre a elevada vendagem das obras hesseanas no Brasil, nos Estados Unidos e na

¹³ Material não localizado na biblioteca pesquisada.

Europa. O artigo traz um trecho de uma carta trocada entre o escritor alemão e o escritor francês André Gide.

ASCHER, Nelson. Hesse estiliza traumas da juventude. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 abr. 1999. Neste texto, o articulista do Jornal *Folha de S. Paulo* identifica a harmonia existente entre Hesse – que foi adolescente no período da Alemanha imperial – e os jovens do período da contracultura no Brasil. Segundo Ascher, Hesse seria atual para aquela juventude devido aos temas universais tratados em suas obras. Assim, seus textos que hoje parecem uma crítica ao capitalismo e a massificação do indivíduo, quando primeiramente publicados estavam inaugurando uma nova vertente literária, pela maneira como abordava sua temática. Ao tratar do lançamento da obra *Felicidade*, o crítico afirma que o conjunto de textos aí coletados, oriundos do período pós-guerra demonstra, já na velhice de Hermann Hesse, sua visão bastante peculiar da realidade, esta que, meio século antes, o levou a começar a compor suas obras.

LIÇÕES do velho guru. *Época*, São Paulo, 21 jun. 1999. Artigo produzido por razão da do lançamento da obra *Felicidade*. O texto traz alguns dados do sucesso de vendagem da obra hesseana no Brasil, em contraposição ao seu tardio encantamento por parte do leitor da Alemanha. Ressalta a estreita amizade do escritor alemão com o escritor francês André Gide. O artigo traz uma foto de Hermann Hesse em seu escritório particular, sendo que a legenda destaca sua relação de sucesso com os leitores dos anos de 1960 e 1970.

ONETO, João Domenech. O Encanto de Hermann Hesse. *Jbonline*, Rio de Janeiro: 10 jul.1999, Idéias, p. 3. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/>>. Acesso em 8 jul. 2005. Breve texto de cunho promocional à obra de Hermann Hesse.

BOLOGNINI, Carmen Zink. História e gestos de interpretação. Campinas: UNICAMP, 199-, p. 100-108. Trata-se de um artigo que analisa como a produção de determinados efeitos de sentido pode ser possível por meio da tradução. Para tanto Hermann Hesse é contextualizado biograficamente a fim de se estabelecer as condições de produção e tradução das suas obras.

2000

CARVALHO, Bernardo. Só para loucos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 maio 2000. Neste texto, o articulista Bernardo Carvalho procura mostrar a relação entre o sucesso atingido pela

obra hesseana na década de 60 e os motivos de tal apreciação por parte dos leitores. O texto focaliza as características temáticas e filosóficas do romance *O lobo da estepa* e compara a literatura de Thomas Bernhard à contundência imaginativa dos personagens de Hermann Hesse.

HERMANN Hesse. Rubedo: revista de psicologia. 4 ago. 2000. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/Revista/record/textos/hesseger.htm>>. Acesso em 25 dez. 2006. Suscinta nota a respeito da vida e obra de Hermann Hesse.

[ORELHA]. In: HESSE, Hermann. *Demian: História da juventude de Emil Sinclair*. Trad. Ivo Barroso. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Orelha anônima. Nesta orelha, é traçado um breve resumo da obra, relacionando-a com a influência de Nietzsche e de conhecimentos psicanalíticos na elaboração do drama ético nas obras de Hesse. No fim, o texto traz dados biográficos e bibliográficos do autor.

MACIEL, Luiz Carlos. Prefácio. In: HESSE, Hermann. *Sidarta*. Trad. Herbert Caro. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. Orelha anônima e Prefácio de Luiz Carlos Maciel. Na orelha tem-se um perfil biográfico de Hesse, bem como a apresentação de algumas de suas obras. No prefácio, essencialmente biobibliográfico, o autor trata com mais ênfase da relação do escritor alemão com o oriente. Maciel dá um destaque especial à temática hesseana, que se coloca em plena sintonia com os leitores das décadas de sessenta e setenta, os quais, assim como Hesse, consideram a vida prática acima das teorias. O autor ainda revela o realce dado ao individualismo de Hermann Hesse, entendido como intuito curativo de “extrair da alma humana a seta da ignorância e a dor que a limite”.

MAGALHÃES, Fernando. *Siddhartha ou uma lição da luz*. 4 jun. 2002. Disponível em: <<http://www.publico.clix.pt/docs/cm/atores/hermannHesse/licaoDeLuz.htm>>. Acesso em 22 dez. 2006. Breve texto promocional acerca do lançamento da obra *Sidarta*, de Hermann Hesse.

MAGALHÃES, Fernando. *Siddhartha*, de Hermann Hesse. *Coleção Mil Folhas*, 4 de jun. de 2002. Disponível em: <<http://www.publico.clix.pt/docs/cm/atores/hermannHesse/licaoDeLuz.htm>>. Acesso em

13 jan. 2004. Pequena nota do lançamento de *Sidarta*, do escritor alemão. O autor aponta as principais características da obra e recomenda a sua leitura.

JAFFÉ, Aniela (org). *Cartas de C. G. Jung*. Trad. Edgard Orth. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 2. p. 158-159; 170-173. Livro (carta). Trata-se de troca de correspondências entre Jung e Hesse. As cartas contêm agradecimentos a respeito de datas comemorativas de aniversários e troca de impressões de leitura.

MORRE filho de Hermann Hesse. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 abr. 2003. Ilustrada, s/p. Nota sobre a estreita ligação que o filho de Hermann Hesse tinha com o pai. A breve nota de falecimento destaca também que o filho morreu aos 94 anos de idade.

WERNECK, Guilherme. Realização pessoal é a busca em *Sidarta*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 set. 2003, Ilustrada, s/p. Texto publicado por ocasião do lançamento de nova edição do romance *Sidarta*. O texto contém uma pequena biografia do escritor, além de informações acerca do enredo e do contexto em que foi produzido o romance em questão. Guilherme Werneck também observa a afinidade existente entre as idéias de Hesse e a chamada geração beat, colocando o escritor ao lado de escritores como Allen Ginsberg, Jack Kerouac e Aldous Huxley.

CASTRO, Nil. Hermann Hesse e O lobo da estepe: só para loucos. 21 out. 2003. Disponível em: <<http://www.poppycorn.com.br/artigo.php?tid=259>>. Acesso em 29 dez. 2006. Pequeno estudo da biografia de Hermann Hesse destaca as formulações filosóficas presentes na obra *O lobo da estepe* e acentua o caráter contestador presente nas obras hesseanas.

FALCÃO, Waldemar. *Prefácio*. In. HESSE, Hermann. *Narciso e Goldmund*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. Este prefácio trata basicamente a respeito da temática hesseana. Falcão aborda com propriedade os dilemas das personagens de Hesse, bem como as influências contextuais vividas pelo próprio escritor. É válido notar que o crítico apenas menciona a biografia de Hermann Hesse, sem relacioná-la diretamente aos seus romances. Em todo o texto, Falcão também destaca o caráter dialético da obra do escritor alemão, especialmente em *Narciso e Goldmund*. Neste caso, relaciona-a à razão do eco que obteve com a geração de 60, a espiritualidade contemporânea e a “quebra de paradigmas do mundo ocidental”.

JOGO das contas de vidro, de Hermann Hesse; romance. 5 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.record.com.br/detalhe.asp?tituloLivro=2165>>. Acesso em 22 dez. 2006. Breve explanação biográfica sobre Hermann Hesse que, além de recomendar a leitura da obra *O jogo das contas de vidro* aponta a aproximação de Hesse com o oriente e sua reaproximação com o cristianismo.

ANGELO, Maurício Gomes. Demian, 1984 e nós: natureza, conseqüência ou burrice?: um comparativo... 22 nov. 2004. Disponível em: <<http://www.duplipensar.net/george-orwell/2004-12-demian-hesse-1984-orwell.html>>. Acesso em 29 dez. 2006. Trata-se de breve estudo comparativo entre Hermann Hesse e George Orwell. O texto destaca o caráter existencial na obra dos dois escritores para tecer indagações acerca da ação do homem frente às provocações da realidade.

MICHAELLES, Regine Margarethe. *Hermann Hesse – Clarice Lispector: as fronteiras da noite*. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro¹⁴.

ENNE, A. L. S. O Defensor do indivíduo: Hermann Hesse e o processo de massificação nas primeiras décadas do século XX. *Alceu*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 94-115, 2005. Trabalho acadêmico. Neste texto, a autora trabalha com a tese de que Hermann Hesse estaria fundamentado em duas características distintas: como “herdeiro legítimo do Romantismo” e também como “vivenciador de seu próprio tempo”. Outras duas concepções são abordadas neste estudo, em decorrência destas duas primeiras: a preocupação de Hesse com a construção da identidade em tempos de modernidade, e a implicação da cultura de massa nas experiências vividas pelo homem ocidental.

HARTL, Ingeborg. *O jogo das contas de vidro, de Hermann Hesse: uma dialética reflexiva*. Disponível em: <<http://www.apario.com.br/index/boletim.php>>. Acesso em 14 out. 2005. Boletim n. 34. Artigo em meio eletrônico. Neste artigo, a autora discorre predominantemente a respeito da temática e das idéias pertinentes à obra hesseana *O jogo das contas de vidro*. Segundo Hartl, a “espiritualidade humanística” do escritor é veiculada com vistas a expressar suas reflexões sobre o “jogo do poder, [o] jogo da vida no qual todos estamos inseridos”. Ao

¹⁴ Material não localizado na biblioteca pesquisada.

final do artigo, encontramos uma breve bibliografia de literatura alemã e de psicologia, tanto em língua portuguesa como em língua alemã.

BIBLIOGRAFIA CRÍTICA COMENTADA

Textos não datados

BRITO, Mário da Silva. O Fabulista Hermann Hesse. In: HESSE, Hermann. *O Livro das Fábulas*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d. Na orelha do livro, Mario da Silva Brito apresenta o livro como um conjunto de obras compostas ao longo de vinte anos, em que parte “da aurora do mundo” e chega até dias contemporâneos e até mesmo às futuras atmosferas de encantamento e sedução. Relaciona o talento fabulista de Hesse aos seus conhecimentos teológicos e sua sabedoria oriental.

CABRAL, Álvaro. Este lado da vida. In: HESSE, H. *Este Lado da Vida*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d. Orelha. Neste texto, Álvaro Cabral atribui o sucesso de Hesse entre os jovens às constantes revoltas de seus personagens, marcados por “inconformismo romântico”, contra o *Establishment*. Afirma ainda que deste modo o escritor atingiria todos os jovens, inclusive os *hippies*. Além disso, caracteriza a obra de Hesse como o “mais belo conjunto de peças de câmara da prosa alemã deste século” (XX).

JOGO das Contas de Vidro: Hermann Hesse. In: HESSE, H. *O Jogo das Contas de Vidro*. Trad. Lavínia Abranches Viotti e Flávio Vieira de Souza. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, s.d. Orelha anônima. Neste breve texto, o autor comenta a rebeldia e constantes fugas de Hermann Hesse, mencionando sua busca pela paz e harmonia. No final, o orelhista relaciona a obra em questão com a “reconciliação do escritor com o mundo da infância, a casa paterna e a austeridade religiosa de sua família”, momento em que cessam-lhe os conflitos.

PEQUENAS Alegrias. In: HESSE, Hermann. *Pequenas Alegrias*. Trad. Lya Luft. 2. ed. São Paulo: Record, s.d. Posfácio de Volker Michels traduzido da edição alemã, Cronologia e Orelha de Lya Luft. Na orelha, Lya Luft caracteriza a clara evolução do espírito de Hesse, que parte de escritos realizados em seus vinte e dois anos, nos quais apreciava a arte de viver com moderação os prazeres da vida, e aos 83 anos, finaliza sua carreira com textos carregados de sobriedade e certa melancolia, valendo-se de temas que giram em torno de sua personalidade, filosofia e arte.

SOBRE a Guerra e a Paz: Hermann Hesse. In: HESSE, H. *Sobre a Guerra e a Paz*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, s.d. Prefácio de Hermann Hesse à edição alemã de 1946 e

Orelha anônima. No prefácio (traduzido), o próprio Hermann Hesse comenta a respeito da organização da obra. Revela as fontes que lhe inspiraram a compor as reflexões a respeito dos temas “políticos” e sua atitude em face de julgamentos relativos a valores morais. Na orelha anônima, o texto versa a respeito de outros textos de Hermann Hesse relacionado à mesma temática “política”.

UNSELD, Siegfried. Posfácio. In: HESSE, Hermann. *Minha Fé*. Trad. Luiza L. Leite Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, s.d. Posfácio traduzido de Siegfried Unseld. Trata-se de texto, de caráter informativo, a respeito do contexto do aparecimento desta obra.

UNSELD, Siegfried. Posfácio. In: HESSE, H. *Obstinação*. Trad. Belchior Cornélio da Silva. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, s.d. Posfácio traduzido de Siegfried Unseld. Neste texto, o autor discorre a respeito da seleção dos textos que compõe *Obstinação*. Sendo que em seguida trata de algumas temáticas presentes na obra, além de examinar suas idéias e atitudes junto ao contexto de sua vida.

ZIOLKOWSKI, Theodore. Introdução. In: HESSE, Hermann. *Minha Vida*. Trad. Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Artenova, s.d. Introdução da obra. Neste texto, o autor constata o modelo autobiográfico das obras hesseanas, em que “se inclina a mesclar-se em ficções”. Em um outro momento, o autor traça a cronologia de Hermann Hesse, para em seguida argumentar a “roupagem transitória” tanto dos personagens fictícios, tanto como a do próprio escritor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de coleta e reflexão acerca dos dados que direcionaram este trabalho, foi possível perceber o percurso da recepção da obra de Hermann Hesse no Brasil, desde 1935, até à transformação dessa obra em fenômeno editorial e comercial, especialmente nos anos de 1960 e 1970.

A presença de críticos renomados como Otto Maria Carpeaux, Anatol Rosenfeld e Erwin Theodor, entre outros, que se debruçaram sobre os seus escritos nos ajudam a compor parte de uma história da leitura de Hesse no Brasil. A partir dos dados aqui obtidos, pudemos verificar a intensidade que se leu (e ainda se lê) Hermann Hesse no Brasil, e em que momentos do século XX isso mais ocorreu dentro do cenário cultural paulista¹⁵.

O estudo de 135 textos recolhidos e analisados permitiu-nos uma lista representativa da recepção do escritor no Brasil, possibilitando averiguarmos as circunstâncias em que ocorreram as relações entre o escritor, a obra e os seus leitores brasileiros, mediados neste caso por jornalistas e pesquisadores acadêmicos, que atuaram na formação dessa fortuna crítica.

Ao investigarmos as leituras dos estudiosos da literatura hesseana, detectamos duas vertentes de maior destaque, as quais se constituíram de características representativas do conjunto dessa recepção crítica.

Numa primeira vertente, que constitui a maior parte dos textos, identificamos ora uma crítica muito comprometida com a vida do escritor, - ou seja, em aspectos *externos* da literatura de Hermann Hesse, - ora uma crítica com uma abordagem mais interessada nos aspectos literários *internos* da obra hesseana.

Na segunda vertente, temos uma menor parte da crítica na qual há uma combinação dialética entre os fatores biográficos (externos) e os fatores estruturais (internos) da obra hesseana.

O primeiro tipo de abordagem crítica foi mais constante e, no entanto, periférico. Os críticos dessa tendência apresentaram Hesse como um escritor de caráter “quixotesco, antiquado, saudosista de um mundo idílico contra a realidade industrial”, como aponta Haag (1999). Outras vezes, consideraram-no ícone da juventude dos anos de 1960.

Pôde-se chegar à percepção de que muitos desses autores ora evidenciados associaram indistintamente vida e obra do escritor Hermann Hesse, o que a nosso ver deixou de mostrar a

¹⁵ Os textos referentes ao cenário cultural carioca foram incorporados à pesquisa na medida em que foram localizados em bibliotecas e acervos paulistas, colaborando - parcialmente - para a extensão do campo de pesquisa e coleta de textos críticos.

riqueza literária envolta em ambos os aspectos. Esse biografismo encontrado em muitos textos desqualifica a produção literária quando condiciona a estrutura da obra de arte à vida do seu criador, segundo Antonio Candido (1975).

A crítica aqui referida delineia uma posição segundo a qual o conhecimento da vida do escritor se faz sempre necessário para um melhor entendimento do conteúdo da sua obra. Esse ponto de vista torna-se problemático quando deixa de apenas contextualizar a produção da obra para considerar a biografia um fator imprescindível para a sua compreensão.

De uma maneira geral, tal abordagem fica muito clara nos paratextos, bem como nos textos publicados por ocasião do lançamento de alguma obra específica, os quais visavam apenas à promoção de determinadas edições. Exceção é o artigo de Mário Pontes, publicado no *Jornal do Brasil* (6 set. 1980), em razão da publicação do volume *Correspondência entre amigos*, em que o autor procura apresentar criticamente o escritor; aliás, como o próprio título do texto aponta: “Hesse sem exotismo”.

O que vale ressaltar é que esse tipo de crítica colaborou para ampliar o conhecimento de suas obras, ao passo que os artigos laudatórios (por ocasião de centenário, lançamentos de obras, etc.) e introdutórios à obra (prefácios, orelhas, etc.) ocupam lugar de destaque no conjunto dessa recepção crítica.

O outro segmento da crítica aqui estudada aprofundou as questões estruturais da obra hesseana e abordam-na de forma não somente biográfica e superficial; nesse segmento, valorizou-se o equilíbrio ou um diálogo combinado de modo que o Escritor (opositor da era folhetinesca e representante da literatura do século XX) e o Homem (solitário e contestador) formassem um todo legítimo.

Neste caso, os aspectos e significados artísticos do escritor são abordados por alguns renomados críticos literários e professores de literatura alemã das primeiras décadas de sua recepção aqui estudada: Otto Maria Carpeaux, Anatol Rosenfeld e Erwin Theodor, assim como mais recentemente Léo Gilson Ribeiro, Waldemar Falcão e Luiz Carlos Maciel, o qual atualmente participa da produção dos prefácios de algumas obras relançadas.

Vale ressaltar que tais críticos apresentam-se como leitores ideais, capazes de aproximar e tornar mais acessível a obra hesseana ao leitor brasileiro, na medida em que contribuem para sua formação.

Essas notáveis exceções souberam situar a obra hesseana dentro das condições da sociedade moderna ocidental, cujo modelo de comportamento era colocado à prova por uma parcela contestadora e ruidosa da sociedade das décadas de 1960 e 1970.

Justamente neste momento em que a reedição de livros do escritor tinha seus números mais elevados, a visão da crítica sobre sua obra foi revista sob a perspectiva de novos arquétipos, ou seja, a partir de um novo paradigma decorrente do *Zeitgeist* (espírito do tempo) capaz de despertar um diálogo mais vivo com seus leitores naquele contexto.

Neste sentido verificamos, por meio da fortuna crítica estudada, questões temáticas importantes no estabelecimento das relações sociais que representam, uma vez que correspondem às expectativas relativas às necessidades espirituais e materiais daquela geração contestadora da sociedade moderna ocidental.

Naquele momento, um novo paradigma era requisitado e Hermann Hesse configurava uma alternativa quer pela temática de sua obra, quer por seu comportamento individual. Desse modo o que era examinado na obra hesseana era o sentido contestador e humanista - que apontava para uma revolução que partisse de dentro do indivíduo - e o combate à massificação contextualizada pela conjuntura política e econômica daquele período (1960-1970).

A problemática se dá quando Hesse/homem é levado muito a sério, em detrimento de Hesse/escritor, que é lido com pouco cuidado. Daí o equívoco da juventude daquela época em tomá-lo como manual, visto que suas idéias não são funcionais – embora mereçam todo o respeito de seus leitores, como aponta Haag (1999).

Os poucos artigos, teses e dissertações, ou seja, o silêncio da crítica acadêmica revela o quanto são minguentes, quantitativamente, as pesquisas a respeito de Hermann Hesse e mostra como ainda a Universidade deve ampliar e aprofundar os estudos sobre sua obra. Esses raros trabalhos interessam-nos na medida em que abordam - cuidadosamente - os valores literários da obra hesseana. As críticas mais aprofundadas por meio dos estudiosos ligados à Universidade abriram espaços para que novos estudos acadêmicos surgissem, a fim de que a obra hesseana pudesse ser examinada mais detidamente.

Esperamos que esse trabalho possa contribuir para essa linha crítica acadêmica, justamente por seu caráter heurístico, uma vez que reúne um conjunto ainda parcial, porém significativo das leituras críticas de Hermann Hesse no Brasil, incluindo o resumo de todas elas, bem como a transcrição dos textos mais relevantes e de outros menos acessíveis.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Bibliografia Teórica

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro: 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação*. Rio de Janeiro: 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro: 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10522: Abreviação na descrição bibliográfica*. Rio de Janeiro: 1988.

BAUMGARTEN, C. A. A Província de São Pedro e a história da literatura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 4, p. 81-88, out., 1967.

BOESCH, B. *História da Literatura Alemã*. São Paulo: Editora Herder, 1967.

BORDINI, M. G. M ; AGUIAR, V.T. *Literatura: A Formação do leitor, alternativas metodológicas*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRINK, C. Hermann Hesse und seine wirkung in brasilien. *Língua e literatura: Revista dos Departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*, São Paulo, ano VIII, v. 8, p. 69-81, 1979.

CANDIDO, A. *et al. A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARPEAUX, O. M. *A Literatura Alemã*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

CARVALHAL, T.F.; COUTINHO, E.F. *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CLEMENTE, E. A crítica literária na Província de São Pedro. *Letras de Hoje: Anais do III Seminário Internacional de História da Literatura*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 153-159, jun., 2001.

COSSON, R. Uma outra história sobre as relações do jornalismo com a literatura na década de 70. *Letras de Hoje: Anais do III Seminário Internacional de História da Literatura*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 305-312, jun., 2001.

COSTA, Marco Antonio Margarido. *Um estudo sobre a contribuição da crítica para a percepção das obras de Jack Kerouac traduzidas no Brasil*. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado), FFLCH, Universidade de São Paulo. Orientador: Regina Helena Elias Alfarano.

CRUZ, Celso Donizete. *Metamorfoses de Kafka: Imagens do autor e da obra no paratexto de edições brasileiras de A Metamorfose*. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado), FFLCH, Universidade de São Paulo. Orientador: João Azenha Jr.

DORNBUSCH, Cláudia S. *A literatura alemã nos trópicos: uma aclimatação do cânone nas universidades brasileiras*. São Paulo: Annablume, 2005.

DORNBUSCH, Cláudia et al. A recepção da literatura alemã no Brasil, *Cadernos da Semana de Literatura Alemã Contemporânea*, São Paulo, Universidade de São Paulo, n.4, 1991.

EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECO, U. *As Formas do Conteúdo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ECO, U. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1996.

FERREIRA, E. *Personagens e características na literatura - Análise, Teoria*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1975.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

MANGARIELLO, María Esther; GAVIÑA, Graciela Wamba. La recepción de Hesse en la Argentina. In: MODERN, Rodolfo E. *Hermann Hesse 1877-1977: homenaje em su centenário*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 1977.

JASCHKE, O. L. Z. M. *A Recepção Crítica de Gustave Flaubert no Brasil*. Assis: 2000. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Estadual Paulista de Assis.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JUNG, C. G. Cartas de C. G. Jung. Trad. Edgard Orth; editado por Aniéla Jaffé; em colaboração com Gerhard Adler. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 159; 171-172.

KAYSER, W. *Análise e interpretação da obra literária: Introdução à ciência da literatura*. 2. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1958.

LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção Hans Robert Jauss... et al.*; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MALNIC, Margot Petry. *Aspectos da recepção de Brecht no Brasil*. São Paulo, 1980. Dissertação (Mestrado), FFLCH, Universidade de São Paulo. Orientador: Erwin Theodor Rosenthal.

MARTINI, F. *História da literatura alemã: do romantismo à atualidade*. Rio de Janeiro: Estúdios Cor, 1974.

MICHELS, V. *Hermann Hesse: vida y obra en imagenes*. Trad. Felipe Boso. Frankfurt: Insel Verlag, 1977.

MOREIRA, A. T. C. Revista Província de São Pedro: órgão por excelência da província brasileira. *Letras de Hoje: Anais do III Seminário Internacional de História da Literatura*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 37-44, jun., 2001.

MOYSÉS, M. *A Criação Literária*. São Paulo: Cultrix, 1997.

NORTHROP, F. *Anatomia da Crítica*. Trad. Péricles Eugênio. São Paulo: Cultrix, 1973.

NUNES, F. M. L. História da literatura alemã de Eloá Heyse e Ruth Roehl. *Fragmentos: Revista do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 141-143, jan./jun., 1988.

NUNES, R. *Manual da Monografia: como se faz uma monografia, uma dissertação, uma tese*. São Paulo: Saraiva, 2003.

OLINTO, H. K. *Histórias de literatura: As novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, A. M. D. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*; colaboração de Jane Christina Pereira, Luciana Ferreira Leal. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945-1957.

PANDOLFI, M. A. *A Recepção Crítica de Manuel Antônio Álvares de Azevedo*. Assis: 2000. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Estadual Paulista de Assis.

PAZ, O. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PEREIRA, Paulo Fernando de Camargo. *A recepção de José Saramago no Brasil*. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado), FFLCH, Universidade de São Paulo. Orientador: Elza Mine.

ROSENFELD, A. *Letras Germânicas*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ROSENFELD, A. *Texto/Contexto*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1973.

SCHÜLER, D. *A teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989.

SEGATTO, J. A.; BALDAN, U. *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

SEGOLIN, F. *Personagem e Anti- Personagem*. São Paulo: Cortez & Moraes Ltda, 1978.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 1997.

SOUSA, Celeste H. M. Ribeiro et al. A recepção da obra de Franz Kafka no Brasil, *Revista Pandemonium Germanicum: Revista de Estudos Germânicos*, n.9, p. 227-253, São Paulo, 2005.

THEODOR, E. *Introdução à Literatura Alemã*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1968.

WEINHARDT, Marilene. *O Suplemento Literário d' O Estado de S. Paulo, 1956-67: Subsídios para a história da crítica literária no Brasil*. São Paulo, 1982. Dissertação (Mestrado), FFLCH, Universidade de São Paulo. Orientador: Antônio Dimas de Moraes.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

Bibliografia de Hermann Hesse

HESSE, Hermann. *Andares: Antologia Poética*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

_____. *Cartas escogidas*. Compilación de Hermann Hesse y Ninon Hesse. Trad. Maria A. Gregor. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980.

_____. *Demian: História da juventude de Emil Sinclair*. Trad. Ivo Barroso. 4. e 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969-2000. Inclui orelha de Otto M. Carpeaux (1969) e prefácio e orelha de Ivo Barroso (2000).

_____. *Este Lado da Vida*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d. Inclui orelha de Álvaro Cabral.

_____. *Gertrud*. Trad. Mário da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. Inclui orelha de Mariano Torres.

_____. (org.). *Histórias Medievais*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 1976. Inclui introdução de Hermann Hesse e orelha de Lya Luft.

_____. *Minha Fé*. Trad. Luiza L. Leite Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, s/d. Inclui posfácio traduzido de Siegfried Unseld e orelha.

_____. *Minha Vida*. Trad. Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Artenova, s/d. Inclui introdução de Theodore Ziolkowski.

_____. *Narciso e Goldmund*. Trad. Myriam Moraes Spiritus. São Paulo: Brasiliense, 1969. Inclui orelha.

_____. *Obstinação*. Trad. Belchior Cornélio da Silva. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, s/d. Inclui posfácio traduzido de Siegfried Unseld.

_____. *O Jogo das Contas de Vidro*. Trad. Lavínica Abranches Viotti e Flávio Vieira de Souza. 4. e 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970. Inclui prefácio de Nogueira Moutinho (1970) e orelha (s/d).

_____. *O livro das fábulas*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d. Inclui orelha de Mario da Silva Brito.

_____. *O lobo da estepe*. Trad. Augusto de Souza. São Paulo: Cultura brasileira, 1935.

_____. *O lobo da estepe*. Trad. Ivo Barroso. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. Inclui orelha de Franklin de Oliveira.

_____. *Para ler e guardar*. Trad. Belchior Cornélio da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. Inclui orelha.

_____. *Pequeno mundo*. Tra. Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. Inclui orelha de Mariano Torres.

_____. *Peter Camenzind*. Trad. Myriam Moraes Spiritus. São Paulo: Brasiliense, 1972. Inclui orelha.

_____. *Pequenas alegrias*. Trad. Lya Luft. 2. ed. São Paulo: Record, s/d. Inclui posfácio traduzido de Volker Michels da edição alemã, cronologia e orelha de Lya Luft..

_____. *Rosshalde*. Trad. Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. Inclui orelha de Mário da Silva Brito.

_____. *Sidarta*. Trad. Herbert Caro. 12. e 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974-1976. Inclui orelha de Otto M. Carpeaux (1974) e prefácio de Luiz Carlos Maciel e orelha (1976).

_____. *Sobre a Guerra e a Paz*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, s/d. Inclui prefácio de Hermann Hesse à edição alemã de 1946 e orelha.

_____. *Viagem ao Oriente*. Trad. Leda M. G. Maia. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. Inclui orelha de Mariano Torres.

Bibliografia sobre Hermann Hesse

ANGELO, Maurício Gomes. Demian, 1984 e nós: natureza, consequência ou burrice?: um comparativo... 22 nov. 2004. Disponível em: <<http://www.duplipensar.net/george-orwell/2004-12-demian-hesse-1984-orwell.html>>. Acesso em 29 dez. 2006.

ANGELLOZ, J. F. A época contemporânea. In: _____. *A literatura alemã*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1956. p. 117-130. (Coleção Saber Atual).

ANDARES. In: HESSE, Hermann. *Andares: Antologia Poética*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

ASCHER, Nelson. Hesse estiliza traumas da juventude. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 abr. 1999.

BACIU, Stefan. Os setenta e cinco anos de Hermann Hesse, *Correio da Manhã*, Distrito Federal, 16 ago. 1952.

BARROSO, Ivo. Prefácio. In: HESSE, Hermann. *Demian: História da juventude de Emil Sinclair*. Trad. Ivo Barroso. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

BECHERUCCI, Bruna. Vigor agressivo. *Veja*, São Paulo, 31 dez. 1975.

BECHERUCCI, Bruna. A magia de Hesse. *Veja*, São Paulo, 8 dez. 1976.

BECHERUCCI, Bruna. Hermann Hesse, enigmático e culto. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 25 set. 1982.

BRITO, Daniel Brilhante. Os oitenta anos de Hermann Hesse, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1957, p. 6-7.

BRITO, Mario da Silva. Rosshalde. In: HESSE, Hermann. *Rosshalde*. Trad. Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BRINK, C. A Obra de Hesse no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1980. Suplemento Cultural: Letras, p. 11-12.

BOESCH, Bruno (org). *História da literatura alemã*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1967. p. 422-425, 444-451. Capítulo de livro.

BOLOGNINI, Carmen Zink. *História e gestos de interpretação*. Campinas: UNICAMP, 199-, p. 100-108.

BROWNE, P. R. Pobre adágio. *Veja*, São Paulo, 14 ago. 1974.

CARANDELL, José M. *Conhecer Hermann Hesse e sua obra*. Lisboa: Ulisséia, s/d.

CARPEAUX, Otto Maria. Sidarta. In: HESSE, Hermann. *Sidarta*. Trad. Herbert Caro. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

CARPEAUX, Otto Maria. Expressionismo. In: _____. *A literatura alemã*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 194-222. Capítulo de livro.

CAMPOS, Geir. Poesia alemã. [S.l]: Ministério da Educação e Cultura, 1960.

CAMPOS, Pedro Moacyr. *Conferência: Hermann Hesse e a História*. *Revista de História*, São Paulo, ano IX, v. XVII, n. 36, p. 289-311, 1958.

CAMPOS, Pedro Moacyr. As Fontes do Individualismo de Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 maio 1958. *Literatura e Arte*, ano LXXIX, n. 25460.

CAMPOS, Pedro Moacyr. A Auto-educação em Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 jun. 1958. *Suplemento Literário*, ano II, n. 86, p. 3.

CAMPOS, Pedro Moacyr. A idade média na obra de Hermann Hesse. São Paulo: Sociedade de Estudos Históricos; Universidade de São Paulo, 1972. n. 90, v. XLIV, a. XXIII. p. 357-379.

CARPEAUX, Otto Maria. Um romance imortal. In: HESSE, Hermann. *Demian: História da juventude de Emil Sinclair*. Trad. Ivo Barroso. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

CARPEAUX, Otto Maria. O Caminho de Hesse. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 75-81, mar. 1947.

CARPEAUX, Otto Maria. As revoltas modernistas. In: _____. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. p. 3031-3041. Capítulo de livro.

CASTRO, Acyr. Hermann Hesse: o centenário de um rebelde não violento. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 4, 2 jul. 1977. Resenha de periódico.

CASTRO, Nil. Hermann Hesse e O lobo da estepe: só para loucos. 21 out. 2003. Disponível em: <<http://www.poppycorn.com.br/artigo.php?tid=259>>. Acesso em 29 dez. 2006.

CARTAS de Gênios, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1980.

CARVALHO, Bernardo. Só para loucos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 maio 2000.

CAVALCANTI, C. A prosa expressionista: Controvérsias do gênero. In: _____. *A literatura expressionista alemã*. São Paulo: Editora Ática, 1995. p. 56.

CHAVS, Nina. No cinema pela primeira vez um romance de Hesse: *Sidarta*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1972.

COSTA, Flávio Moreira. Roteiro para conhecer Hermann Hesse, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1976.

CUNHA, Fausto. A volta do lobo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1972.

CUNHA, Fausto. Um espírito guia da juventude. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1972.

D'AMARAL, Márcio Tavares. Hesse, toda a poesia, simples vida. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 fev. 1976.

DE *DEMIAN* às *Contas de vidro*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1971.

DEKKER, Ingeburg. *Metamorfozes de Píktor*: um conto de Hermann Hesse. São Paulo, 1978, 122. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Trabalho acadêmico.

DESENHOS e aquarelas de Hesse. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1973.

ESTILL, Daniel A. Escritor disfarçado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1987.

ENNE, A. L. S. O Defensor do indivíduo: Hermann Hesse e o processo de massificação nas primeiras décadas do século XX. *Alceu*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 94-115, 2005.

ENTRE *Goldmund E Narciso*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1971.

ESPESHIT, Antônio. Hermann Hesse e o Expressionismo Alemão. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9 jan. 1982. Suplemento Literário, ano XV, n. 797, p. 2.

FABER, Walter. Hesse Revisto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural: Letras, ano I, n. 38, p. 4-5.

FALCÃO, Waldemar. *Prefácio*. In: HESSE, Hermann. *Narciso e Goldmund*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FELICIDADE. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 abr. 1999.

FERRAZ, Geraldo Galvão. Tributo à moda, *Veja*, São Paulo, 31 jan. 1973. Literatura, p. 88.

FERRAZ, Silvia Barbosa. Hermann Hesse e o verão. In: _____. *Filtros Mágicos*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura Comissão de Literatura, 1960.

FERRAZ, Sílvia Barbosa. Hermann Hesse e o Verão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 jul. 1957. Suplemento Literário, ano I, n. 40, p. 3.

FERREIRA, Rodrigo Gil. Um coração aberto para o mundo. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 8 ago. 1992. Caderno de Sábado, p. 4.

FIORILLO, Marília Pacheco. Para adormecer. *Veja*, São Paulo, 12 nov. 1980.

FILÃO Esgotado. *Revista Veja*, São Paulo, n. 136, p. 66, 14 abr. 1971.

FILHO, Aires da M. M. Ascensão Literária da Alemanha. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 ago. 1973. Suplemento Literário, ano VIII, n. 364.

FLACHSKAMPI, Ludwig. O último poema de Hermann Hesse. *Humboldt*, Hamburgo/São Paulo, ano 4, n. 10, p. 79-83, 1964. Artigo de periódico.

FLEXA, Jair Arco e. [Hermann Hesse], *Isto é*, São Paulo, 2 set. 1987.

GREENSBURG, Martin. Hermann Hesse: uma certa banalidade romântica. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 27 mar. 1976.

GOMES, Márcio dos Santos. Budismo: a verdadeira viagem de Hermann Hesse ao oriente. In: Semana de Estudos Anglo-Germânicos, 1993, Rio de Janeiro. *Caderno de Letras*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 9, 1993.

HAAG, Carlos. O eterno retorno do alemão que amava a indisciplina. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 jan. 1999.

HARTL, Ingeborg. *O jogo das contas de vidro, de Hermann Hesse: uma dialética reflexiva*. Disponível em: <<http://www.apario.com.br/index/boletim.php>>. Acesso em 14 out. 2005. Boletim n. 34.

HEISE, H.; RÖHL, R. A literatura de passagem do século: Caminhos do romance. In: _____. *História da literatura alemã*. São Paulo: Editora Ática, 1986. p. 68-69.

HEISE, Eloá; RÖHL, Ruth. Caminhos do romance. In: _____. *História da literatura alemã*. São Paulo: Ática, 1986. p. 68-69. Capítulo de livro.

HERMANN Hesse, O jogo do lobo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1971.

HERMANN Hesse, prêmio Nobel de 46. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1947. Não paginado.

HERMANN Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 set. 1960. Suplemento Literário, ano IV, p. 4.

HERMANN Hesse, o centenário de um mágico, *O globo*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1977.

HERMANN Hesse: Peter Camenzind. In: HESSE, Hermann. *Peter Camenzind*. Trad. Myriam Moraes Spiritus. São Paulo: Brasiliense, 1972.

HERMANN Hesse, oito contos sobre temas juvenis. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jan. 1984.

HERMANN Hesse. Rubedo: revista de psicologia. 4 ago. 2000. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/Revista/record/textos/hesseger.htm>>. Acesso em 25 dez. 2006.

HESSE: A aventura do lobo solitário. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural, ano. I, n. 38.

HOMEM que sempre foi um grande solitário... *Jornal de S. Paulo*, São Paulo, 26 jan. 1947. Não paginado.

ÍDOLOS dos hippies. *Veja*, São Paulo, 28 out. 1970. Literatura, p. 79-80.

IGLESIAS, Francisco. Sobre Hermann Hesse, *O Estado de S. Paulo*, 2 set. 1947. Não paginado.

JAFFÉ, Aniela (org). *Cartas de C. G. Jung*. Trad. Edgard Orth. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 2. p. 158-159; 170-173.

JOGO das contas de vidro, de Hermann Hesse; romance. 5 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.record.com.br/detalhe.asp?tituloLivro=2165>>. Acesso em 22 dez. 2006.

JOVEM aluno do Convento. In: HESSE, H. *Narciso e Goldmund*. Trad. Myriam Moraes Spiritus. São Paulo: Brasiliense, 1969.

JUNG e Hesse, os “gurus” modernos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1972.

KOHNEN, Mansueto. A espiritualização do impressionismo. In: _____. *História da literatura germânica*. Rio de Janeiro: Mensageiro da Fé, 1962. v. 3. p. 180-191.

LAGE, Alfredo. Hesse: A Busca da Sabedoria I. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 abr. 1970. Suplemento Literário, ano 14, n. 668, p. 5.

LAGE, Alfredo. Hesse: Salvação e História II. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 maio 1970. Suplemento Literário, ano 14, n. 669, p. 4.

LIÇÕES do velho guru. *Época*, São Paulo, 21 jun. 1999.

LISBOA, Luís Carlos. Hermann Hesse, ou o mundo sem guerras do homem solitário, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 ago. 1972.

LISBOA, Luiz Carlos. A Solidão de Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 ago. 1984. Suplemento Cultura, ano IV, n. 217, p. 1-2.

LOUZADA FILHO, O. C. Amizade em nome da resistência humanista. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 jul. 1981.

LUFT, Lya. [Orelha]. In: HESSE, Hermann (org.). *Histórias Medievais*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 1976.

MACIEL, Luis Carlos. Hermann Hesse, 100 anos. *Revista Veja*, São Paulo, n. 552, p. 124, 6 jul. 1977.

MACIEL, Luiz Carlos. Prefácio. In: HESSE, Hermann. *Sidarta*. Trad. Herbert Caro. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGALHÃES, Fernando. Siddharta, de Hermann Hesse. *Coleção Mil Folhas*, 4 de jun. de 2002. Disponível em: <<http://www.publico.clix.pt/docs/cm/f/autores/hermannHesse/licaoDeLuz.htm>>. Acesso em 13 jan. 2004.

MAGALHÃES, Fernando. *Siddhartha ou uma lição da luz*. 4 jun. 2002. Disponível em: <<http://www.publico.clix.pt/docs/cm/f/autores/hermannHesse/licaoDeLuz.htm>>. Acesso em 22 dez. 2006.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 198-203. Capítulo de livro.

MENDES, Oscar. Para ler e pensar. *Minas Gerais*, Suplemento Literário, 10 jan. 1976.

MENEZES, Carlos. Na Floresta Negra, há 100 anos, nascia Hermann Hesse. *O Globo*, Rio de Janeiro, 05 jul. 1977.

MICHAELLES, Regine Margarethe. *Hermann Hesse – Clarice Lispector: as fronteiras da noite*. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MIDDLETON, Christopher. Relinchando ao vento. *Cadernos de Opinião*, São Paulo/Rio de Janeiro, p. 56-64, jul. 1979. Artigo de periódico.

MISTICISMO e vanguarda na obra de Hermann Hesse. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1972.

MORAES, Carlos Dante de. Impressão do *O Lobo da Estepe*. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 2, n. 5, p. 56-60, jun. 1946.

MORRE filho de Hermann Hesse. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 abr. 2003. Ilustrada, s/p.

MORREU Hermann Hesse, O Renovador da Novela Alemã. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 ago. 1962, p. 8.

MOUTINHO, Nogueira. Em memória de Hermann Hesse. [S.l.], 19 ago. 1962.

MOUTINHO, Nogueira. Prefácio. In: HESSE, H. *O Jogo das Contas de Vidro*. Trad. Lavínia Abranches Viotti e Flávio Vieira de Souza. Prefácio de Nogueira Moutinho. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970.

MOUTINHO, José G. N. Perfis e Sombras: A Diversidade da Literatura Alemã. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano VIII, n. 549, p. 9, 16 fev. 1991.

MOUTINHO, Nogueira. A fantasia e a razão. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1971.

MOUTINHO, Nogueira. *Rosshalde*: um relato do jovem Hermann Hesse, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jan. 1973.

NOVAES, Luís Antônio. Um velho cult, *Leia*, São Paulo, ago. 1987, p. 38.

OBRY, Olga; BALTÉ, Teresa. Hermann Hesse: pensamentos. *Humboldt*, Munique/São Paulo, ano 17, n. 36, p. 45-49, 1977. Artigo de periódico.

ONETO, João Domenech. O Encanto de Hermann Hesse. *Jbonline*, Rio de Janeiro: 10 jul.1999, Idéias, p. 3. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/>>. Acesso em 8 jul. 2005.
[ORELHA]. In: HESSE, Hermann. *Demian*: História da juventude de Emil Sinclair. Trad. Ivo Barroso. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ÖSTERLING, A. Discurso de recepção pronunciado por Anders Österling... Trad. Bella Josef. In: HESSE, H. *Sidarta*: Um poema indiano. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1970. p. 17-22.

O JOVEM Hesse. *Veja*, São Paulo, 18 ago. 1971. Literatura, p. 74.

OLIVEIRA, Franklin. Aurora, dialética de Hesse. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 02 out. 1971.

OLIVEIRA, Franklin. Clarão e luz em Hermann Hesse. In: HESSE, Hermann. *O Lobo da Estepe*. Trad. Ivo Barroso. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

OLIVEIRA, Franklin de. *A dança das letras*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991.

OPINIÕES: Hesse, Mann. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1980. Caderno B.

PARA Ler e Guardar. In: HESSE, Hermann. *Para Ler e Guardar*. Trad. Belchior Cornélio da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1975.

PONTES, Mário. Hesse sem exotismos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1980.

POEMAS de Hermann Hesse: Obras Póstumas de José Servo - Poesias do Discípulo e do Estudante Universitário. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 maio 1969. Suplemento Literário, ano XIII, n. 626, p. 3. Tradução de Lavínia Viotti.

PRESENÇA de Hermann Hesse no Brasil, A. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1980. Suplemento Cultural, ano IV, n. 178.

RÊGO, Victor da Cunha. As Contas de Vidro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 fev. 1970. Suplemento Literário, ano XIV, n. 660, p. 3.

RIBEIRO, Léo Gilson. Hermann Hesse, o primeiro hippie moderno? *Jornal da Tarde*, São Paulo, 20 ago. 1990.

ROSENFELD, Anatol. I: Hermann Hesse, prêmio Nobel 1946. *Jornal de S. Paulo*, São Paulo, 04 fev. 1947. Não paginado.

ROSENFELD, Anatol. II: Hermann Hesse, prêmio Nobel 1946. *Jornal de S. Paulo*, São Paulo, 05 fev. 1947. Não paginado.

ROSENFELD, Anatol. Automóvel e Casa de Campo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1957. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano I, n. 28, p. 1.

ROSENFELD, Anatol. O Romance Lírico de Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 ago. 1957. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano I, n. 46, p. 1.

ROSENFELD, Anatol. Um narrador surrealista. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 maio 1958. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano II, n. 83, p. 1.

ROSENFELD, Anatol. Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 1962. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano VII, n. 302, p. 1.

ROSENFELD, Anatol. Popularidade de Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 out. 1969. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano XIII, n. 644, p. 1.

ROSENFELD, Anatol. O Jogo das Contas de Vidro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 mar. 1970. Suplemento Literário: Letras Germânicas, ano XIV, n. 665, p. 1.

SCALZO, Nilo. Editorial. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural, ano I, n. 38, p. 2.

SEQUERRA, Renne. Hermann Hesse antes de sua melhor hora. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.

SELANSKI, Wira. Tendências atuais da literatura alemã. In: _____. *Épocas de literatura alemã*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959. p. 61-119.

SERRANO, M. *O círculo hermético: Hermann Hesse a C. G. Jung*. Trad. Ricardo Mosqueira. São Paulo: Brasiliense, 1970.

SERRANO, Miguel. *O círculo hermético: Hermann Hesse à C. G. Jung*. Trad. Marcelo Corção. 2. ed. São Paulo: Brasilense, 1973.

STRÖMBERG, K. Pequena história da atribuição do Prêmio Nobel a Hermann Hesse. Trad. Bella Josef. In: HESSE, H. *Sidarta: Um poema indiano*. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1970. p. 9-14.

THEODOR, Erwin. Hermann Hesse octogenário. [S.l.], 1957.

THEODOR, Erwin. A literatura alemã atual. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 mar. 1964. Suplemento Literário, ano VII, v. 373, p. 3.

THEODOR, Erwin. A tradução de obras alemãs no Brasil. *Humboldt*, Munique/São Paulo, ano 15, n. 31, p. 38-47, 1975. Artigo de periódico.

THEODOR, Erwin. Centenário de Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural, ano I, n. 38, p. 3-4. Letras.

THEODOR, E. Até nossos dias: I. Thomas Mann, Hesse e Döblin. In: _____. *A literatura alemã*. São Paulo: T. A. Queiros: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980. p. 133-143, Cap. XV.

THEODOR, Erwin. Hermann Hesse – Thomas Mann: Correspondência entre Amigos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 jan. 1981. Suplemento Cultura: O livro da semana, ano I, n. 32, p. 12-13.

THEODOR, Erwin. “Agrada-me viver”: A prosa alemã na época da reconstrução. In: _____. *Perfis e sombras: estudos de literatura alemã*. São Paulo: EPU, 1990. p. 202-215.

THEODOR, E. 2. Hesse, Mann e Musil: Hesse, o mais lido do século. In: _____. *Perfis e Sombras: Estudos de Literatura Alemã*. São Paulo: EPU, 1990. p. 79-84.

THEODOR, E. Hesse, Mann e Musil: Hesse, idealista e cético. In: _____. *Perfis e Sombras: Estudos de Literatura Alemã*. São Paulo: EPU, 1990. p. 85-90.

THÜRER, G. Vida e obra de Hermann Hesse. Trad. Bella Josef. In: HESSE, H. *Sidarta: Um poema indiano*. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1970. p. 23-51.

TÔRRES, Mariano. [Orelha]. In: HESSE, Hermann. *Viagem ao Oriente*. Trad. Leda M. G. Maia. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

TÔRRES, Mariano. [orelha]. In: HESSE, Hermann. *Gertrud*. Trad. Mário da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

TÔRRES, Mariano. O pequeno grande mundo de Hermann Hesse. In: HESSE, Hermann. *Pequeno Mundo*. Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

TOZZI, Cesar. Só um fiapo, mas feito de puro linho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.

WERNECK, Guilherme. Realização pessoal é a busca em Sidarta. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 set. 2003, Ilustrada, s/p.

Bibliografia dos Meios Eletrônicos

Sites Acadêmicos

Banco de Dados da Plataforma Lattes. Disponível em:
<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/index.jsp>>.

Base ATHENA. Banco de Dados Bibliográficos da UNESP. Disponível em:
<<http://www.biblioteca.unesp.br>>.

Base ACERVUS. Banco de Dados Bibliográficos da UNICAMP. Disponível em:
<<http://www.unicamp.br/bc>>.

Base da Biblioteca da UERJ. Disponível em: <<http://www.uerj.br>> .

Base da Biblioteca da UFRJ. Disponível em: <<http://www.ufrj.br>>.

Base CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>.

Base do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas – UNICAMP. Disponível em:
<www.ccla.org.br/ccla/biblioteca_cesar_bierrenbach>.

Base de Dados de Teses Nacionais. Disponível em: <<http://www.ct.ibict:81/site/admin>>

Base DÉDALUS. Banco de Dados Bibliográficos da USP. Disponível em:
<<http://www.usp.br/sibi>>.

Base IBICT. Disponível em: <<http://www.ibict.br>>.

Base SCIELO. Biblioteca Eletrônica de Periódicos Científicos. Disponível em:
<<http://www.scielo.br>>.

Base UNIBIBLI. Disponível em: <<http://www.biblioteca.unesp.br>>.

Base da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. Disponível em <www.sbd.fflch.usp.br>.

Base da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros – USP. Disponível em <www.ieb.usp.br>.

Base do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP. Disponível em: <www.iel.unicamp.br/portal/biblioteca>.

Base do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP. Disponível em: <www.ifch.unicamp.br/biblioteca>.

Página Eletrônica da Unesp/Campus de Assis. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br>>.

Página Eletrônica da Unicamp. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/bc>>.

Revista Pandaemonium Germanicum. Disponível em: <<http://www.ffch.usp.br/dlm/alemao/html/revista.htm>>.

Sites não-acadêmicos

Base da Academia Paulista de Letras. Disponível em: <www.academiapaulistadeletras.org.br>.

Base do Arquivo do Estado. Disponível em: <www.arquivoestado.sp.gov.br>.

Base da Associação dos Professores de Alemão do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.apario.com.br>>.

Banco de Dados da Folha de S. Paulo. Disponível em: <<http://bd.folha.uol.com.br>>.

Base da Biblioteca Aroldo de Campos. Disponível em: <www.casadasrosas.sp.gov.br>.

Base da Biblioteca do Centro Cultural São Paulo. Disponível em: <www.centrocultural.sp.gov.br>.

Base da Biblioteca Mário de Andrade. Disponível em:
<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/bma>.

Base da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.bn.br>.

Base Cadê. Disponível em: <http://cade.com.br> Cadê.

Base Google. Disponível em: <http://www.google.com.br>.

Base Hermann Hesse Home Page. Disponível em: <http://www.gss.ucsb.edu/projects/hesse/>

ANEXOS

ANEXO A
Transcrição dos textos publicados em periódicos informativos¹⁶

Impressão do *O Lobo da Estepe*¹⁷

Carlos Dante de Moraes

O romance de Hermann Hesse é desses livros que nos despertam um vivo desejo de conhecer muito do seu autor. Sabemos que êle nos devolve, numa ficção inexaurível de intenções, um intenso mundo interior. O romance fascinador e amargo impele-nos para a realidade de uma criatura dramática, destinada a sofrer as agruras de uma solidão incurável. É no clima da solidão que “O Lobo da Estepe” nos arrasta. Êle vem dar conta, no plano artístico e literário, de uma dessas rupturas tremendas que Hermann Hesse conheceu. Período que sucede, cheio de perigos mortais, a um outro de relativa serenidade espiritual. Na hora em que o solitário perde o contacto com o ideal, os valores se quebram de repente e o fervor estético bruxoleia como uma vela mortíça. Então, faz-se em tôrno dêle uma atmosfera rarefeita e irrespirável.

É que a fé em si mesmo, como a de todo o ensimesmado, é insuficiente e precária. Condenado a viver da intimidade profunda, numa autocriação dolorosa, êle conhece de sobejo êsse fluxo ondulante que serpenteia lá dentro, ora intumescendo como a preamar, ora sumindo traiçoeiramente. Em dado momento, nada mais escuta dentro de si: há apenas um silêncio acabrunhante que tudo envolve e amortalha... O solitário começa a temer a si próprio e se volta para o mundo. Que fará, porém, êsse egocêntrico inadaptável? Êle é dos tais que não se amoldam a nenhum quadro social, que jamais se encarna em qualquer dos tipos mais ou menos fixos, plasmados na rotina do convívio humano. Surge, então, o “lôbo da estepe”... Fera e homem, mistura desarmônica de instinto e espiritualidade, à margem da sociedade burguesa. Quem lhe dera ser lobo! Afirmar-se em instintos primários seria uma solução para êsse delicado intelectual. Vê-se que êle se figura gostoso na imagem do lobo, que se ajeita mal na sua pessoa requintada. A verdade é que parece mais uma ave noturna e desconfiada, incapaz de uma violência de carnívoro... Vive nos altos das casas de cômodos, mal se abeira das outras pessoas, em contactos fugidios e ocasionais, e troca a noite pelo dia. Detesta, com rancor surdo, a burguesia, mas não pode prescindir dela. Ao instinto de segurança dessa classe, ao seu gosto de fixidez, às suas medíocres exigências de conforto físico e moral, êle se sente absolutamente estranho. Mas ao mesmo tempo atraem-no e seduzem-no todos êsses hábitos que representam a ordem, a solidez, a quieta satisfação, tudo enfim que êle não pode ter. É antibelicista, que ficou isolado na outra guerra, denunciado como réu de lesa-pátria, e vê com horror que a maioria dos seus concidadãos, desejam e preparam, numa criminosa insensatez, uma nova guerra muito mais terrível. No refinamento da solidão, cortou os últimos e já tênues laços que o prendiam à sociedade e ao seu código de obrigações. E agora, de repente, desse-lhe uma sombra pesada no reino do espírito... O seu clima passa a ser o da angústia. Não pode fixar-se, pois flutua sem rumo nem alvo. Não repousa nem se aquieta. A sua alma readquire uma plasticidade mórbida e aflitiva. Arrasta-se numa quase asfixia, num tédio deprimente e penoso, para subir, em certas horas, às paragens do êxtase, ao transporte

¹⁶ Os textos aqui compilados estão organizados cronologicamente segundo publicação nos periódicos. Para tanto, a norma ortográfica vigente foi respeitada e os termos estrangeiros foram grafados em itálicos.

¹⁷ MORAES, Carlos Dante de. *Impressão do O Lobo da Estepe*. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 2, n. 5, p. 56-60, jun. 1946.

glorioso dos sentidos. É nesses instantes que, ouvindo a música, refulge à sua frente aquela “mancha de ouro” que lhe faz esquecer dores, agruras, martírios. Horas sinistras e diabólicas, entrecortadas de quando em vez por inolvidáveis momentos divinos.

O “lôbo da estepe” é uma criatura sumamente contraditória. Tudo nêlo parece conduzir a uma solução transcendente que enobreça e ilumina a alma. A natureza deu-lhe, mais do que a inclinação, a vocação do trágico. Nasceu para viver ou morrer por uma idéia ou uma obra. Mas há nele uma inibição humilhante que o paralisa em meio caminho... Um apego à vida, muito próximo dêsse instinto burguês que tanto detesta, e um gosto boêmio de desfrutar sensorialmente as horas que se esvaem. Não possui a capacidade insondável de sacrifício do místico cristão ou do asceta nietzscheano. A sua pessoa carece dêsse núcleo íntimo condensado pelo amor ou a revolta, em que todos os átomos espirituais ardem numa esplêndida coesão. Por isto é um ser dividido, tenso, oscilante. Todo êle é ambivalência, atração e repulsão. Nenhum equilíbrio duradouro na sua alma. A pessoa dilacera-se entre os extremos mais inconciliáveis. O animal não se submete ao espírito, nem o espírito ao animal. Ambos contendem e reclamam exaurindo-lhe as energias, intensamente vivos, incapazes de harmonia. Agora, é a volúpia do instante e da libertinagem. Depois, o desejo místico da imortalidade. Adora e cultua a Mozart e Bach, mas experimenta ao passar junto aos “dancings” noturnos, a atração do jazz, música violenta e carnal. Convites opostos, tensão tremenda que não pode resolver nem aplacar. Daí a sua antropologia pessimista. Para êle o homem nada representa de firme e duradouro, é apenas o esboço de um ser que se faz, um “ensaio” e uma “transição”: “a ponte estreita e perigosa entre a natureza e o espírito”...

Que fará êsse homem incapaz de persistir no caminho do ideal ou de uma solução transcendente? Êle já conheceu tantas decepções, já se criou e destruiu tantas vêzes, que só pode pensar com angústia e desânimo numa nova transformação da personalidade. Será o suicídio uma solução? Não há de negar que êle tem e não pode deixar de ter a vocação do suicídio, da qual faz uma análise tão impressionante no “Tratado do Lôbo da Estepe”. É aqui nesta parte que Hermann Hesse procura reconhecer-se num tipo ou numa espécie, generalizando a sua angústia pela maioria dos intelectuais, principalmente os introvertidos, que, dentro da sociedade conservam algo de “lôbo”. O “Tratado” tem o seu tanto de sêco e didático, mas é rico de substância filosófica e opõe uma nota diferente a êsse tecido ardente de confissões, que constitui o romance. Nos homens da sua qualidade, a disposição ao suicídio se torna quase constitucional e lhes apresenta um modo terminante de resolver problemas e dores para que acham solução. O recurso em perspectiva nada tem de estóico. É antes uma resultante do desespero, mas um desespero que se saboreia lenta e voluptuosamente. Por isso, longe de amedrontá-los, a idéia sinistra lhes comunica uma fôrça esquisita. A antevisão do ato trágico perde os aspectos horríveis para se engrandecer no sentimento de liberdade. Diz o “lôbo”: “Tenho grande curiosidade de ver quanto é realmente capaz de agüentar um homem. Quando alcançar o limite do suportável, poderei simplesmente abrir a porta e logo estarei livre.”

O ritmo da existência de Harry Haller, o “lôbo da estepe”, é “aquela tensão insuportável entre não poder viver e não poder morrer”. Da mesma forma, porém, que a maioria das pessoas de seu tipo, êle não consuma a vontade de matar-se... Afastado de todos, de tudo, da própria razão, o que o cerca é um vácuo perigoso. Daí, porém, uma singular disponibilidade para a imaginação desenfreada. Entre o ódio a si mesmo, o tédio e o desespero, nascem-lhe pensamentos desvairados, de ser livre na desrazão, de entregar-se ao “mundo agitado e sem leis, do espírito e da fantasia”. Ao tentar a última experiência, êle ingressa num mundo alucinado, em que a realidade se esvanece em delírio, mas um delírio todo urdido de símbolos e sentidos. E que experiência é essa? A aprendizagem do humorismo. O santo pode admitir o libertino e o criminoso. O criminoso e o libertino podem admitir o santo. Nenhum dêles, porém, há de compreender aquêle “têrmo médio fraco e neutral, que se

chama burguês”. Pois bem, na esfera do humorismo, cabem todos êles... Os “lobos” que não tem a coragem de ir à tragédia e transigem com a burguesia, contornam o mundo por essa vereda: o humorismo... “Viver no mundo, como não fôsse o mundo, respeitar a lei e estar ao mesmo tempo acima dela, possuir “como se não possuísse”, renunciar como se não se tratasse de uma renúncia – sòmente o humorismo está em condições de realizar tôdas essas exigências...”

Que árdua a aprendizagem do patético Harry Haller! A tarefa que lhe é imposta consiste em considerar a vida um divertimento, uma fantasia um jôgo de mil pedras que não exige nenhuma seriedade patética. Há que transformar-se, já que não sabe morrer; é forçoso mudar de alma, ou prosseguir sofrendo no inferno da sua vida... Aprender a rir! O esforço a exigir de si é tremendo. É-lhe preciso enganar, despistar a sua própria natureza, pois muito mais próximo está ele da lágrima e da dor que do riso e da diversão. O encontro providencial com a linda bailarina da “Águia Negra”, uma certa noite, quando a navalha de barba fuzilava na sua mente, é uma dádiva do destino à sua vida atormentada. A feiticeira e enigmática Armanda vai compeli-lo a rejuvenescer... A qualquer coisa fáustica nessa aprendizagem que, a princípio, o vexa e desorienta. E “humour” de verdade no espetáculo do cinqüentão doente e mortalmente desiludido, que se sente ridículo e apavorado, ensaiando medroso e claudicante o passo do “foxtrot”... É um turbilhão imprevisto que entra gritando pela sua vida. Um Fausto novo se aventura, na ânsia de mudar de alma, num mundo desconhecido, ultra-avançado, mas jovem e bárbaro.

Não fôsse o seu dionisismo visceral, o seu erotismo profundo, êle jamais poderia jogar essa partida, a última que se lhe proporciona. A sua natureza mista, de componentes angélicas e diabólicas, oferece várias pequenas pontes à nova transformação, barulhenta e escandalosa, da personalidade. Na sua cela de solteirão, há livros de autores místicos, de poetas e de filósofos, mas também charutos esparsos e garrafas de bom vinho. De quando em vez, recebe a visita de Érica, sua amante, que chega quando menos espera. O seus hábitos noturnos levam-no freqüentemente a essas tavernas discretas, onde o paladar refinado encontra do que beber e comer, sem ser molestado por nenhum conhecido. Mas a noite em que êle, sem rumo, foi ter ao restaurante da “Águia Negra” era das mais sinistras da sua vida. Ali, junto à porta, ficou parado, surprêso e medroso ante a alegria e a algazarra que lá dentro reinavam... Mas nesse lugar de folia o esperava o eterno feminino, na figura daquela Armanda sedutora, de cabelos curtos, cuja fisionomia tinha às vêzes um encanto dúbio e andrógino. Uma onda de calor imprevisto envolve logo a sua alma enregelada. Êle estava só e terrivelmente desamparado. Agora, porém, uma formosa mão, solícita e maternal, vem tirá-lo da beira do abismo... Mas Armanda é muito mais. De inteligência sutil, ela lhe devolve lúcidos e claros tantos pensamentos informulados e desejos obscuros. O primeiro cuidado dela é levar ao ridículo a sua maneira agônica e desesperada naquela noite aziaga. Mas enquanto Armanda permanece misteriosa e inviolada, a formosa Maria vai desvendar-lhe, ingênua e infinitivamente sábia, tôda essa imensa e palpitante sensualidade que, para êle, permanecera em parte fechada, com um sabor maldito de pecado, desde a sua puberdade, desabrochada numa atmosfera ríspida de proibições morais. Que páginas maravilhosas as de Hesse quando se refere à mulher! Ser de carne, de impetuoso ritmo sexual, mas ao mesmo tempo criatura deliciosa, inesgotável de poesia, transfigurando-se até à irrealidade. As suas graciosas figuras femininas, mesmo as evocadas de um passado longínquo, surgem-nos impregnadas de um perfume forte e entontecedor.

A Armanda maneirosa procura ensinar a êsse homem fatigado, em cujo cérebro se acumulam séculos de cultura, as “pequenas artes da vida” e o êxtase do momento frívolo. E êle conhece a embriaguez de uma multidão em delírio, tonta de perfume, sacudindo-se num ritmo ultramoderno e primitivo, saboreia uma voluptuosa perda de personalidade, um ignorado abandono de si mesmo nesse mar de gente eletrizada e erótica. As páginas mais

fascinantes do romance encontram-se naquele baile final de máscaras, preparação psicológica para o “teatro mágico”. Mais um passa e entra, sob a ação do líquido estupefaciente, num mundo alegórico e fantástico... É também o momento culminante do saxofonista Paulo, o jovem de olhos negros brilhantes e alma raça, mestre da alegria. Mas tudo aí é arranjado com a finalidade pedagógica e transcendente de uma escola de humorismo. O “teatro mágico”, com as suas inumeráveis portas e espetáculos, permite-lhe experimentar as muitas possibilidades de uma pessoa que se julgava reduzida apenas à dualidade irrequieta do lobo e do homem. Numa operação inicial, como se extrai um dente anestesiado, e decomposta em uma multidão de “eus”... Num grande tabuleiro de xadrez, o jovem Paulo lhe ensina a combinar e a reagrupar de diferentes modos as numerosas figuras da sua personalidade.

Aproveitará êle a lição? Harry Haller permanecerá dolorosamente o homem trágico e patético, sem embargo da experiência de rejuvenescimento e de tantas sensações novas que lhe turbilhonam na alma. No fundo, êle não quer deixar de sofrer... A vida continuará a ser para êle provação, amargura, culpa a ser purificada pelo sofrimento. Debalde, no momento de suprema ebbriez do último baile, êle dirá para si: “Ah! agora pode suceder-me seja o que fôr; também já fui feliz uma vez, desvairado, desligado de mim mesmo, um irmão de Paulo, uma criança!” No fundo do seu ser, sem embargo da onda pansexualista que o arrasta, permanece sequioso de eternidade, de pureza, de valores divinos, ansioso por libertar-se do tempo. É assim que êle se mostra naqueles diálogos tão ricos de conteúdo espiritual, com Mozart e Goethe, quando a atmosfera da irrealidade, aparentemente extravagante, descobre um sentido em cada imagem. Debalde imortais com o seu riso glacial, num desdém supra-humano das nossas misérias e aflições, colaboram nessa educação do humorismo. Harry Haller não pode arrancar, senão momentâneamente, a antiga pele... E quando, na cena final, tomando a ficção pela realidade, êle apunha-la Armanda por ciúme, reconhece que falhou na última prova. A sua condenação, porém, não é morrer como desejaria, mas continuar vivendo, até aprender a rir, e não emprestar seriedade senão à essência que circula nas formas infinitas da vida, venerando o espírito que está dentro da realidade grosseira, como a música divina de Mozart através da sonoridade viscosa e irritante dos primeiros rádios. “Carregará o humorismo da vida, o patibular humorismo desta vida...” É a sua sentença. Então, êle compreende tudo. Readquire a esperança de viver. No seu bôlso estão as “cem mil figuras do jôgo da vida”. É preciso recomençar a jogar, mas com espírito leve e desportivo, sem tragédia, sem preocupação de atos heróicos e definitivos. Readquire a coragem de enfrentar o inferno de si mesmo. “Alguma vez chegaria a saber jogar melhor o jôgo das figuras. Alguma vez aprenderia a rir...”

O estranho e fascinante romance apresenta-nos uma aprendizagem de humorismo, aprendizagem forçada, a que se submete um introvertido de vocação trágica, diametralmente oposto a êle. E nesse antagonismo consiste por certo o seu melhor “humour”. Mas nós ficamos pensando que o solitário patético não mudará... A vida para êle só pode ser volúpia, logo transformada em amargura e tédio, ou anseio de purificação, só alcançada a espaços na música e na poesia dos imortais. O humorismo implica uma dose de realidade trivial, que a sua alma dionisíaca não comporta. Por mais que desdenhe ou despreze os homens, o humorista está sempre junto deles, para rir ou apiedar-se, e é das suas alegrias que êle se alimenta. O trivial é o seu pão cotidiano. E não perde de vista os menores atos, as mais escondidas intenções dos semelhantes. Mas o solitário, embora consiga romper o isolamento em certos instantes, estará sempre só, afastado dos homens, o coração desejando o absoluto. Harry Haller não mudará, apesar de Armanda e do jovem Paulo, de Goethe e de Mozart. Hermann Hesse não mudará.

O homem que sempre foi um grande solitário recebeu a visita da glória sozinho...¹⁸

Não só entre nós, mas também na Europa, pouco se sabe da vida e da personalidade de Hermann Hesse, prêmio Nobel de 1946. Conhecem-se os seus livros e um ou outro pormenor anedótico do homem. Mas as notícias são, em geral, vagas e incompletas. Apesar de sua extraordinária projeção intelectual em todo o mundo, somente agora, com a conquista a universalmente famosa láurea sueca, é que Hermann Hesse passou a merecer, indistintamente, a atenção e a curiosidade de todos.

Os últimos números de jornais literários vindos da França trazem bastante informações sobre o autor de “*O Lobo da Estepe*”. Mas, assim mesmo, esses dados não são totais, deixam vislumbrar apenas algo a respeito do estranho romancista e não menos estranho ser humano. Em recente número de “*Lês Nouvelles Littéraires*”, encontramos uma interessante entrevista feita pelo correspondente daquela publicação na Suíça, André Chastain – entrevista realizada com... um dos íntimos amigos do ilustre premiado. Dela extraímos os elementos que permitiram a elaboração deste perfil do grande autor alemão.

Foi numa clínica situada nas proximidades de Zurich, onde se encontra em tratamento, que Hermann Hesse recebeu a notícia vinda de Stocolmo. O escritor encontrava-se gravemente enfermo e presentemente está quase cego. A família evitou que ele fosse visitado pelos jornalistas, repórteres e fotógrafo, guardando indevassável sigilo quanto à sua atual residência. “Assim, este homem, que sempre foi um grande solitário, recebeu a visita da glória sozinho...”

A imprensa helvécia foi parca no noticiário de sua consagração. Citou apenas algumas datas e anedotas, os títulos de suas principais obras e, com dificuldade, lembrou-se de que Hesse já obtivera o Prêmio Goethe.

BIOGRAFIA DE HERMANN HESSE

O laureado autor nasceu a 2 de julho de 1877 em Calw, pequena localidade de Wurtemberg. Filho de um missionário natural da Estónia, que passara grande parte de sua vida na Índia, o jovem Hesse estudou teologia na Universidade de Tubingue. Esta iniciação foi curta, pois, aos vinte anos, rompendo com as tradições piedosas da família, abandonou o seminário e abriu uma livraria, primeiro em Tubingue e, depois, em Bale. Neta cidade freqüentou a célebre “Casa das Missões”, onde encontrou antigos amigos e companheiros de seu pai. Foi também nessa cidade que ele começou a escrever seus primeiros poemas e romances: “*Peter Camenzind*” (1904), “*Untem Rad*” (1905), etc. Publicados em Berlim, os seus livros foram notados imediatamente. Depressa firmou-se o nome de Hermann Hesse em toda a Alemanha e na Áustria.

Aos trinta anos, atraído pelo Oriente, visitou as Índias. Lá, durante sua estada, que durou quase dois anos, ligou-se a poetas e filósofos, recolhendo material para um livro muito original que publicou sob o título de “*Siddhartha*”. Retorna à Suíça às vésperas da Grande Guerra. Perturbado pelos acontecimentos, fixou-se em Berna, consagrando-se com incansável devotamento, às obras de socorro em prol de seus compatriotas refugiados na Suíça. Em 1921, adquiriu a cidadania suíça, retirando-se, então, para a pequena cidade de Tessin, em Montagnola, perto de Lugano. Ultimamente, agravando-se o seu estado de saúde, Hermann Hesse internou-se num sanatório nas cercanias de Zurich.

¹⁸ O homem que sempre foi um grande solitário... Jornal de S. Paulo, São Paulo, 26 jan. 1947.

REVELAÇÕES SOBRE O HOMEM

Hermann Hesse, sempre segundo as informações de seu íntimo amigo entrevistado por André Chastain, é um idealista e um grande solitário. Toda a sua obra demonstra um profundo senso da natureza, - de uma natureza um pouco romântica. Sua vida é a de um homem de gostos simples, não sem uma certa austeridade. Casou-se três vezes. Em segundas núpcias, desposou a romancista Lisa Wenger. Executada sua longa permanência na Índia, viajou pela Alemanha, Áustria, França e Itália. Nos últimos tempos, não tem se ausentado de seu querido Tessin. Tem acentuado pendor pela pintura e, há alguns anos, exibiu seus quadros para um grupo de amigos. Durante a guerra, ele próprio ilustrou alguns de seus livros, que foram vendidos em benefício das obras da Cruz Vermelha.

HERMANN HESSE E A POLÍTICA

Hesse sempre se manteve afastado da política. Repugnam-lhe as disputas partidárias. Mas ele é essencialmente pacifista, inimigo de toda e qualquer espécie de fanatismo. Cidadão alemão, combateu o pan-germanismo sob todas as suas formas: política e literária. A 3 de novembro de 1914, publicou na “Neue Zürcher Zeitung” um artigo intitulado “O Freunde, nicht diese Töne!” em que concitava todos os artistas e pensadores europeus a não aceitarem a loucura da guerra. Esse artigo desencadeou, na Alemanha e na Áustria, uma série infundável de reprovações. Foi acusado de trair a Alemanha e o “direito alemão”. Em prosa e verso, ele condenou a guerra e exaltou a paz.

Essa atitude leal e corajosa valeu-lhe a amizade de Romain Rolland. Este, em “Auldessus de Lamêlée”, rendeu-lhe homenagem nestes termos: “De todos os poetas alemães, o que escreveu as mais altas e serenas palavras, o único que conservou nesta guerra demoníaca uma atitude verdadeiramente goetiana, é esse que a Suíça se honra em ter por hóspede e quase filho adotivo: Hermann Hesse”.

HERMANN HESSE E O NAZISMO

O advento do nazismo na Alemanha deixou o escritor consternado. Logo se apercebeu da fragilidade do regime de Weimar e os sociais-democratas jamais lhe inspiraram confiança. Mas acreditava, ou desejava acreditar, que as forças do mal seriam contidas e que a nova geração, nascida da guerra, repudiaria o nacionalismo. Aferrou-se, durante muito tempo, a essa esperança, mas, depois de 1933, mais nenhuma ilusão lhe foi permitida: a Alemanha encaminhava-se para o desastre.

O FUTURO DA ALEMANHA NO PARECER DE HESSE

Hermann Hesse não teve nenhum contacto com a Alemanha Nazista. Durante a guerra, recebeu muitas cartas de prisioneiros alemães internados na Suíça, Inglaterra e nos Estados Unidos, homens que, tendo lido suas obras, confessavam, então, os seus erros e asseguravam-lhe a sua simpatia. Numa carta aberta aos seus irmãos alemães, que o “Neue Zürcher Zeitung” publicou num destes últimos meses Hesse procurou explicar a atitude com respeito à sua pátria. Não escondeu que a Alemanha de antes de 1914 já continha os germes do nacional-socialismo: os acontecimentos sucederam-se com lógica implacável! E hoje, é o caos... O futuro da Alemanha parece-lhe de cores muito sombrias. Acredita que a reeducação do povo alemão será longa e árdua, porque, se o regime nazista desapareceu, suas doutrinas não foram esquecidas. Mas existe um outro Reno, uma minoria de jovens que se supõe não tenham sido contaminados pelo ar empestado e que serão os verdadeiros artesãos da renascença alemã. Suas idéias sobre o antigo III.º Reich foram expostas em “Considerações Políticas”, obra recentemente aparecida.

GOSTO LITERÁRIO E INFLUÊNCIAS DE HERMANN HESSE

Pela extensão e variedade de sua cultura, Hermann Hesse pode ser considerado universal. Sob certo aspecto, freqüentou todas as literaturas. Sempre se referiu com admiração aos escritores franceses, preferindo, dentre eles, os clássicos, Balzac e Romain Rolland. Em virtude de seu estado de saúde, quase não tem podido ler nesses últimos anos, o que fez que ele conhecesse pouco a nova geração de escritores da França. Aprecia também os russos: Tolstoi, Dostoievski e Gorki. Mas, apesar de toda a admiração que eles lhe inspira, na hesitou, em 1918, em denunciar os perigos que representava para a alma alemã, o advento de um certo misticismo slavo, inspirado mais ou menos, em Dostoievski. Entre os escandinavos, Hesse tem especial preferência por Selma Lagerlof. Mas a considerável influência que se nota no pensamento e na obra de Hesse, é a das grandes filosofias orientais, notadamente a hindu e a chinesa.

OS AMIGOS DE HERMANN HESSE

Tendo conhecido escritores de quase todos os países, Hesse ligou-se, mais particular e profundamente, a Carl Spitteler, Thomas Mann e Romain Rolland. Com este último especialmente, manteve importante correspondência.

A doença do autor de “Demian” não irrompeu subitamente. Mas apesar de sua saúde delicada não deixou de trabalhar. Durante a guerra. Escreveu um livro muito importante, em dois volumes: “Das Glassperlenspiel”. Depois, nada mais publicou. Cada vez que termina um livro, Hermann Hesse tem o hábito de afirmar que é o último que escreve.

ASPECTOS DA PERSONALIDADE DE HESSE

Em outras fontes, pudemos obter alguns dados anedóticos que informam sobre a personalidade do famoso romancista e poeta.

Um jornalista perguntou-lhe, certa vez, que conselho daria ao escritor jovem.

- “Eu lhe sugeriria”, respondeu Hesse, “que desconfiasse dos seus inimigos e, mais ainda, dos seus amigos. Porque não já mais perigoso inimigo do que aquele de que se é amigo”.

Já conhecido, mas ainda dominado pela dúvida, Hesse, por essa época vivendo na Alemanha, publicou em 1928, o romance “Demian, história de uma juventude”, sob o pseudônimo de Emile Sinclair. A obra era de tal qualidade e vigor, que os críticos lhe fizeram os maiores elogios, apesar de vir ela assinada por um nome desconhecido. Foi somente então que Hermann Hesse revelou o seu embuste.

Pouco depois, o autor de “Lobo da Estepe” ressuscitou Zaratustra para fustigar cruelmente a juventude alemã. “Quiseste conquistar” – escreveu ele – “mais espaço na terra e mais alimento no ventre, e eis onde estais hoje”. É nesse livro que o pseudo Zaratustra declara: “Nós os alemães sempre nos vangloriamos de virtudes que não possuímos e acusamos nossos inimigos de vícios que eles aprenderam de nós”.

Já exilado na Suíça e naturalizado seu cidadão Hermann Hesse foi entrevistado por um jornal que lhe perguntou:

- Pretende o sr. Retornar algum dia à Alemanha?

- “Nunca me aparteí dela, responde ele sorrindo. A Alemanha pra mim é a língua alemã.”

I: Hermann Hesse, prêmio Nobel 1946¹⁹

Anatol Rosenfeld

O escritor e poeta Hermann Hesse foi distinguido recentemente com o prêmio Nobel 1946, nasceu na Suabia, país dos Hohenstaufen, situado numa parte do sul da Alemanha onde se fala um dialeto macio e musical, cheio de nasais engraçados e duma encantadora “Gemueticlichkeit”. A Suabia é o berço de gente vagarosa e metidabunda, de grandes filósofos e duma escola romântica que produziu uma poesia amável pela sua singeleza, pelo tom particular e por uma sensibilidade que encontrou a sua mais profunda inspiração na natureza.

É o amor à natureza traduzido numa linguagem delicada, colorida e de grande musicalidade, que dá às obras de Hesse uma força e uma frescura extraordinárias, mas que, ao mesmo tempo, pela efusão lírica, muitas vezes prejudica a composição e a unidade dos seus romances. Hesse é um “romântico” na acepção ampla e menos superficial da palavra: na sua paixão pela natureza, na forma um tanto difusa e vaga e às vezes prolixa dos seus romances, que ele prefere chamar de “narrativas” e “histórias”; e no seu tema, o tema do “Taugenichts” de Eichendorff (motivo do vagabundo e Lobo da Estepe, prestável para a vida burguesa), do rapaz que abandona o lar paterno para correr o mundo e para entregar-se a uma vida de aventuras pouco “sérias”. É o tema do “Wandervogel” (pássaro migratório), do viandar à-toa, sem fim, uso profundamente ligado à tradição alemã, conhecido desde os tempos dos artesãos da Idade Média que, antes de se tornarem definitivamente na corporação, viandavam durante longo tempo pelas estradas afora, apenas levados pelo impulso nostálgico da distância e do desconhecido. Este costume sobrevive ainda hoje na juventude alemã, podendo encontrar-se à beira das estradas com frequência os chamados “jugendherbergen” – albergues rústicos para os jovens caminhantes: tentativa tipicamente alemã de organizar até o improvisado. É este tema da inquietação juvenil, do anseio do “Ia-bas”, que, no início deste século, deu ao seu “Peter Camenzini” o grande sucesso e que fez com que Hesse se tornasse durante certo tempo o escritor e conselheiro predileto da mocidade alemã.

Esta “nostalgia” do mundo lhe veio do berço. Hesse é filho e neto de missionários protestantes que se demoraram longamente na Índia. Seu avô Gundert publicou um dicionário da língua indiana malaialam e na casa dos Hesse era costume cantar canções indianas. Muitas vezes as crianças se disfarçavam com os trajes do Morte da Índia, que a mãe ainda guardava. O pensamento e o sentimento de vida do Oriente, teosofia, o “amor fati”, o brahmanismo e o budhismo e mais tarde o taoísmo, em singular mistura com o luteranismo dos pais, exerceram uma decisiva influência sobre o jovem Hermann. Cedo, enquanto ainda aluno no Seminário teológico de Maulbronn, rompe ele com o pai, abandona o lar, torna-se aprendiz de mecânico e empregado de livraria vaga pelo sul da Alemanha e pela Itália, só mais tarde iria ver a Índia e Amásia, em busca do “mundo” e da “vida”.

O motivo da partida, da vagabundagem pelo mundo e da eventual volta, tão singelo no início, repetido através da sua obra em múltiplas variações, enriquece-se aos poucos, adquirindo profundidade e intensidade. Como um navio que viajasse através do espaço e do tempo e tomasse carga de muitos na Índia, de sabedoria na China, de volúpia da vida e da dor das alturas solitárias de Nietzsche, assim volta o insignificante motivo inicial pesadamente carregado, jeito um símbolo metafísico. Embora naturalizado suíço, não nega Hesse o alemão da terra dos Hegel e Schelling. O que no romance francês teria sido sutil análise psicológica aparece aqui como epopéia metafísica. O lar paterno passa a representar a ordem, a vida burguesa, o imperativo moral; mas também a esfera da luz e da limitação, o primeiro masculino, o sol, o espírito. E o “mundo” ansiosamente percorrido torna-se o símbolo do

¹⁹ ROSENFELD, Anatol. I: Hermann Hesse, prêmio Nobel 1946. Jornal de S. Paulo, São Paulo, 04 fev. 1947.

pecado, da devassidão, a vida fugaz e da morte, das forças telúricas, do irracional, o princípio feminino, da lua, da Senhora Eva, da Mãe que cria e destrói. Isto é religião, é mitos e dialética: Pai e Mãe; e o filho que reúne os dois princípios. É o “OM” dos brahmanos, também “AUM”, as três letras que simbolizam a Trindade Indiana, o Trimurti, a unidade de Brahma, Shiva e Vishnu.

O interesse do autor do “*Lobo da Estepe*” não é de ordem social, nas suas narrativas quase não existe o fundo duma sociedade real. O seu problema é de ordem inteiramente individual e aristocrática. A maior parte das suas numerosas obras pertence à categoria dos “*Entwicklungsromane*”, dos romances que descrevem a evolução espiritual duma personagem de escol, existindo todos os acontecimentos e todas as figuras apenas em função do “herói” para enriquecê-lo e encaminhar a sua formação espiritual. Embora politicamente democrata inflexível e corajoso, fala Hesse das massas em termos de Nietzsche como do “rebanho”, devendo dupor-se que ele ame este rebanho – seguindo o seu muito querido Francisco de Assis – exatamente da mesma forma como os peixe, aos quais dedicou muitas belas páginas. O tema constante de Hesse é pois o indivíduo marginal e solitário, “O Lobo da Estepe”, que tem o sinal de Cain na testa (na sua novela “*Demian*” pertencem os Abel ao rebanho), o indivíduo que faz parte de misteriosas “ordens” ou ligas de espíritos eleitor e que, impulsionado pelo “amor fati”, cumpre o seu destino realizando o seu “eu” através do pecado, do amor, da dor e da morte. Pois “tudo que me acontece e que acontece por minha culpa é bom. É bom também quando dói, é bom, também, quando é abertamente oposto àquilo que é formulado nos mandamentos da moral e da lei. É bom porque a nossa vida não é nossa obra e propriedade; porque, ao contrário, nós somos vividos pela vida e por Deus... o homem sincero reconhece... que é impossível cumprir aqueles mandamentos, que nenhuma “boa obra” pode salvá-lo, isto é, que ela não pode dar a ele o sentimento da inocência... O fracasso e o desespero do homem que reconheceu a sua incapacidade de cumprir os mandamentos, que reconhece a sua profunda convivência com a culpa e com o diabólico – visível mesmo na ação mais nobre – este fracasso faz com que nasça a fé, a crença que nós não vivemos, mas que somos vividos e que nada nos resta a não ser a entrega a esta vida irracional...” Não se trata aqui de qualquer espécie de imoralismo, sendo claro que Hesse se dirige às conseqüências de sensibilidade extrema, às conseqüências que já passaram pela moral comum, que a deixaram atrás, insatisfeitas com as suas exigências por demais mesquinhas. Esta entrega da responsabilidade a Deus pela entrega decidida à vida irracional é, segundo o luterano Hesse, o caminho para voltar à unidade divina. É a estas consciências sensíveis que ele se dirige numa história (“*Peregrinação ao Oriente*”), cheia do idealismo mágico de Novalis, citando a célebre palavra do poeta dos “*Hinos à Noite*”: “Nós vamos sempre para casa”. Há mais de cem anos disse outro romântico alemão, o teatrólogo H. V. Kleist: “O paraíso está fechado e o querubim está atrás de nós; devemos fazer a viagem em redor do mundo para ver se o paraíso não esteja talvez aberto em algum ponto do lado oposto”. Bem se vê que a lição de Hesse não é a dos grandes místicos que pregavam a renúncia à vida, o tornar-se mudo e surdo dentro do ruído do mundo. J. E. Spealé, num ensaio sobre Hesse (Mercure de France, 1926) disse com muito acerto que o budhismo de Hesse (na sua novela “*Siddhartha*”) é nietzscheanizado ou é “nietzscéisme transcrit em langage budhistique”. Já um tanto de Rasputin na sua concepção. A unidade, a sabedoria final, o estado de graça da “participação universal”, da entrega radical ao pecado e à “Mãe-Eva”. Em “*Siddhartha*” e “*Narciso e Goldmund*” fixou Hesse esta concepção em belíssimas páginas, páginas cheias das formas fugazes da Maia. Poucos poetas sabiam tão bem como ele descrever a natureza a sua doçura e fragrância e a sua terrível impassibilidade ante o destino do homem que, “em mortal solidão carrega seu bocadinho de sangue quente pelos espaços gelados do universo”. O romance “*Narciso e Goldmund*”, o melhor dos que conheço de Hesse, é um grande hino a “Mãe”. “Como poderás morrer algum dia, Narciso, se não tens mãe?”, pergunta no leito de

morte Goldmund, o artista-vagabundo, ao monge Narciso. “Sem mãe a gente não pode amar. Sem mãe a gente não pode morrer”.

II: Hermann Hesse, prêmio Nobel 1946²⁰

Anatol Rosenfeld

A idéia da mãe é uma verdadeira obsessão do laureado poeta e ele se dirige asperamente contra aqueles que, abusando da psicanálise, tentam interpretar por meio da obra o “inconsciente” dum artista. Esta obsessão é visível também na sua vasta obra poética, às vezes de modo curioso, por exemplo quando liga à idéia da mãe à sua gota, doença que o tortura a muitos anos. Num poema chamado “gota” descreve ele o roer subterrâneo deste mal nos seus ossos. “É a morte! Chamamo-la contudo gota!” Não a amo, continua, a miude brigamos, embora eu saiba às vezes que ela não me tortura por mal, pois a sua profissão é salvar e redimir a gente. “Porém, quando, alguma vez, nós, ela e eu, nos reconciliarmos e nos reunirmos, então não a chamarei mais de gota, nem morte. Saberei que ela é a Mãe eterna, reconhecerei a sua chamada como amor e a mim mesmo como filho”. Hesse costuma fazer versos a toda hora e sobre tudo e às vezes com um humor um tanto rude, como por exemplo, naquele poema a uma “Dama sentimental”, no qual assegura que gostaria de ser uma flor para exalar odores delicados no seio da dama. “Infelizmente, porém, estou inteiramente ocupado em segregar ácido úrico em forma de gora. Possivelmente honrarei ao pé do túmulo, mas uma flor não sou, infelizmente não”.

Não sei se Hesse foi laureado em virtude da totalidade da sua imensa obra ou devido a uma obra específica. É provável que para tal distinção tenha contribuído o seu ultimo grande romance, “Das Glasperlenspiel” (O jogo de missangas), no qual descreve em 900 páginas a vida de Joseph Knecht, Magister Ludi, mestre do misterioso jogo de missangas. Conheço (ou desconheço) este livro (publicado em 1943 na Suíça) apenas através de notícias da crítica internacional – fato que facilita indubitavelmente a sua interpretação. Segundo estas notícias trata-se de uma obra prima de extraordinário alcance. Hesse leva o leitor neste livro à “província pedagógica Kastalia” a qual, por meio de uma hierarquia de organizações, escolas de elites, institutos de estudos, arquivos, aldeia de jogadores de missangas e de uma vasta administração pedagógica, controla a vida escolar do país inteiro, cuidando da educação de professores de uma elite espiritual. A classe mais alta desta elite, porém são os jogadores de missangas (obviamente uma ocupação bastante inútil) e a festiva representação anual destes jogadores é um acontecimento de imenso destaque estético-espiritual e social. neste mundo quase monástico amadurece Joseph Knecht, tornando-se Magister Ludi, mestre do mencionado jogo. Depois de anos de reclusão e de labor dedicado à educação de si mesmo e de outros, acontece, porém, que ele se evade, impulsionado pela nostalgia da “vida”. Partindo para o mundo dos “outros”, dos “normais” e medíocres, encontra ele, depois de breve felicidade, a sua morte. (Joaquim Maas, em *Neue Rundschau*, Stockholm, April, 1946).

Assim o enredo exterior quando ao jogo de missangas não já no livro nenhuma elucidação pormenorizada. Conhecendo porém a obra anterior de Hesse arrisco a hipótese que se trata de uma glorificação humanística do “jogo” no sentido de Schiller: “O homem brinca (o termo alemão “spielen” abrange todo comportamento lúdico, o brincar e o jogar” somente quando é homem na plena acepção da palavra; e ele é inteiramente homem somente quando brinca”. Com o problema da arte, suprema manifestação lúdica do homem, ocupa-se Hesse particularmente em “Narciso e Goldmund”, livro cheio de sabedoria profunda. “A arte”, medita uma das figuras desta obra, “é um jogo, talvez, mas seguramente na inferior ao jogo com a lógica, a gramática e a teologia”. Isto é uma afirmação ousada. Hesse afirma que também a ciência, a religião e a língua são “jogos”, num sentido semelhante ao que E. Cassier magistralmente explanou na sua monumental obra “Filosofia das Formas Simbólicas”. E ai

²⁰ ROSENFELD, Anatol. II: Hermann Hesse, prêmio Nobel 1946. *Jornal de S. Paulo*, São Paulo, 05 fev. 1947.

mesmo tempo reconhece Hesse que, para “jogar”, para “brincar”, é preciso dizer “não!” à vida. “Ou a gente vivia, sorvia nos seios da velha Mãe-Eva – então experimentava altos prazeres, sim, mas não havia proteção contra a enfermidade da vida. Ou a gente resistia, fechava-se num gabinete de trabalho (espécie de torre de marfim) e tentava criar um monumento à vida passageira – então a gente tinha que renunciar à vida, servia então ao imperecível, mas murchava e ficava ressecada...” O autor de “Demian” diz aqui que Schler exprimiu na sua última fase filosófica, na sua fase “antropológica”: o homem é (por força do seu lado espiritual) o ente que sabe dizer “não!” à vida, é o ser “ascético” por excelência. Este “para!” que o espírito opõe ao fluxo incessante e perecível da vida puramente orgânica quase quer apenas a si mesma e que por meio de reflexos diretos e indiretos é inseparavelmente ligada a realidade ambiente, este “para!” do espírito que se fixa nas construções simbólicas, em ciência, arte, mitologia e língua, interrompe a solidez e a simplicidade da estrutura animal, solapando esta “saúde orgânica”, esta auto-suficiência que distingue a besta inocente. O espírito estabelece uma esfera simbólica ente o “eu” e a “realidade”, mas este afastamento da realidade, este divórcio entre homem e ambiente, que é de essência lúdica, um brincar além e por cima da esfera puramente vital, aproxima o homem simultaneamente desta mesma realidade. “O homem tem que retroceder a um mundo irreal, a um mundo de imagens e de jogo para dentro dele e através dele conquistar o mundo real”. (E. Cassirer).

É por meio da distância e da objetivação do mundo (animal não tem “objetos”) que o homem chega a conhecê-lo melhor e a dominá-lo, chega a ter não só o “ambiente”, mas “mundo”. Neste intercâmbio dialético entre espírito e realidade é a arte a mais perfeita construção simbólica, a que com maior perfeição realiza o retroceder e o aproximar-se, o “não!” e o “sim!”. O “para!” e o “continue!”. Numa frase genial disse Goethe: “A gente não se afasta com mais certeza da vida senão pela arte – e não se liga a ela com mais firmeza a não ser pela arte”.

É nisto, suponho, que consiste o sentido mais profundo do “Glasperlenspiel”. Hesse descreve o afastamento lúdico da realidade do Magister Ludi Joseph Knecht e sua partida para a realidade, para o mundo, onde encontra a morte nos braços da Mãe-Eva. “A força do espírito – disse Hegel – é apenas tão grande quanto a exteriorização dela, a profundidade do espírito apenas tão profunda quanto a sua ousadia de expandir-se e de perder-se nesta exposição”.

O “pássaro migratório”, o “Wandervogel” e “O Lobo da Estepe”, tinha que expandir-se de expor-se, de perder-se para encontrar a sua pátria na profundidade da sua própria essência, pois, diz Hesse “tudo que é mundo exterior não é só objeto da nossa percepção, mas ao mesmo tempo criação da nossa alma”.

Hermann Hesse, prêmio Nobel de 46²¹

Não conseguiram os jornalistas e redatores de jornais e revistas literárias, na Suíça, encontrar Hermann Hesse, o prêmio Nobel de 1946... Uma correspondência de Zurich, em novembro, afirmava que o notável autor de “O lobo da estepe” se achava então recolhido a uma clínica, nos arredores dessa cidade, quando chegou a feliz nova de Estocolmo. Septuagenário, gravemente doente, quase cedo, Hesse – o solitário – recebeu em sua solidão a notícia de que fora contemplado com o prêmio Nobel, possivelmente pelo seu romance “Glassperlenspiel”, grande obra em dois volumes, escrita durante a guerra, não obstante a saúde do escritor já estivesse abalada. Ao mesmo tempo fizera aparecer “Considerações políticas”, que resume suas idéias acerca do regime nazista. Lembra-se que na outra guerra Hermann Hesse, embora tivesse nascido na Alemanha – naturalizara-se suíço – combateu veementemente os pangermanistas, desde o célebre artigo de 3 de novembro de 1914. “O amigo, não este protesto”, em que conclamava os artistas e os intelectuais germânicos a não ceder terreno a loucura militarista. Essa sua atitude decisiva, que lhe valeu todas as censuras, na Alemanha e na Áustria, assegurou-lhe a amizade de Romain Rolland, que durou ao longo de toda a vida do autor de “Jean Christophe”, mantendo ambos uma intensa correspondência. Em “Audessus de la mêlée”, podem-se ler estas linhas de “Romain Rolland: “De todos os poetas alemães, aquele que escreveu as palavras mais serenas, as mais altas, o único que conservou durante esta guerra demoníaca uma atitude verdadeiramente goetheana, é aquele que a Suíça tem a honra de ter por hóspede e quase filho adotivo: Hermann Hesse”.

Toda a vida do singular idealista foi assim vivida: num ininterrupto sonho de perfeição, sem qualquer compromisso. Místico e romântico, o próprio Hesse traçou da seguinte maneira a sua diretiva literária: “Dar um sentido elevado e fascinante à vida humana, celebrar a inocência e o inesgotável da natureza humana e seguir por esse caminho até o ponto em que a for inevitável a constringe a voltar-se para o espírito, seu distante pólo oposto, representar as vibrações da vida entre os dois extremos da natureza e do espírito e representá-la, alegremente, divertida e perfeita, como a tensão de um arco-íris”.

O próprio escritor traçou há tempos sua biografia em duas laudas de papel. Eis como ele no-la conta:

“Nasci em Calvo, na Floresta Negra. De uma família protestante; meus antepassados foram pregadores, médicos, missionários, e a origem dessa família, derivando de vários países, nos deu pouca suscetibilidade aos nossos sentimentos nacionalistas. Estava com doze anos quando mudei de nacionalidade, tornando-me suíço; sem considerar o povo suíço uma nação de semi-deuses, tenho no meu coração uma adesiva admiração pela sua organização do Estado. Minha mocidade e estudos escolares decorreram por diversas vezes na Alemanha e na Suíça. Destinava-se à carreira da Igreja, mas desde a publicação de meu primeiro livro de poemas e uma novela (“Peter Camenzind”, 1904, “Unter Rad”, 1905), desde então, não tive outra profissão a não ser a literatura.

Ainda quando era moço visitei muitos países, e entre todos tinha Itália como a terra favorita. Em 1911, estive na Índia, seguindo a tradição de meu pai e de meu avô; ambos foram missionários nesse país, sendo que o último, foi até autoridade indiana. Os estudos da vida dos antigos indús e dos antigos chineses tiveram grande influência sobre mim, como o cristianismo tingira de piedade o nosso lar. Minha fé política é a de um democrata, meu mundo o de um individualista. O que me preocupou durante toda a minha vida, formando-me ata agora, não tem sido problema social algum, mas problemas individuais, e a tendência para

²¹ Hermann Hesse, prêmio Nobel de 46. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1947.

subordinar a personalidade ao convencionalismo das massas é alguma coisa que odeio de morte.

Meus livros, que incluem muitos puramente líricos, naturais, foram escritos sem propósito algum de liderança; eles têm encontrado contudo, no curso dos anos, e trazido até mim, um público leitor, do qual a maior parte é jovem, e para quem eu me tornei uma espécie de conselheiro. As dificuldades que se encontram no mundo de hoje, no confronto do individual e da construção de uma personalidade harmoniosa, são sentidas, como eu mesmo diariamente descubro, por uma grande maioria de pessoas, especialmente pelos jovens, dentro das autoritárias igrejas e Estados (Hesse escrevia antes do nazismo já) e dessas pessoas, uma parte, dentro dos limites da língua alemã, parece ver em mim poeta com o qual têm mais afinidades.

Muitos dos meus livros foram traduzidos em línguas escandinavas e eslavas, diversos em japonês, uns poucos em inglês e francês.

Meus divertimentos consistem de um pouco de jardinagem e de pintura a aquarela (durante a segunda grande guerra Hesse ilustrou alguns exemplares de seus livros, que vendeu nos leilões destinados a auxiliar a Cruz Vermelha). Minha moradia está fixada, desde 1919 na Montagnola, perto de Lugano, na Suíça. Por oito anos trabalhei no poema de uma “Natureza utópica”.

Além desses traços muito gerais de sua vida, o escritor de “O lobo da estepe” não referiu que se casou três vezes, tendo do primeiro matrimônio, em 1904, um filho com Maria Bernoulli, de Basileia. O segundo casamento foi com a escritora Lisa Wenger. Menciona-se que ele se naturalizou somente em 1921, e não aos 12 anos, como escreveu.

Para se ter uma idéia de como a obra de Hermann Hesse se estendera pela Europa, particularmente pela Alemanha, basta mencionar-se a grande correspondência que recebeu durante a última guerra dos soldados germânicos internados na Suíça, na Inglaterra e nos Estados Unidos, e que os missivistas confessavam seus erros participando da aventura nazista e afirmando-lhe que iam daí por diante corrigir-se, de acordo com as diretrizes espirituais que haviam recebido da obra do escritor.

A crítica mundial destaca, na literatura de Hermann Hesse, o seu estilo de uma prosa sensível, colorida, harmoniosa, chegando não raro ao majestoso e até ao transcendental, o que é muito natural num romântico e num místico, de ascendência germânica, entre outras influências raciais.

Destaca-se entre os seus livros além do mais conhecido entre nós, que é “O lobo da estepe”, com duas edições em português, o originalíssimo “Siddartha”, escrito com material que recolheu na Índia, publicado em 1920, o romance “Demian”, publicado em 1930, e ultimamente o já mencionado “Das Glassperlenspiel” (o condutor do jogo”, que pelas alturas de seu lirismo e beleza do ideal o anima é colocado em confronto com as mais notáveis páginas de Romain Rolland.

O prêmio Nobel, concedido a Hermann Hesse, parece ter sido um propósito internacional da Academia de Stockolmo, ao colocar em primeira plana no mundo que acaba de sair da tormenta desencadeada pela Alemanha nazista um autêntico escritor alemão, cuja obra tem sido uma fervorosa e permanente manifestação de paz. A Hesse, o futuro da Alemanha parece inteiramente sombrio, pois a reeducação de sua mocidade e de seu povo se acham, em seu entender, muito distante, desde que deve ser árdua e longa, para a erradicação completa das doutrinas hitlerianas.

O caminho de Hesse²²

Otto Maria Carpeaux

O romance de Hermann Hesse é desses livros que nos despertam um vivo desejo de conhecer muito do seu autor..., assim começou o Sr. Carlos Dante de Moraes o belo estudo sobre o *Lôbo da Estepe*, publicado nesta revista; e aquêlê desejo está bem justificado. Mas não é fácil matar a curiosidade: ao que saiba não existe sobre Hesse nenhum estudo compreensivo em língua francesa nem em língua inglêsa nem em espanhol nem em italiano, e as poucas fontes alemãs – é indispensável a biografia, escrita por Hugo Ball na qual também me baseio – estão hoje inacessíveis. Mas quem se interessa seriamente por Hesse, participando de qualquer maneira da amizade espiritual que liga ao poeta o autor destas linhas, não será decepcionado. Descobrirá uma grande figura da nossa época.

Hermann Hesse não é apenas romancista importante. É poeta dos mais sinceros da literatura contemporânea. É um pensador, cheio de inquietações filosóficas, religiosas e sociais. É um autêntico grande homem, e algo mais do que isso: um sábio. Um sábio, não no sentido de erudito, mas de conhecedor e vencedor da vida. Para chegar a tanto, teve que percorrer um caminho difícil, e não sei símbolo mais significativo para definir a essência da personalidade e obra de Hesse do que aquela palavra “caminho”. *O Lôbo da Estepe* é justamente o documento do “*mezzo Del camin di sua vita*”.

Hesse nasceu em 1877 em Calw, pequena cidade de Wuerttemberg; e não é preciso ser adepto de Taine para dar importância ao lugar e ano do nascimento: neste caso, definem o poeta. A paisagem é tipicamente alemã, mais ou menos se afigurava a Alemanha nos contemporâneos franceses e inglêses do romantismo: um suave idílio de colinas e rios, cidadezinhas românticas, casa com espigões medievais. Mas nessas casas mora uma gente inquieta. Os suevos sempre se distinguiram pela religiosidade mística: entre eles pululam as seitas, os conventículos, os pletistas, os adeptos de doutrinas gnósticas e ocultistas, enfim os partidários de religiões revolucionárias. Houve no Wuerttemberg, durante séculos a fio, muito entusiasmo e muita perseguição: dois motivos poderosos para a gente pôr-se em caminho, procurando outros céus de mais liberdade e quiçá do cumprimento das promessas divinas. Os suevos são grandes viajantes, emigrantes profissionais. Sobretudo durante o século XVIII êles se foram para a América, a Rússia, até África do Sul; não suportavam o absolutismo impiedoso da côrte de Stuttgart, sugando o povo para o duque gozar dos espetáculos de ópera italiana e comédia francesa e manter verdadeiro serralho: tempo e paisagem do Iud Süß. Em tôda parte, entre aquelas colinas e rios e em cima das cidadezinhas medievais levantaram-se os castelos do príncipe, imitações em miniatura de Versalhes, exibindo o classicismo falsificado do Rococó. Mas também havia na Suábia outro classicismo, mais sério. Desde os tempos da Reforma, o colégio de Maulbronn foi um centro de estudos gregos. Aí gerações de adolescentes foram imbuído-se de Píndaro, Sófocles e Platão, e um desses adolescentes chamava-se Hoelderlin. A verdadeira significação da sua poesia só foi descoberta em nossos dias; durante o século XIX, o poeta foi considerado como “romântico”, e o próprio helenismo de Maulbronn parecia fazer parte dum “idílio romântico”, cheio de poesia e algo fora da vida. Mas não era tanto assim. Um dos condiscípulos de Hoelderlin no colégio de Maulbronn, entusiasmado pelos gregos assim como o amigo, chamava-se Hegel. Êste será o filósofo do historicismo da burguesia; discípulos suevos de Hegel transformarão a doutrina do mestre em radicalismo político e social, e o último produto dessa transformação será o marxismo. Então, por volta de 1900, a Suábia já não será um idílio romântico e sim um país de fábricas de

²² CARPEAUX, Otto Maria. O Caminho de Hesse. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 75-81, mar. 1947.

tecido e usinas de aço; a fumaça de muitas, muitíssimas chaminés escurecerá o céu dos sectários. A Suábia será industrializada, prussianizada, militarizada. E os filhos daqueles sectários uns individualistas indomáveis, lembrar-se-ão que bastam duas horas de viagem para respirar a atmosfera de liberdade da Suíça. E êste foi o caminho de Hermann Hesse.

Hesse é filho de pletistas de religiosidade escrupulosa; a imagem da mãe, bela como uma pintura em pastel do século XVIII, fria e inacessível como uma santa do protestantismo, dominará a vida sentimental do poeta. Como poeta, Hesse é romântico. Dedicou a vida inteira à defesa da mais rica herança cultural da Alemanha contra os poderes de opressão, ao ponto de renegar para sempre sua pátria alemã, tornando-se cidadão suíço. Só um daqueles elementos tipicamente suevos falta na sua obra: a Grécia. Em compensação, sabe muito da Índia e da China, foi mesmo para lá, duas vêzes. Hesse é um grande viajante: uma alma em caminho.

Os próprios pais destinaram-no para viajante, num sentido muito especial da palavra: o filho devia estudar teologia, tornar-se missionário, converter ao cristianismo as almas desviadas na Índia. Mas um teólogo protestante tem que saber muito bem o grego, e dêste modo o caminho para vida vai através do colégio de Maulbronn. Foi, na verdade o caminho para a Índia; mas custou muito.

No colégio de Maulbronn existe – por mais esquisito que pareça – uma tradição revolucionária: de vez em quando, os estudantes se revoltam contra os professores, e quase sempre essas rebeliões estudantis têm significação mais ampla, como sintomas de uma transformação na vida cultural da Alemanha. No tempo do estudante Hesse também rebentou uma revolta assim; e o aluno Hesse – tinha então 15 anos de idade – tomou-a como pretexto para fugir da escola e do país. Não suportava a disciplina escolar nem a religiosa; no fundo pretendeu escapar da teologia e dos projetos de missão na Índia. Os pais não compreenderam: só um louco, acharam, poderia agir assim, e para curá-lo apresentaram o menino ao vigário Blumhardt. Eis uma figura tipicamente sueva. Vigário da aldeia, místico exaltado, censurado pela Igreja oficial porque pretendia durar doentes e fazer milagres; e ao mesmo tempo Blumhardt aderiu publicamente ao partido socialista, pelo qual se fêz eleger deputado, lançando ameaças apocalípticas contra os ricos, anunciando o “grand soir” do capitalismo. Chamavam-no de “Tolstoi suevo”. O jovem Hesse foi profundamente impressionado por essa figura singular. Mas o tratamento espiritual fracassou. Afinal, Blumhardt pertencia, apesar de tudo, ao clero protestante, e o aluno Hesse já não era cristão. Não será nunca um “suevo típico”, no sentido tradicionalista da palavra. Mas tampouco será um alemão “moderno”. A revolta estudantil de Maulbronn, em 1892, tinha sentido anti-humanista: futuros engenheiros e oficiais rebelaram-se contra a disciplina das línguas grega e latina, consideradas “mortas” e “inúteis”. Sinal do tempo da industrialização. Ora, o menino Hesse não assinara o manifesto dos revolucionários; preferiu fugir da escola. Êle não será oficial nem engenheiro. Não se tornará alemão “moderno”. Se êle fôr alemão num sentido qualquer, então um alemão anti-moderno cidadão da “Alemanha idílica” antes da industrialização, enfim, um romântico.

Em 1899 pisou Hesse pela primeira vez a terra da sua segunda pátria, a Suíça. O teólogo fracassado transformara-se em modesto empregado de uma livraria em Basileia, profissão que lhe permitirá privar com os queridos livros. Naquele tempo, Hesse leu muito Goethe, Novalis, Jean Paul, Heine, sobretudo Jean Paul. Nos dois rapazes Valt e Vult, nos *Flegeljahre* do romancista romântico, reconheceu “as duas almas no seu peito”: um sonhador melancólico, desesperado, admirando de longe as belas moças que não dão atenção ao jovem pobre e tímido; e o outro, um ambicioso que pretende tornar-se grande escritor, não por sêde de glória mas para gozar freneticamente a vida. Por enquanto prevaleceu a alma de poeta romântico. Em 1901 editou Hesse os escritos póstumos, versos e diário novelístico do jovem poeta Hermann Lanscher que morreu tísico – pequena fraude literária, êsse pseudônimo, ao

qual nem as belas moças deram atenção nem os críticos literários. Em 1902, publicou em volume de poesias: um volume modesto, mas talvez a obra mais característica de Hesse.

Quem escreve a biografia de um autor, ou seja mesmo um pequeno estudo, sente em geral a obrigação de admirar incondicionalmente as obras do estudado. Não pretendo submeter-me a essa convenção. O volume de poesias, de 1902, de Hermann Hesse foi um dos livros que encantaram o meu tempo de adolescente: é mesmo poesia de adolescente. Mas não quero impor a ninguém essa admiração, particularmente porque já não a acho justificada. Decerto, Hesse tem seu lugar seguro na história da poesia alemã: é um dos melhores representantes do estilo “romantismo popular” à maneira de Eichendorff e Brentano. Não é um Eichendorff e muito menos um Brentano, do qual não possui o lirismo de profundidade. Mas representa dignamente aquele estilo tradicional num mundo poético dominado por George e Rilke. Êstes são infinitamente maiores do que o modesto romântico Hesse; mas ainda haverá muitas vicissitudes na evolução da poesia alemã, e os “lieds” de Hesse constituirão, um dia, um ponto de referência. Por isso, o pequeno volume de 1902 conservará o nome do poeta. Mas a releitura atual do livro não se fêz sem ligeira decepção. Como foi possível que não se reparasse, então, no epigonismo dêesses versos? Muitas vezes é sentimentalismo de segunda mão, embora sempre comovente, essa tristeza chorosa lamentando a solidão da alma:

*“Wahrlich, keiner ist weise,
der nicht das Dunkel kennt,
das unentrinnbar und leise
von allen ihn trennt.*

*Sellsam, im Nelbel zu wandern!
Leben ist Einsamsein.
Kein Mensch kennt den andern,
Jeder ist allein”. (23)*

É poesia, por assim dizer, “*deja vue*”, não sem um encanto especial de ingenuidade; mas às vezes até sem este encanto, quando intervém a influência do Heine, produzindo ironias pseudo-sentimentais. Em meio desses “lieds” surge uma voz algo estranha: metros clássicos, como se fossem lembranças de Hoelderlin, mas sem a ebriedade dionisíaca dos neo-nietzscheanos daqueles anos de 1900; antes uma nobre resignação estóica, de tonalidade budista. Assim quando o poeta alude à lenda indu do homem que pretendeu fugir do sol, correndo, correndo e suando cada vez mais, até o Buda lhe dar enfim o conselho: “senta aqui na sombra!”; e o poeta concluindo:

“Dann reicht dir des Geschehens Flut nicht mehr ans Herz, und deine Seele ruht.” (24)

Contudo, ocorrem no volume de 1902 versos bem dionisíacos. Hesse, viajando pelo menos na imaginação, sonha com a Itália, assim como todos os românticos alemães sonharam com o Sul, e as noites italianas nos seus versos não são muito angélicas, antes ébrias de amor, de sensualidade, de volúpia. Sonhos de um menino desviado da rua da respeitabilidade burguesa. O poeta compara-se, certa vez, ao menino doido, correndo por todos os caminhos

(23) “Na verdade, não chegou à sabedoria quem ignora aquela escuridão que, inelutável e suave, de todos o separa. Sentimento estranho, o de quem caminha pela neblina! Vida é solidão. Ninguém conhece o outro, sozinho, cada um”.

(24) “Então, a maré dos acontecimentos já não te chega até o coração, e a tua alma repousa”.

sem encontrar a saída, e no fim de todos os caminhos abre-lhe os braços misericordiosos o irmão predileto: a Morte.

*“Denn ich weiss: auf meinen Wegen
sicht der Tod und bietet mir dir Haende.”* ⁽²⁵⁾

“*Laudato si, mi Signore, per sora nostra morte corporale...*”, a imagem é do Cântico de S. Francisco. O Santo da Umbria foi a grande admiração de Hesse naqueles dias. Procurando-lhe os vestígios, viajou pela Itália, e do Sul trouxe o livro em que todos os motivos do volume de versos se reúnem para dar um forte acôrdo: o romance *Peter Camenzind*.

O tema dêsse livro é a experiência vital de Hesse, fugido da escola, da casa paterna, do país: o homem sem lar, sem pátria. Assim o suíço *Peter Camenzind* saiu da sua aldeia de Nimikon, que não lhe podia abrigar a alma, para conquistar o mundo longínquo. Mas não conquistou nada senão a paz íntima de um sonhador preguiçoso e sentimental, deitado na grama olhando o céu azul da Umbria. Fracassado, voltou para Nimikon – deslumbrando os camponeses pelo relato mentiroso das suas aventuras de viagem, arranjando fama de “globe-trotter” experto e acabando como “*hotelier*” abastado; convém assim a um bom suíço. Êste fim do romance é o resultado de uma auto-análise de penetração surpreendente: Hesse conseguiu separar o “complexo de viajar” e o “complexo de sonhar”, ambos igualmente românticos na aparência, e reconhecer neste último o pólo oposto do sonho romântico: o desejo bem burguês de se fixar, de estabilidade. Neste sentido, é um livro profundamente pessoal. E por isso ninguém compreendeu a solução. Mas a época de 1905, tempo de industrialização rápida e banalização da vida quotidiana, sentiu com o aparente evasão de *Peter Camenzind*, de modo que o romance se tornou imenso êxito de livraria.

O rapaz melancólico de ontem despertou como escritor glorioso, rico. Tornaram-se realidade os sonhos de Hermann Lauscher. Êle que admirara de longe, tímidamente, as belas moças quando entravam no teatro municipal de Basileia, casou com uma filha da família Bernoulli, da casa mais aristocrática da cidade dos humanistas; o fato, aliás, de Hesse ter escolhido uma mulher, vários anos mais velha do que êle, poderia ser interpretado, por um psicanalista, como sintoma de fixação permanente à mãe. Em Galenhofen, à ribeira do lago de Contança, o escritor comprou um palacete luxuoso, logo invadido por visitas que chegavam de tôda parte. Homem glorioso e muito ocupado, ocupado com tôdas aquelas futilidades da vida social em que o casamento o introduzira, “*Vult*” sentiu-se bem assim; mas “*Valt*”, a outra alma no peito de Hesse, não agüentou. Evadiu-se para a Natureza.

Em tôrno do lago de Contança há várias cidades medievais, cheias de tesouros de arte, e numerosas “vilas” e palacetes da grande burguesia suíça; entre êsses centros de civilização requintada há regiões por assim dizer inexploradas, bosques, canaviais, paraíso para caçadores e pescadores em que Hesse tentou passar uma vida mais “natural”, mais “instintiva”; no fundo, um meio-térmo entre a boêmia literária e vagabundagem lírica. Mas dentro da Europa civilizada já não existe “Natureza” de verdade, naquele sentido rousseauiano. Foi preciso evadir-se para mais longe. Então, Hesse voltou de maneira inesperada nos projetos da mocidade: quando devia embarcar para Índia como missionário; agora embarcou para a Índia, mas procurando “outra civilização, outros céus, outra Natureza”. Talvez fôsse, no fundo, a procura de outra religião em vez do cristianismo tão cedo abandonada.

A Índia revelou-se, para Hesse, desilusão tremenda. O poeta não conseguiu o seu fim de desambientar-se. Devia reconhecer a importância da herança européia no seu espírito, incapaz de evasão radical. Daí por diante o antigo romântico estará mais aberto aos

⁽²⁵⁾ “Pois, eu sei: no fim de todos os meus caminhos está a Morte, estendendo-me a mão”.

movimentos e flutuações da Inteligência européia, particularmente da francesa; enfim, preocupado com os destinos da civilização européia, êsse individualismo tornar-se-á político.

Em 1912, Hesse voltou para a Europa. Já não se sentiu ligado à mulher. Foi residir em Berna, freqüentando os círculos dos pintores e músicos da vanguarda européia, entrando em relações com Picasso e Stravinski. Êle mesmo começou a pintar. Mas foi sobretudo a música que o embriagou, até perder a voluntariamente a consciência, a intelectual e a moral. Foram, depois do divórcio enfim conseguido, anos de deboche – algumas lembranças dêsse tempo voltam no *Lôbo da Estepe*. A orgia dionisíaca acabou, de repente, pelo golpe que sacudiu a Europa inteira: a declaração da guerra de 1914.

Hesse já estava bastante “desalemanizado”: não sucumbiu à psicose bélica que levou a grande maioria dos intelectuais alemães de então a assinar manifestos nacionalistas. Ficou na Suíça, fazendo declarações pacifistas. Na Alemanha, acusaram-no de alta traição. Os muitos leitores de *Peter Camenzind* não conseguiram compreender a atitude do querido romancista; e, separados do mundo pela censura militar, nem sabiam tudo o que o poeta, de repente “politizado”, fazia lá fora das fronteiras do Reich, na Suíça. Começando com atividades em favor dos prisioneiros e outras vítimas da guerra, Hesse chegou a participar, ao lado de Romain Rolland, da conjuração do pacifismo internacional contra a carnificina criminoso que o Kaiser iniciara. E era difícil guardar o equilíbrio mental na Berna daqueles dias de 1915 e 1916, cidadezinha calma transformada de repente em centro de espionagem e contra-espionagem, negociações secretas entre os beligerantes, reuniões de socialistas e anarquistas. Vários escritores e pintores franceses e alemães, representantes da vanguarda mais avançada, tinham encontrado um refúgio na Suíça: entre êles, Tristan Tzara e Hugo Ball, o futuro biógrafo de Hesse. Êste foi um dos fundadores do “Cabaret Voltaire” em que os intelectuais lançaram o desafio à burguesia ensangüentada. Daí saiu o primeiro manifesto do movimento “Dada”, que não foi – como os conservadores acharam – uma brincadeira meio perigosa e sim uma crítica justa da situação atual da civilização européia. Reinava entre os intelectuais uma tensão quase insuportável dos nervos. Hesse foi dos mais exaltados. Sobreveio a doença mortal de seu filho, e o equilíbrio do poeta recebeu o último golpe. Falaram em neurose. Na verdade, Hesse estava louco.

No sanatório do psicanalista Jean Baptista Lange em Lucerna, Hesse encontrou a procurada “racionalização” das suas perturbações mentais: reconheceu como raiz da neurose a fixação à imagem da mãe, e como remédio a extirpação radical de tôdas as fixações maternas, seja à mãe física, seja à mãe nacional, a Alemanha, seja mesma à mãe espiritual, a Europa, cuja civilização já agonizava. Em 1918, o poeta encontrou-se diante das ruínas do seu mundo.

Aquêle psiquiatra Lange foi um personagem fantástico, como saído dum conto de E. T. A. Hoffmann. Psicanalista e católico ao mesmo tempo, figura meio diabólica, meio santo, gestos de profeta alternando com pulos de um humorismo esquisito – algo como um Blumhardt da psiquiatria. O “Tolstoi suevo” não conseguira iniciar o menino desesperado numa “nova vida cristã”; o “Freud suíço” conseguiu inspirar ao homem fracassado a coragem para “tenter de vivre”.

No caso, não se tratava de uma maneira de dizer: Hesse começou realmente uma “vita nuova”, ao ponto de assinar o romance *Demian*, não com o seu nome já famoso e sim com um pseudônimo, “Sinclair”. Quis dar a entender que Hesse morreu e uma nova época começara.

Demian, interessantíssimo como documento psicológico de uma morte e ressurreição espirituais – Hesse é um “twice Born” no sentido da psicologia de William James – não é uma obra de permanente valor literário. A releitura, hoje, seria decepcionante sobretudo pelo estilo febril que reflete as perturbações daqueles dias. Mas a mocidade alemã de 1919, mortalmente ferida em tôdas as suas aspirações e procurando novo sentido da vida, reconheceu em *Demian* as suas próprias angústias e reivindicações. O livro de “Sinclair”, autor até então

desconhecido, conseguiu êxito fulminante. E quando chegara a saber o verdadeiro nome do autor de *Demian*, proclamaram o poeta romântico de outrora como líder espiritual da mocidade moderna.

Hesse assumiu a sua nova responsabilidade política. Lançou vários panfletos em favor do pacifismo, da democracia, de um socialismo religioso, chamando a atenção para o sentido de Dostoiewski e da literatura russa, para a sabedoria do Oriente, da Índia e China. Convencido, como muita gente estão, do “Ocaso do Ocidente” Hesse não se entregou no entanto a um pessimismo desesperado; no Oriente procurava novas fontes de vida espiritual, e nisso também o poeta se encontrou com correntes da época: por volta de 1919 e 1920, os pacifistas gostavam de citar os sábios chineses, e a mística hindu foi bastante cultivada em conventículos mais ou menos aristocráticos. Modas que passaram. Foram desiludidas tôdas essas esperanças. O que ressucitou foi o mundo do capitalismo e imperialismo. A mocidade alemã, enquanto não se tornou comunista antes de tornar-se nazista, sucumbiu ao comodismo da prosperidade aparente do “l’entre-deux-guerres”. O autor de *Peter Camenzind* e *Demian* foi novamente esquecido.

Ou antes, estava novamente em caminho. Para êle, o Oriente não foi objeto de moda passageira e sim de meditação profunda. *Siddharta* talvez seja entre os muitos livros europeus sôbre a vida do Buda, aquêle em que a doutrina do Iluminado perdeu todo sabor exótico, transformando-se em parábola do nosso próprio comportamento. É um Buda ocidental menos quietista do que estóico, com certos traços que lembram o santo de Assisi. Então, Hesse vivia numa aldeia em meio das montanhas do cantão Ticino, ponto de contacto geográfico entre a terra natal dessa natureza “fáustica”, gótica, que Hesse é o Sul, cujos os encantos não deixaram de seduzir o romântico inveterado.

Hugo Ball – outra figura interessantíssima e quase misteriosa, que mereceria um estudo em língua portuguesa – na sua biografia de Hesse descreve de maneira inesquecível a vida do poeta no Ticino. Gostava de passear pelas montanhas e aldeias, conversar com êsses rudes camponeses suíços que falam a língua de Dante; até entrou, às vezes, na igreja, para ouvir os hinos que o encantaram mágicamente. Mas sempre mantendo distância, vivendo como eremita na sua casa solitária na qual havia encantos de uma outra espécie: uma coleção de máscaras primitivas da Nova Guiné, das ilhas de Fidji, símbolos do lado animal da nossa natureza, domesticada pela civilização. E em meio dessas caras esquisitas o retrato não menos esquisito do maior dos domesticadores, do psicanalista dr. Jean Baptista Lang.

A novela *O último verão de Klingsor*, escrita nos anos da vida no Ticino, reflete aquêle tempo de forte concentração espiritual, não sem acentos inquietantes. Às vêzes, Hesse acreditava reparar que a “vida domesticada” não era outra coisa do que uma sublimação ou antes um sucedâneo da calma existência burguesa, inconfundível herança dos antepassados; ou talvez, diria o dr. Lang, símbolo do repouso embrional no seio da mãe.

A própria análise que o libertara da neurose, não teria sido outra coisa do que mais uma “astúcia da razão burguesa” para frustrar o poeta, roubando-lhe a verdadeira vida. E as máscaras selvagens na parede começaram a fitá-lo de maneira ameaçadora.

“Valt” e “Vult”, as duas almas de Hesse, continuaram a conviver em conflito latente. O conselho valéryano do dr. Lang – “il faut tenter de vivre!” parecia responder à tristeza de Klingsor, o lamento da vida inútilmente passada. Embora Hesse se sentisse, e justamente porque se sentiu velho, não quis acabar assim, como asceta involuntário, vítima do cristianismo herdado da mãe. Não, melhor seria desencadear a fera, o lobo que dormia no subconsciente. E o lobo foi desencadeado.

Se fôsse possível traduzir os 16 pequenos poemas que formam o *Diário de um lobo da estepe*, reflexo fiel da vida de Hesse naqueles dias, tudo se esclarecia da melhor maneira; porque Hesse é o poeta mais sincero do mundo. Mas não é possível. Essa poesia fica ligada, inextricavelmente, ao estilo do “lied” alemão, assim como as poesias de 1902. Os temas são

os mesmos, no fundo, embora com modificações significativas. O sonho de fantásticas noites italianas é substituído por noites muito reais em bares e cabarés; em vez das belas mocinhas inacessíveis de Basileia aparecem moças muito acessíveis, menos apolíneas do que dionisíacas, e às casas burguesas que pretendem convidar “o famoso escritor” lança o poeta o desafio: “... é mais nobre afogar-se em conhaques”. São as poesias mais vigorosas que Hesse escreveu. Não são porém poesias “modernas”. Mais uma vez encontram-se reminiscências de Heine, que foi o poeta lírico predileto da burguesia, e num verso angustiado Hesse exprime a dúvida: “saí realmente das ruazinhas burguesas?”. Então se lembra de outros sonhos, quase esquecidos: e fala, como a um irmão, ao poeta hindu Bhartrihari, mestre do “caminho que é preciso ir até o fim”.

Êste é o caminho do *Lôbo da Estepe*. E agora já não precisa mais de artes de interpretação êsse romance, o terceiro grande êxito na carreira literária de Hermann Hesse. No *Peter Camenzind*, no *Demian*, e no *Lôbo da Estepe*, o conflito é no fundo idêntico, se bem em níveis diferentes: a procura do equilíbrio entre a natureza instintiva e o espírito civilizador na alma do homem moderno. Três vêzes – durante a calma aparente antes da primeira guerra mundial; depois da catástrofe; e entre as duas guerras – essa ânsia de Hesse se encontrou com a ânsia de muitas almas sensíveis que o compreenderam. Neste sentido (quase se diria, em sentido aristotélico) é Hesse um “poeta político”: porta-voz de nós outros. Apesar das formas românticas da sua literatura, Hesse é um espírito “trans-romântico”, “sentindo com o mundo” e com o destino da nossa civilização, no sentido em que o católico “sente com a Igreja”. Mas a sua sensibilidade de poeta é mais rica do que a comum, e nunca pode estar inteiramente identificado com qualquer programa racional. Sempre quando os outros o compreenderam, manifestando-se a compreensão pelo êxito de uma obra sua, o poeta já estava um passo mais adiante. No caso de *Peter Camenzind*, foi sinal disso o fim meio humorístico, meio melancólico do qual os leitores evasionistas não tomaram conhecimento. Quando, depois da publicação de *Demian*, o poeta era considerado pacifista místico, o seu misticismo já estava além dos atuais programas de ação, exprimindo-se nos versos inesquecíveis que êle alegou ter traduzido da *Bhagavadgita*:

*“Krieg und Frieden, beide geltn gleich,
 Denn kein Tod berwehrt des Geistes Reich.
 Ob des Friedens Schale steigt, ob faelli.
 Ungemindert bleibt das Weh der Welt.
 Darum kaempfe du und lieg nicht stille;
 Dass du Kraefte regst ist Gottes Wille!
 Doch ob dein Kampf zu tausend Siegen fuehrt,
 Das Herz der Welt schlaegt weiter unberwehrt.”* (26)

E o autor do *Lôbo da Estepe*, no momento do êxito universal de sua obra, já estava além dos conflitos de Harry Haller. Chegara à última sabedoria da novela *Narziss e Goldmund*: dois irmãos no espírito como Valt e Vult, a alma ascética e resignada e a alma inquieta que nunca encontrará o fim; aí se resumem os motivos de Hermann Lauscher e Harry Haller, e a solução é a despedida melancólica, para sempre, dos dois românticos, tomando cada um o seu caminho.

Agora, Hermann Hesse é um homem velho. Só escreve versos, de vez em quando, em metros clássicos. É sábio. Chegou à sua Índia, à custa de uma vida inteira, difícil mas grande.

(26) “Guerra e Paz, elas se equivalem; pois nenhuma morte atinge o reino do Espírito, Subindo ou caindo a concha da Paz, não diminui o sofrimento do mundo. Por isso, precisas lutar, não se afastando; que agisses é a vontade de Deus! Mas fôsse mesmo coroada de mil vitórias a tua luta, o coração do mundo continua a pulsar sem modificação”.

A necessidade de libertar-se das raízes maternas expulsou-o do seu mundo, tornando-o sem-pátria e sem-lar, sempre em caminho. Aprendeu a suportar a sua sorte com o nobre estoicismo que lhe sugeriu os seus mais belos versos, de perfeição clássica. Aí, o fracassado aluno do colégio de Maulbronn voltou às raízes de sua e nossa cultura, à mãe Europa, novamente devastada, à mãe Humanidade, chorando os filhos como Raquel chorava os seus. Agora, êle mesmo é, como o poeta hindu Bhartrihari, “mestre do caminho que é preciso ir até o fim”. Durante a vida inteira, nunca o abandonou nem sequer por um instante o sentimento da morte: às vezes foi a Morte frenética que assustou o Lobo da Estepe; às vezes, foi o irmão franciscano, abrindo-lhe os braços misericordiosos. Numa daquelas últimas poesias “clássicas”, *Fim de Agosto*, a Morte é uma sabedoria no sangue, um brilho escuro que transfigura os últimos dias de sol do outono e do homem em caminho –

*“ ... Ob er na eine Liebe sich versch ende,
ob er zu einem spaeten Werk sich rueste,
in seine Taten klingt, in seine Lueste,
herbstklar und tief sein Wissen um das Ende.” (27)*

⁽²⁷⁾ “... entregando-se êle a um amor outonal ou preparando-se para uma obra tardia – nos seus atos, nas suas volúpias ressoa, clara como o outono e profunda, a sabedoria do fim”.

Sobre Hermann Hesse²⁸

Francisco Iglesias

As novelas de Hermann Hesse nos levam a um mundo mágico. A primeira impressão que se tem em sua leitura é de que se trata de autor que se deleita com o fantástico, criando arbitrariamente mundos ideais. O procedimento dos seres que povoam as páginas da ficção de Hesse não é o mesmo procedimento que parece ser comum a todos os homens; eles rompem o processo da rotina, surpreendendo por fatos e idéias singulares. Os seus personagens principais têm toda extraordinária vitalidade, exercendo-a ao extremo possível. A primeira impressão de suas novelas é a de fantasia. Quem se contenta em considerá-las assim, porém, é que não as compreende. A ficção de Hesse traduz uma realidade. A vida rotineira que levamos vai cada vez estreitando mais nossas capacidades de imaginação, a ponto que tudo que são é cotidiano aparece a nossos olhos como anormal ou fantástico. Os personagens de Hesse não são comuns porque querem fazer da vida alguma coisa que tenha sentido e grandeza; são ricos de anseios e se consomem na inquietação; não são comuns porque só é comum o conformismo acomodador, satisfeito de si mesmo e do ambiente. O personagem de Hesse é sempre um inquieto, uma pergunta. Um problema. É o homem em face do seu destino, esperando uma resposta que lhe permita ordenar a vida, esclarecendo-a e dando-lhe razão de ser.

É preciso atentar na formação pessoal do novelista para entender as suas criações: os personagens de Hesse são ele mesmo, em toda a sua personalidade ou em alguma de suas faces. Daí o caráter principal de todos eles: são místicos, e, como místicos, procuram um absoluto. A vida só tem significado quando tem aspirações, quando transcorre em função de algo. A origem e a finalidade da vida *obedecem* os personagens hessianos: como viver sem qualquer conhecimento que dê uma razão de ser? É o problema que se propõe Hermann Hesse, um alemão desce de teólogos.

A ficha de identificação pessoal, no caso, tem importância. Nas orelhas dos livros ou nas notas rápidas dos jornais em que se falava sobre o laureado do último Prêmio Nobel havia pouco mais que os elementos de sua nacionalidade e origem, um ou outro fato de sua vida. As notícias eram raras, curtas, imprecisas e quase sempre, incorretas. É o que o autor de "Siddharta" vive à margem de toda publicidade, entregue aos estudos de erudito ou às criações de novelas. O fato de Hesse ser alemão pode significar pouco; o fato de ter sido formado nas escolas do pensamento alemão, no entanto, tem alto significado. Hesse nada tem a ver com a Alemanha, e deve ser de todo indiferente a noção de pátria, pois vive há muito fora de seu país e acabou por naturalizar-se suíço. Conduta idêntica fora adotada por seu pai, Calw, a terra de nascimento, só foi venerada por razões sentimentais e artísticas. Alguns de seus antepassados viveram em zona de língua francesa. Já em sua origem, pois, há a hesitação entre o norte e o sul, entre o elemento germânico e o elemento latino. Como homem político Hesse escapa mais ainda à nacionalidade. Embora se mantenha distante de toda luta interessada, como individualista feroz, sempre zombou da agitação inconsequente que é a norma comum entre o que passa por "política". E mais, como individualista e homem livre que é, sempre condenou as lutas mesquinhas dos nacionalismos e todos os esforços délicos, o que lhe valeu a condenação da burguesia alemã e o ódio perseguidor da máquina do Estado, que o deixou em condições difíceis na época da primeira guerra, quando foi forçado a adotar o pseudônimo de Emil Sinclair (fase de "Dhemian").

Longe de nós a idéia de pretender situar algum com pormenor tão simples como a nacionalidade. A Alemanha poderia ser para ele simples acidente geográfico, não fosse a sua

²⁸ IGLESIAS, Francisco. Sobre Hermann Hesse, *O Estado de S. Paulo*, 2 set. 1947.

formação intelectual ser quase que exclusivamente germânica. Ter formação germânica quer dizer estar penetrado de romantismo, porque o romantismo é o clima espiritual da Alemanha. Os alemães, mais que qualquer outro povo, se voltam para as forças obscuras, forças maternas, para o instintivo, o indeterminado: são eles os primeiros a apresentar como os cultores do reino da noite e das formas noturnas de existência, em oposição à clareza, ao senso de medida, à racionalização, à inteligência. Como manifestação exterior dessa inclinação profunda temos o fato de que a Alemanha até hoje não encontrou forma como nação: a sua consciência, o seu caráter como povo ainda não tem forma definida, o que faz que ela seja uma incógnita e um dos problemas de maior fascinação. Hesse, em “O Lobo da Estepe”, observa o fato, falando das relações entre a intelectualidade alemã e a música: “no espírito alemão domina o direito materno, a submissão à natureza em forma de hegemonia da música. Nós, as pessoas espirituais, em vez de nos defendermos virilmente contra, de prestarmos obediência e procurarmos com que se preste ouvido ao espírito, à palavra, ao verbo, sonhamos com uma linguagem sem palavras que diga o inexprimível e reflita o irrepresentável. Em vez de tocar o seu instrumento o mais fiel e honradamente possível, o alemão espiritual desprezou sempre a palavra e borboleteou a música”...

Dizer o inexprimível e refletir o irrepresentável, aspiração da intelectualidade alemã, segundo o próprio Hesse, como vimos, é característico em sua obra. Essa é a força que impele Siddharta. Klein, Khingor, Harry Haller e os outros personagens criados por ele e os marca de maneira forte. É também o impulso que leva Hesse a ser poeta, pintor, ficcionista e a empolgar-se com a música. Talvez só a música possa exprimir “as coisas obscuras, sensíveis e quase desconhecidas que temos dentro de nós”, de que fala em “Ama de menino”. A música aparece como refúgio, possibilidade mais completa e potente de transmissão do conhecimento. Não é por desprezar a palavra que o alemão “borboleteia com a música”. Mas por sentir a música como forma superior e mais afim com a natureza do seu espírito; não se trata de fuga à realidade, mas de impulso explicável.

Essa característica sua – que é de todo o seu povo – vai se ligar com a preocupação teológica. Hesse não pode exprimir o absoluto porque ainda não o encontrou; aliás, a transmissão no caso não o preocuparia, pois uma das lições que se depreendem de sua obra é que cada um deve fazer por si o próprio caminho, sendo impossível um auxílio profundo ao próximo. Na busca de um absoluto que o satisfaça, dando-lhe a razão de ser da vida, é que Hesse se entregou à especulação metafísica. Está no sangue essa tendência: os avós foram teólogos. Na Alemanha dividida entre seitas religiosas torna-se necessário o debate religioso pelo menos numa fase curta da existência de cada um. Entre o catolicismo, as diversas seitas protestantes, o mito da predestinação heróica do povo germânico e o pensamento livre que vem da Ilustração é preciso escolher. No menino que tão cedo despertou para a obra de arte não havia sinal nenhum de aceitação de qualquer das posições estabelecidas. No ambiente em que cresceu, de vigilância rigorosa, não poderiam compreendê-lo. Reservavam-lhe o destino de teólogo, e Hesse fugiu da escola em que o forçavam preparar-se. Os pais, assustados, pretenderam exorcizá-lo, levando-o para um teólogo famoso que lhe tirasse o demônio; mas foi inútil, o demônio da rebeldia continuou a existir nele. Não havia força que dobrasse o corpo frágil e doente do moço que nascia fatalizado para uma vida diferente: ele faria o seu caminho sem qualquer apoio, cumprindo o destino de solidão.

Hesse conheceu as lutas espirituais de seu povo e mais algumas que lhe eram particulares. Jamais se filiou a nenhuma escola ou se deixou prender num sistema. Em todas as suas novelas há condenação do sectarismo ou dos princípios rígidos. Está em “Siddhartha” que “aquele que em verdade busca e em quem se fez carne o desejo de encontrar não devia adotar doutrina nenhuma”. É que nós vivemos mais do que as idéias vivem em nós, e quando se nos apresenta o desejo de abandonar algo é que esse desejo já está morto em nós. A figura de Siddhartha, aliás, pode ficar como símbolo, com a permanente busca e passagens pelos

estados de Brahman, samana, homem rico e, finalmente, dono de sua paz, quando a morte o surpreende. O homem é livre para buscar os próprios caminhos, e Hesse, desde jovem debruça-se sobre os escritos místicos e os documentos religiosos. No Oriente vai encontrar muito do que mais lhe agrada (como acontecera antes ao seu mestre Schopenhauer). Também tinha no sangue a inclinação pelo saber oriental. Seu avô o interessou no estudo dos indus. A mãe de Hesse nasceu mesmo na Índia, já naturalmente farto de tudo, não conseguiu suportar mais a civilização do ocidente, quando a Europa lhe pareceu estar esgotada, foi, como os seus antepassados, peregrinar pela Índia. Muitos dos seus escritos terão o Oriente e sua inquietação espiritual como objeto; a influência será de tal ordem que transparecerá em todos os escritos, marcando os diversos personagens.

Muitos traços comuns ao intelectual alemão aparecem em Hesse. São características, que aliadas às lições do pensamento oriental, vão marcar mais profundamente a sua personalidade, como os traços mais fortes. Daí a visão do mundo como a unidade absoluta, unidade que resulta do choque de contrários, da aparente oposição. É obra cujo pensamento tem inúmeros obstáculos à compreensão imediata, com a confusão do real e do ideal, de busca de beleza. Como filósofo e artista que é, não se pode logo entendê-lo; só quando se consegue que chave tudo se esclarece. Esta afirmativa, de aparência acadiana, tem a sua razão: evidencia que se trata de obra com sentido definível, que Hesse não é arbitrário e é possível aprender a sua lógica, e que nem sempre acontece com os autores de realidade obtida pela participação do filósofo e do esteta numa atitude mística.

Comentamos alguns aspectos da personalidade de Hermann Hesse. É evidente que ela não se esgota aí, e muito mais poderia ter sido dito na mesma ordem de idéias, bem como sobre as variedades de sua cultura, o sentido do seu humor. Não o fazemos porque foi nosso objeto, apresentar apenas as suas características principais, como nota introdutória ao comentário de algumas de suas novelas. Ademais, é trabalho em grande parte inútil, pois ele não se adapta em quadros esquemáticos e tira vigor de um elemento de que não se pode sequer tentar análise: a imaginação. É ela que, junto ao poder criador de vida, faz da novelística de Hermann Hesse uma das primeiras obras de literatura moderna. Melhor comentar o mundo de Hesse através de estudo de algumas novelas, uma vez que a crítica do conjunto é impossível por não dispormos de sua obra completa. A crítica muito geral tem ainda o inconveniente de soar falso inúmeras vezes, como dissertação abstrata, ou parecer mais pretensiosa do que convém. É que não há autor nenhum que se esgote numa análise. A crítica pode esgotar logo a sub-literatura, porque produto de fórmula ou de equívoco. Tudo mais escapa à intenção dos classificadores. Essa inesgotabilidade pelo contrário é uma das lições de Hermann Hesse: ele fala sempre do erro das simplificações. Nada é simples, e ainda nos seres mais humildes, em tudo onde há vida, há motivos que são mistérios. Querer esgotar Hesse num artigo de generalidades é por princípio um absurdo, capaz de revelar, apenas, incompreensão total do seu pensamento.

Os setenta e cinco anos de Hermann Hesse²⁹

Stefan Baciú

Há pouco tempo, em tôda Suíça e Alemanha, foi festejado o 75º aniversário do poeta e romancista Hermann Hesse, um dos maiores escritores dos últimos tempos. Desde o mais anônimo leitor e admirador de sua obra, até o chefe do Estado Alemão, o escritor Theodor Heuss, uma imensa multidão participou, nesses dias quentes de verão europeu, dos festejos que marcaram uma data na literatura mundial. As festas revestiram-se da maior simplicidade, tendo, dessa maneira, uma grande semelhança com Hermann Hesse, que nunca gostou, durante uma longa vida, de comparecer em público para ser “homenageado”. Quase clássica, o conteúdo dos festejos foi sempre à altura da obra de Hermann Hesse, mostrando uma feliz identidade entre o escritor e a comunidade de seus admiradores, críticos e amigos, espalhados pelo mundo.

Quase escondido na sua residência de Montagnola-Lugano na Suíça Italiana, Hesse estêve presente espiritualmente nesses dias de regozijo e gratidão. O autor de “Demian” e do “Lobo da Estepe”, aquele que escreveu as maravilhosas páginas de “Narciss e Goldmund”, o poeta que fêz algumas das mais perfeitas poesias da moderna lírico alemã, o estilista brilhante a respeito do qual o conhecido crítico suíço Max Rychner afirma, que “escreve a mais tranqüila prosa alemã”, ficou, nesses dias de festa, muito longe, resolvendo viver uma vida pura e cheia de beleza. Entretanto, sua obra estêve mais presente do que nunca, iluminando os estranhos caminhos do mundo contemporâneo, com uma luz, que poucos escritores conservaram viva, hoje em dia. Na literatura alemã na qual podemos contar neste momento com alguns escritores, estando Thomas Mann e Ernst Wiechert entre os maiores, Hesse ocupa lugar aparte, pela sua obra, pelo exemplo de sua vida de homem e escritor. Quando, pouco tempo depois do ano de 1933, Hermann Hesse obteve a naturalização suíça, muitos viram nesse fato uma “deserção”, nos momentos mais sombrios da história.. mas essa passagem pára além, no campo onde o direito e a humanidade nunca foram humilhados, teve uma significação muito mais profunda, cujo valor escapou, naturalmente, aos homens que viviam apressados, de um dia a outro. O escritor Theodor Heuss, que exerce como presidente da República Alemã Ocidental, o mais alto cargo, afirmou num discurso ocasional, que êle via no ato de Hesse, uma alta afirmação de cidadania, que não quis manchar-se, de modo algum o espírito além de tôdas as lutas políticas. A presença permanente da obra de Hermann Hesse na literatura de seu país, nas horas mais difíceis, foi a ligação entre o escritor e o seu povo. De seu retiro suíço, êle mandava, durante aquela época, o confôrto da sua literatura e do seu pensamento, a todos os perseguidos, a todos os vencidos e oprimidos. Teria sido muito difícil realizar essa grande obra, vivendo na Alemanha, pois Wiechert, que tentou a mesma coisa, foi internado no campo de Bichenwlad, e obrigado a ficar calado, enquanto que outro bom escritor, Hans Carossa, aderiu, dizendo sim, mesmo pensando de outra maneira.

Creio que nenhum escritor alemão dos últimos tempos (inclusive Thomas Mann) pode orgulhar-se de uma contribuição de uma tão importante para a literatura nacional, ainda mesmo que siga a linha eterna de um romantismo moderno, que Hermann Hesse, como nenhum outro, cultivou com brilho, mas sem ostentação.

Durante os anos vividos na Suíça, tive numerosos contatos com Hermann Hesse, o qual me honrou com uma amizade e uma atenção que não mereço. Quantas vezes não recebi de Montagnole pacotes com livros e “separadas” ornadas de autógrafos comoventes? Quantas

²⁹ BACIU, Stefan. Os setenta e cinco anos de Hermann Hesse, *Correio da Manhã*, Distrito Federal, 16 ago. 1952.

atenções do portador do Prêmio Nobel não partiram, desta maneira, no mundo, para mostrar que um espírito verdadeiramente grande, acha um momento de calma para tudo? Neste instante, quando ponho no papel meus pensamentos, um fino desenho de Hesse, sentado numa poltrona em seu escritório, olha-me da parede branca, banhada na luz tropical! Suas “Histórias”, numa moldura de um azul quase lírico, trazendo na primeira página “afetuosas saudações” do autor, acompanharam-me de Berna, na viagem até o Rio de Janeiro – um dos pouquíssimos livros que trouxe comigo, para uma vida nova. Quero dizer que, ao lado da sua grande obra, que pertence ao mundo inteiro, Hesse está presente em tantos corações, de uma maneira que unicamente sua alma pode conceber.

Dêste paradoxo aparente, nasceu sua obra de pensador e ensaísta (se posso usar dêste termo um tanto elástico, a respeito de Hermann Hesse), que foi reunida durante os últimos anos no livro “Guerra e paz”, onde o escritor mostra-se muito vivo, analisando e criticando (no sentido mais clássico e mais puro possível) uma série de acontecimentos e problemas – dos quais êle se “afastou” sòmente para os ignorantes.

Entre as mais belas e duradouras homenagens que lhe foram prestadas, fora das músicas e dos discursos, conta-se a edição completa de suas obras, impressas pela editora “Suhrkamp”, em seus esplêndidos volumes em papel super fino, como também algumas edições de grande luxo, entre as quais destaco as encantadoras “Horas no Jardim”, Siegfried Unseld realizou um livro intitulado “A obra de Hermann Hesse”, uma guia sem lacunas, que se torna, desde já, da maior importância para qualquer leitor, completando o monumento erguido a Hermann Hesse, durante sua vida, como um reconhecimento dos contemporâneos, para tudo que êsse grande espírito fêz em pról da humanidade. Numa literatura agitada e fragmentada, como se apresenta a literatura da Europa nos últimos decênios, a presença de Hermann Hesse é quase um milagre. Por isso, nas poucas horas tranqüilas que nos restam, podemos olhar à Montagnola, naquele canto perdido da Suíça, pois lá um homem controsi para todos nós o que nós jamais conseguimos construir.

Hermann Hesse octogenário³⁰

Erwin Theodor

Dentro de poucos meses vai Hermann Hesse comemorar o seu octogésimo aniversário. Contemplado em 1946 com o mais famoso prêmio literário do mundo, o Prêmio Nobel, é Hesse sem dúvida – principalmente depois do falecimento de Thomas Mann – o mais importante representante literário da Alemanha. Entre nós alcançou grande celebridade o “Lobo da Estepe” (1927), em que Hesse focaliza a evolução de um espírito dinâmico desassossegado, mas, considerando-se sua obra como um todo merecem igual destaque os seguintes romances e narrativas: “Peter Camenzind” (1903), “Gertrud” (1910), “Rosshalde” (1914), “Knulp” (1915), “Demian” (1919), “Siddhartha” (1922), “Narziss und Goldmund” (1930) e “Das Glasperlenspiel” (1943). Além desses foram publicados diversos volumes de poesia de destacado valor.

Hermann Hesse teve uma juventude acidentada e aventureira. Nascido em Calw, na província de Wurtembergue, era filho de um missionário que procurou dar-lhe formação religiosa. Foi estudante de seminário em Maulbronn, mas desertou a teologia, tornando-se aprendiz de mecânico e, depois, auxiliar em sua casa comercial. Dos 18 aos 26 anos trabalhou em livrarias em Tuebingen, velha cidade universitária alemã, e em Basiléia, sede de famosa universidade suíça. Desde 1904 dedicou-se exclusivamente à literatura, tendo realizado antes da primeira guerra mundial, demorada viagem pela Índia. Já em 1923 naturalizou-se cidadão suíço e desde então vive, excetuando-se breves intervalos, em Montagnola, nas proximidades de Lugano.

As obras de Hesse são em grande parte, introspectivas por excelência. Refletem as transformações íntimas, a luta e o sofrimento desse artista de aguda sensibilidade que sente em si o choque contínuo entre razão e sentimento. Nelas existe a influência do desenvolvimento espiritual de nosso século, que vai desde a utópica unidade com a natureza dos neo-românticos e a influência psicológica do impressionismo (“Peter Camenzind” e “Knulp”) até a divisão neurótica do espírito moderno (“Lobo da Estepe”). Em sua idade mais madura estuda o confronto da ética com a estética (“Narziss und Goldmund”) e depois o anseio pela unidade universal (“Glasperlenspiel”). Sua linguagem é simples, harmoniosa, adequada, expressando, ao lado de profundo sentimento ou análise imparcial, também um humor muito humano.

Curiosidade envolve o seu romance “Demian”, escrito um ano depois de concluída a primeira guerra mundial. A primeira edição desse romance foi publicada sob o pseudônimo “Emil Sinclair”, um amigo de Hoelderlin. Hesse desejava pôr à prova o público leitor e verificar por si mesmo se, eliminando do romance o seu nome que já então se havia tornado famoso, seria reconhecido o seu trabalho. “Demian” foi recebido com entusiasmo pela crítica especializada. Tornou-se bastante conhecido o ensaio de Thomas Mann sobre a primeira edição dessa obra, intitulado “Quem será Emil Sinclair?” Em círculos literários julgava-se que novo astro fora descoberto, mas logo aparecia a segunda edição, ostentando o nome de Hermann Hesse e o título do livro alterado para “Demian, a Historia de Juventude de Emil Sinclair”. Este romance, abordando os problemas complicados de uma alma atormentada, constitui um hino à mãe universal, celebrada na figura de uma Eva moderna, que conheceu todos os tormentos deste e da outra vida. A idéia fundamental do livro é indicada já na frase final do prefácio: “Podemos entender-nos reciprocamente, mas interpretar apenas a nós mesmos.”

³⁰ Theodor, Erwin. Hermann Hesse octogenário. [S.I.], 1957

Sua obra mais profunda, porém, é sem dúvida o “Glasperlenspiel”, apresentado na forma de uma biografia do “Magister Ludi”, Josef Knecht Manfred Hausmann disse a respeito dessa obra: “Trata-se de muito mais que simples biografia. Em cada página encontramos revelações, introspecções e explanações do tipo que apenas pode ser encontrado por um sábio realmente idoso e verdadeiramente profundo, que se consagra inteiramente ao pensamento, sem se deixar intimidar pela imensidão da sua tarefa. O encanto íntimo da expressão artística de Hesse reluz nesta obra, assim como a compreensão de seu bondoso coração e seu sorriso triste e reservado diante da solidão imensa e desesperadora a que estão condenados todos os seres humanos.”

As poesias de Hesse mostram esses mesmos sentimentos, acrescidos à profunda religiosidade de seu autor. Esta religiosidade dispensa convenções e lugares-comuns, e assim como não precisa do tempo para revelar-se, não necessita do sacerdote para ser despertada. Anseia por beleza e paz e se baseia nos liames íntimos que ligam este grave e grande espírito a toda a existência. Eis uma de suas conhecidas poesias, acompanhada de tradução livre:

Durch des lebens wueste irr' ich gluehend
 Und erstoehne unter meiner Last.
 Aber irgendwo, vergessen fast,
 Weiss ich schattige Gaerten, kuehl und bluehend.

Aber ingendwo, in Traumesferne
 Weiss ich wartend eine Ruhestatt;
 Wo die Seele wieder Heimat fat,
 Weiss ich Schlummer warten, Nacht und Stern.

Pelo deserto dessa vida amarga
 Arfo ao peso de tremenda carga.
 Sei, entretanto, existirem esquecidas
 Em cantinho qualquer, jardins floridos.

Deve existir na distância dos sonhos
 A pátria que anseio, céus risonhos;
 Onde minh'alma, vendo coisas belas,
 Durma em eterna noite, entre as estrelas.

Hermann Hesse e o verão³¹

Sylvia Barbosa Ferraz

“Vim ao mundo em fins da era moderna, pouco antes de iniciar-se o retorno á Idade Média. Nasci sob o signo de Sagitário, protegido por Jupiter, ao entardecer de um dia cálido de julho. Daí sentir inconscientemente durante toda a minha vida a atração dessa hora estival, com seu calor envolvente, calor esse que sempre adorei e que sempre procuro e que tanta falta me faz quando não o tenho ao meu redor.”

Nesse pequeno trecho inicial de um resumo biográfico, metade realidade, metade fantasia, (*Kurzgefasster Lebenslauf*) escrito em 1925 para obsequiar amigos com o autorretrato humorístico de “um autor em tanto quanto problemático”, Hermann Hesse ressalta de modo bem claro e preciso a influencia poderosa do verão sobre seu destino. De fato, a atmosfera envolvente do mês em que nasceu, o acompanha sempre de perto na vida, renovando-lhe periodicamente energias físicas e psíquicas e marcando toda sua obra com dias de sol fulgurante, noites embriagadas de jasmim, bosques abertos em flor, searas maduras, papoulas escarlates. “Para certa gente” assevera Hesse, “nada mais belo do que verões como esse, em que caniços dos mais úmidos brejos ressecam crestados de sol e o calor nos penetra até a medula dos ossos. Essas pessoas, tão logo é chegada a sua hora, assimilam conforto e aconchego tal que suas existências, de resto pouco movimentadas, se animam de uma alegria, uma expansividade jamais experimentada pelas demais criaturas. A esse tipo de pessoas pertencço eu”. (*Marmorsage*). Entretanto, o verão não é apenas um mágico elixir de bem-estar físico para Hesse, mas sim algo de mais significativo ainda, fonte inesgotável de prazer estético, de emoção criadora e daí, conseqüentemente, valioso marco de recordações. Com efeito, tudo quanto de mais intenso e singular moldou e coloriu sua sensibilidade artística, o poeta revive com sensualismo fino, delicado, preferivelmente através de cenários, imagens, símbolos estivais. É, pois, dentre a poeira encantada dos verões da infância, da adolescência e da juventude que se nos descortinam as mais belas paisagens de sua terra natal. Através dos montes e valados da Suabia em pleno estio, ao longo de águas cantantes e rampas floridas de estrada, vamos ter a cidadezinha antiga de Calw onde o poeta nasceu. E aí então, em dias de grande calor podemos surpreender os velhos sobrados de Calw dormindo a sesta ás margens do Nagold; podemos ouvir o rio atravessar com suas águas claras a sonolência das longas tardes de verão, levando na correnteza anzóis, linhas de pescaria, sonhos de meninice, e aspirar a frescura recedentes dos pinheirais da Floresta Negra libertando numa suave penumbra o adolescente em férias das fadigas escolares.

Outros cenários também, cenários de terras diferentes, de diferentes fases da vida de Hesse, surgem em sua obra transfigurados pelo sopro flamejante do estio: é Basiléia e lembrança vivida da “Glockenwiese”, uma pequena campina dos tempos de criança “cheia de flores e de borboletas”, é o vale de São Clemente perto de Fiesole ardendo num mormaço de fogo entre montanhas ásperas e sombrias; são ilhas verdejantes do Oceano Indico, areias brancas, arrecifes de coral faiscando todas as cores deslumbrantes de um eterno verão ao sol abrasador dos trópicos; é o Tessino com as múltiplas reminiscências do primeiro verão em Montagnola, aquele maravilhoso inigualável “Ultimo verão” de Klingsor, que em 1919 ás margens de Lugano revelou a Hesse novo sentido para a vida...

Notando a diferenciação sutil que pulsa nas designações “Vorsommer”, “Frushsommer”, “Hochsommer”, “Prachtsommer”, “Spatsommer”, “Nachsommer” empregadas tão amiúde por Hesse em toda sua obra, avaliaremos com que ternura, com que

³¹ FERRAZ, Sylvia Barbosa. Hermann Hesse e o verão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 jul. 1957. Suplemento Literário, ano I, n. 40, p. 3.

especial carinho este escritor observou, sentiu, viveu nos seus mínimos detalhes as manifestações da natureza que vêm antes, durante ou depois do estio. Num pequeno esboço em prosa intitulado “Rumo ao Verão”, datado de 1905 em Gaienhofen no lago de Constança, escreve ele: “Dizem que a primavera é a estação mais bela do ano. A alegria pelo que virá, a espera ansiosa pelo verão é o que ela tem de mais fascinante. Quão breve olvidamos a celeste, a suave, a romântica primavera quando é chegada a plenitude do estio! Quando terra e sol se identificam no amor e na luta, quando o calor se torna mais vivo, mais ardentes, as chuvas mais impetuosas e mais súbitos os temporais! Quando os dias são cada vez mais luminosos, as noites cada vez mais translúcidas! É então que nos castanheiros em flor fulgem corimbos brancos e vermelhos como velas acesas a irradiar um esplendor sem par! – É então que o perfume do jasmim se evola em ondas de inebriante doçura. E o trigo amadurece. Centenas, milhares de espigas trigueiras inclinadas ao peso do grão se agitam ruidosas, festivas nos campos. E a terra preta, úmida das matas fermenta explodindo num jorro de plantas multicores enquanto por tudo e em tudo lateja a ânsia febril, apaixonada pela vida”.

A grande variedade de trechos como esse, proclama através de uma policromia insinuante, através de um certo quê de aroma silvestre, de sabor doce, maduro na linguagem, através do arrebatamento sonoro das frases e da embriaguez melódica do estilo, que para Hesse, sem dúvida alguma, o verão é o ponto culminante do ano, a estação régia, “die konigliche Zeit”. E é por isso que nas demais estações, vê sempre um verão que foi, ou está para vir. Para ele as folhas outonais são os derradeiros suspiros de um verão agonizante e a mortalha de neve, cobrindo o solo hirto de inverno, berço encantado de messes futuras. O hálito morno do “föhn” anunciando o degelo, pressente o perfume de cravos e jasmims; na apenas entreaberta frescura das floradas primaveris, antecipa o viço radioso de frutos maduros.

O verão é pois, tema constante na obra de Hermann Hesse. E como “a temática de um poeta é catalogo de suas reações características em face de certas situações que se lhe apresentam na vida.” (Curtius), nele encontraremos uma das principais chaves para a apreciação justa do escritor. A primeira reação característica de Hesse é em face de sua própria constituição e temperamento. Essa reação, manifesta-se desde criança, de uma lado, por uma instintiva aversão ao frio, á umidade, á ausência de colorido; de outro lado, por grande avidez de calor, tonalidades exuberantes, alegria expansiva. A explicação está no tipo franzino, nervoso do poeta, no seu organismo propenso a distúrbios reumáticos, em sua índole reservada, sua hipersensibilidade artística. Daí solicitar á mais rica, esplandecente época do ano tudo aquilo que a constituição orgânica lhe nega, tudo aquilo que seu comportamento introspectivo lhe interdita.

A segunda importante reação característica do poeta e em face de sua complexa personalidade, dos últimos antagonismos de seu universo intimo: de um lado forças do intelecto e da razão, do outro, forças da intuição, dos impulsos; aqui o anseio por solidão contemplativa, ali o desejo de convivência, presença de amigos, troca de idéias; a nostalgia de um lar num extremo, noutro a inquietação do andarilho. Em busca de uma solução de harmonia para esses muitos pólos iguais e contrários de seu Eu, o poeta novamente solicita auxilio do mundo exterior, encontrando-o naquela paisagem que melhor espelha tensão e equilíbrio entre as forças antinômicas do cosmos, a paisagem estival por excelência. Pois que trazendo consigo a realização das promessas primaveris, entusiasmo, plenitude, espigas douradas, papoulas vermelhas, borboletas esvoaçantes, o verão traz consigo prenúncios de outono e inverno: o cansaço, melancolia, folhas secas ao vento, trigais ceifados. E nessa ambivalência do estio, na alegria a principio comunicativa da natureza que devagar se transforma em calma resignação, nas cores vivas, falantes, que aos poucos empalidecem e silenciam, é que Hesse encontrou algumas das mais belas imagens correspondentes para movimentos profundos e antagônicos de sua alma: o louro trigal, inclinado ao sol sob peso to

grão maduro, é reflexo de seu próprio ser; sente-se irmão das papoulas escarlates, sente-se asa de borboleta voando com a brisa, folha seca arrastada pelo vento...

Assim o estio, além de ser a grande força benéfica e inspiradora da sua existência, além de ter se transformado num dos temas constantes de sua obra, revelou-se ainda um importante símbolo para ele: símbolo da juventude e velhice que se entrelaçam nos destinos humanos; símbolo de vida e de morte em sua misteriosa unidade; símbolo da beleza eterna que se manifesta sob a máscara do transitório e efêmero. E como tal, símbolo de seu destino e sua arte:

*Nós que nascemos em julho
Amamos o aroma dos alvos jasmims
Vagamos ao longo de imensos jardins
Serenos, absortos em sonhos profundos.
Nossa irmã é a papoula escarlata
Que arde em lampejos de cor fulgurante
Nos loiros trigais, no muro escaldante,
e depois, se desfolha ao sopro do vento...
Queremos que a nossa vida termine
Repassada de sonhos como a noite de verão,
Entre festas de colheita, ansiosa, fremente,
Coroas de espigas e flores rubras na mão...*

As fontes do individualismo de Hesse³²

Pedro Moacyr Campos

“Cada pessoa tem sua alma, não suscetível de confusão com qualquer outra. Duas pessoas podem andar juntas, conversar e estar próximas uma da outra. Mas suas almas são como flores, cada uma enraizada no seu lugar, sem poder deslocar-se em busca de outra, pois para isso, precisaria deixar suas raízes, o que não lhe é possível”. Tais palavras – verdadeira profissão de fé individualista – são frequentemente confirmadas na obra de Hermann Hesse, até mesmo sob a forma de um desafio: “sou individualista... Pode ser que, com isto, me reconheço filiado a um mundo já meio morto, que já exista em desenvolvimento um homem coletivo, sem alma individual, que liquide com toda a tradição religiosa e individualista da humanidade. Deseja-lo ou teme-lo, porém, não me compete”. A pesquisa das fontes, dos pontos de partida desta atitude, levar-nos-ia, evidentemente, a examinar toda a formação do autor e, mais ainda, a estudá-lo como pessoa, como caráter, como temperamento, enfim, como o conjunto das características próprias. A personalidade que se nos apresenta sob o seu nome. Limitemo-nos, aqui, a apontar uns tantos traços que nos parecem condicionar as manifestações do extremado individualismo a que nos referimos. Material não falta, muito ao contrário: a obra de Hesse, de certo modo, é toda ela autobiográfica; nossa dificuldade reside mais na escolha, na atribuição de maior ou menor importância aos dados selecionados e na sua ligação com o assunto em questão.

Entre as inúmeras passagens de sua obra que se podem tomar como início para o exame dos fatores mais importantes para a formulação de suas idéias, escolhemos um trecho de um curto artigo intitulado “Leituras Favoritas”: “O setor da literatura universal que com maior freqüência procurei durante minha vida, e que melhor cheguei a conhecer, é o correspondente aquela quase lendária Alemanha, hoje nos dando a impressão de estar infinitamente distante, e que se situou entre 1750 e 1850; aquela Alemanha cujo centro e cujo pináculo é Goethe”. O contato com esta literatura, atualmente em grande parte esquecida, foi-lhe facilitado pela biblioteca do avô, onde a literatura do século XVIII “estava representada com rara integridade, não apenas pelo Werther, pela Messianda e por alguns almanaques com gravações de Chodowleckl, mas também por outros tesouros menos conhecidos: obras completas de Hamann em nove volumes, todo Jung Stilling, Lessing completo, as poesias de Weisse, Rabener, Ramler, Gellert, os seis volumes da *Sophiens Reise von Memel nach Sachsen*, alguns jornais literários e diversos volumes de Jean Paul. “Em poucas palavras: conheci a literatura alemã de um século de maneira tão completa como dificilmente a conhece um especialista no assunto”.

1750 – 1850: “Sturm und Drang”, classicismo, romantismo e, num âmbito todo especial, pietismo. Destaquemos alguns nomes do período, como testemunhos das principais tendências, e fácil nos será verificar a medida que poderiam servir de inspiração a um poeta impregnado de individualismo, Hamann seria o exemplo do autor em que Hesse poderia ter buscado muito de sua fé nos valores íntimos do indivíduo, considerando como pessoa única e não submetido à esquematismos ou á enquadramento e sistemas previamente estruturados. Ligado à chamada “doutrina do gênio”, que buscava acima de tudo destacar o homem como capacidade criadora, principalmente como artista, nunca imitando, mas sim criando, impelido pelas suas forças íntimas e originais, independentes de regras passíveis de transmissão ou de ensinamentos anteriores, (...) ³³ religioso, teve possivelmente sua raiz na intimidade com a

³² CAMPOS, Pedro Moacyr. As fontes do individualismo de Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 maio 1958. Literatura e Arte, ano LXXIX, n. 25460.

³³ Linha suprimida

literatura pietista do século XVIII. No que diz respeito a Goethe, Hesse, sempre pródigo nas informações relativas a própria formação, facilita-nos ainda mais a tarefa, pois nos deu um pequeno volume, *Dank an Goethe*, no qual se reúnem quatro ensaios compostos em épocas diversas. Hora, o primeiro deles principia com a confissão de ter sido Goethe, dentre todos os poetas alemães, aquele a quem Hesse mais deve, aquele que mais o preocupou, animando-o a imitação e, por vezes, a contradição. Quase menino ainda, já tomara contato com as poesias e com o Werther; do muito que o deve ter então impressionado, sentimo-nos tentados a sugerir, especialmente uma passagem do Werther, uma frase, a bem dizer, mas bem de acordo com o espírito dos mais importantes personagens de Hesse, em busca de um caminho para a solução de si mesmos: “*Deveras sou apenas um errante, um peregrino na terra! Sois vós outros algo mais do que isso?*” Uma peregrinação pela vida, visando inicialmente a própria descoberta e, num fim último, a superação do plano individual para a dedicação a uma espiritualidade absoluta – eis como podemos encarar o roteiro de diversos personagens do poeta.

E esta peregrinação outra coisa não é além da auto-educação. A ela correspondem os anos de aprendizado, que nos lembram imediatamente a obra de Goethe pela qual Hesse se sentiu mais impressionado: o *Wilhelm Meister*. Um romance pedagógico, a que já em 1911 Hesse consagra uma dissertação onde não encontra limites seu entusiasmo pela história “do homem cuja origem, educação, fortuna e caráter o destinavam a ser um satisfeito cidadão ajustado a sua equilibrada civilização, mas que, impelido por uma ânsia divina, deveria partir, seguindo estrelas boas e más, para satisfazer a aspiração de uma vida mais elevada, de mais pura espiritualidade, de mais profunda e madura consciência humana”. Além do mais, Wilhelm Meister não é apresentado como um indivíduo excepcional pelo seu autor e este traço é particularmente posto em destaque por Hesse, contribuindo para aumentar de muito o campo de alcance da (...) ³⁴ além da sua própria. Hesse por sua vez, diria incisivamente: “aos quinze anos dei início a minha auto-educação”. O fim, todavia, é a integração num plano amplo, no plano da humanidade, materialmente pelo bem servir ao próximo, e espiritualmente através da fusão da personalidade realizada numa comunidade dos espíritos perfeitos.

Conforme nos lembra o próprio Hesse, foi o Wilhelm Meister o modelo de vários outros romances da formação individual: “nos ombros do Wilhelm Meister repousa o Oflerdingen, o Titan de Jean Paul, o Sternbald de Tieck e o Godwl de Brentano; e até o Maler, Nolten e o Gruener Helnrich permaneceu ele como ideal e modelo, cem vezes imitado, estudado, perpetuado, nunca novamente atingido”. Ora nesta enumeração pensamos pelos românticos e chegamos a Moerike e Keller. A todos eles prende-se também o pensamento de Hesse no concernente à formação da personalidade. As relações com o romantismo expressamente reconhecidas pelo autor, evidenciam-se, aliás, a todo momento na sua obra: o papel desempenhado pela natureza, a libertação dos modelos rígidos, a justificação e a intensidade atribuída as forças do sentimento, com a correspondente reação ao racionalismo, o papel do elemento religioso, o estado de ânsia contínua, de aspiração a união com o plano natural-divino, tudo isto manifesta-se frequentemente na carreira de Hesse. Não por acaso foi ele, assim, classificado de neo-romântico na sua primeira fase, de que o mais frisante exemplo é o Peter Camenzind. Mas mesmo depois na fase pós-guerra de 1914, mantém-se os traços românticos, afirmam-se os empréstimos, ou possíveis coincidências de idéias entre Hesse e os autores do romantismo; citando apenas um entre inúmeros exemplos que poderiam ser invocados, bastar-nos-á mencionar o caso de certas passagens do “Goldmund e de Die Lehrlinga Zu Sais, de Novalis. Porém, o outro grande estímulo fornecido pela Alemanha para o desenvolvimento d Hesse, além de Goethe, não foi propriamente qualquer dos autores a pouco referidos, embora reconheça o poeta muito dever a Moerike, Jean Paul (...) ³⁵ já me fora dado perceber existir, além do espírito de Lutero e Bengel, o espírito Hindu. Pessoas como

³⁴ Linha suprimida

³⁵ Linha suprimida

meu avô e meu pai já não podiam mais ser propriamente nacionalistas, mas ainda uma geração fazia-se necessária para que isso se manifestasse claramente”. Um dos mais significativos traços acima invocados, portanto, revela-se condicionado também pelo Oriente, em concorrência com os fatores de ordem religiosa. Mas muito mais longe os leva o papel do Oriente nas idéias de Hesse, a começar por surgir como um dos principais aspectos da unidade fundamental, cuja busca é um de seus objetivos e que o faz a todo o momento, lembrar a identidade de base, própria tanto ao Oriente como ao Ocidente, no plano da auto-espiritualidade. Eloqüente a tal respeito é o trecho de uma carta datada de 1932: “O senhor percebeu nos meus livros uma forma de pensamento da qual me toma como mestre. Trata-se, porém, do pensamento de todos os que vivem para o espírito, opondo-se diametralmente, aliás, a maneira de pensar dos políticos, dos generais e dos “Fuehrer”. Está ele exemplar e exatamente (tanto quanto possível), expresso nos Evangelhos, nas sentenças dos sábios chineses, mormente de Confúcio e Lao-Tse e nas fábulas de Dschuang-Dsi, em algumas poesias didáticas Hindus, como o Bhagavad-Gita. Considerando-se em profundidade, trata-se de uma linha de pensamento que corre pela literatura de todos os povos”. Automaticamente somos levados a pensar em Goethe, na sua famosa poesia “*Gottes ist der Orient, Gottes ist der Okzident*”, tanto mais quanto Hesse revela sua satisfação por ter encontrado também em Goethe a preocupação com a sabedoria chinesa, na sua velhice, especialmente. E a tal ponto chega a impregnação de cultura Oriental que justifica, inclusive, uma afirmativa de que Hesse buscaria no Oriente a salvação, a solução para os problemas do indivíduo, mormente no homem moderno que corresponda as concepções do poeta. No *Glasperlenspiel*, assim, haveria maior número de soluções Hindus do que cristãs e a sabedoria oriental surgiria como a única compensação para a degradação do nosso tempo.

Estas seriam, em linhas gerais, as fontes a que Hesse recorreu para formular sua concepção de homem e seus ideais de formação individual. Não nos esqueçamos, porém, de que todas estas fontes não explicam o seu pensamento, por serem apenas elementos subsidiários de algo muito mais importante, de algo que fornece realmente a explicação para o pensamento do poeta e que é, simplesmente, o homem Hermann Hesse. A sua pessoa, a sua maneira de ver, de sentir, de pensar, de nos transmitir tudo isso enfim, e que demonstra, de modo impressionante, a verdade das palavras de Schiller: “Tudo o que o poeta tem a nos dar, é a sua personalidade”. E dificilmente encontraremos um exemplo mais ilustrativo desta assertiva como na obra de Hesse.

A auto-educação em Hermann Hesse³⁶

Pedro Moacyr Campos

De uma das mais atraentes dentre as cartas de Hesse, destacamos uma passagem onde se condensa o que acreditamos poder constituir a base do ensinamento do poeta no referente á educação: “O que realizares na vida, não apenas como artista, mas como homem, como marido, pai, amigo, vizinho, etc., isto será medido pelo eterno “sentido” do mundo, pela justiça eterna, não segundo uma escala rigida, mas de acordo com um criterio único e pessoal adaptado para o teu caso. Ao julgar-te, Deus não perguntará: “Foste um Hodler, ou um Picasso, ou um Pestalozzi ou um Gotthelf?”, mas sim “Foste realmente aquele que tinha teu nome, para o qual recebeste dotes e requisitos?” – E então pessoa alguma rememorará sem horror e vergonha sua vida e seus desvios, para responder na melhor das hipoteses: “Não, não realizei aquela existência, mas esforcei-me ao menos, para realizá-la”. E estará justificada, terá passado com exito pela prova se tiver respondido com sinceridade”.

Em poucas palavras: cada um tem a missão de realizar-se, surgindo a educação, portanto, como um esforço dirigido no sentido de possibilitar esta realização. Educação, assim, considerada como o plano em que se verifica a formação de cada um de nós; ensinamentos exteriores ao individuo, é claro que são importantes, mas não podem ser codificados, reduzidos a normas, por serem estas contrarias á naturalmente, as pessoas que podem ser tidas mais como tipos de uma série do que como individuos. A estas, o próprio Hesse denomina *pessoas de dúzia*: aquelas que, na melhor das hipóteses, buscam sua crença junto a uma igreja, à ciência, ou entre os patriotas e socialistas, ou em qualquer meio capaz de proporcionar uma moral, um programa ou uma receita já preparados. Por outro lado, qualquer tendencia no sentido de restringir a possibilidade de expansão e de realização dos traços próprios á pessoa, merecem repetidamente a reprovação do poeta, cuja correspondencia revela total aversão pelo enquadrado, pela submissão a lideres bem como pelo exercicio de uma função de lider: De uma certa maneira, aliás, podemos encontrar também neste traço um elemento conduzindo a um dado educacional, tal seja, privar o individuo de programas fixos e de lideranças que osfuquem suas personalidade, ou ainda, que favoreçam sua inercia no sentido da realização pessoal; deveras é bem mais facil seguir os lideres: “Necessita e anseia por um lider apenas quem não está em condicões de pensar e responder por si mesmo”. O carater radical desta atitude de incondicional preservação da personalidade manifesta-se a todo momento na obra de Hesse, oferecendo-nos mesmo, oportunidade para aferir de seu desgosto diante de uns tantos traços essenciais á nossa época, por ele tantas vezes encarda através de funda amargura. Avesso que é a programas e lideres em geral, como elementos coercitivos da personalidade, é claro que igual posição é tomada em casos particulares, dos quais se destacam com maior evidencia: o totalitarismo, seja ele de direita ou de esquerda, e o nacionalismo. Ainda uma vez não nos deixa margem a duvidas o proprio Hesse, no que toca á sua aversão por tais inclinacões politicas: “Estes sistemas (totalitarios) encaram o homem como quase que ilimitadamente capaz de enquadrarmentos em padrões politicos, o que não se verifica na realidade”, lê-se numa de suas cartas, em que tal erro na apreciação da natureza humana é considerado como um dos grandes fundamentos das convulsões do mundo contemporaneo. Bem entendido, não é condenada a filiação a um partido desde que isto se verifique mediante total indentificação do individuo com os ideias e praticas partidarias, ou seja, quando não houver absorção da personalidade, mas ao contrário, ambiente e condicões para a plena relizacão desta, não se levando em conta, então, o aspecto etico que daí possa

³⁶ CAMPOS, Pedro Moacyr. A auto-educação em Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 jun. 1958. Suplemento Literário, ano II, n. 86, p. 3.

resultar. “Não desaconselho pessoa alguma a filiar-se a um partido, porém advirto a quem assim age, quando ainda jovem, não só do perigo de vender sua própria opinião em troca do prazer de se ver cercado por companheiros, mas ainda mais, e principalmente, que pertencer a um partido e a um programa não pode ser brincadeira, devendo ao contrario corresponder a uma total dedicação: quem, assim, se deixa levar pela revolução, não apenas deve pôr o corpo e a vida inteiramente á disposição da causa, mas também deve estar pronto a matar, atirar, lidar, com a metralhadora e o gás... Confesso não ser este o meu caso especial, mas jamais procurei influenciar quem quer que fôsse, inclusive meus filhos, na decisão relativa a um tal problema de consciencia”. Portanto, embora seja decididamente antitotalitario, não é a questão do partido em si mesmo que se revela para ele mais importante, mas a atitude intima dos que se filiam a tal ou qual enquadramento. Uma meia-adesão, uma atitude morna, seria uma negação de si mesmo, quando não uma tentativa acomodatória, resultado também de uma auto-negação. E isto é o que se condena, este é o ponto principal, surgindo a questão política de um lado, como ensejo para a prova de personalidade e, de outro, como ameaça ao processo de formação pessoal. Quanto ao nacionalismo, constitui-se num problema pra o próprio Hesse, alemão de nascimento e que acabou por renunciar à sua própria cidadania naturalizando-se suíço em 1923. Por motivos semelhantes aos há pouco mencionados, afirma-se ele radicalmente avesso à qualquer espécie de nacionalismo; este , ao seu ver, se reduz a um sentimentalismo retardatário e extremamente perigoso. Mas não apenas o lado político do mundo moderno encontra-se repleto de ameaças para o indivíduo; consideráveis perigos partem também do desenvolvimento da técnica, gerando uma desproporção entre valores materiais e humanos, correndo estes o risco de serem submersos por aqueles. A atração da técnica, fatalmente levará enorme número de indivíduos a negligenciar a própria formação, o desenvolvimento de seus valores pessoais, e a desaparecer em meio à massa. O tipo tenderia, assim, a substituir o indivíduo, perdendo a vida todo o seu encanto e sentido com o predomínio de máquina e massa, poucas seriam as possibilidades de realização individual, pois massas e personalidade repelem-se: “... o pior inimigo e corruptor do homem é o impulso para o coletivo, impulso este cujas raízes são a preguiça de pensar e a necessidade de sossego.

Quer-nos parecer que a antinomia personalidade-massa, nos leva a um dos pontos vitais na obra de Hesse, preso dentro de si mesmo, sofrendo, lutando, ansiando, sonhando sozinho, pois aos homens não foi concedido o dom de se conhecerem uns aos outros. Podem entrar em contato, transmitir uns tantos conhecimentos, amar e servir, mas a essência de cada um é intransmissível ao próximo e o dilema instala-se. A massa ou a solidão. Para os que ficam sós, o problema consiste em conquistar a harmonia com o mundo, atribuindo-se um sentido a vida, embora no fundo não se rompa a solidão, pois “viver é estar só”. Compreende-se à vista disto, a total descrença em uma educação que não seja auto-educação, auto-formação. E mais: decorre daí ser a vida a única escola em que tal educação seja possível . A vida, naturalmente, tal com o se apresenta a cada um, tal como cada um é obrigado a aceitá-la e afirmá-la. Praticamente toda a obra de Hesse está impregnada deste princípio de aceitação incondicional da existência, da vida permanentemente em mutação, em “werden”, sem outro motivo para o homem além de sua auto-formação, através de proações, através de contínuas experiências, pelas quais se distribuem as etapas de realização individual. E quanto mais acidentada, mais agitada a vida, tanto maior é a oportunidade para a afirmação dos fortes. Talvez, até, fosse mais certo dizer-se o contrário: quanto mais forte a personalidade, mais rica a sua vida, pois tanto mais impressionante será seu choque com a massa, com a tradição. Daí a inegável predileção pelo tipo do apostata, mais ainda, pelo tipo de Caim, “que pode muito bem, ser considerado com o representante do espírito e da liberdade, proscrito em virtude de sua audácia”. Um tipo de grande apostata, aliás, é o personagem da obra máxima de Hesse, Joseph Knecht, ao romper com toda ordem em que sempre vivera, para dedicar-se, exatamente, a função de preceptor. É o legítimo apostata, enfrentando todas as resistências,

rompendo com os mais venerados princípios, ousando tudo, sozinho, não se esquivando a qualquer provação; é, sem dúvida o detentor da mais forte das personalidades, é o indivíduo no apogeu de sua consciência, de si mesmo e de sua missão de realizar-se. Imponha-se a necessidade disto e o próprio caminho do suicídio ser-lhe-a lícito, pois também esta saída é aceita por Hesse, de preferência ao sacrifício da personalidade.

Viver o seu destino, sem relutância, procurando sentir as privações com a maior intensidade possível, não hesitando, inclusive diante das contradições, por serem inerentes a luta constante pela afirmação; surgindo a semelhança de um modelo, não na medida em que revele superioridade, incontestabilidade ou perfeição, mas mediante a renúncia ao seu papel de guia e sábio, mediante a coragem de não abusar da confiança dos leitores, para surgir como guia ou como sacerdotes; apresentando-se, isto sim, como o homem que se deixa temperar pelos autos e baixos da existência e que é capaz de transformá-los através da sua arte, em contribuições para um exemplo de como se atribui um sentido a vida, eis, por fim, a missão do poeta.

Finalmente, parece-nos que seria normal encontrar-mos também em Hesse um ideal de comunidade humana, onde fossem respeitados todos os sagrados elementos da personalidade, onde, de maneira mais harmoniosa possível, cada um pudesse levar sua própria vida, em busca da realização individual que dá o sentido a existência. E, num paradoxo aparente, este sentido deveria ser encontrado acima do tempo e das pessoas, sob o signo de um esforço de dedicação, de religião, de integração num plano divino; não naturalmente sob as formas tradicionais de uma igreja, mas mediante a consciência de ligação a uma harmonia perene, independente do tempo e do espaço, como uma das derradeiras etapas do difícil caminho que leva cada um ao seu próprio íntimo, ao conhecimento e a vivência de si mesmo. A um de seus correspondentes, passando por uma profunda depressão, segundo podemos inferir, assim responde Hesse: “não levo vantagem alguma sobre o senhor, continuo ainda hoje acessível a semelhantes desesperos; num ponto, todavia, estou na sua frente; sou mais velho e tive a oportunidade de verificar, num longo caminho, que por trás de todo o pessoal está o impessoal, o divino, e que apenas lá existe a realida e pode ser vivida a vida.” E, noutra ocasião: “Possivelmente cada um de nós siga o seu caminho com muito menos liberdade do que lhe parece. Por isto é bom para os indivíduos marcados, saber da existência de camaradas e buscar o competente lugar na série de espíritos criadores e sofredores que se estendem pela história universal. Esta é a comunidade dos santos, a qual pertencem o pobre Villon e o pobre Verlaine, bem como, Pascal e Mozart, e também Nietzsche”. Chegaríamos, assim, a um ideal semelhante ao de Kant, cuja expressão “comunidade dos santos” é literalmente tomada, lembrando-nos o século XVIII, “a última grande época cultural da Europa”, segundo as palavras do próprio Hesse.

Poesia alemã³⁷

Geir Campos

Os oitenta anos de Hermann Hesse
Tradução e nota de Daniel Brilhante de Brito

Completo 80 anos Hermann Hesse. Oitenta anos de descobertas, de renovações constantes, de juventude. O velhinho é, como quanto lhe sai da pena, e como o seu predileto Mozart, lúdico e sereno. Sua intimidade com a natureza reflete-se no neo-romântico das poesias, do Peter Camenzind. À intuição psicológica, tanto da problemática do homem contemporâneo no Steppenwolf, quanto da kierkengardiana caracteologia do ético e do estético em Narziss und Goldmnd, sucede-se, na velhice, a mais pura consubstanciação de suas fontes hindus, chinesas e ocidentais na plenitude e multiperspectividade do Glasperlenspiel, cujas visões foram amadas por Thomas Mann como “zukunfterofindig, sukunfsichtig”. Os dois trechos em prosa aqui apresentados foram traduzidos de Vanderung (Suhrkamp Verlag/Berlim, 1949). Os fluentes versos portugueses de Ivo Barroso constituem uma recriação, no metro e na rima do original, de Wie eine Welee, das poesias reunidas (Gedichte), publicadas pela primeira vez em 1942.

PASSO DOS ALPES

Sobre a brava estradazinha sopra o vento. Árvore e arbusto ficaram para trás, pedra e musgo somente, crescem aqui. Ninguém tem aqui coisa alguma a buscar, ninguém possui aqui propriedade, camponês não colhe aqui nem feno nem lenha. Mas a distância arrebatada, a saudade e o querer-ver queimam, e êstes criaram, por charco rocha e neve, esta boa estradazinha, que conduz a outros vales, a outras casas, a outras línguas, a outros homens.

Detenho-me no Passo dos Alpes. Para ambos os lados a estrada declina, para ambos os lados a água corre, e o que aqui em cima está junto e entrelaçado, encontra caminho para dois mundos diferente. A pequenina poça em que pisei resvala para o norte, seu conteúdo chega ao distante mar frio. O restículo de neve, seu vizinho próximo, goteja para o sul; seu líqüido escorre, por litorais adriáticos e lugares no mar, cujos confins são costas d’África, mas tôdas as águas do mundo reencontram-se, e Ártico e Nilo afinal se mesclam no vôo úmido das nuvens. O belo e antigo símbolo consagra-me a hora. Também a nós, vagabundos guiam todos os caminhos à casa.

Meu olhar pode ainda escolher pertencer-lhe ainda norte e sul. Em cinqüenta passos restar-me-á somente o sul. Como exala mistérios de cales azulados, como o meu coração bate, indo-lhe ao encontro! Ressuma aroma de amêndoa e vinhedo, pressentimento de lago e jardim, lenha antiga e sacra de saudade e peregrinação.

Da juventude ressoam-me lembranças, quais sinos que chamam de veles distantes: êxtases de jornada, minha primeira viagem ao sul, ébria inalação de jardins luxuriantes às bardas de lagos azuis, noturnal auscultar de montes níveos, empalidecidos, da pátria distante! Minha primeira reza junto aos pilares sagrados da antiguidade, meu primeiro esparecimento devaneado sôbre o mar borbulhante atas de pardos rochedos!

O êxtase não existe mais. Tão pouco o regalo em mostrar a todos os que amo as ditas, e os panoramas meus. Não me é mais primavera no coração. É estio. O saudar do estranho me soa diverso. Seu eco em meu peito é mais tranqüilo. Não atiro o chapéu no ar, não canto nenhuma canção.

³⁷ CAMPOS, Geir. Poesia alemã. [S.l]: Ministério da Educação e Cultura, 1960. Coletânea de poemas, incluindo dois poemas de Hermann Hesse.

Mas sorrio, e não é só com a boca: sorrio com a alma, com os olhos, com a derme inteira, e ofereço à exalante terra sentidos outros que os de outrora, mais frios, mais tranquilos, mais agudos, mais praticados, e também mais agradecidos. Tudo isso pertence-me hoje mais que então, fala-me mais ricamente e com centuplicadas matizes. Minha ébria saudade não pinta mais côres de sonho em longinquidades veladas, meus olhos se satisfazem com quanto se lhes antepaira; pois aprenderam a ver. O mundo tornou-se mais belo deste então.

O mundo tornou-se mais belo. Estou só, e não sofro com a solidão. Não almejo nada diferente. Estou disposto a deixar-me cozer pelo sol. Estou sequioso por madurar-me. Estou pronto para morrer, para renascer.

O mundo tornou-se mais belo.

CASA DE CAMPO

Junto a esta casa, despeço-me. Por longo tempo não conseguirei mais ver nenhuma casa como esta. Pois aproximo-me do Passo dos Alpes, e aqui acaba o estilo alemão, nórdico juntamente com a paisagem alemã e a língua alemã.

Como é belo passar tais fronteiras! O vagabundo é em muitos aspectos um homem primitivo, assim como o nômade é mais primitivo que o camponês. Mas a superação da sedentariedade e o desprezo pelas fronteiras fazem da gente de minha estirpe, pioneiros do futuro. Se houvesse muitos homens em que calasse um desprezo tão profundo pelas fronteiras como em mim, não haveria mais nem guerras nem bloqueios. Não há nada mais odioso que fronteiras, nada mais estúpido que fronteiras. Elas são como canhões, como generais: enquanto reina razão, humanidade, paz, nada delas se ouve e sorrimos delas; mas logo que rebentam guerra e obsessão, tornam-se importantes e sacrais. Como se tornaram para nós outros, nômades, em dor e prisão nos tempos de guerra! Que diabos as leve.

Desenho a casa em meu caderno de notas, e meus olhos se despedem do teto alemão, do travejamento alemão, do frontispício alemão, de muita familiaridade, de muito aconchêgo. Amo ainda uma vez todo êste aconchêgo com reforçada efusividade, porque me despeço.

Amanha amarei outros tetos, outras cabanas. Não deixarei, como se diz nas cartas de amor, meu coração aqui. Oh não! Levarei meu coração comigo, preciso dêle a cada momento lá em cima, sôbre as montanhas. Pois sou nômade, não lavrador. Sou cultor da infidelidade, da mudança, da fantasia. Não é de meu gôsto pregar meu amor nalgum pedaço de terra. Tomo aquilo que amamos sempre por um símbolo suspeito.

Ditoso o camponês! Ditoso o proprietário, o sedentário, o fiel, o virtuoso! Eu posso amá-lo, invejá-lo mesmo. Mas perdi metade da vida querendo imitar-lhe a virtude. Queria ser o que não era. Queria ser poeta e igualmente cidadão. Queria ser artista e fantasista, mas gozar da pátria e da virtude. Muito durou para convencer-me de que não se pode ser ambas as coisas ao mesmo tempo, de que eu sou nômade, não camponês, buscador e não guardador. Longamente mortifiquei-me ante leis e divindades, que não eram para mim nada além de ídolos. Esse foi o meu êrro, minha tortura, minha cumplicidade na miséria do mundo. Multipliqueia culpa e o sofrimento do mundo ao violentar-me, ao não querer seguir o caminho da libertação. O caminho da libertação não leva à direita não leva à esquerda, conduz ao coração próprio, que ali sòmente É Deus que ali sòmente É paz.

Das montanhas sopra-me um vento úmido, para além contemplam cerúleas ilhas do céu outras terras abaixo. Sob aquêles céus, serei amiúde feliz, terei amiúde saudades de casa:

POEMA DE HERMANN HESSE
*Qual onda que de espumas coroada
se ergue no azul, ansiosa, um só momento,
e se apaga no mar, bela e cansada –*

*Qual nuvem que desperta a nostalgia
do peregrino, a velejar no vento,
e, argêntea, escoá, pálida, no dia –*

*Qual canto ouvido à margem de uma estrada
em tom estranho e rima comovente,
que a alma te faz sentir arrebatada –*

*Tam minha vida pelo tempo avança
e, em sintonia, vai secretamente,
para o Reino do Eterno e da Lembrança.*

(Tradução de Ivo Barroso)

Hermann Hesse³⁸

Um livro de que nenhum estudioso de Hermann Hesse poderá deixar de tomar conhecimento foi editado pela Universidade de North Carolina (na excelente serie “Studies in the Germanic Languages and Literatures”

“Hermann Hesse and his Critics”, de autoria de Joseph Mileck, divide-se em três partes, cuja primeira é dedicada à biografia, obra e concepções de Hesse, ao passo que a segunda apresenta uma ampla sinopse das apreciações críticas e a terceira uma minuciosa bibliografia das obras do romancista e poeta, incluindo traduções, dissertações e artigos aparecidos em periódicos e jornais.

Infelizmente, a bibliografia das traduções é omissa no que se refere às traduções em língua portuguesa. Enquanto constam todas as obras acessíveis em Braille, é anotada apenas a versão de um único conto editado em Lisboa, mas, como soe acontecer, nenhuma das que apareceram no Brasil, onde “O Lobo da Estepe” alcançou êxito incomum.

O autor verifica com certo desencanto que Hesse nunca se tornou figura familiar nos Estados Unidos, mesmo depois de ter sido distinguido com o Prêmio Nobel. “Imerso como está na tradição romântica de Novalis..., Hesse dificilmente atrairá muitos leitores aqui...”.

³⁸ HERMANN Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 set. 1960. Suplemento Literário, ano IV, p. 4.

Poemas de Hermann Hesse: obras póstumas de José Servo - poesias do discípulo e do estudante universitário³⁹

TRANSIGIR

*Os intransigentes e simplórios
Não suporta, é claro, nossas dúvidas.
O mundo é superfície, explicam simplesmente,
E um disparate a lenda dos abismos.*

*Pois se houvesse realmente outras dimensões,
Além das duas boas, velhas conhecidas,
Poderia alguém morar com segurança?
Poderia alguém viver despreocupado?*

*Portanto, para conseguirmos paz,
Risque uma dessas dimensões!*

*Porque são honestos e intransigentes,
E a visão dos abismos é tão perigosa,
Prescindimos da terceira dimensão.*

LENDO UM ANTIGO FILÓSOFO

*O que ontem possuía encantos e nobreza,
Fruto de séculos de pensamentos raros,
De chofre empalidece, murcha e perde o sentido,
Como as gavinhas de uma partitura,*

*Em que apagamos claves, sustentidos;
Desapareceu de um edifício
O centro mágico de gravidade,
A gaguejar vacila, desmorona,
Num certo ecoar,
O que tinha aparência de harmonia.*

*Assim também um rosto
Velho e cheio de sabedoria,
Que idolatrávamos
Amarrota-se e, pronto para a morte,
Tremula sua fulgurante luz espiritual,
Em um jogo lastimoso e erradio
De rugas miudinhas.*

*Assim também um elevado sentimento
Pode em nossos sentidos, num instante,
Em esgares transformar-se em dissabor,*

³⁹ POEMAS de Hermann Hesse: obras póstumas de José Servo - poesias do discípulo e do estudante universitário. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 maio 1969. Suplemento Literário, ano XIII, n. 626, p. 3.

*Como se a muito possuísse dentro de si
O saber de que tudo apodrece,
Tudo tem de murchar e de morrer.*

*E sobre esse nojento vale de cadáveres
Se estira dorido, e no entanto incorrupto,
O espírito saudoso de fânias ardentes,
Combate a morte e torna-se imortal.*

UMA TOCCATA DE BACH

*Primordial e rígido silêncio... As trevas reinam...
Um raio de luz irrompe
Da fenda em ziguezague que se abriu na nuvem;
Do cego inexistir, abarca as profundezas do universo.
Constrói espaços, e de luz revolve a noite,
Faz pressentir as cristas, cumes, aclives e grotas,
Torna os ares azuis, inconsistentes, e compacta a terra.*

*Num ato criador, o raio luminoso fende
Para a nação e a guerra a matriz germinante:
A fulgurar inflama o mundo apavorado.
A sementeira de luz, por onde passa,
Vai transformando tudo, e organizando;
Magnífica ressoa, ao exaltar a vida,
E ao Criador exaltar a vitória de luz.*

*A luz se arroja em um reflexo em direção a Deus,
Penetra pela agitação das criaturas,
No ímpeto imenso do Espírito-Pai.
Torna-se gozo e tristeza, fala, imagem e canto,
Os mundos, um a um, vai plasmando em abóbada
Da catedral nos arcos da vitória,
É ímpeto, espírito, é luta e ventura, é amor.*

UM SONHO

*Num convento das montanhas, como visitante
Entrei, na hora em que todos
Tinham ido rezar, em uma biblioteca.
Aos reflexos da luz crepuscular da tarde,
Com suave brilho cintilavam
Pergaminhos das lombadas,
Com inscrições maravilhosas,
De livros aos milhares.
Cheio de avidez e encantamento,
Tomei de um e li:
“Último passo para se encontrar
A quadratura do círculo”.
Este livro, pensei, levo comigo!
Num outro livro, um in-quarto de couro dourado,
Em letras maiúsculas se lia:*

“De como Adão também comeu da outra árvore”...
 Da outra árvore? De qual: da vida?
 Nesse caso, imortal seria Adão?
 Não era em vão, eu percebi, que eu me encontrara ali,
 Vendo um in-fólio que em sua lombada,
 Nas bordas e nos cantos, cintilava
 Nas cores matizadas do arco-íris.
 Seu título, uma iluminura, dizia assim:
 “Do sentido análogo das cores e dos sons.
 Uma prova de correlação
 Das cores e da sua difração,
 Com as tonalidades musicais”.
 Prometendo maravilhas, o coro de matizes
 Fulgurava! E comecei a pressentir,
 O que cada livro que eu pegava
 Vinha comprovar:
 Nessa sala se achava a biblioteca
 Do paraíso; todas as perguntas
 Que jamais me atormentaram,
 Toda a sede de conhecimento
 Que me havia queimado,
 Encontrava ali sua resposta,
 E toda a fome o pão do espírito.
 Porque por onde quer que eu lançasse
 Um rápido olhar a um volume
 Encontrava nele um título
 Cheio de promessas; havia ali resposta
 Para todas as necessidades, e podia-se
 Partir toda espécie de frutos
 Que um discípulo jamais imaginou e desejou a medo,
 A que jamais um mestre estendeu ousado a mão.
 O sentido mais oculto e mais puro das coisas,
 Toda a espécie de sabedoria,
 Poesia, ciência, a força mágica
 De toda a espécie de investigações,
 Com sua chave e seu vocabulário,
 A mais fina essência do espírito,
 Se encontrava ali em obras magistrais,
 Misteriosas, inauditas,
 Havia ali respostas a todas as questões
 E todos os mistérios, cuja posse era o dom
 Que os favores da hora de magia ofereciam.
 Então eu coloquei, com as mãos trêmulas,
 Na escrivaninha uma daqueles volumes,
 Decifrei a escrita mágica de imagens,
 Assim como em um sonho, muitas vezes,
 Se empreende a brincar, algo nunca aprendido,
 Acertando sempre, sem errar jamais.
 E em breve ergui o vôo a regiões
 Consteladas do espírito, incrustadas no zodíaco,

*Onde tudo jamais foi visto
 Nas relações sonhadas pelos povos,
 Herança de milênios de experiência cósmica,
 Se unia em novos laços, harmoniosamente,
 Em um jogo mútuo de correlações;
 Surgia em revoada toda a espécie
 De conhecimentos de outras eras,
 De símbolos, e descobertas sempre novas
 De questões sublimes.
 E assim, ao ler, em minutos ou horas,
 Eu percorri de novo
 O caminho de toda a humanidade,
 Apreendendo o sentido comum interior,
 Das mais antigas e modernas descobertas;
 Eu lia e via os vultos simbólicos da escrita
 Se emparelharem, se afastarem,
 Porem-se em fila, separarem-se afluir,
 Derramando-se em novas formações,
 Simbólicas figuras de um caleidoscópio,
 Que recebiam um sentido novo, inesgotável.
 E quando, deslumbrado por esse espetáculo,
 Virei o rosto para repousar os olhos,
 Vi que eu não era ali o único visitante.
 Na sala estava um ancião fitando os livros,
 Talvez o arquivista, que eu via ocupado
 Seriadamente em seu trabalho,
 Dedicado inteiramente aos livros, e fui presa
 Da curiosidade de saber
 De que espécie e que sentido tinha a ocupação
 A que se dedicava com fervor o velho.
 E vi que o ancião, com engelhada e branda mão,
 Tomou um livro, leu
 O que estava escrito na lombada,
 Sussurrou com lábios pálidos o título
 - Um título de entusiasmar, prometer
 De horas preciosas de leitura! –
 Barrou-o com os dedos, levemente,
 Escreveu sorrindo um novo título,
 Completamente diferente, e em seguida,
 Continuou a andar, tomando aqui um livro,
 E um outro acolá, o título pagando,
 E escrevendo outro em seu lugar.*

*Confuso, observei-o longamente,
 E então, já que minha razão
 Se negava a entender, voltei ao livro,
 Onde a pouco havia lido algumas linhas;
 Mas a seqüência de imagens
 Que me encantara não mais encontrei,
 E o mundo simbólico*

*Apagou-se e se afastou,
 Esse mundo em que eu mal penetrara,
 E cujo conteúdo era tão rico de sentido cósmico;
 Vacilou, correu em círculo,
 Pareceu enublar-se,
 E ao se esvair, nada mais deixou de si,
 Do que o vislumbre pardacento
 De pergaminhos vazios.
 Sobre meu ombro eu senti u'a mão,
 Ergui os olhos e vi ao meu lado
 O aplicado velho; ergui-me. A sorrir,
 Ele pegou meu livro, enquanto um calafrio
 Me percorria, e qual esponja, seu dedo
 Foi borrando o título; sobre o couro limpo
 Escreveu novo título, questões e promessas,
 E desenhando cuidadosamente as letras
 Uma a uma, sua pena deu
 A velhas questões as mais modernas refrações.
 Em seguida levou em silêncio livro e pena.*

SERVIR

*No começo reinavam virtuosos príncipes,
 Consagrando campos, cereais e arado,
 E o direito era se de ofertar sacrifícios
 E indicar a medida, na estirpe dos mortais*

*Sedentos do domínio justo do Invisível,
 Que mantém o sol e a luz em equilíbrio,
 E cujos vultos de radiância eterna,
 Não conhecem a dor nem o mundo mortal.
 Há muito a fila sagrada dos Filhos de Deus
 Esvaiu-se, e a humanidade ficou só,
 No oscilar do prazer e da dor, longe do ser,
 Um devir eterno, sem medida e sagração.*

*Jamais, porém, morreu o vero sentido da vida,
 E a nós coube a missão de conservar, na decadência,
 Pelo jogo dos símbolos, pela imagem e o canto,
 A exortação do sagrado respeito.*

*Talvez a escuridão desapareça um dia,
 Talvez um dia os tempos se transformem,
 E o sol nos regerá de novo com um Deus,
 De nossas mãos aceitando oferendas.*

BOLHAS DE SABÃO

*Um ancião, anos da velhice,
 Destilou de estudos e de reflexões,
 A obra da sua ancianidade.
 E em suas crespas gavinhas,*

*A folguejar ele estirou
Muita sabedoria cheia de doçura.*

*Com fervor tempestuoso, um estudante
Aplicado, em bibliotecas, em arquivos
Pesquisou, ardente de ambição;
Cria uma obra nos seus jovens anos,
De profundidade genial.*

*Sentado, um menino sopra num caniço,
Enche de ar as matizadas bolhas de sabão,
E uma a uma elas vão estourando,
Com a pompa e os louvores de um Salmo;
E a criança entrega toda a alma ao sopro.
E todos três, o velho, o menino, o estudante,
Vão criando, da espuma da maia universal,
Sonhos sedutores, que em si não tem valor,
Porém onde a sorrir, a luz eterna
Reconhece a si própria,
E jubilante inflama-se.*

DEGRAUS

*Assim como as flores murchas e a juventude
Dão lugar a velhice, assim floresce
Cada período de vida, e a sabedoria e a virtude,
Cada um a seu tempo, pois não podem
Durar eternamente. O coração,
A cada chamado da vida deve estar
Pronto para a partida e um novo início,
Para corajosamente e sem tristeza,
Entregar-se a outros, novos compromissos.
Em todo o começo reside um encanto
Que nos protege e ajuda a viver.
Os espaços, um a um, devíamos
Com jovialidade percorrer,
Sem nos deixar prender a nenhum deles
Qual uma pátria;
O Espírito Universal não quer atar-nos
Nem nos quer encerrar, mas sim
Elevar-nos degrau por degrau, nos ampliando o ser.
Se nos sentimos bem aclimatados
Num círculo de vida e habituados,
Nos ameaça o sono; e só quem de contínuo
Está pronto a partir e viajar,
Se furtará à paralisação do costumeiro.*

*Mesmo a hora da morte talvez nos envie
Jovens, a novos espaços;
O apelo da vida que nos chama não tem fim
Sus, coração, despende-te e haure saúde!*

Em memória de Hermann Hesse⁴⁰

Nogueira Moutinho

Raros escritores deste século terão impressionado mais fundamente a juventude do que Hermann Hesse. O solitário de Montagnola viveu seus últimos dias, os últimos dias de sua longa vida de 85 anos, cultivando rosas e ouvindo música, em solidão e recolhimento, em sua propriedade, próximo ao lago de Lugano.

O “Lobo da Estepe” nunca pôde domar sua natureza e reduzi-la a expressões menores. Dialogando com Pascal, Mozart e Nietzsche, o pobre Hermann Hesse. O sofrido Hermann Hesse realizou um dos mais longos itinerários deste século em busca da Verdade. Mas tudo leva a crer que ele a encontrou, porque embora o marginalismo seja aparentemente a posição por ele postulada, no mais fundo de seu ser nunca silenciou a voz que nos anos de antes da Primeira Grande Guerra conclamava a juventude a vencer as forças demoníacas do ódio entre os povos.

Nessa época, ele ainda era um desconhecido e, através de sua revista “Vivos Voco”, mantinha diálogos com T. S. Eliot, que criara a sua revista “Critérios”. Essa também foi a época da “Revista de Occidente” e na “rue de l’Odéon” Sylvia Beach e Adriene Monnier recebiam James Joyce, Valéry Lrbaud, Thomas Mann e André Gide. Mas já por esse tempo Hermann Hesse, que se declarava “um ocioso que desperdiça sem tempo, um homem que ama sua calma e detesta o trabalho”, se retirava para a pequena aldeia de Montagnola. E lá realizou um longo itinerário, a longa viagem cujas etapas foram “O Lobo da Estepe”, “Sidartha”, “Demian”, “Narciso e Goldmundo” e finalmente, em 1943, esse admirável “Jogo das Pérolas de Vidro”, que revela a resolução de todos os conflitos e o encontro do Cristianismo.

Mas não foi fácil para sua natureza selvagem descobrir a Verdade. a Sabedoria Hindu e a Psicanálise desempenharam seu papel nessa evolução. Elas foram os recursos de que ele lançou mão ao longo de seu itinerário para justificar-se. O “jogo das Pérolas de Vidro”, porém é um livro do Ocidente. E quem diz Ocidente diz Cristianismo.

Dois teólogos sábios do século XVII, Johann Albrecht Bengel e Friedrich Christoph Oetinger parece terem sido os seus guias no retorno à Terra Prometida, que eu seu livro tem o nome de Castalia. Seus auto-retratos, que se chamaram Camenzind, Giebenrath, Sinclair, Sidartha e Goldmund, fundiram-se finalmente em Knecht. Além da sabedoria oriental e da psicanálise, utilizadas para curar os conflitos e as neuroses, Hermann Hesse tem um outro tema: e embriaguez. Mas, esses recursos não foram, como não poderiam ter sido, eficazes para a sua autocura.

Só quando o autor descobriu o jogo, quando ele se tornou “homo ludens”, “magister ludi” (e é preciso lembrar que em Latim “ludus” tem dois significados, “jogo” e “escola”) é que ele se tornou sério. Só brincando com as pérolas de vidro com a seriedade da criança é que o lobo da estepe encontrou a pacificação...

O longo itinerário de Hermann Hesse começa com sua fuga da escola, do seminário protestante, aos 13 anos: “Todas as tentativas para fazer de mim um homem útil terminavam em fracasso, inúmeras vezes em vergonha e escândalo.”

Dão a origem do conflito com a escola que é o tema principal, ou um dos temas principais de sua obra. Enquanto ele não conseguiu tornar-se também um mestre, não fez outra coisa senão demolir impiedosamente o mundo medíocre que o pietismo protestante lhe havia proposto. Sua obra encerra-se com uma outra fuga, mas essa tem o significado oposto. O lobo da estepe, na realidade, era uma ovelha...

⁴⁰ MOUTINHO, Nogueira. Em memória de Hermann Hesse. [S.l.], 19 ago. 1962.

A muitos mal informados, parecerá estranho que a obra de Hermann Hesse tenha-se encerrado cristãmente. O orgulhoso marginal aceitou finalmente o convívio dos homens. Na realidade, Hermann Hesse escreveu um só livro. Todas as suas autobiografias não tiveram sentido senão quando a autobiografia de Joseph Knecht, o mestre das pérolas de vidro, o revelou.

Hermann Hesse, esclarece E. R. Curtius, não foi um artista nesse sentido em que Proust e Joyce foram. Nele, a busca da Verdade interior se revelou através de ficções autobiográficas. Talvez por esse motivo se explique o imenso fascínio que exerceu sobre a juventude. “O Lobo da Estepe”, “Siddhartha” e “Demian” deram fragmentos da Verdade; o “Jogo das Pérolas de Vidro” mostra o fim do itinerário.

Não esqueçamos os mestres de nossa juventude, principalmente quando eles revelam que a sua grandeza estava na própria fraqueza e que a busca da Verdade é uma só e conduz à Unidade. Que a memória de Hermann Hesse permaneça, portanto, ao lado daqueles que o ajudaram – Pascal e Nietzsche, os atormentados por Deus.

As contas de vidro⁴¹

Victor da Cunha Rêgo

Para muitos os tempos modernos são tempos de progresso, de libertação, de novos e esplendorosos horizontes. Para outros são tempos de decadência e desagregação. Para Hermann Hesse, homem de criação e de dor, um Mozart contemporâneo que adorasse Handel, esses tempos (já não os nossos, mas de vinte anos atrás...) são de desagregação. Mas o *santo* negava-se a perder a esperança.

Poucos escritores – entre os maiores- serão tão desconhecidos no mundo inteiro quanto Hesse, apesar do seu prêmio Nobel e da respectiva promoção publicitária. E é paradoxal que no Brasil, onde se lê comparativamente pouco, os seus livros tenham atingido tiragens superiores às de alguns países europeus. A divulgação de Hermann Hesse é um dos poucos consolos do nosso campo editorial.

Na obra de Hesse se situam as duas maiores contradições da nossa época: a do conflito religioso e da procura dialética de uma escala de valores sociais e morais que faça sair *o homo sapiens* da decadência em que tantos os julgam mergulhado.

E o que torna Hesse fascinante – para além da magia do encontro do Ocidente e o Oriente que constitui a síntese de toda a sua obra- é o fato dele conseguir, como ápice da sua construção ideal, ser o mais intransigente reacionário – na depuração quase infinita da hierarquia social baseada nos valores da Idade Média – e o mais legítimo dos revolucionários- nas soluções que propõe para superar a atual ordem social.

Ao contrário de tantos, não perpassa o menor fanatismo ou a menor nostalgia na pena de Hesse quando nos fala da Idade Média como o modelo da ordem espiritual, contraposta, indireta, mas nitidamente, á nossa desordem atual. Hesse não agita pendões de leonina heráldica. Tudo nele é linear, rigoroso, dialético, dentro dos tremendos conflitos que agitam os seus personagens, perenemente jogados entre a tese e a antítese ao sabor de paixões que tornam Hesse um autor *realista*.

Sim, porque Hesse poderia ter sido um dos maiores e mais celebrados ensaístas sociológicos do nosso século e preferiu, no entanto, penetrar no mar encapelado do romance e sofrer as críticas que sofremos romancistas. Mas cuidado: um romancista para o qual o romance serve apenas de perpetuo diário de experiências acumuladas e não uma mera forma de bolos.

Dos seus livros, *Sidarta* dever ser o mais poético e *Narciso e Goldmund* o mais belo. *O Jogo das Contas de Vidro* será, entretanto, sem dúvida, o mais importante. E, repetimos, não deixa de ser abismador que a primeira edição de um livro tão denso, cheio de tanta erudição musical, matemática e religiosa, vendido a preço elevadíssimo para o mercado brasileiro, tenha sido disputado pelos livreiros, que fizeram fila na porta da gráfica paulistana em que foi impresso e se tenha esgotado quinze dias após ter sido posto a venda!

Afinal também no Brasil, também em São Paulo, se vive procurando a religião que não aconteceu e a revolução inacabada. Vive-se um mundo em que as hierarquias são combatidas pelos que mais nostálgicos são, no fundo, duma hierarquia. Os pungentes e belos artigos que Carlos Lacerda publica, de vez em quando, são a prova disso. E a lucidez translúcida levava Françoise Giroud a escrever a pouco tempo, em artigo reproduzido neste jornal, que “... *é mais fácil lamentar a derrocada dos valores morais – quando a juventude de hoje busca mais desesperadamente do que nunca que alguém lhe forneça esses valores - do que respeita-los...*”.

⁴¹ RÊGO, Victor da Cunha. As contas de vidro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 fev. 1970. Suplemento Literário, ano XIV, n. 660, p. 3.

Hermann Hesse é um dos raros romancistas modernos que nos propõe uma ordem moral, simultaneamente tradicional e revolucionária sem procurar inculcar-nos o “sentido duma revolução”.

Nós somos movidos – na carência psíquica do amor e na valorização do ego – pelo sexo e pelo dinheiro da nossa ordem primária existencial. São dois campos que geram admirável literatura: Henry Miller e Galbraith, por exemplo.

Depois, como alternativa, como fuga épica e procura do destino, existe a *ação*, essa lei de movimento que procura superar os movimentos primários. Malraux é, então, incomparável.

Mas há o mais além. O fundo da sinfonia da existência, não como foi Beethoven, por exemplo, nem Debussy, nem sequer, Vivaldi, mas Mozart. Então, nessa hora, há que jogar as Contas de Vidro.

O Jogo das Contas de Vidro joga-se em Castalia. E Castalia é o produto do vácuo “... no fim de uma época brutal e totalmente dirigida para fora, esta ânsia de urgência inexprimível, este desejo ardente de todos por uma renovação e uma ordem...”.

José Servo, o personagem principal recomeça sempre e recomeça tudo. É esse o seu valor e o valor do Jogo, mesmo quando ele, fiel a vida, abandona Castalia e regressa ao *mundo*. Servo, como todos nós, é poli facetado e aprendeu que o ser *uno*, o ideal de Castalia só é possível no relâmpago da dialética e que não existe uma só face sem que existam muitas outras que a compõe.

Isso quanto ao homem. Porque quanto ao todo, ao universo, Hermann Hesse diz-nos que ele está maduro para a demolição e que “... ela se dará inevitavelmente, não hoje nem amanhã, mas depois de amanhã...”. Para Servo essa é uma certeza que parte tento dum julgamento moral quanto da análise dos movimentos do “mundo exterior”. O mundo quer de novo deslocar o seu centro de gravidade. E só há, para Servo, dois caminhos: o caos ou o Jogo das Contas de Vidro, mas este, por sua vez, não poderá ser um fim (seria a morte) mas um começo.

Nesse aspecto, O Jogo das Contas de Vidro é, mais do que um livro de fantástica erudição, um tratado de pedagogia e sociologia.

Hermann Hesse viveu angustiado pela incapacidade da nossa época em distinguir entre o “vermelho” e o “branco”. Para ele a Idade Média teve um sentido e mesmo quando as guerras corriam atravessando e dilacerando os países europeus, dividindo as famílias, os jovens e os velhos, podia perceber-se um sentido nessas lutas, uma robusta fé ou certo “idealismo”. E Hesse sofria ao ver que nós esquecíamos as raízes de tudo isso, as nossas próprias raízes. Diz ele “... um espírito satírico poderia comparar esse esquecimento àquela falta de memória que aventureiros e arrivistas, a quem foi concedido um título de nobreza, costumam ter em relação ao seu nascimento e aos seus pais...”.

Para Hesse o espírito está sucumbido perante a violência. E cita como exemplo de abandono, o dito daquele professor universitário “na república dos Massagetas”. Mas Hesse é otimista. Depois de tantos tempos caóticos e babilônicos, de tanto sangue e tanta miséria, o homem sobreviveu e com ele a ânsia cada vez mais forte de reflexão, duma linguagem comum, duma ordem geral, de bons costumes, de, enfim, “um alfabeto e uma tabuada que não fossem ditados pelos interesses dos domadores e alterados a todo o instante...”.

E como isso?

Para Hesse através do rigor, da paciência e do desprendimento do Jogo das Contas de Vidro.

Como um meio, porque o fim é o próprio homem e não o Jogo.

Hesse: a busca da sabedoria I⁴²

Alfredo Lage

No panorama da novelística moderna, os romances de antecipação representam um modo de ajuizar da época *presente*. A singularidade da tentativa de Hermann Hesse está no ponto de vista que do alto trampolim do futuro escolheu para divisá-la.

O tema central dos livros de Hesse é a busca da *salvação*, se por esse termo designarmos o encontro do homem com a sua alma e uma tomada de posição vital, não meramente intelectual, em face do mistério da vida. Em face do mistério da vida, em última análise, está o homem só. Cada homem, cada alma. A isto se opõe a atitude gregária por Pascal chamada *divertissement*.

O tema aparece, entre outras obras, no romance *O Lobo da Estepe* e na novela *A peregrinação ao Oriente*. Em *O Jogo das contas de Vidro*, aborda Hesse as suas implicações sociais.

Uma civilização deve ser julgada pelo lugar que concede a essa busca, pela posição que assume em face dela e pela possibilidade que assegura à procura da sabedoria. A nossa parece debater-se numa fase comparável ao fim da antiguidade clássica. Logo acima das necessidades imediatas de ordem material, a sociedade se aplica a assegurar a continuidade ininterrupta do *divertimento*. A esse período da nossa cultura, chama-o Hesse “a era das guerras e das páginas de variedades” (i.é., do enciclopedismo das revistas ilustradas). Depois do seu encerramento é que se situa a ação de *O Jogo das Contas de Vidro*.

Em que momento na nossa cultura começou a gerar-se uma oposição **social** à atitude de procura existencial do *self*? Difícil é determiná-lo. Mas o fato é que, depois do Racionalismo, vemos surgir um desastroso conflito entre o ser social e o que poderíamos chamar o ser transfenomenal do homem. O indivíduo passa a definir-se por sua oposição ao Todo, quer se conceba como “afirmação exatada da diferença individual” ou – ao oposto – como exaltação ao Todo, que engloba e devora o indivíduo. Neste caso, o indivíduo se perde num *self* vital e coletivo que o sacrifica, mas que de outro lado fascina, que lhe acena – para depois de total imolação cívica – com uma sorte de ressurreição mística numa plenitude ilimitada de ser e de vida; isto, uma vez suprimidos todos os conflitos e conciliadas todas as oposições criadas pelas projeções alienantes nas instituições criadas pelas projeções alienantes nas instituições, nas apropriações privadas e nas ideologias.

Aos conhecedores de *O Lobo da Estepe*, lembro que o “Tratado do Lobo da Estepe” define Harry Haller precisamente como um *suicida*. “Do ponto de vista metafísico – lemos no Tratado – (os suicidas) são seres que se sentem culpados do pecado de individualização, são almas que não mais crêem ter por finalidade na vida o desenvolvimento, o acabamento, mas a absorção, o retorno à Mãe, a Deus, ao Todo”.

Na teoria de Freud, para quem a civilização é uma vitória do “princípio de realidade” sobre o “princípio do prazer”, esse *retorno à mãe* e absorção no Todo significa o triunfo das pulsões mais regressivas. No Freudismo, a civilização é a obra da razão identificada de certo modo com o princípio masculino. Se na origem histórica da civilização situa-se o “*meurtre du père*” e o conseqüente laço de culpabilidade graças ao qual logra a força “erótica” da civilização realizar a sua tendência interna, que é unir os homens numa massa estreitamente solidária, uma vez deposto o “déspota da horda primitiva”, restabelecem os filhos rebeldes barreiras ainda mais repressivas contra “o espectro da sua emancipação instintual representado pela mulher” (na expressão de H. Marcuse). O papel do pai é progressivamente

⁴² LAGE, Alfredo. Hesse: a busca da sabedoria I. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 abr. 1970. Suplemento Literário, ano 14, n. 668, p. 5.

transferido seja para a sua imagem interna da consciência, seja para as suas imagens sociais exteriores: Deus, a família monogâmica, as instituições patriarcais. De qualquer sorte, a civilização é o produto de repressão. E não há conciliação possível entre a ordem da racionalidade, de um lado, e a ordem instintual e corpórea, de outro, a não ser *como regressão*. O Freudismo carece totalmente de um conceito escatológico de “fim da História”.

Para Rank (em *O Trauma do Nascimento*) o assassinato do Pai tem por finalidade menos a libertação de um jogo do que a necessidade de assegurar uma proteção mais forte contra a imagem materna. “A evolução... para sistemas políticos progressivamente mais masculinizados constitui, pois um prolongamento do recalçamento primitivo, que visa à eliminação cada vez mais completa da mulher” (ap. H. Marcuse *Eros et Civilisation*, Lês Ed. de Minuit, Paris 1963, pgs. 67-8).

Surge assim como conteúdo principal do complexo edipiano o desejo de retornar à mãe, antes que a revolta contra o despotismo paterno. E mais do que a culpabilidade, aparece então a necessidade de se defender contra esse desejo como o cimento da “civilização masculina”. O retorno à mãe equivale à *recusa do crescimento* que é assunção de caracteres diferenciais próprios (individualização) e renúncia à situação simbiótica de segurança. Crescer é ver-se como que proscrito da integração originária na natureza; é ver-se confrontado com a necessidade de aventura, com o risco das opções limitativas e com o conflito entre uma tendência expansiva para o desenvolvimento, o acabamento operativo, de um lado, e as pulsões regressivas inconscientemente determinadas pela nostalgia de uma absorção suicida no Todo, de outro.

Sem esposar a rígida oposição entre inteligência e instinto, que na antropologia Freudiana se traduz numa concomitante dissociação entre princípio paterno e princípio materno, é mister admitir que uma certa distinção entre eles corresponde à verdade tanto psicologia como psicossocial do homem.

Como observa E. Fromm, a complementaridade que no psiquismo normal assegura a integração desses princípios, não impede, antes impõe, que reconheçamos a diferença de suas respectivas funções.

Ao passo que a mãe representa a natureza e o amor incondicional, o pai significa “a abstração, a consciência, o dever, a hierarquia, a lei”. “O amor materno é uma graça; se está aí é uma benção; se não existe, não pode ser criado”. “Ao pai, porém, não cabe o papel onivoltante, oniprotetor que a mãe desempenha nos primeiros anos da vida infantil. Menos enraizado na natureza, o homem deve desenvolver a razão, construir um mundo humanizado de idéias, princípios e artefatos”. A mãe ama os pequeninos indistintamente porque são seus filhos. O pai deseja que o filho cresça, assuma responsabilidades, pense, construa. Seu amor vai de preferência ao filho que melhor corresponde as suas esperanças, que se mostra mais apto a herdar as suas funções ou a sua propriedade (Cf. *The Sane Society*. Rinehart N. York 1955).

Relevem-me os leitores essas considerações aparentemente à margem do tema. Visam a explicar porque, auscultando o dinamismo profundo do nosso tempo, deixou Hesse de parte certas tendências superficiais e ruidosas que se exercem muitas vezes a contra-corrente do primeiro. E, contudo, aos olhos de uma *intelligentsia* desarticulada do real, representativa apenas de si mesma (mas que o desconhece) e absorta como Narciso na contemplação da sua própria imagem, que vê refletida no espelho deformante dos muitos, parecem representar a substancia da mesma História. Assim, as explicações e previsões históricas são deixadas por Hesse simplesmente de parte. Como observa J. Martin (o prefaciador da edição francesa de Calmann-Levy), Hesse se opõe a essa grande corrente tradicional do pensamento alemão derivada do evolucionismo otimista de Leibniz e que se prolonga nas filosofias da História de Herder, de Hegel e de Marx. Todo coletivismo seja bioevolucionista ou sócio-evolucionista é

por ele relegado sem mais considerações à confusa “era das guerras e das páginas de variedades”. Prossigamos na nossa explicação.

A dissociação entre princípio paterno e princípio materno é um sinal de grave desequilíbrio na nossa civilização. Ela significa um antagonismo entre inteligência e instinto, Razão e natureza. Separado do princípio materno, o amor paterno torna-se despotismo, ao passo que, deixado a si mesmo e sem o contrapeso do princípio paterno, o amor incondicional da mãe se degrada em anulação do indivíduo e em absorção do indivíduo na coletividade.

Não é fácil determinar em que ponto exatamente começou esse desequilíbrio. Mas já no século XVI vemos surgir a doutrina do *Absolutismo* como um corolário da concepção positivista do *pacto social*. Essa ficção procura suprir no sistema empirista o papel que no realismo filosófico é representado pela tendência natural do *zoon politikon* para as formas de convivência racional. Um poder separado e transcendente ao corpo social deverá assegurar *de fora*, e de modo coercitivo, a carência do laço unitivo intrínseco da amizade cívica. Esse arcabouço ideológico suporta um fenômeno de erosão da autoridade, que, por uma sorte de ultra compensação, se enrijece e hipertrofia na imagem do supremo governante. Com a progressiva abdicação das elites responsáveis, o monarca absoluto se investe de um direito divino. Paralelamente, na estrutura basilar da sociedade política, vemos o *pater famílias* assumir o papel de déspota familiar.

“Quando Jean Bodin (o fundador do moderno conceito de Soberania) diz que o Príncipe Soberano se constitui á imagem de Deus – observa Maritain – deve tal expressão ser entendida em toda a sua força, e significa que o Soberano, submetido a Deus, mas responsável diante de Deus somente, domina o todo político como Deus domina os Cosmos. A Soberania significa um poder supremo *separado* e transcendente – não no ápice, mas *acima* do ápice (“par dessus tous lês subjects”) e governado do alto dessa eminência o corpo político todo”. (*L’homme et l’État* P.U.; Paris pg. 30-1). Mais recentemente, encontramos outro exemplo de *paternalismo* regressivo na figura do *chefe fascista*, em torno do qual, por um certo período, se constelaram as esperanças imobilistas de um conservadorismo pessimista e extremado.

Mas é para o lado oposto – oposto numa certa linha de univocidade – é para o paroxismo de um revolucionarismo delirante – e mais regressivo ainda – que pendem principalmente as tendências mais espetaculares dos tempos modernos. A oposição que hoje se estabelece entre autoridades e liberdade e a identificação da liberdade com uma “libertação da autoridade paterna” significa que o clima mental da nossa época se inscreve sob o signo de regressão *maternalista*.

A partir da revolução francesa, a noção de progresso social vê-se crescentemente ligada à oposição a toda forma personalizada de autoridade. À figura publica da autoridade responsável substitui-se o poder coletivo e anônimo da Opinião, por trás do qual se exerce efetivamente o poder oculto dos seus manipuladores, os animadores de massa, que pretendem interpretar os anseios dela e cujo alegado papel consiste em formular uma difusa, latente *Vontade Geral*. De outro lado, como escreve Jean Lacroix, “os novos não começam verdadeiramente a pensar senão por oposição aos mais velhos. Os filhos não desenvolvem a não ser contra o pai”. De onde o caráter maternalista da Revolução, cujas injunções se apresentam sempre como uma ruptura com o passado cristalizado em certas formas de desenvolvimento, e ao mesmo tempo como uma revolta contra as diversas imagens da figura paterna, (o rei, o patrão, o professor, o padre, etc.) em nome de um recomeço absoluto, de um regresso às Origens. A revolução transfigura e projeta no céu dos ideais o anseio das “almas que deixaram de crer no desenvolvimento e no acabamento próprios como finalidade da vida, preferindo o regresso e absorção na Mãe, em Deus, no Todo”. Toda *nova ordem* de coisas é um renascimento, uma retomada da vida, depois de um cataclisma que aboliu uma ordem perempta. Esse cataclisma – imagem da crise do nascimento – eis o que é a *revolução*.

De onde o “futurismo” do ideal revolucionário. Ao passo que as sociedades de cunho paternalista e autoritário pendem para o tradicionalismo, a Revolução acena com os “amanhãs idílicos” – *les lendemains qui chantent* – cuja inauguração de resto é constantemente adiada para depois da próxima rodada de fuzilamentos ou do grande expurgo que a malícia do inimigo tornou ainda necessário – talvez a última...

Não é, pois por acaso que a sociedade totalitária surja como a obra própria da Revolução. Psicologicamente, responde ela á nostalgia de uma situação de segurança total e de uma interação perfeita na natureza. Nessa etapa, anterior ao conflito edipiano, a realidade materna simboliza e representa a realidade toda sob um aspecto favorável de proteção, que abrange o conjunto das relações do ser infantil com o mundo. De onde o caráter onivoltante e oniprovidente do Estado moderno, totalitário, no âmbito do qual o indivíduo só existe na medida em que permanece fixado por laços de dependência simbólica.

Tal é a conseqüência do Imanentismo, que desloca para um “fim da História” a realização da *salvação*. É no mesmo plano do temporal que ela se cumpre, mas separada da nossa relatividade pela escatologia da Revolução. Uma barreira de tempo – intransponível pela vontade individual – e que constantemente se desloca, a barreira que separa “hoje” de “amanhã” – *o hoje* da relatividade pré-histórica do *amanhã* dos Começos absolutos – uma barreira de tempo – repito – é que põe ao mesmo tempo ao nosso alcance e fora do nosso alcance – a prometida salvação. Quanto á substancia dessa bem-aventurança, é no seio da Coletividade divina – essa figura da Mãe natureza – que se resolverão os conflitos e oposições surgidas no decorrer da História, ou melhor, da Pré-história humana, a partir da alienação inicial (do trabalho humano) e que foram enrijecendo no corpo das instituições: a oposição entre a inteligência e os sentidos, entre a teoria e a *práxis*, a razão e a natureza, entre a contemplação e a ação.

Coube a Marx elaborar a teoria dessa transformação da Regressão em Ideal, transpondo o Absoluto para o registro da relatividade terrena. No estágio último a que se encaminha o processo dialético da História, desaparecem as “ideologias”, não mais havendo razão para essas projeções de um pensamento parcial, alheio ao curso do devir. Toda doutrina faz-se vida e toda doutrina. O fato e a Norma coincidem. A “verdade” não mais é o reflexo da situação absurda num “outro mundo” de essências imóveis; é, sim, na verdade encarnada, verbo feito vida, feito carne (no corpo da humanidade), pensamento tornado dinamismo ascensional ilimitado na comunidade “divina”, essência do homem integralmente *realizada*. O humanismo marxista caracteriza-se por ser uma categórica negação de todo fim último *contemplado*⁴³. A salvação consiste na “apropriação” final do ser imanente pelo homem perfeitamente socializado, para além de classes, grupos e interesses parciais. Mas é através do primado da *práxis* sobre a teoria, da vida sobre a filosofia, da ação sobre a contemplação, enfim, da *matéria* sobre o *espírito*, que verdade, doutrina e idéia são restituídos ou reencontrados, no seio da Imanência, enquanto contemplações agida, doutrina vivida, identidade de Verdade e Vida. Daqui, o espírito que então redescobrimos é um fenômeno da matéria ou ao menos um reflexo das relações materiais de produção, a razão, um instrumento da essência social do homem, a filosofia que se “torna mundo” é uma filosofia materialista da Imanência, que faz do indivíduo, em última instância, um meio para o grande *Self* vital e coletivo. Compreendemos então porque o marxismo (e toda forma de coletivismo) não pode

⁴³ Erram, portanto os que, em nome da Revolução, pregam um ateísmo teórico. O ateísmo de Marx não é uma afirmação antiteísta no plano da teoria, da doutrina, como o ateísmo de Feuerbach, mas uma negação da transcendência implicada pela possibilidade de uma realização terrena do Absoluto. Por isto reprova Marx a Feuerbach a realização de uma revolução meramente teórica, pois Feuerbach supõe que, para suprimir a alienação, basta uma tomada de consciência, i.é., um fenômeno de conhecimento. (Cf. Georges M. M. Cottier: *L'Athéisme du Jeune Marx*, J. Vrin, Paris 1859) Repito: só a unidade de teoria e prática, “só a transformação completa do mundo consoma também a revolução teórica, e a revolução”.

ser aceito como sabedoria. Nele o problema da *salvação* vê-se a bem dizer escamoteado antes mesmo de ser proposto. “De que vale ao homem conquistar o mundo todo se vem a perder a sua alma?”

L’Athéisme du Jeune Marx, J. Vrin, Paris 1859) Repito: só a unidade de teoria e prática, “só a transformação completa do mundo consoma também a revolução teórica, e a revolução teórica chega a seu termo ao consumir-se a revolução do mundo”. Então, o mundo ter-se-á tornado filosófico, e a filosofia se há de ter “mundanizado” (H. Barth).

Hesse: salvação e história II⁴⁴

Alfredo Lage

Para bem situar a “utopia” de Hesse *O Jogo das Contas de Vidro* é mister transpor para a escala histórica da Cultura e das coletividades o problema de uma humanidade que, para além dos vãos prestígios da tecnologia e da subordinação do Espírito às fantasias mais pueris do “*divertissement*”, depara o problema da sabedoria.

Supõe Hesse historicamente realizada – através de uma confusa era de guerras e degradações popularescas da cultura – a experiência da futilidade da violência e o reconhecimento da primazia do Espírito.

Depois de um período de profunda desmoralização da inteligência e das disciplinas abstratas submetidas às mais crassas exigências do utilitarismo e da profissionalização, Hesse figura a constituição de uma Ordem laica, dedicada ao livre desenvolvimento da Inteligência, como ápice e coroamento de todo um sistema educacional voltado para a suprema gratuidade da especulação. Na sua “província pedagógica” de Castalia, os escalões mais altos são totalmente livres e isentos de qualquer destinação ou sistematização comandada pelas chamadas “profissões liberais”. No ápice, o *Vicus Ludorum*, constituído em torno do jogo descritivamente chamado “das contas de vidro”, se ocupa unicamente em pesquisar as relações e tipos de relações e de correspondências entre as diversas ciências e artes, depois de analisados e reduzidos a cifras os seus respectivos elementos. Falando de seus estudos, o futuro *Magister Ludi* cuja biografia o suposto autor redige, escreve: “Cada transição do modo maior ao menor, numa sonata, cada evolução de um mito ou de um culto, cada fórmula da arte clássica, reconheci-o á luz de uma meditação autêntica, não era mais do que um caminho que leva em linha reta ao âmago secreto do universo...”.

Numa impressionante antecipação do estruturalismo de hoje, Hesse (escrevendo na década de 30), relata os esforços de toda uma cultura para encontrar, através da constituição de uma “*mathesis*” universal, qualquer coisa como uma cifra ou chave oculta do Cosmos. “O estudo analítico das obras musicais levava a condensar as seqüências musicais em fórmulas físico-matemáticas. Poucos tempos depois, a *filologia* começou a aplicar esse método e a exprimir medidas das formações lingüísticas como o fazia a física relativamente aos fenômenos da natureza (...). Cada vez mais descobriam-se, entre as fórmulas abstratas assim estabelecidas, novas relações, analogias e correspondências” (grifo meu).

Espírito mais profundo do que muitos dos atuais cultores do estruturalismo, viu esse que essa disciplina não poderia jamais constituir uma filosofia, senão um método de aproximação, por tentativa e erro, como uma sorte de *ludus* transcendental. “Como a maioria dos bons jogadores na juventude – explica o velho *Magister Ludi* ao seu futuro sucessor – sentes a inclinação a utilizar ocasionalmente o nosso jogo como uma sorte de instrumento de filosofar (...) digo-te, contudo, só se deve filosofar com os meios legítimos, próprios da filosofia. Ora, nosso jogo não é uma filosofia, nem tampouco uma religião.”

Como todo formalismo altamente intelectualizado, o supremo *Ludus*, contudo é inapto, ou melhor, inadequado para exprimir o modo do inacabado, do transitório, em suma, o movimento, o *vir-a-ser*. De onde a tendência, em Castália, a sobrepor á história a historia da Cultura. Ademais, traumatizados ainda pelos sobressaltos e degradações de “grande era de guerras”, os dirigentes da Ordem não escondem a sua pouca inclinação pelos estudos históricos. “Nossa antipatia pela História – escreve o *Magister* José Servo, no seu relatório de despedida, (baseia-se também) na desconfiança hereditária e, a meu ver, em grande parte

⁴⁴ LAGE, Alfredo. Hesse: salvação e história II. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 maio 1970. Suplemento Literário, ano 14, n. 669, p. 4.

justificada, que nos inspira uma certa óptica, uma certa apresentação dos fatos muito em voga durante o período de decadência anterior á fundação de nossa Ordem e na qual, *a priori*, não temos a menor confiança: refiro-me á chamada filosofia da História; em Hegel é que encontramos o seu desenvolvimento mais significativo do ponto de vista espiritual e, ao mesmo tempo, as suas conseqüências mais perigosas; no século seguinte, produziu ela as falsificações mais odiosas, levando a esquecer o valor moral do espírito de veracidade. A predileção por essa pretensa filosofia da História constitui, a meu ver, um dos caracteres marcantes dessa época de profunda degradação espiritual e de conflitos políticos de grande monta”.

Reportemo-nos neste ponto ás considerações que anteriormente fizemos em torno do mesmo tema. Nós reconhecemos nas tendências evolucionistas incorporadas á corrente tradicional do pensamento alemão, e que recebem a sua conceptualização mais apurada na filosofia da História, de Herder a Marx, o triunfo do *Immanentismo*. Este projeta num “fim da História” a realização da *Salvação*. Essa fé num Absoluto imanente ao tempo perpetua e ao mesmo tempo leva ao paroxismo a velha tentação *milenarista* responsável por tantos horrores e desumanidades no decurso da História. Como escreve Henri Irénée Marrou, nós aprendemos a duras penas a que requintes de crueldade na tirania, de Saint Just a Stalin, podia levar a certeza otimista de estar no caminho certo que conduz a humanidade ao seu destino. Sim, mais algumas condenações, depurações, deportações, ou massacres, ainda um ultimo passo nessa lama sanguinolenta e atingiremos os umbrais do Reino, ou do seu equivalente, ou *ersatz*... Mas eis que me pilho a bater o *mea* culpa no peito do próximo (prossegue o grande historiador católico); infelizmente, não é preciso referir-me a esses homens de fora. Nós, cristãos, muito temos a expiar! Quantas vezes no passado a tentação milenarista, ressurgindo triunfante, conduziu-nos a decisões bárbaras a fim de forçar, de alguma sorte, a mão da História: tal foi, de 1661 e 1685, a política que culminou na revogação do Édito de Nantes (mais umas dragonadas e o reino inteiro de França estará unido na fé) ou a Inquisição anticatara (mais umas poucas fogueiras e a cristandade ocidental não terá soluções de continuidade), ou, ainda, essa longa série de medidas legais tomadas contra os judeus, que começa na Espanha, com o terceiro Concílio de Toledo (589), e não cessará de entender-se a todos os reinos cristãos (mais um pouco de intimidação, alguns batismos forçados, expulsões e banimentos, e essa irreduzível minoria se encontrará reabsorvida)” (*Théologie de l'histoire* Ed. Du Seuil Paris 1968 págs. 51-2).

A inserção do Absoluto no domínio do relativo (como um recomeço *soi disant* isento de relatividade), a imposição da Idéia ao reino do mutável (alegadamente como fim e como fruto do próprio movimento) representa o *nec plus ultra* na linha dessa tendência ou dessa política “milenarista”, cujos resultados são o conflito, a violência e o homicídio sistemático. Acrescentemos: e o primado da Matéria, do Meio, da Técnica, sobre o Fim, o Espírito, a *Salvação*.

Para marcar nitidamente a incomensurabilidade da salvação religiosa com qualquer “progresso” temporal, a Igreja se apresenta como uma comunidade que, estando *no mundo*, não pertence *ao mundo*. A separação do espiritual e do temporal se funda em preceito explícito do Evangelho: “Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. A salvação, em germe neste mundo, está no reconhecimento (a que se opõe e recusa) de uma *visão* para *além do tempo*.

De seu lado, a via Oriental propõe-se libertar o individuo do mal da existência no tempo, ou melhor, (liberta-lo) do Karma, lei de perpétuo retorno á temporalidade através de transmigrações sucessivas. Essa libertação consiste em superar a ilusão da identidade pessoal. Pois o verdadeiro *self* (*atman, purusha*) se realiza, para além de toda ilusória individualidade, na coincidência com a “alma do mundo”.

Em *O Lobo da estepe* procura Hesse, através da psicanálise tomada como instrumento de autodescobrimento, uma espécie de via média entre a solução oriental e o personalismo cristão. A solução está na aceitação da condição terrestre, mas como caminho para o reconhecimento *humorístico* da inconsistência dos vários *eus*, sociais e frustrados, que compõem a personalidade exterior por cujos impulsos somos sacudidos como fantoches. O livro termina pelo fracasso de Haller em se desapegar da individualidade terrestre, com suas várias capas e sua impura sede de afirmação vital. “O homem não é uma criação sólida e durável, lemos, ou melhor, lê Harry Haller (H.H) no “tratado”; antes é uma transição; ele outra coisa não é senão a estreita e arriscada passarela entre a natureza e o espírito. Sua vocação mais fervorosa o atrai para o espírito, para Deus; seu mais íntimo desejo o repele de volta para a mãe, a Natureza; entre essas duas potências oscila a sua vida fremente e temerosa. Com Freud, o “tratado” sublinha: “De modo geral, não há via que conduza para trás, para o lobo ou a criança. No início das coisas não existe inocência nem ingenuidade; tudo o que é criado, mesmo o que aparece com o mais espontâneo é já culposos, está já lançado na lamacenta torrente do devir, e não pode jamais, nunca mais, remontar a correnteza. O caminho da inocência, do incriado, de Deus, conduz não para trás, mas para diante, não para a criança ou o lobo, mas cada vez mais longe na culpabilidade, mais fundo na criação humana”.

A novela *Die Morgenlandfahrt* é a história de um grupo de jovens (entre os quais os artistas Klingsor e Paul Klee) que formam uma Liga com o propósito de demandar o “Oriente”. A expedição, porém se dispersa logo depois de atingir a Garganta de *Morbio Inferiore*. O Oriente sagrado – está visto – representa a sabedoria; a Liga, uma doutrina esotérica em nome da qual é firmado um compromisso de manter, através da agitação e vileza da vida, e graças a certos votos, um alto propósito de integridade e dedicação ao Espírito. A novela relata os esforços de H. H. para reencontrar o esquecido segredo da Liga e os seus dirigentes, a fim de se fazer perdoar a quebra dos votos. Nessa busca, H. H. descobre que o chefe e pioneiro da expedição era Leo, o *servo* e bagageiro voluntário dos peregrinos. Na fascinante figura de Leo – o Grão-Sacerdote, tal como parece no fim da novela – H. H. é levado a reconhecer finalmente o *outro lado* do seu ser, destinado a crescer e a se afirmar às expensas do seu **eu** vulgar e imperfeito.

O Jogo das Contas de Vidro, significativamente, é dedicado aos *Peregrinos do Oriente*. Aqui, as figuras do *Magister* José Servo (ou Fêmulos: *Knecht*) e de Plínio Designori (representando a elite dos Senhores, isto é, o patriciado no século) encarnam os dois lados da personalidade de Hesse e, ao mesmo tempo, os dois princípios ou termos polares de uma integridade buscada: o Espírito e o Mundo, o Divino e a Natureza, o Profano e o Sagrado, o Princípio materno e o Princípio paterno.

Neste livro, damos um passado além do *Lobo da estepe*. A busca do *self* não termina aqui no momento em que H. H. ouve ressoar o riso inumano e *gélido* dos Imortais. Pois se a vida sem o espírito não é mais do que agitação e violência, de outro lado, um espírito *separado* do mundo, artificialmente isolado da luta vital pela existência, corre o risco de degenerar num “arrogante intelectualismo escolástico”. A separação entre a Província pedagógica e o Século simboliza a sublimação e o insulamento da inteligência que, tendo renunciado a orientar as forças criadoras, se estiola na superfina *Chinoiserie* do Jogo das contas de vidro.

A chave do livro está no encontro e conversa final entre José Servo e Plínio Designori. A cena corresponde ao encontro com o Leo, ou melhor, de Leo, em *Die Morgenlandfahrt*. Mas aqui não se limita Designori a relatar as decepções e dissonâncias da vida de família, a vulgaridade do ambiente universitário, a grosseira e incultura do mundo, ou a lamentar o esquecimento até das regras fundamentais de Castália, mas, diante da benévola simpatia do amigo, ataca a Província com veemência. “Não será esse mundo (de Castália e da Ordem dos

Jogadores) um mundo artificial, esterilizado, castrado por vossos mestre-escolas? Será ele mais do que um universo truncado, em *trompe l'oeil*, esse universo em que vegetais timoratos, mundo sem vícios, sem paixões, sem fome, sem seiva nem sol, mundo sem família, sem mães, sem crianças, e até sem mulheres, ou quase! A vida instintiva é dominada pela meditação; tudo o que é perigoso, arriscado, prenhe de responsabilidade, como a economia, o direito, a política, foi há gerações deixado a outros...” Servo não responde diretamente mas, ao despedirem-se, lembra-lhe que é do ponto de vista do século que o amigo julga Castália. “Tens aversão pela serenidade provavelmente porque a via que foste obrigado a seguir era a da tristeza. Agora toda claridade e bom humor, sobretudo os nossos, parecem-te superficiais, infantis e até covardes; vês nisso uma evasão dos terrores e abismos da realidade num mundo claro, ordenado, todo em formas e fórmulas, todo em abstrações e superfícies planas. Mas, caro e triste amigo, mesmo que seja uma evasão, mesmo que não falem Castalienses poltrões e timoratos, que jogam com fórmulas ocas, e mesmo se, ainda por cima, sejam eles a maioria entre nós, isto em nada priva de valor e fulgor a verdadeira serenidade, a do céu, a do espírito”.

Mas, da nossa parte, ao nos lembrarmos que esse claro e ordenado mundo Castalino cujo símbolo é a música dos séculos XVII e XVIII, o mundo musical de Haendel, Couperin, Purcell, dos mestres italianos, do Mozart e, sobretudo de Bach (e do qual Wagner, Brahms e mesmo Beethoven estão excluídos), sim, quando nos lembramos de que essa serenidade é uma expressão radiosa do Racionalismo ligado ao “culto do belo, á prática da meditação e á cultura da alma” (e o “Jogo” é a expressão mais requintada de um Enciclopedismo que *brinca* de encontrar a cifra ou a chave capaz de reduzir toda a cultura humana á unidade) não podemos deixar de reconhecer uma certa razão a Designori.

Diremos, melhor, que sem uma espiritualidade da perfeição moral e da ascensão para o divino, aberta á advertência do mal e á realidade da graça, a vida da inteligência corre o grave risco de se estiolar num árido bizantinismo incapaz de resistir á atração do espírito mudando de violência e vontade de poder, dobrando-se aos sofismas e racionalizações reclamadas por suas ideologias, ao passo que, sem a ascese e o testemunho da vida *segundo o espírito*, a “vida natural e espontânea” cai sob a dominação do “príncipe deste mundo”. Em suma: em termos de realismo cristão, o conflito entre o Espírito e o Século se põe como oposição entre a “vida segundo a carne” (i.e. conforme os critérios do mundo) e a “vida segundo o espírito” (ou seja, os critérios do Reino). Não é isolando o espírito, separando a inteligência da vida que se há de pô-la a salvo dos critérios mundanos.

Reconhece Hesse esse superior realismo da visão cristã ou, ao menos, reconhece que a Igreja é mais próxima do humano e do terrestre do que a sua utópica Castália? O fato é que é no mosteiro de Mariafels que servo encontra um eminente historiador, o P. Jacobus. Com suas lições supre-lhe o sábio beneditino uma “carência total de senso histórico”.

A Igreja romana – relata o hipotético biógrafo de Servo – superara os abalos e as crises da ultima grande era de guerras. A despeito de pesadas perdas, saíra renovada e purificada, ao passo que os centros seculares científicos e pedagógicos dessa época foram arrastados no naufrágio da cultura.

Escrevendo nos anos de 30, não poderia Hesse prever a invasão da Igreja pela religião do progresso, a instalação de uma ala “progressista” em Roma, a gradual destruição das ordens religiosas, enfim, as proporções que nela assumiria por reflexo o flagelo do comunismo. Ou estaria tudo isso compendiado nas “pesadas perdas”?

Como quer que seja, pressentindo um novo ciclo da cultura e uma nova era de violências decide o *Magister Ludi*, no auge da carreira, demitir-se do cargo e voltar ao século. Respondia assim a um desafio. “Já ultrapassamos – explica – o ponto culminante de desenvolvimento e de bem-aventurança que o enigmático jogo do destino permite às vezes ao belo e ao desejável atingirem neste mundo. Começamos a declinar”.

Quanto a mim, a despeito de seus altos propósitos, limita-se Castália a substituir a uma grosseira “religião do progresso”, uma requintada “religião da cultura”, isto é, a uma forma de idolatria, outra talvez mais insidiosa. Ainda não está aí a solução. (conclusão)

Ídolo dos hippies⁴⁵

O LIVRO DAS FÁBULAS, HERMANN HESSE – 249 páginas; Cr\$ 12,00; Editora Civilização Brasileira.

Na rua principal de Berkeley, diante da Universidade da Califórnia, o bar mais freqüentado pelos estudantes é o Lobo da Estepe. Steppenwolf é também o nome de um conjunto jovem de música rock nos Estados Unidos. O grande best-seller das universidades americanas – de Nova York a Harvard – não é Allen Ginsberg, o guru dos hippies, nem Timothy Leary, o professor que pregava a libertação espiritual por meio do LSD. O ídolo da juventude pacifista é um filho de pastor protestante nascido no sul da Alemanha em 1877, submetido a psicanálise com Jung “por excesso de sensibilidade” e naturalizado suíço, exilando-se voluntariamente da Alemanha, como protesto contra o militarismo alemão que explodiu na Primeira Guerra Mundial: Hermann Hesse.

No Brasil, para o gerente de uma das principais livrarias do centro de São Paulo, “Hesse é o único autor que os jovens compram sem sequer parar para olhar os posters de nus femininos e de motociclistas de ar superviril”. Em seu último lançamento tradução brasileira de um livro escrito entre 1904 e 1927, já Hermann Hesse se revela o sensível profeta dos principais problemas que inquietam a juventude atual: a transformação do homem num mero mecanismo insignificante dentro de estruturas massificadas que o tornam anônimo e sem rosto; o predomínio da ciência e sua destruição da natureza pela poluição industrial; e o conformismo da massa medíocre, que anula os valores individuais por meio das guerras e das ditaduras políticas.

Entre animais – Neste romântico “Fabulierbuch”, o autor de “O Lobo da Estepe”, “Sidarta” e “O Jôgo das Contas de Vidro” utiliza contos medievais, lendas egípcias episódios da vida de santos e histórias inventadas para expressar seus ideais próximos à ideologia hippie.

Os melhores contos – “Um Homem Chamado Ziegler” e “Um Homem de Muitos Livros” – estão no fim do livro. Nêles, Hesse se autodefiniu. Em “Um Homem Chamado Ziegler” surge o indivíduo medíocre que não se distingue dos outros componentes da massa sem rosto. Sem uma personalidade própria, êle é “apenas uma espécie. E como pessoa moderna tinha um respeito ilimitado pelo dinheiro e, além dêste, por uma outra grande força: a ciência”. Refutando a era moderna, Hesse contrasta a idolatria da ciência com as possibilidades mágicas da religião, das seitas ocultistas e “outras superstições da Idade Média”. Ziegler visita a seção onde se conservam “pergaminhos que explicavam como fazer feitiços, tratados de magia, amuletos e utensílios de bruxaria”. Não resistindo à curiosidade rouba uma pequena pílula dessa seção de alquimia e a cheira, apalpa e finalmente engole. É uma pílula mágica que lhe permitem para seu espanto, compreender a fala dos animais. Mas o que os macacos, alces e tigres enjaulados lhe dizem são palavras zombeteiras ou no máximo de piedade: “Escutava-os falando entre êles e ficou sabendo o que pensavam dos homens. Sobretudo, admiravam-se que a êsses feios, fedorentos e cruéis bípedes fôsse permitido circular livremente, metidos em espalhafatosas fantasias”. Ziegler, ao voltar para o convívio humano, “nada mais encontrou senão uma sociedade degenerada, falsa, mentirosa, de criaturas animais e feias que pareciam constituir o refugio de tôdas as outras espécies animais... E foi internado num manicômio”.

Entre livros – Em “Um Homem de Muitos Livros”, um bibliômano recusa a realidade. Mas é inútil sua tentativa de erguer uma muralha de livros para ocultar o mundo

⁴⁵ ÍDOLOS dos hippies. *Veja*, São Paulo, 28 out. 1970. Literatura, p. 79-80.

exterior: “A maior de tôdas as mentiras é quereremo-nos evadir à realidade do sangrento caos da vida”. Uma prostituta que encontra na rua, quando vagava desesperado na noite, promete ajudá-lo a ver o sol pela primeira vez e a viver.

Com essas alegorias simbólicas, Hesse formula um código de conduta abraçado entusiásticamente por seus jovens leitores: a vida não permite a ninguém retirar-se dos grandes desafios que ameaçam a sobrevivência da humanidade e do indivíduo: “Talvez tem sido essa a causa da sua desgraça: nunca é bom que um homem fique só”.

Filão esgotado⁴⁶

“Pequeno Mundo”, Hermann Hesse; Editora Civilização Brasileira, Cr\$ 15,00; 261 páginas.

Redescoberto pelos editôres brasileiros, Hermann Hesse revelou-se um rentável filão pelo seu sucesso junto aos jovens. Mas, como as minas, os autores não são inexauríveis. E o entusiasmo dos redescobridores os leva agora a insistir num veio quase esgotado, onde, a cada edição, as porções de ouro se revelam menores. Esta série de sete contos apenas esboça personagens depois ampliados em romances. Em “Pequeno Mundo” ressurgem os temas principais do autor alemão: o artista sufocado por uma carreira comercial imposta pelo pai, como Walter Koempff (na história do mesmo nome) e enlouquecido pelo misticismo mórbido: “Tôda vez que negava Deus, sentia um misto de esperança e mêdo, ao pensar que Ele pudesse estar sùbitamente pelo quarto adentro e demonstrar a Sua presença por algum ato terrível. E blasfemava, desafiando a resposta de Deus, como uma criança que, diante da porta da chácara, faz ‘au, au’ para saber se existe ou não algum cachorro lá dentro”. O romântico e tímido caixeiro Andreas Ohngelt (um trocadilho: em alemão Ohngelt quer dizer sem dinheiro) que perde a bela amada rica e inacessível e se casa com uma mulher mais velha do que êle, mas prática e trabalhadora. É a acomodação do amor, transformada num investimento sentimental insôso mas seguro. Em meio a estas histórias ingênuas, de um romantismo casto, de lances dramáticos sicedidos em vidas medíocres, enterradas em cidadezinhas anônimas, destaca-se a última. “O Reformador do Mundo” já contém a magia das obras típicas de Hesse e reflete plenamente sua filosofia pessoal, baseada em valôres do indivíduo opostos aos da sociedade industrial, moralmente amorfa, que gera lucros com a mesma impassividade com que engendra guerras. O herói de “O Reformador do Mundo” revive, no Ocidente, a experiência de Sidarta, o Buda jovem que tão profundamente comoveu Hermann Hesse. Berthold Reichardt é um ardente hippie de 1920, que se insurge contra o militarismo de Bismarck e o mito de super-homens de Nietzsche como os admiradores americanos de Hesse se rebelam contra o Pentágono e o poderio atômico dos EUA de hoje. É seu sarcasmo que condena a atitude conservadora: “Somos um povo que venceu a maior guerra da história moderna, que com o seu comércio e industria em grande escala rivaliza com as maiores potências do mundo, rico, próspero e consciente da sua fôrça, um povo que ainda há pouco era capaz de ajoelhar-se aos pés de Bismarck e de Nietzsche... e é nisso que teremos que inspirar nossa arte!” Indignado com as injustiças sociais (“Como poderei aceitar um comodismo que está levando o mundo para a decadência moral e a miséria física?”), Berthold isola-se e abandona por uns tempos a amada “quadrada”. Mas em seu exílio voluntário nas montanhas, cultivando sua horta, vestindo roupas simples, êle é invadido por uma chusma de vegetarianos, espíritas, propagadores de novas religiões e salvações espirituais do homem. Na reunião de líderes de novas crenças de que participa em Munique, rompendo seu isolamento, êle constata, pesaroso, o entrecchoque de fanatismos estreitos e estéreis. Como Sidarta, Berthold aprende que a abstinência e o isolamento não trazem por si sós a paz da consciência. A virtude não está nem na renúncia nem nos excessos: está no amor, que esta sim é a primeira célula a partir da qual se atingirá o bem coletivo. Mas “O Reformador do Mundo” é uma exceção nesta magra coletânea. Prejudicado pelo lançamento desta parte de sua obra já ultrapassada e inexpressiva de sua criação, desservido por uma tradução cheia de erros e em certos trechos infiel e vulgar (de Álvaro Cabral), Hesse terminará, como a galinha de ovos de ouro, assassinado pela ganância de seus editôres.

⁴⁶ FILÃO esgotado. *Revista Veja*, São Paulo, n. 136, p. 66, 14 abr. 1971.

Ou, como um de seus personagens, os leitores sentirão a cada nova edição que “*a alegria ingênua que a novidade desperta em seu coração já cedera lugar a um tédio crescente*”.

A fantasia e a razão⁴⁷

Nogueira Moutinho

Sete novelas, escritas por Hesse na juventude, encontram-se reunidas neste volume. Naturalmente, o jovem escritor que as compôs estava ainda distante de redigir as páginas dramáticas de “O Lobo da Estepe” ou as serenas de “o Jogo das Pérolas de Vidro”. Aparecidas entre 1890 e 1900, contêm, já, porém, os germes que seriam mais tarde desenvolvidos nos grandes romances na maioridade. Aqui o que vemos são situações cujo trágico e cujo dramático se matizam de lirismo e de grotesco. Walter Kompff ou Emil Kolb, Andréas Ohngeot e a bela Margret, Alfred Ladidel ou August Schlotterbeck, Robert Aghion e seus comparsas desfilam destas novelas imersos no clima da Alemanha imperial de antes da primeira grande guerra mundial, no mesmo contexto em que evoluem os personagens de Thomas Mann ou de Rainer Maria Rilke. Um tênue perfume do passado se insinua nestes mundo de todo desaparecido em que as figuras de uma pequena-burguesia prospera e tranqüila ensaiam formas de existir que nos parecem hoje quase arqueológicas. Afins a certas figuras do expressionismo alemão, isto é, tingidas de rubro para melhor se destacarem do fundo cinzento e indiferençado, as personagens de Hesse nestes contos prefiguram o dilaceramento dos futuros lobos da estepe.

⁴⁷ MOUTINHO, Nogueira. A fantasia e a razão. São Paulo: *Folha de São Paulo*, 24 abr. 1971.

O jogo do lobo⁴⁸

Depois do sucesso surpreendente e total de Morris West, que fez por muito tempo a felicidade dos seus editôres, as livrarias têm um novo campeão de vendagem: Hermann Hesse, que vem se mantendo com a maior regularidade nas primeiras posições, com *O Lobo da Estepe*, *Sidarta*, *Demian*, *Narciso e Goldmund*, *O Jogo das Contas de Vidro*.

Hesse acompanha, em parte, a voga de orientalismo que também popularizou o budismo Zen. Mas o maior motivo para o seu sucesso estará, talvez, no fato de que ele é um mestre do romance de formação, um escritor para as épocas de crise: oferecendo novos motivos de viver aos jovens desesperançados do primeiro pós-guerra, na Alemanha, ele proporciona, da mesma maneira, aos jovens de hoje, um tipo de experiência que não pode ser encontrado na tecnologia e na comunicação de massas.

⁴⁸ HERMANN Hesse, O jogo do lobo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro 26 maio 1971.

*De Demian às Contas de vidro*⁴⁹

Aprendiz de livraria durante os seus anos de revolta, Hesse tinha obtido através dessa profissão contatos necessários à publicação, e, 1899, dos seus *Romantische Lieder* (Contos Românticos), a que se seguiria, cinco anos mais tarde, a novela *Peter Camenzind*, que logo alcançou numerosas edições e permitiu ao poeta dedicar-se com exclusividade à literatura.

O primeiro grande livro viria em 1919: *Demian* já está na linha que conduziria ao *Lobo da Estepe* (*Der Steppenwolf*, 1927), e é o livro que contém todos os germes que Hesse mais tarde desenvolveria.

Até então, apesar dos protestos que podem ser encontrados em *Peter Camenzind* e em *Sob a Roda* (1906) contra educação coercitiva na Alemanha oitocentista, Hesse mantivera uma atitude literária convencional, explorando a beleza das paisagens, observando do alto os seus tipos psicológicos.

Em *Demian*, a contemplação volta-se bruscamente para o interior do próprio personagem, e o estilista requintado torna-se da noite pra o dia um dos maiores intérpretes de valores humanos de uma Alemanha perplexa e angustiada.

O tema central do livro é o conflito entre a dualidade do mundo luminoso e do mundo sombrio por que tem de passar Sinclair para o encontro ou a edificação de sua personalidade.

O caminho dêsse personagem autobiográfico abrange o laborioso apagar das marcas que uma educação puritana deixa impressas na alma adolescente: a timidez, o alheamento, a humildade excessiva, armas inadequadas para a violência do mundo real e que produzem mais tarde a solidão, o desajustamento, a revolta surda.

Demian reflete claramente a tendência a introduzir na literatura os postulados de freudismo, que estava na ordem do dia, e de que Hesse era um estudioso apaixonado (ê ele chegaria a pôr-se aos cuidados do Dr. J. B. Lang, psicanalista de Lucerna, quando foi atacado pela neurastenia depois da Primeira Guerra Mundial). Daí a presença constante, no livro, do onirismo, de um complexo de Édipo encoberto, das reminiscências de ciências herméticas.

VIAGEM AO LESTE

Com *Sidarta* (1922), o panorama transfere-se para o Oriente. Mas essa viagem transatlântica é apenas externa. O livro – que nunca foi bem considerado entre os orientistas – é uma transposição para o cenário indiano da revolta de Hesse contra o pietismo que reinava na casa de seu pai.

Sidarta, filho devoto dos bramanes, não encontra a paz nas doutrinas de seus pais, nem no ascetismo, nem no prazer dos sentidos. Não pode, também aceitar a doutrina de Buda: como Hesse escreve, “não, ninguém que procura sinceramente pode aceitar uma doutrina. Mas aquele que a encontrou, êsse pode dizer sim a tôdas as doutrinas”. “O homem busca”, continua Hesse, “encontra finalmente a paz, escutando a grande corrente, entregue ao fluir, pertencendo à Unidade”.

O Oriente significa aqui “não somente um país, ou algo geográfico, mas a terra-mãe da juventude da alma, o permanecer em tôda a parte e em parte alguma, a unificação de tôdas as épocas”.

GUERRA E PAZ

O *Lôbo da Estepe*, de 1927, mergulhado no movimento expressionista alemão, tem sido considerado pela crítica a obra-prima indiscutível de Hesse. O *Lôbo* é Harry Haller, personagem central, que pode ser considerado uma continuação de Emil Sinclair de *Demian*;

⁴⁹ DE *DEMIAN* às *Contas de vidro*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1971.

individualista feroz, “verdadeiramente genial na sua capacidade de sofrer”. Haller é o Hesse em plena revolta, no mar alto de inconformismo e do desligamento das convenções; mas o livro está banhado em uma atmosfera fantástica que não permite muita racionalização em torno do personagem.

A fase seguinte – a síntese geral, a conciliação dos contrários – ficou por conta do *Jôgo das Contas de Vidro* (1943), última grande obra de Hermann Hesse. O livro passa –se no país imaginário de Castália, e no meio de uma comunidade monástica de intelectuais-estetas, cuja suprema atividade é jogar o jôgo das contas de vidro.

“O jôgo das contas de vidro”, explica o autor, “é uma maneira de jogar com as significações e os valores da nossa cultura; êle joga com êsses valores assim como na grande época das artes um pintor poderia ter brincado com as cores da sua paleta. Tôdas as intuições, pensamentos nobres e obras de arte que a raça humana produziu em suas eras de criatividade, tudo o que períodos subseqüentes de erudição reduziram a conceitos e transformaram em propriedade intelectual – com todo êsse corpo imenso de valores intelectuais joga o jogador do *Jôgo das Contas de Vidro*, assim como um organista toca o seu órgão. E êsse órgão atingiu uma perfeição quase inimaginável; seus registros e pedais abrangem todo o cosmos intelectual; suas teclas são inumeráveis. Teoricamente, é possível reproduzir no jôgo todo o conteúdo intelectual do universo”.

O herói do livro é Joseph Knecht (palavra alemã para servo), que começa a vida como um pequeno gênio musical, é aceito na Ordem por causa desse dom, torna-se um mestre no *Jôgo das Contas de Vidro* e depois o mestre de toda a Ordem. Está no auge da glória quando toma a súbita decisão de abandonar a Ordem e voltar ao mundo exterior. Poucos dias depois de ter feito isso, morre do coração ao nadar com um discípulo em um lago gelado das montanhas.

Sendo a obra mais ambiciosa de Hesse, o coroamento da sua missão de romancista, o *Jôgo* não teve uma acolhida inteiramente favorável: alguns críticos afirmaram claramente que preferiam o Hesse da revolta, peregrino da Verdade, ao Hesse reconciliado e pacificado. Philip Toynbee escreveu no *The Observer*:

“O que eu mais admirei no livro quando o li há uns 15 ou 20 anos, foi sua notável pureza – uma pureza não somente literária, mas também moral, espiritual e intelectual. Parceu-me que o artifício de Hesse – um período futuro narrado por um personagem ainda mais distante do tempo – tinha-lhe permitido abandonar todo o aborrecimento arsenal dos romancistas – os detalhes realísticos, a preocupação de armar personagens convincentes, e tantas outras coisas. Hesse demonstrara uma nobreza pessoal que lhe permitira ascender ao ambicioso nível moral do seu tema. Aqui estava um livro que ousava propor uma nova religião ao nosso tempo; e que depois mostrava o tipo de decadência rarefeita a que essa religião podia ser reduzida. Relendo o livro atualmente, é exatamente essa pureza que me parece insuportável. Ela já não me aparece como uma recusa austera em utilizar-se da cozinha dos romancistas: assemelha-se mais a uma íntima esterilidade, a uma procura de abstrações desprovida de humor, a um total esquecimento do fato de que em um certo sentido tôdas as artes são anteanas; como Anteu, elas só podem sobreviver enquanto estiverem em contato com a terra”.

Entre *Goldmund* e *Narciso*⁵⁰

Em *Narciso e Goldmund*, um de seus principais romances, Hermann Hesse parece ter tentado uma descrição de suas duas metades. Goldmund, o nôvo aluno do convento, contempla admirado e com um amor tímido o professor – Narciso, o monge ascético. Quer doar tôda a sua vida à Ordem, mas Narciso explica-lhe que esta não é a sua vocação. “tu és artista, eu sou pensador. Tu dormes no colo materno, eu velo no deserto. O sol brilha pra mim, a lua e as estrêlas para ti. Os teus sonhos são de môças, os meus de rapazes”.

É Narciso que desperta em Goldmund o conhecimento de si próprio. Em lugar da sabedoria, da dedicação à vida monástica e à virtude, triunfam os instintos primitivos: os instintos do sexo, a sêde de independência, de migração. Goldmund atravessa florestas, montes, aldeias; a hospitalidade feminina embeleza o seu caminho. Êle sabe defender-se contra a gente falsa. Vê a peste que despoeva regiões inteiras; vê orgias de violência e luxúria. Chega a ser escultor, e o mestre quer recebê-lo em sua corporação com as devidas honras. Ê condenado e está à beira da forca, quando Narciso, o poderoso abade, intercede por êle e o reconduz ao convento.

Entre esse impulso rebelde o desejo de pacificação oscilam a vida e a obra de Hesse. O Lôbo da Estepe opõe-se ao Jogo das p'rolas de Vidro; Demian a Sidarta. “Quem quiser nascer, tem que destruir um mundo” – eis a mensagem que já está contida na sua primeira obra.

AS VÁRIAS FUGAS

Descendente de família suábica, criado no mais rígido puritanismo religioso – o pai, erudito famoso de história religiosa; a mãe, filha de missionário, nascida e educada na Índia; o avô, Hermann Gundert, indianista famoso, Hesse nasceu em julho de 1877 em Calw, cidadezinha da Floresta Negra.

Destinado à carreira eclesiástica, passou pela disciplina de quatro seminários até que resolveu fugir – a primeira das fugas que pontuariam tôda a sua vida. Êle retratará em Demian, muitos anos depois, a oposição entre o mundo protegido da casa paterna e o mundo das trevas.

“Quando o conflito começou”, escreve Hesse, “a minha atitude em casa e na escola deixou tanto a desejar que me afastaram para o exílio, numa escola de Latina em outra cidade. Um ano mais tarde, fui aluno de um Seminário de Theologia, e quase sabia decifrar os segredos do alfabeto hebraico quando, sùbitamente, do meu íntimo, se desencadearam tempestades que me incitaram a fugir do convento. Durante algum tempo, esforcei-me para adiantar os estudos em outro liceu, mas ali o resultado também foi cárcere e despedida. Fui durante três dias aprendiz de comerciante, e mais uma vez abandonei a profissão. Desapareci então alguns dias e noites, com grande mágoa de meus pais. Durante seis meses, ajudei meu pai, e fui serralheiro durante um ano e meio numa oficina e numa fábrica de relógios de tórre. Em resumo, durante mais de quatro anos, tudo o que queriam fazer de mim falhou totalmente, nenhuma escola queria me acolher. Tôda tentativa de fazerem de mim um homem útil foi em vão, e várias vêzes terminou em vergonha e escândalo, fuga ou retirada – porém, em tôda parte me atribuíam grande talento e até uma certa medida de boa vontade!”

Essa reação à vida religiosa e a firme determinação de se tornar poeta (anos 13 anos êle tinha por divisa “Serei poeta ou nada”) são explicadas pelo seu biógrafo Hugh Ball como uma fixação pela poderosa personalidade de sua mãe, contista de sensibilidade, cuja figura

⁵⁰ ENTRE *Goldmund* e *Narciso*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1971.

(“bela voz clara e sonora”) imprime-se na alma jovem de uma maneira tão marcante quanto a imagem da mulher ideal.

NO REFÚGIO SUÍÇO

Em 1911, “por necessidade interior”, Hesse vai à Índia, terra de sua mãe, que exerce sobre ele a atração de uma pátria espiritual e misteriosa. Em 1914, transfere-se para Berna, onde é surpreendido pela declaração da guerra, em relação à qual assume, desde o início, uma atitude intelectual de absoluta neutralidade. O entusiasmo guerreiro de seus compatriotas leva-o a escrever o artigo Ó, Amigos, Abstende-vos Dêsse Tom, que lhe acarreta uma onda de incompreensão e repulsa semelhante à que avassalou Romain Rolland.

Data dessa época a sua crise nervosa, decorrente não só da situação mundial de tensão como do agravamento da enfermidade psíquica de sua mulher. A separação do casal é inevitável.

Hesse instala-se então ao Sul dos Alpes, e descobre em 1919 a Colina d’Oro, a Sudoeste de Lugano. Um interesse súbitamente descoberto pela pintura leva-o a fazer aquarelas, e o trabalho com as cores vai transparecer na sua obra. É dessa época, também, o encontro com a segunda esposa, Ruth, uma ligação que não durou muito.

Em 1923, adotando a cidadania suíça, êle parece encontrar, finalmente, a tranqüilidade junto à terceira esposa, Ninon, e dedica-se à produção das suas grandes obras, que é coroada em 1943 como aparecimento de O Jôgo das Contas de Vidro (Glasperlenspiel), onde demonstra um profundo conhecimento de música.

Durante os anos da Segunda Guerra Mundial acolheu refugiados do nazismo e viu mais uma vez suas obras serem banidas da Alemanha. Em 1946, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, devido em grande parte à sua obra poética, mas a saúde abalada não permitiu que ele fosse a Estocolmo receber o prêmio pessoalmente. Morreu em 1962, com 85 anos de idade.

O jovem Hesse⁵¹

“*Debaixo das Rodas*”, Hermann Hesse; Editora civilização Brasileira; 178 páginas; Cr\$ 15,00.

Tôda a obra de Hermann Hesse reflete as lembranças biográficas do autor. Peter Comenzind, personagem principal e título de seu primeiro romance (1904), inicia uma série de recordações que Hans Giebenrath continua em “*Debaixo das Rodas*”. O ambiente do jovem Hans é o mesmo do jovem Hermann, numa antiga cidade da Alemanha, das que se definem como românticas. Nelas, a realidade desliza como um rio lento e barrento entre os mexericos da rua principal e a miséria dos becos. Os sonhos tomam conta dos adolescentes, perigosamente, durante as primaveras rápidas nos campos das redondezas. Da mesma forma que na obra de Hermann Hesse.

A educação de Hans, como a de Hermann, foi retrógrada e autoritária. Os problemas são os de um rapaz que aceita um destino planejado pelos outros: os pais, os professôres, o pastor. Todos decretando que Hans/Hermann, um rapaz diferente, terá um futuro brilhante, será um gênio.

Estágio e fuga – Hans Giebenrath, como Hermann Hesse, é então encaminhado para o seminário teológico de Tübingen, escola reservada aos moços que superam exames difíceis e vão passar por um longo estágio. Em seu espírito brota a flor equívoca da ambição, um estímulo para quem nasceu com uma forte vontade de vencer, uma limitação para quem tem apenas a vocação dos sonhos estéreis. A cultura humanística na organização do colégio é perfeita, mas imóvel, morta, só amenizada pela prosa limpa de Xenofonte e os belos versos de Homero. E Hans fica limitado pelo dever de não decepcionar os que acreditaram em seu gênio. Pressionado, não consegue fugir – e acaba escolhendo a morte, no rio gelado, “entre os junquinhos da margem”, chorando pelo pai que não conseguiu compreendê-lo e por homens de casaca que ignoram quanta responsabilidade tiveram no desfecho.

A supercultura levou Hans a uma desesperada aridez, imobilizou-o como aos sábios de Castália do misterioso “jôgo das contas de vidro”. Justamente no livro que tem êsse título, Hermann Hesse enfrenta o tema da cultura como dado negativo para certos indivíduos e os dissecou em mais de quatrocentas páginas enigmáticas e um tanto sarcásticas. Em “*Debaixo das Rodas*”, também uma crítica dos métodos escolares da Alemanha de seu tempo, focaliza sobretudo o homem esmagado, pelas rodas de uma carruagem simbólica que deveria levá-lo muito longe, mas da qual, a certa altura, êle não soube pular. Talvez Hans Giebenrath signifique o que seria o próprio Hermann Hesse, se êste não tivesse, no momento da dúvida, a coragem de dar êsse pulo.

⁵¹ O JOVEM Hesse. *Veja*, São Paulo, 18 ago. 1971. Literatura, p. 74.

Aurora, dialética de Hesse⁵²

Franklin Oliveira

“Raros, raríssimos escritores são tão fervorosamente lidos no Brasil, sobretudo pelos jovens, quanto Hermann Hesse. há mais de 20 anos que o nosso público se rende, sem reservas, à aura de “santidade literária” que cerca o nome de Hesse. a que devemos esta empatia, que chega aos limites do mais profundo culto espiritual? Ao fato de ter sido Hermann Hesse um dos mais sábios de nosso tempo? Mas também homem que se nutriu nas mais egrégias fontes da sabedoria foi Thomas Mann que, aliás, no emocionante prefácio que escreveu para a edição norte-americana do *Demian*, confessou: “Da geração literária à qual pertença, de já muito o elegi como o escritor que está mais próximo educação mim e me é mais caro”. No entanto, a fascinação que Hesse exerce sobre a sensibilidade brasileira é maior do que a sedução exercida pelo semi-brasileiro Thomas Mann. Ambos trilhavam caminhos paralelos – e, às vezes, por tal forma convergentes, que a grande obra-prima de Hesse – *Das Glasperlenspiel* – não pode ser lida senão como pendant da grande obra-prima de Mann: *Doktor Faustus*.

Onde, então, a explicação para o problema proposto aqui? A música – e o sabem os leitores de Hesse e Mann – está sempre presente na criação dos dois autores, chegando mesmo a ser o grande motivo encantatório das duas obras-primas coroaram a vida intelectual de Hesse e Mann. Dir-se-á que existe uma diferença: enquanto a turbulenta leonina de Beethoven é a luz estelar do Fausto, Bach e Mozart são a irradiação celestial de *O Jôgo de Vidrilhos*. Dita a coisa assim, parece que se pretende estabelecer um antagonismo irreduzível, elevando-o à condição de chave do problema. Mas acontece que há um Beethoven edênico – o das últimas sonatas para piano e, sobretudo, dos últimos quartetos para coras -, como há um Bach trágico (o das cantadas, particularmente as de número 4, 21 e 26), e um Mozart demoníaco; o da sonata para piano K 457; o do quarteto para piano e cordas K 516; o do trio para clarinete, piano e viola K 498. Resta, então, buscar novo lisímetro, que melhor ajude a dimensionar as diferenças.

Com exceção de Jakob Wassermann, nenhum outro escritor de sua geração foi homem tão atormentado, tão intimamente sofrido, tão estilhaçado quando Hermann Hesse. todos os conflitos e tensões espirituais que tornam agônica a vida no nosso tempo, que a fazem tão semelhante a uma morte inconclusa, o flagelaram impiedosamente. Num livro remoto, *De infelicitate literatorum*, Pierio Valeriano mostrou como os defeitos do saque de Roma, em 1527, transformaram em seres despedaçados os escritores daquela época. O tema do pêso sombrio, da carga que as épocas infelizes descarregam sobre a vida dos escritores foi, depois de Valeriano, retomado pelo holandês Cornelius Tollius e, em nosso tempo, pelo crítico alemão Waltel Muschg. E é no livro de Muschg que encontro uma frase de Hamann que explica Hermann Hesse: “o gênio é uma coroa de espinhos”.

A SABEDORIA DO SOFRIMENTO

“Um dos homens mais sábios do nosso tempo”. Embora tivesse sido homem de enorme cultura, a sua sabedoria não lhe vinha de erudição, mas do sofrimento: a dôr, êsse enigma sem claves, foi que o fêz sábio. através do sofrimento, Hesse viveu a condição da *kalokagatia* platônica: a perfeição moral, e sua busca na participação em tudo que é belo, justo, bom e verdadeiro.

Sabedoria como sinônimo de santidade profana – a sacralidade do existir, à qual chegamos quando tôdas as nossas asas se queima e, apesar disto, não renunciamos à ânsia

⁵² OLIVEIRA, Franklin. *Aurora, dialética de Hesse*. Correio da Manhã, [Rio de Janeiro], 02 out. 1971.

pelos cimos – os páramos goethianos . esta aspiração pela vida nas altas montanhas – a vida valiosa – é que aproxima o mais humilde dos homens da obra de Hermann Hesse. (Uma excelente análise, seguida de inventário crítico, da obra do romancista germânico, pode ser encontrada no livro de Joseph Milec, *Hermann Hesse and his critics*, The University of North Carolina Press, 1958).

A contingência terrível da vida humana está em que a ninguém é dado demitir-se do quotidiano, tirar férias do dia a dia, eximir-se do enfrentamento com as misérias das vinte e quatro horas de cada dia. Hesse conseguiu, porem, manter incendiados todos os seus vulcões. Quem lhe conhece a biografia, escrito por um outro lobo estepário – Hugo Ball -, sabe o preço arrasador que êle pagou à heroicidade de manter-se indômitamente fiel ao seu código de valôres. De não negar as suas estréias. De não trair o pássaro situado em seu coração.

A interiorização da crise social de seu tempo, Hesse a fixou num primeiro romance, que o fêz internacionalmente famoso: *Peter Camenzind* (1904), idílica estória de um adolescente empenhado na procura inútil da felicidade. Mas o tema do encontro logo perde sua modulação lírica, para irromper, como explosão de revolta em *Demian* (1919), empenho de superação do conflito básico representado pelo choque entre “mundo luminoso” e “mundo soturno”. Depois, em 1927, outra explosão: *O Lobo da Estepe*, onde tudo é tensão, atração e repulsão; sístole e diástole, síncreis e diadresis, oscilações polares, desgarramento do ser – perfil do homem irregatado. A defervescência lenta desta alta febre, a lise redentora veio com *Narciso e Goldmundo* (1930): redenção repousada sôbre as duas coisas mais belas do mundo, diz Hermann Hesse – os seios da mulher amada e o cérebro pensador. Estava aberto o caminho para *O Jôgo de Vidrilhos* (1943), o último romance, - atingida a serenidade dos altos cimos, Hesse assume a excelsitude de *minister verbi divini*.

UM PERFIL DA ADOLESCÊNCIA

Mas, entre a peregrinação idílica de *Peter Camenzind* e a tempestade de *Demian*, há *Debaixo das Rodas* (*Unterm Rad*, 1906), outro perfil da crise da adolescência, no qual as côres começaram a receber sua carga de eletricidade. Ao lado do que seria os grandes temas de Hesse – a desocultação da vida, a revelação da mulher, a descoberta da consciência, a ânsia de ser um com o outro, a turbação ante os múltiplos caminhos da vida, há em *Debaixo das Rodas* a crítica do sistema educacional germânico de sua juventude, sistema que substituíra o humanismo pelas falácias do utilitarismo. Mais claramente: a educação passara a ser usada como meio de entorpecimento da sensibilidade e da inteligência humanas, deixando de significar aprimoramento das forças criadoras do homem. “Trata de ficar longe da carruagem, se não queres ser colhido debaixo das rodas”. A engrenagem tritura Hans Gierenbath. A morte sela o seu destino. Paz na sua vida sòmente houve a que lhe veio de Liesse.

Num capítulo de *O Relógio e o Quadrante* (1964), Álvaro Lins tentou estabelecer paralelo entre *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *Les enfants terribles*, de Jean Cocteau, depois de admitir que êsse paralelo poderia ser feito ainda com *Raymond Radiguet Le diable au corps* e *Lebal du Comte d’Orgel* e com *Alain Fournier (Le grand Maulnes)*. Mariano Tôrres evoca, a propósito de *Debaixo das rodas*, o grande romance brasileiro.

O fato de os dois romances constituírem crítica a uma máquina pedagógica deformante da essência humana justifica a aproximação. Mas, entre os dois, não há apenas identidade temática. A qualidade estilística de um – *O Ateneu*, impressionista; *Debaixo das rodas*, expressionista – trabalha muito mais a favor do paralelismo com Hesse do que com Cocteau, cujo elemento aproximativo com *O Ateneu* reside apenas no caráter confessional de *Les enfants terribles*.

Ao romance francês falta, porém o dado da oposição, fortemente presente em *O Ateneu*, tão presente que Lêdo Ivo (*O Universo Poético de Raul Pompéia*, 1963), - até hoje seu melhor intérprete – considera *O Ateneu* “símbolo de uma sociedade hierarquizada,

alicerçada em privilégios”, “romance que exprime os dramas e conflitos de uma sociedade fundada sobre a injustiça e o privilégio”, definindo ainda a escola que Pompéia retrata como “uma máquina pedagógica empenhada em fazer dinheiro”.

ATÉ AS PALAVRAS PARECEM IGUAIS

O dado do confronto com a sociedade, tem termos de choque, é lançado com toda veemência por Raul Pompéia logo na frase inicial do romance: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai à porta do Ateneu. Coragem para a luta”. Essas palavras conjuratorias do autor brasileiro marcam também o que distingue o nosso romance da novela alemã. Nesta, a advertência a Hans Gierembath é no sentido da tomada de distância, para não se ser colhido pela máquina. Os conselhos à porta do colégio brasileiro e do seminário alemão mantêm, por sua vez, a lógica interna dos dois romances: o suicídio de Hans, em *Debaixo das rodas*, e o incêndio do “universo concentracionário” do professor Aristarco, no romance de Pompéia, correspondem às advertências contrais em questão enucleados os dois romances.

Mas a vida não recusa a ninguém suas desnorteantes lições. Transpondo para o plano extra-literário o confronto entre Hesse e Pompéia, vemos que o romancista brasileiro, que deu incisiva lição de coragem a Sergio, na porta do Ateneu, terminou no suicídio de Hans Gierembath, enquanto Hesse, que colocou na advertência de um vigilante de aulas do seminário de Maulbronn palavras que poderíamos tomar como escapistas, não cedeu a nenhuma das catástrofes que sobre êle desabaram. Denunciou sem cessar a carruagem que esmaga os seres humanos, e ainda foi além: no livro que constitui o seu testamento espiritual – *O Jôgo dos Vidrilhos* – mostrou como a província pedagógica de Castália pode ser edificada e nela os homens viviam a vida valiosa.

É certo que Joseph Knecht magister ludis de Castália, ao levar o menino – símbolo da nova humanidade – a um exercício de natação num lago levanta-se a aurora. Na dialética de Hesse: não se morre, quando se prepara para um mundo nôvo. A eternidade da vida coexiste no que parece ser simplesmente fim. Hermann Hesse – o homem mais sábio do nosso tempo.

Misticismo e vanguarda na obra de Hermann Hesse⁵³

Comentei, em artigo anterior, o fato de Hermann Hesse acabar sendo mais vanguarda e mais avançado do que os escritores simplesmente radicais. Em muitos de seus livros, esse espírito de vanguarda que é também um humanismo aparece com evidência, mas em nenhum com tanta força como em *O Jogo das Bolas de Vidro*, livro que, traduzido recentemente, veio tornar Hermann Hesse em escritor da moda no Brasil. Essa moda é, contudo, mais uma volta do que uma novidade.

A verdade é que Hesse foi dos autores mais lidos e comentados por jovens brasileiros nos anos que antecederam a guerra de 1939-45 e no decorrer de sua duração. Isto aconteceu por causa de *O Lobo da Estepe*, que vinha a ser, para muitos de nós, o ápice de uma literatura surrealista. O lado, contudo, de Hesse que atrai os jovens de hoje é o misticismo. Nenhum outro escritor ocidental conseguiu, neste século, incorporar à sua obra características do misticismo oriental, coisa que Hesse fez a partir do momento que dominou sua linguagem e compreendeu que devia, com ela, atingir uma nova realidade. Nosso tempo é de misticismos. Místicos foram os Beatles, místicos são os hippies, místicos podem ser os efeitos das drogas, do LSD, da mescalina, místicos são em sua maioria os jovens de hoje. Veja-se que a juventude hippie não é polizante, não acha tão decisiva a atividade política. No fundo, ela compreende que agir politicamente, seja a favor seja contra, significa participar do Estabelecimento, ser peça integrada do **Establishment**. Quando sua atitude é política (o Vietnam é o caso mais repetido), quase nunca é sectária.

Que sentido geral tem *O Jogo das Bolas de Vidro*? O de que a vida é um jogo, de que a vida é lúdica por excelência. Isto já foi muitas vezes dito, mas talvez não com a seriedade de agora. Há muita seriedade na aceitação de que a vida é um jogo. Que jogo é serio, um povo, como o nosso, que Poe o centro de sua emoção no futebol, pode muito bem compreender. Repito: jogo é coisa séria. Como parte do jogo há ritos, há um ritual, um cerimonial, uma disciplina, uma hierarquia, um sentido de acatamento a regras e disposições, uma aceitação de leis; uma ordem, enfim. Sem ordem não pode haver jogo que subsista. Se um juiz de futebol achasse que, de repente, pudesse um atacante pegar a bola com as mãos e avançar contra o gol – estaria findo o jogo como uma peça única, disciplinada, ordenada, constituída para um fim.

Hermann Hesse compreende que, na verdade, tudo no homem é ritmo e rito. A poesia, a música, a religião, constituem partes importantes do jogo geral da vida, cujo ápice seria o misticismo. As lições de Santo Inácio de Loyola no sentido de tornar um homem em estado de graça, de meditação – os ensinamentos do livro chinês **I Ching**, chamado **O Livro das Transmutações** (publicado esta semana no Brasil, com prefácio de Zora A. O. Seijan, pela Distribuidora Record) -, se parecem no ponto em que reconhecem o valor do jogo – e do ritmo, do ritual, da música, do silêncio – no alguém preparar-se para um estado de iluminação interior, de entendimento, de desprendimento. A poesia, com seus ritmos e seus ritos (que ela os tem a ambos), é o grande jogo, e disto muito nos tem falado Ezra Pound, que traduziu para o inglês bom número de odes de Confúcio. A poesia chinesa está ligada a ritos e à música. São ritos antigos, como os gregos, os cristãos, os nórdicos, os africanos. Em três versos traduzidos por Ezra Pound é destacada a importância dos ritos e da música:

*“Despertado pelas Odes;
Firmado pelos ritos;
Aperfeiçoado pela Música.”*

⁵³ MISTICISMO e vanguarda na obra de Hermann Hesse. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1972.

Nessa trindade colocava Confúcio o ideal do homem. As odes chinesas era cantadas com acompanhamento de alaúde, de modo que cinco séculos antes de Cristo, a poesia chinesa ligava a síntese de suas palavras a modulação que só a música podia proporcionar. Certas palavras chinesas reforçavam o conceito de jogo, de rito, de disciplina, necessários à vida diária, imprescindíveis à elevação, à escalação (escalação moral, naturalmente) do ser humano. Na palavra “li”, por exemplo, tão curta, tão adequada a qualquer tamanho espacial, havia toda uma gradação lúdica de sentidos. Achilles Fang, na introdução que escreveu para **The Confucian Odes**, de Pound, afirma: “A palavra “li”, em essência um código de comportamento, é geralmente traduzida como rito quando esse comportamento se refere ao sobrenatural e aos deuses, e como etiqueta quando se refere às relações dos homens entre si”. Completa Fang, logo adiante, a explicação, acrescentando que “li”, às vezes também exprime tacto e outras quer dizer caráter.

O jogo é, para Hesse, um caminho para o misticismo. Ao longo de **O Jogo das Bolas de Vidro** os personagens se aperfeiçoam por intermédio do jogo. Do modo como cada um deles se aproxima do jogo, de sua aceitação, de sua adequabilidade, de seu entendimento quanto às regras do jogo, depende o ritmo de aperfeiçoamento. O jogo é serio, e na seriedade com que os homens dele se apossam jaz a possibilidade de ele ... vanguarda, de chegar a frente dos outros, ou não bem à frente que a competição está longe dos planos de Hesse, mas de atingir a meta, de conquistar a sabedoria. Hesse faz também uma crítica ao nosso tempo, que chama de folhetinesco, Poe a nu muitas de nossas fraquezas, e ingressa na literatura de ficção científica, embora **O Jogo das Bolas de Vidro** não se enquadre com precisão em nenhuma das classificações literárias com que os rotuladores enchem os vazios de suas leituras.

Hermann Hesse, ou o mundo sem guerras do homem solitário⁵⁴

Luís Carlos Lisboa

Um homem solitário, preocupado apenas com problemas individuais já aparece no jovem Hermann Hesse dos *Escritos Autobiográficos*. O individualismo do autor de **Demian**, no texto de Luís Carlos Lisboa.

Quando as notícias sobre a escolha do Prêmio Nobel de 1946 começaram a chegar a Suíça, o premiado – um escritor alemão naturalizado suíço – não foi encontrado em parte alguma. Finalmente, alguém descobriu que Hermann Hesse estava internado numa clínica perto de Zurich, solitário como sempre viveu. Os jornalistas não puderam ver o escritor, embora ele passasse bem, mas uma enfermeira trouxe um recado para os repórteres: “Nada disso me interessa, por enquanto. Exijo que respeitem minha tranquilidade”.

A edição de **Autobiographical Writings (Escritos Autobiográficos)** de Hermann Hesse, nos Estados Unidos, traz de novo à cena o nome nunca completamente esquecido do autor de *Sidarta* e de *O Lobo da Estepe*. O livro reúne doze ensaios de Hesse em que um pouco de fantasia é misturado à realidade vivida pelo escritor em seus anos de juventude – os mais críticos, os mais tensos e sofridos de sua longa vida.

Um grupo de amigos de Hesse pediu-lhe, em 1925, um auto-retrato fiel para um livro que pretendiam publicar sobre intelectuais suíços. O escritor foi sincero: “Vim ao mundo em fins da era moderna, pouco antes de iniciar-se o retorno à Idade Média. Nasci sob o signo de Sagitário, protegido por Júpiter, ao entardecer de um dia cálido de julho. Por isso sempre senti, por toda vida, a atração dessa hora estival, com seu calor envolvente, calor esse que sempre adorei e sempre procuro, e que tanta falta me faz quando não o tenho ao meu redor”. Era tudo o que Hesse tinha a dizer a respeito de si próprio.

O LOBO DA ESTEPE

O escritor nasceu em Calw, no sul da Alemanha, em 1877, junto aos morros e valados da Suábia, perto da Floresta Negra – considerado um dos lugares mais bonitos do mundo. “Meus antepassados foram peregrinadores, missionários, médicos. Aos doze anos naturalizei-me suíço”. Nunca fui muito sensível aos sentimentos nacionalistas. Minha mocidade e meus estudos decorreram entre os dois países”.

Hesse preparava-se para a carreira eclesiástica mas uma experiência literária (**Peter Camezind**, 1904) mudou seus planos. “Nunca mais tive outra profissão a não ser a literatura”. Em 1911, o escritor esteve na Índia, país do qual ouvira falar muito na infância: seu avô e seu pai tinha sido missionários na Índia, por longos anos. Os estudos feitos por Hesse sobre a filosofia indiana e chinesa tiveram grande influência sobre o resto de seus dias, segundo confessa.

“O que me preocupou durante toda a minha vida, mantendo-me alerta até agora – diz Hermann Hesse – não tem sido os problemas sociais algum, mas problemas individuais e a tendência para subordinar a personalidade ao convencionalismo das massas é alguma coisa que odeio de morte”. Por essa e por outras, o escritor tornou-se um “lobo solitário” – o lobo de estepe que mais tarde retrataria em seu primeiro romance de sucesso.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Hesse ilustrou alguns dos seus livros (ele se dedicou à aquarela por muitos anos) para vendê-los em leilão destinado a ajudar a Cruz Vermelha. Hesse sentiu sempre aversão pelos Estados fortes e a Alemanha nazista era um

⁵⁴ LISBOA, Luís Carlos. Hermann Hesse, ou o mundo sem guerras do homem solitário, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 ago. 1972.

símbolo de tudo o que ele desprezava. “Toda autoridade é odiosa porque tende a crescer de momento a momento. Minha fé política é a de um democrata, meu mundo é o de um individualista”, dizia ele em 1950.

Que espécie de individualismo era esse de Hermann Hesse? Alguns críticos superficiais, que dispararam seus comentários logo que ouvem certas palavras, acusaram Hesse de “indiferença em relação aos problemas humanos e sociais”. Os livros do escritor dão resposta a essas interpretações maliciosas. *Sidarta*, um balanço das idéias de Hesse, fala no problema do individualismo, e no que isso quer dizer.

Para o autor de *Demian*, toda criatividade humana e todos os momentos cruciais da descoberta de si mesmo ocorrem quando o homem está só. É nessa mesma solidão, que todo homem parece temer, que nascem as grandes revelações que justificam a humanidade, segundo Hesse. A solidariedade humana, a piedade pelo sofrimento alheio, tudo isso tem que ser profundamente sincero, e não resultado das decisões religiosas ou morais. Essa sinceridade é produto de uma sensibilidade que só se conquista por si mesmo – nessa solidão individual que é uma espécie de via crucis e que não exclui o próximo.

A noção de individualismo em Hermann Hesse é fundamental. Sua compreensão decide, dentro do leitor, se seus livros serão apreciados ou não, se sua mensagem será entendida ou não. Os escritos autobiográficos do autor esclarecem muita coisa a esse respeito, de acordo com Edgard Friedenberg, professor canadense da Dalhousie University. Em resumo, ou nós entendemos o sentido hessiano de individualismo ou não apreciamos Hesse.

A SALVAÇÃO DOS OUTROS

Em 1950, Hermann Hesse recusou-se a assinar o famoso Apelo de Estocolmo, contra a guerra. Não fez qualquer apreciação sobre quem podia estar manobrando a petição, dos bastidores. Disse apenas que não tinha “planos para salvar a humanidade, pois planos desse tipo nada significavam”. Como os fatos se encarregaram de mostrar, mais tarde.

O tema era o mesmo, com pequenas variações, em carta que escreveu a um jornal esquerdista de Paris, que o criticou por sua recusa, Hesse explicou: “Segundo minha experiência, o maior inimigo do homem é o gosto do coletivo, resultado da preguiça intelectual e das necessidades de repouso. O mal está nas comunidades dogmáticas, sejam religiosas ou políticas. Não condeno nenhum dessas que já não têm forças para suportar a solidão. Quanto a mim, sempre me dirigi aos homens solitários: foi para eles que falei e não ao homem coletivo. Tudo o que pude fazer foi apoiar esse número pequeno de homens, esses discípulos e camaradas, em luta por uma existência humana digna”.

Em seus livros de sucesso – no Brasil, todos seus livros fizeram sucesso, exceto *O Jogo das Contas de Vidro*, considerado obscuro – está presente essa mesma idéia, a de que a verdadeira revolução é interior e pessoal, num nível abaixo da consciência. As revoluções e lutas **externas** não tinham significado para Hesse, que as considerava “superficiais e fadadas ao fracasso, o que o tempo mostrará”. Hermann Hesse morreu em Montatnola, uma localidade perto do Lago Lugano, em seu país de eleição, a Suíça. Pouco antes, um entrevistador lhe perguntara qual seria seu lema, se ele tivesse um. Hesse respondeu com uma famosa expressão latina: **amor fati**. Amor é verdade.

Jung e Hesse, os “gurus” modernos⁵⁵

Contemporâneos, mostos há 10 anos, na moda talvez hoje como nunca, Carl Gustav Jung e Hermann Hesse são os temas do Dossier deste setembro. A afinidade entre ambos era grande, bastando citar a relação analisando-analista que os ligou por algum tempo.

O termo guru parece disposto a fazer carreira em nossa língua, expressando a admiração que se sente por alguém que sabe das coisas, que tem o que dizer e sabe como dizê-lo. É exatamente esse o papel que um Hermann Hesse parece estar desempenhando junto à juventude de hoje, que tem esgotados as edições dos seus livros.

Um papel semelhante vem sendo atribuído a Jung, que, curiosamente, foi analista de Hesse, e teve uma influência decisiva no interesse do autor de *Demian* pelo nascente movimento psicanalítico. Nas páginas 2 e 3, Luís Paulo Horta e Fausto Cunha falam da vida e da obra de Jung e Hesse, da atração que ambos sentiam pelo Oriente, da ligação que existiu or algum tempo entre eles e da influência que estão exercendo

LANDSEER E LOEWENSTERN, A VOLTA DOS LIVROS DE ARTE

O livro de arte no Brasil passa por uma fase de algum destaque. Com o extraordinário crescimento do mercado editorial no país, o livro de arte – mesmo sem ter logrado uma participação efetiva na programação das grandes editoras – alcançou o editor. Os dois mais recentes exemplares são Landseer – álbum com os desenhos de Charles Landseer – e O Barão de von Loewnstern no Brasil. o primeiro mostra a obra de um jovem artista inglês, no confronto Brasil-Portugal do seu tempo. O segundo, a arte de um barão, hábil desenhista, que nos mostra um Rio graciosamente colorido.

MARTINS, UMA TRADIÇÃO DE 35 ABIS EDITANDO BRASILEIROS

Mantendo a tradição (de três décadas) de editar uma média de 95% de autores brasileiros, a Martins é a quarta editora apresentada por este Suplemento. Ela é a casa de Jorge Amado, Graciliano e Mario de Andrade. Desde os tempos do livreiro José Vitalino de Barros Martins, valiosa é também a tradição de editar autores malditos pelo oficialismo e a certeza d que cumprem uma função universitária supletiva. Hoje a livraria Martins Editora está lançando no mercado de livros as primeiras 20 mil coleções de um curso de madureza Atual, ao mesmo tempo em que Poe toda sua fé num Teresa Batista, Cansada de Guerra – 100 mil exemplares de um Jorge Amado que se esgotará rapidamente. (Página 12)

CUNHA, Fausto. A volta do lobo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1972. Suplemento.

Há 10 anos, escrevendo sobre a morte de Hermann Hesse, dizíamos que *O Lobo da Estepe* era um livro decisivo e um dos mais corajosos jamais publicados. “Hesse dá nesse livro um saldo sobre o tempo e sobre a moral que ainda o coloca na dianteira de todos nós”. Não perdeu essa dianteira. E continuou passando adiante “a tocha da insurreição e da liberdade individual”. Um decênio após sua morte, toda uma nova geração, aqui, nos Estados Unidos e na Europa, descobre ou redescobre o Lobo e com ele Sidarta, Demian, Narciso, Goldimnundo, José Servo, Gertrudes, Knulp, uma galeria de figuras humanas extraordinárias, de ficções radicadas na afirmação espiritual.

É Otto Maria Carpeaux quem, mais de uma vez e sobretudo em *A Literatura Alemã* (Cultrix, 1964), nos dá uma excelente síntese do homem e da obra. “Sua vida é marcada por duas séries de acontecimentos permanentemente repetidos: as rebeliões e as fugas. Em casa o jovem Hesse se rebelou contra a educação religiosa dos seus pais, que tinham sido, pai e mãe, missionários na Índia. Na escola, Hesse rebelou-se contra os secos estudos clássicos, mas

⁵⁵ JUNG e Hesse, os “gurus” modernos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1972. Suplemento.

também contra a educação físico-militar e contra a disciplina. Fugiu. Na Suíça, bem recebido, felizmente casado com moça rica, Hesse rebelou-se contra a moral burguesa. Fugiu do casamento, abandonando tudo. Na guerra de 1914, rebelou-se contra o militarismo e o imperialismo da Alemanha, perdendo sua cidadania, sendo procurado como traidor da pátria. Enfim, voltou à sua primeira rebelião, contra o cristianismo, que teria decepcionado a humanidade ocidental; fugiu para a Índia, à qual dedicou profunda poesia lírica *Baghavad Gita* e dois livros extraordinários de prosa: *Morgenlandahrt* e *Siddharta*, sobre a vida de Buda”. Outras rebeliões se sucederiam até a fuga final para a solidão. Não nos deve espanar que sua obra seja um pouco a melodia sempre repetida de seu poeta chinês Han Fook. O poeta das *Canções Românticas* (1899) jamais silenciara em Hesse, nem o aprendiz desse inesquecível Peter Camenzind (1904) se cansaria de aprender.

CAMINHO SOB A NÉVOA

O que fica, para o leitor partícipe, da leitura dos grandes livros de Hesse, como *Demian*, *Sidarta*, *O Lobo da Estepe*, *Narciso e Goldmundo*, ou mesmo do imaturo Peter Camenzind (ainda não traduzido no Brasil), é o sentido da experiência intransferível. A obra de Hesse é, em grande parte, autobiográfica, não à maneira direta, quase brutal, de André Gide, mas também sem aquele distanciamento de Proust. Ele se libertava de etapas vencidas escrevendo livros. Todos estes se reúnem para formar um todo, tendem para o centro, numa espécie de extensão reflexo-rotatória (*Drehspiegelstreckung*), ou um jogo de avelórios existencial, aplicado a si mesmo. É assim que, para A. Bettex, em *Kurgast* superou Hesse a “pesada crise de guerra de 1914/1918, que pôs por terra todos os sonhos do Romantismo; e com essa novela deu primeiro passo em direção ao mundo do *Jogo das Contas de Vidro*”. Também para Bettex, devemos procurar uma verdadeira seqüência do seu pensamento sistemático.

É logo depois da guerra, entre os 40 e 50 anos, que Hermann Hesse vê seu talento explodir como uma nova. De 1919 é *Demian*, o grande romance expressionista que conquistou a mocidade alemã e que até hoje nos comove profundamente; pessoalmente, foi o livro seu que mais me tocou. Em 1922 aparece o “poema indiano” *Sidarta*, atualmente sua obra mais lida pelos jovens. *Kurgast* é de 1925 e em 1927 ele nos dá *O Lobo da Estepe*, “resumo das experiências de sua vida e panorama fantasticamente deformado da época, obra de expressionismo já diferente e um dos maiores romances de literatura alemã”, na frase de Otto Maria Carpeaux. Este considera *Steppenwolf* a *Glasperlenspiel* as obras capitais de Hesse, acrescentando: “mas seu livro de maior influência foi *Demian*”. Três anos depois do *Lobo*, sai *Narciso e Goldmundo*; o animal faminto parece apaziguado e Hesse nos conta a história de duas opções existenciais diferentes, num mundo que, mais do que o de Castália, nos parece uma idealização. Desde *Sidarta* se mostra fiel a suas utopias monásticas, ele, um grande individualista. *Narciso e Goldmundo* é uma história de amor à maneira de Hesse, o amor puro, integral, entre dois seres fora do comum. Não há lugar para o elemento da degradação, como na *Veneza* de Thomas Mann. A espiritualização completa vai aparecer em Castália. Antes desse estado contemplativo, Hesse ensinará o gozo de todos os prazeres. E o amor de todas as coisas. Diz-nos ele, pela boca de *Sidarta*:

“Sei amar uma pedra, ó Govinda, e também uma árvore ou um pedacinho de sua casca. São coisas, e as coisas podem ser amadas. Mas não posso amar palavras. Por isso não me servem as doutrinas. Não tem nem dureza nem maciez, não têm cores nem arestas, nem cheiro nem sabor. Não têm nada a não ser palavras”.

“Talvez seja esta a razão por que não encontre a paz: o excesso de palavras. Pois, Govinda, também a redenção e a virtude, o Sansara e o Nirvana são meras palavras. Não existe coisa alguma que seja Nirvana. O que existe é apenas a palavra “Nirvana”.

O JOGO DA UTOPIA

Em 1943, Hermann Hesse publica o Jogo das Contas de Vidro. Tem 66 anos. Três anos depois, recebe o Prêmio Nobel de Literatura. O livro pode ser lido como um romance e é, indubitavelmente, uma obra de ficção, mas num sentido muito especial; no subtítulo, Hesse o chama de ensaio de biografia”. Mais que uma utopia, é uma ucronia. Nada tem daquele paraíso de papelão de um James Hilton. Num futuro não muito distante, Hesse imagina que pode florescer a cultura de Castália, na qual seres privilegiados se dedicam a jogos que exigem conhecimentos e sensibilidade artística num alto grau. Não há teer que estejamos de volta à ucronia do ano 2440 de Mercier ou à metáfora socialista de Bellamu. Se alguma aproximação deve ser feita, será com o Doutor Fausto, de Thomas Mann.

À primeira vista, essa ficção utópica em plena guerra mundial parece deslocada ou escapista. Mas o pensamento que a alimenta existia, e não é em Hermann Hesse. Em 1946, prefaciando dois ensaios matemáticos de Albert Lautman, fuzilado pelos alemães em 1944, conta Suzanne Lautman, sua mulher, que ele e um grupo de jovens professores universitários reunidos em Chartres levavam uma vida quase ideal, lecionando e discutindo axiomática, topologia combinatória, invariantes integrais, teoria dos conjuntos, o aoristo na gramática grega, com pequenas fugas até Paris para ouvir concertos clássicos e óperas e peças de Sófocles. “Para ele, a poesia, a contemplação das obras de arte, as matemáticas e o amor são mais reais do que isso que se julga ser o real”. Tão forte era essa convicção que, na Oflag IV D, onde ele e alguns amigos estavam presos, organizavam-se cursos e conferencias de Filosofia e Ciências Naturais. Engajado na Resistência, Lauteman aproveitava os momentos de folga para estudar simetria e dissimetria nas matemáticas e na física. Para homens como esse, a Castália de Hermann Hesse era não só a realidade que eles ambicionavam, mas também aquela que estavam construindo.

A guerra dos deuses⁵⁶

Luiz Paulo Horta

- Meu caro Jung, prometa-me não esquecer jamais a teoria sexual. Isso é o que realmente importa. Devemos fazer dela um dogma, uma fortaleza inespugnável.

- Uma fortaleza... contra quê?

- Contra a maré de mama negra... contra o ocultismo.

Esse diálogo entre Freud e Jung teve lugar em 1910. Jung era então, aos olhos de Freud, o discípulo predileto. Os dois tinham-se encontrado em 1907, quando Freud tinha 50 anos e Jung 32. A essa época, o pensamento de Freud já estava constituído: Interpretação dos Sonhos, que Freud sempre considerou sua obra fundamental, tinha aparecido em 1900, e foi depois da leitura desse livro que Jung renunciou à tranqüila carreira que se abria à sua frente para unir-se ao campo subversivo da Psicanálise.

Em 1909, Freud e Jung viajaram juntos à América para tratar dos interesses da Psicanálise. Nos intervalos das conferências, analisam os sonhos um do outro. Em 1910, em Nuremberg, realiza-se o segundo congresso psicanalítico internacional (Jung organizara o primeiro em 1908), e é fundada a Associação Psicanalítica Internacional. Jung, aos 35 anos, é eleito presidente, por indicação de Freud.

A ruptura veio em 1912. para Jung, “uma coisa era clara: Freud, que sempre dera muita importância a sua irreligiosidade, tinha agora construído um dogma; ou antes, substituíra o deus ciumento de que se afastara por uma outra imagem obsessiva: a da sexualidade”.

Para Freud, as coisas não eram menos claras: “Em 1912, em carta vinda da América, Jung vangloriou-se de que as modificações introduzidas por ele na psicanálise tinham vencido a resistência de muitos que não queriam saber do assunto... Essa modificação, que ele se orgulhava de introduzir, não era outra coisa senão a supressão teórica do fator sexual”. A ruptura consolidou-se com a publicação, no mesmo ano, do *Metamorfoses e Símbolos da Libido*, de Jung; a fortaleza cedia à “maré” do ocultismo.”

Na guerra, que desde então se declarou entre as escolas divergentes, Jung não levou a melhor. Talvez se possa mesmo arriscar a afirmação de que daqui a 100 anos ele será mais lembrado como um nome ilustre na história da cultura do que pela sua contribuição específica à terapêutica psicanalítica. Mas, nessa atividade cultural é difícil exagerar a importância de Jung e a influência que ele está exercendo sobre o nosso universo pós racionalista.

Um exemplo disso é a sua atitude em reação à alquimia. Até a aparição de psicologia e Alquimia, em 1943, a alquimia continuava a ser um terreno absolutamente inexplorado; na melhor das hipóteses, era encarada como a pré-história da Química, como escrevia Marcelin Berthelot, há 100 anos. Jung realizou nesse terreno, uma revolução copernicana, descobrindo que a alquimia tinha sido o espelho da alma da humanidade ancestral representando a projeção, no coração da matéria, da nossa psique, numa época em que a humanidade se limitava a sentir obscuramente a presença do inconsciente.

Nascido em Kesswill, cantão da Suíça, em 1875, Jung estudou Medicina em Bale e depois seguiu durante um semestre os cursos de Psicopatologia de Pierre Janet na Salpêtrière (1902). Diplomado em Psiquiatria em 1905, tornou-se conhecido no ano seguinte pelos seus estudos sobre a associação, e passou a médico chefe da Clínica do Burghölzli. A ligação com Freud tem início em 1907, e vai de vento em polpa até 1912. A partir daí, Jung passou a classificar sua doutrina de Psicologia Analítica e depois de Psicologia Complexa, para distingui-la da psicanálise freudiana.

⁵⁶ HORTA, Luiz Paulo. A guerra dos deuses. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1972. Suplemento.

Convencido da universalidade dos motivos e imagens (“arquetipos”) do inconsciente profundo, procurou uma confirmação disso em diversos domínios da ciência, e é nesse momento que as suas pesquisas se estendem às literaturas orientais. Obras fundamentais: os Ensaios de psicologia Analítica, os Tipos de Psicológicos, a Introdução a Essência da Mitologia, além dos mencionados. A morte surpreendeu-o em Kussnacht, perto de Zurich, aos 85 anos e na posse de uma perfeita lucidez.

Um espírito guia da juventude⁵⁷

Fausto Cunha

Muita coisa tem sido escrita para explicar a súbita descoberta, pela juventude, de alguns espíritos-guias, como Hesse, Jung, ou porta-vozes como Kurt Vonnegut Jr. Como todos os movimentos supostamente repentinos, também esse teve longa incubação.

Antes que Timothy Leary afirmasse que o Lobo da Estepe, de Hesse, era o seu livro de cabeceira, a obra já tinha estado em muitas mãos, mesmo nos Estados Unidos. Outro tanto deve dizer-se de Jung. Há entre os dois uma afinidade irrecusável, embora não seja essa afinidade o que leva os leitores para eles. O importante é que ambos falam da vida.

De Hermann Hesse já se disse até que ele era um precursor da contracultura, o que é certamente um equívoco. Sua obra é profundamente cultural, é mesmo, em alguns sentidos, uma apologia da cultura, do humanismo. Se o *Lobo da Estepe* parece uma explosão psicodélica, *Sidarta* e o *Jogo das Contas de Vidro* se mantêm dentro das fronteiras de uma conciliação espiritual perfeitamente estabelecida. Já se disse também que os jovens estão fazendo, com Hesse a viagem errada. Mas nenhum deles procura nos textos de Hesse a resposta para seus impasses existenciais, porque ela não pode estar lá. Procura, isto sim, e Theodore Ziolkowsky, seu biógrafo tem razão, “imagens para os seus problemas mais aflitivos: a busca de identidade numa sociedade tecnológica, a procura de uma moralidade pessoal e de um individualismo responsável, o conflito entre a reflexão e o compromisso.”

Hesse não propõe milagres. Num poema seu que ficou famoso dá-nos a dura imagem da solidão individual: “É estranho vagar sob a névoa!/ A vida é solidão./ Ninguém conhece ninguém./ Cada um está só”. Dele também esta lição de despaisamento: “Devemos passar alegremente de um lugar para outro,/ E não ligar-nos a nenhum como pátria”. É bem a filosofia de Easy Rider.

Jung, como Hesse, trouxe para nós uma compreensão mais íntima do pensamento oriental. A última fase de Jung como a de Hesse, parece fundamentalmente mística (Freud já o acusava de misticismo), mas não envolve qualquer ritual religioso. Jung procura uma síntese do masculino e do feminino, e desenvolve uma análise dirigida abertamente para a vida. Diz ele, num de seus livros: “O desejo do homem é que as sombrias águas da morte se tornem as águas da vida. Porque a Vida jamais pôde crêr na Morte”. Escrevíamos há pouco que não seria exagero ver em Jung o pai da moda unissex, e muito especialmente na tendência do sexo feminino, nos países ocidentais, a usar calças tradicionalmente masculinas. Mais que um artifício de beleza, ou de conforto, é um comportamento de conciliação do animus dentro da psique feminina e também uma proteção.

Um dos melhores intérpretes de Jung, Gaston Bachelard, disse que “A relação da alma com o animus é uma dialética de envolvimento e não uma dialética da divisão. É neste sentido que o inconsciente em suas formas mais primitivas, é hermafrodita”.

Outro fenômeno, que talvez não se deve diretamente a Jung, mas que encontra nele uma formulação profética é o da nudez pública. Ao contrário de Freud, que vivia perseguido por terrores psico-anais, Jung estava familiarizado com a seminudez oriental e a nudez dos primitivos, e conhecia certas práticas de reversão das forças psíquicas. A nudez pública desmistifica (e os artistas, tão queridos de Jung, já tinham entendido isso) todas as neuroses e traumas relacionados com o aspecto exterior do corpo e liberta o prazer sadio da contemplação. Jung foi mais longe e aconselhou seus doentes a tirar vantagem de suas neuroses, em vez de encará-las como um pecado, ou suma maldição. “Só me interessa o ser humano como indivíduo”, escreveu ele. Cada um está só. (F.C.)

⁵⁷ CUNHA, Fausto. Um espírito guia da juventude. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1972. Suplemento.

No cinema pela primeira vez um romance de Hesse: *Sidarta*⁵⁸

Nina Chavs

Em 1966, quando a geração universitária americana estava às voltas com “O lobo das Estepes” e “Demian”, o Festival de Veneza deu prêmio – o Leão de Prata – a um jovem poeta milionário, chamado Conrad Rooks, pelo seu primeiro filme – **Chappaqua**, uma estranha e complexa exploração de sua própria viagem interior, entre álcool e misticismo. O elenco era constituído de índios Cheyenne, o poeta Allen Ginsberg, Jean-Louis Barrault, William Burroughs, Ravi Shankar e o próprio Rooks, aparecendo dentro de máscaras de morte. O filme teve sua origem em poema que ele escreveu, louvando os índios americanos. Na opinião de muita gente, a essência daquele filme já era visualizar as experiências com drogas, e ele foi considerado como parte importante da chamada “cultura **hipy**”. **Chappaqua** parecia provar que havia uma saída para quem não achava ou tinha conhecimento mais profundo dela. A mensagem do filme era esta iluminação, mas hermética, e nem todos entenderam. Os ideais da geração americana estavam sendo sacudidos com os seus heróis – McCarthy em Chicago. Timothy Leary, na Argélia, e as comunidades surgindo em Los Angeles.

Enquanto todos se voltavam para pílulas e analistas, o poeta Conrad sentiu que na Alemanha a popularidade de Hermann Hesse estava aumentando, que havia livrarias na Escandinávia só com os seus livros. E lá se foi ele em busca de Hesse. quis preparar seu outro filme, baseado no famoso “*Sidarta*”.

- Desde quando li, aos 17 anos, o livro “*Sidarta*”, esperava alguém fosse filmar os livros de Hermann Hesse. Pensei: aqui estão as histórias para a nossa idade, para nossos problemas particulares. e me indagava por que ninguém ainda tinha descoberto o poder desses livros. Viajei pelo Oriente, antes mesmo que, em NY, Allen Ginsberg começasse a cantar *Om Shanti*, e naqueles tempos, os Beatles estavam descobrindo o Zen.

TRABALHO DE AMOR

Conta Conrad Rooks que estudou durante três anos a cultura indiana, viajou a Índia inteira e quando chegou o tempo de realizar *Sidarta* as posições eram certas, o sentimento autêntico. Ele fala e escreve tão difícil como o próprio Hesse. em termos místicos de vida e de alma.

- Passei pelo inferno do alcoolismo e da droga, curando-me sozinho, ajudado pela Yoga, disciplina, determinação. A imagem deixada por *Chappaqua* é de uma pessoa perdida, mas vestida, descalça, e agora sou um homem que se veste normalmente.

Desde que Louis Malle fez um discutido documentário na Índia (Calcutá, inédito no Brasil), o Governo local vem-se recusando a permitir que qualquer outro cineasta faça filme sem que um oficial de legação esteja presente.

- Tive muita sorte. A Sra. Gandhi, a quem muito admiro, recomendou-me ao Ministério de Informação, e isso ajudou muito. Primeiro quiseram ver o tipo de gente que eu era, depois me deixaram trabalhar. Começamos a filmagem em dezembro, tivemos de parar quando a guerra começou por lá. Ficamos confinados num hotel, sem poder sair, era lei marcial. Estávamos justamente filmando em áreas estratégicas.

Rooks contratou para *Sidarta* equipe internacional. O camaraman, Sven Nykvist, já fez uma dezena de filmes com Ingmar Bergman, entre eles **A Fonte da Donzela**, **Persona**, **Vergonha** e **A Hora do Amor**. As imagens do filme são lindas, de movimento vaporoso, verdadeiro rio de prata. Ásperos muros brancos da casa de *Sidarta*, as florestas nodosas em

⁵⁸ CHAVS, Nina. No cinema pela primeira vez um romance de Hesse: *Sidarta*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1972. Notas estrangeiras: Paris, via Varig.

que andavam os homens santos, com cantos e rezas. Tudo puro, simples, sensacional, como imagem e essencialmente indiano. O espectador se envolverá por ele, em admiração, repouso, calma. Rooks achou os autênticos homens santos em Rishikensch.

Todos os poetas dos cem últimos anos deviam aprender de Rimbaud, que mostra a técnica de exportar-se, da dissociação sistemática de - Fiz um trabalho de amor. Sua vida num sífilítico mercado de escravos africanos, foi o risco que teve de assumir. Porque a musa não fica necessariamente dentro do poeta. Pode mudar de forma e, então, a poesia para um filme não é incomum.

SUPERIORIDADE FEMININA

Rooks esteve na Suíça, Ischia, passou por Paris. Sua mulher, Janice, continua católica e se recusa a se envolver com iogas ou outros.

- Fiz um trabalho de amor, ritos místicos orientais.

- Quando tenho problemas, ela me mostra a forma de resolvê-los. Quando falo de compreensão instintiva das mulheres, sua superioridade de fato, e porque acredito nisso. A maioria dos homens que chegam a fazer algo fantástico na vida é ajudada por mulheres. Minha mulher, por exemplo, me ensinou o que é ter um centro.

Encontram-se na Grécia, há oito anos atrás, após o divórcio dele da primeira mulher, uma princesa russa que agora virou monja nudista.

- Minha vida passou a ser atônita, mas não darei o seu segredo.

Os pais de Hermann Hesse foram missionários na Índia, e Hesse mesmo ali esteve em 1918: escreveu “Sidarta” em 1922. Segundo a crítica, na época, inspirou-se Hesse numa lenda já escrita antes pelo inglês Sir Edwin Arnold, em 1857. Para representar “Sidarta”, Rooks chamou Shashi Kapoor, resultado de quatro gerações de atores, refinado por qualidade já melhorada, versado em toadas tradições e técnicas. Fácil de ser dirigido, Shashi representa Sidarta sem nenhum destes discordantes efeitos que os atores europeus teriam produzido.

UMA MISSÃO IMPORTANTE

Kamala, uma bonita cortesã, é feito por famosa atriz indiana, Sini Govinda, o camarada de Sidarta, é também indiano.

- Espero que o filme corresponda, pois a sua realização é algo de notável. Trata-se do primeiro trabalho de Hermann Hesse a ser filmado, e me considero como dono de uma missão particular que se recusa a menosprezar a importância do filme.

O Brasil conhece o livro, eu me lembro de como falaram nele, quando aí chegou. A estória de um filho de brama que sai em busca da serenidade e do equilíbrio interior. Isso resulta da mistura de um misticismo profundo em choque com os toques materiais que a vida lhe foi pondo à frente, bem como as metamorfoses exigindo dele inusitada reação. O ingênuo “Brahmin” com seu amigo Govinda, ao encontro do Santo Sadhus. O encontro com Buda em que Sidarta não consegue a sonhada iluminação. A cortesã Kamala no seu caminh, e ele cai de amores. Trabalha com mercador rico, aprende sobre o amor, e um dia cruza o rio a caminho da casa de seu pai. Antes de chegar encontra Vasudeva, onde a paz morava junto. Uma dia vê o rio sendo cruzado por um velho monge, era Govinda, e ambos foram discutir, mais uma vez sobre as buscas e descobertas do que caminha com a gente, em termos de misticismo e crenças.

Rosshalde: um relato do jovem Hermann Hesse⁵⁹

Nogueira Moutinho

Um dos acontecimentos literários mais espantosos da década de 60 foi a subita e quase delirante redescoberta por parte da juventude da Europa e da América, da obra do poeta e romancista alemão Hermann Hesse, morto há onze anos na Suíça, aos oitenta e cinco anos. Seu romance “O Lobo da Estepe” vendeu um milhão e meio de exemplares só nos Estados Unidos, mas não constitui recorde: “Sidarta”, relato oriental de extrema simplicidade e de uma pureza poética que toca a perfeição, ultrapassou os dois milhões.

Nunca, até essa febre “hessiana”, obras poéticas de tal dimensão, de tal qualidade haviam atingido a categoria de “best-sellers”. Esses livros são lidos também pela juventude brasileira. O fato é extremamente curioso porque apesar do prêmio Nobel lhe haver sido outorgado em 1946, Hermann Hesse era até estes últimos anos conhecido apenas por um público muito restrito – que via nele um dos grandes espíritos deste século. O escritor foi iniciado nas religiões e literaturas do Oriente por seu pai, missionário protestante. Viajou para a Índia em 1911, e em 1912 deixou a Alemanha para instalar-se na Suíça, onde permaneceu até a morte. Lá, suas tendências orientais foram confirmadas por Jung, por quem se fez psicanalisar.

Sucedem que várias posições por ele assumidas, sobre a libertação da personalidade, o pensamento oriental, a psicanálise, as alucinações, tornaram-se atuais somente em nossos dias. Foi um dos teóricos americanos do psiquedelismo, Timothy Leary, que pela primeira vez chamou a atenção dos círculos de “hippies” sobre o “Lobo da Estepe”.

Recentemente a editora “Civilização Brasileira” lançou a versão de um dos romances menos conhecidos de Hesse, “Rosshalde”, uma obra de juventude, breve relato escrito entre 1913 e 1914.

Rosshalde é o nome de um castelo, adquirido por um pintor alemão, Johann Veraguth, que ficou celebre na maturidade. Ao fundo da propriedade, diante de um lago, construiu um ateliê, no qual trabalhava com um despojamento, um vazio que são fronteiriços da psicose. Um criado, Roberto, limpa os pincéis, transporta as telas quando Veraguth trabalha ao ar livre, cuida do apartamento, prepara as refeições.

O pintor vive separado de sua mulher, Adelia, que mora a algumas centenas de metros, no castelo. Ambos dividiram assim a propriedade. Ele dispõe do lago, do ateliê, de um bosque. Ela tem direito ao parque plantado de tílias, aos gramados, à alameda de castanheiros, ao jardim no qual cultiva sobretudo rosas amarelas.

Entre Johann e Adelia, o desentendimento não oferece problemas: é completo, definitivo. Tão definitivo que quando o pintor por uma razão qualquer vai jantar no castelo, mulher e marido sentam-se um diante do outro, passam o vinho e o pão sem palavras, como se não se conhecessem. Nem uma nota de conflito ou de rancor.

A razão oferecida pelo pintor para explicar esse estranho estado de coisas é a de que seu temperamento de artista, suas inquietudes, seus ímpetos, seus acessos de humor, encontram em Adelia uma espécie de frio desinteresse, de cerimoniosa serenidade. Não se divorciaram simplesmente porque não conseguem afastar-se do filho que tivera: Pedro.

No momento da ação descrita por Hesse, que dura aproximadamente vinte dias, ou pouco menos, Pedro tem sete anos. É o único que se sente em casa, pois tudo lhe pertence, tanto os domínios de sonho do pai, quanto a ordem a tranqüilidade, a segurança que lhe

⁵⁹ MOUTINHO, Nogueira. *Rosshalde: um relato do jovem Hermann Hesse*, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jan. 1973.

oferece a região em que Adelia é soberana. Tenta descobrir, pelo canto dos pássaros o nome que eles se dão, pois os nomes que seu pai lhe ensinou não lhe parecem verdadeiros.

Modelo de insubmissão, o pequeno é entretanto absolutamente o oposto do que se chama uma criança “difícil”: ouve atentamente o que lhe dizem e se exprime com um senso de propriedade que não é próprio de sua idade; está sempre ocupado e tudo indica que é feliz.

Essa aparência, todavia, pare não corresponder à realidade. A atitude de Adelia e Johann Veraguth, de fato atirou o menino a uma completa obscuridade afetiva. Para o pintor, apenas as crianças são capazes de “ver”, mas seu filho é incapaz mesmo de ver os seus quadros. Cada visita que Pedro faz ao ateliê afasta um pouco mais os dois seres. O silêncio de Rosshalde é interrompido nesse momento pela visita de um amigo de infância do pintor, Otto Burkhardt, que volta do Oriente onde se fixou já anos, a fim de convidar o amigo a passeio a Singapura. Orro pensa que Johann deve afastar-se do filho, que deve ter a coragem de assumir essa atitude em vista do bem de todos da família. O pintor recusa-se ao convite, o amigo parte decepcionado com o que considera uma inaceitável covardia e Veraguth passa a viver uma luta íntima dilacerante. Acaba comunicando à mulher que vai também partir, mas nesse momento descobre-se que o menino adoeceu. O fim do romance é ambíguo: Pedro morre de um ataque de meningite, Adelia parte para a Suíça, a dor dos pais é imensa, mas Veraguth, na última tarde, antes de partir para Genova, onde o amigo o espera, olha o campo que se estende a seus pés e experimenta uma estranha sensação de vertigem: reconhece que nesse momento em que o vazio se fez, tem a vida diante de si.

Talvez tenhamos fixado apenas um dos pontos de fuga do relato, talvez nele há outros. O fato é que “Rosshalde” perturba os hábitos do leitor. Há nos livros as pegadas de um mundo desaparecido, e também de uma arte desaparecida. As digressões de Veraguth a respeito da pintura levam-nos às cogitações dos primeiros impressionistas. A ordem clássica do relato também nos faz estranhamente perdidos no seu interior. Certamente Veraguth tem muita coisa do próprio Hesse, na medida em que todo romance é autobiográfico, mas o espantoso é encontrarmos uma profunda identidade entre ele e o futuro autor do “Lobo da Estepe”. Como seu personagem Veraguth, que fica na tela seres que nada têm a ver com as pessoas do mundo real, Hesse cria em seus romances criaturas que não se assemelham em nada às que conhecemos. Talvez seja essa a grande explicação de sua atual voga: Descobre jovens inconformistas as mil possibilidades de existir que foram escamoteadas mas que permanecem hibernadas na poesia, na ficção, no teatro. Hesse será assim um dos “maitres-à-penser” de um tempo em que a sede de guias é tanto maior quanto mais desesperante é sua escassez.

Tributo à moda⁶⁰

Geraldo Galvão Ferraz

PETER CAMENZIND, de Hermann Hesse; Brasiliense; 116 págs.; Cr\$ 15,00.

Esta edição brasileira do romance de Hermann Hesse, 68 anos depois de ser um best seller na Alemanha, é um tributo à moda “Hesse”, não uma homenagem à importância inegável de seu autor.

O fenômeno Hesse, típico dos anos 60 nos Estados Unidos e, em menor escala, na Europa e aqui, explica-se em parte por ter projetado uma saudável visão do homem hostil à cultura racionalista e materialista do século XX e, por outro lado, porque essa visão pode ser consumida e até apreciada por essa mesma cultura.

“Peter Camenzind” pouco tem a ver com os livros que são os pilares da mística que hoje cerca Hesse: “Demian”, “Sidarta”, “O Lobo da Estepe” ou “O Jogo das Contas de Vidro”.

Camenzind é um jovem camponês de uma cidadezinha em que quase todos os habitantes são da sua família. É arrancado do seu meio por sua vontade de saber e procurar a felicidade.

Tornando-se jornalista e escritor, dedica-se à busca através de várias viagens (Paris, Zurique e o país que estava na moda, a Itália), mulheres e garrafas.

As virtudes de sua paixão pela natureza e de sua ingenuidade melancólica não bastam para libertá-lo da mania de amar platonicamente as mulheres e do seu afeto crescente pelos vinhos e outras bebidas.

Ideal realizado – Além das mulheres e da embriaguez, Camenzind dedica-se à tarefa de encontrar um amigo. Das decepções nos tempos de escola, ele passa à convivência com Ricardo, uma antítese do seu gênio, e finalmente ao contato com Boppi, um aleijado que realiza plenamente seu ideal de amizade, antes de morrer.

Como nos “romances de educação” habituais nas literaturas européias do século XIX, o ciclo se completa: Camenzind volta às origens e, armado de seu conhecimento do mundo, enfrenta a opção: ser taberneiro ou terminar um grandioso poema.

“Peter Camenzind” é um dos últimos ecos do romantismo alemão e difere bastante dos romances mais maduros de Hermann Hesse, na sua fase expressionista.

Todas as constantes do romance romântico aparecem neste livro de um escritor ainda inseguro e dominado pelas contradições da sua personalidade e do próprio período em que viveu. Das descrições líricas da paisagem à adoração distante das mulheres, as convenções românticas estão sempre presentes, só temperadas de vez em quando por um sutil senso de humor.

O que é insuficiente para justificar culturalmente a edição desse livro menor do então aluno de romance Hermann Hesse.

⁶⁰ FERRAZ, Geraldo Galvão. Tributo à moda, *Veja*, São Paulo, 31 jan. 1973. Literatura, p. 88.

Desenhos e aquarelas de Hesse⁶¹

Uma faceta pouco conhecida de Hermann Hesse acaba de ser completamente revelada a milhares de pessoas que visitaram o Museu Regional de Munster, Alemanha, nestes dois meses: lá estavam 120 desenhos e aquarelas do escritor.

Os quadros de Hesse apresentam paisagens cuidadosamente pintadas, quase todas e Tesino. A partir de 1920 começaram a ficar ligeiramente impregnados de impressionismo. Mais tarde adquiriram arquitetura própria, sendo com frequência desenhados previamente e em seguida coloridos.

As cores de Hesse brilham suavemente como seda e pedras preciosas – provavelmente por influência hindu – e têm uma luminosidade alegre. Elas dão a impressão de terem sido produzidos com intenção meramente decorativa.

O caráter de passatempo das pinturas de Hermann Hesse, antes de 1920, é só aparente. A verdade é que ela oculta algo que devia ter sido explicado claramente no catálogo da exposição, para evitar mal-entendidos, justamente num período de seu renascimento como escritor.

Ele sempre levou a sério sua pintura. Nos primeiros anos, a partir de 1917, foi um trabalho árduo. Em sua biografia sobre Hesse, afirma Hugo Ball que o escritor quis submeter sua imaginação e estilo à harmonia, queria voltar à medida e à ordem depois do caos interior, a que o levava à depressão melancólica de sua esposa, em consequência dos excessos literários do seu Último Verão de Klingsor. O escritor quis servir-se de pintura não só para esquecer, como para superar seus problemas íntimos.

A experiência de Hesse com a esposa enferma o levou a tomar contato com a psicanálise, já durante a Primeira Guerra Mundial. O que ele aprendeu associou às filosofias religiosas cristã e da Índia e desde 1928 introduziu conscientemente no processo de harmonização da pintura. Com seu auxílio alcançou almejada harmonia.

A estetização consciente – que hoje pode mostrar os quadros de Hesse como demasiado belos para melhor aceitá-los – não foi somente um recurso terapêutico, mas um utensílio de trabalho. O resultado do processo de trabalho ao qual havia associado a pintura foi o volume publicado em 1929, *Wanderungen*, escrito em estilo confessional.

Só anos depois Hesse pôde reencontrar-se na pintura e ter prazer com ela. Pela primeira vez, em 1920, expôs quadros seus em Basileia, quase todos estudos em cores quentes das paisagens de Tesino, sob o título de *Perspectivas Maravilhosamente Benéficas*. Quem conhece as circunstâncias que cercaram a produção desses quadros com certeza há de interpretá-los melhor com perspectivas internas do poeta, isto é, como pareceres seus maravilhosamente benéficos.

A exposição de Munster ofereceu uma das últimas oportunidades de ver os 12 trabalhos do escritor. A maior parte deles pertence à coleção de Elsy e Hans Bodmer, que em 1931 construíram para ele, em Montagnola, uma casa onde Hesse viveu até sua morte em 1962, com a idade de 85 anos. Com a morte dos Bodmer, a coleção que contém não só os quadros, mas os manuscritos e outros objetos do escritor, será levada para a casa de Rolf Venator, de Colônia.

Por iniciativa de Venator, a coleção será novamente exposta em Munster. Junto com ela mostrados alguns objetos do arquivo de literatura alemã de Marbach. Mas tão cedo não de poderá ver, a não ser pelas isoladas dessa exposição de Hesse como pintor.

⁶¹ DESENHOS e aquarelas de Hesse. São Paulo: *Folha de S. Paulo*, 26 jun. 1973.

Ascensão literária da Alemanha⁶²

Aires da Mata Machado Filho

Durante os meses que precederam a concessão do Prêmio Nobel de Literatura, os palpites, nos bastidores, mostravam-se francamente favoráveis a dois escritores alemães: Heinrich Boell e Gunter Grass. Segundo a Imprensa Francesa, ambos são apreciados pelos compatriotas das duas Alemanhas e conhecidos no estrangeiro. Ambos em plena atividade, publicaram livros recentes: Boell, um romance de família, *Portrait avec des femmes*, traduzível em português como *Grupo com mulheres*, que fez as delícias da crítica alemã, e Grass, um romance picanesco intitulado *Carnel d'um Cargot*, ou, em nossa língua, *Notas de um cabo eleitoral* que revive uma campanha política na Alemanha e termina com uma apoteose de Willy Brandt. A escolha recaiu afinal em Heinrich Boell, o romancista da Guerra e da restauração.

Desde Thomas Mann, laureado em 1920, a Academia Sueca tem procurando fora das fronteiras da Alemanha Nacional-Socialista e da Alemanha do após-guerra representantes da prosa e da poesia influenciados pela Ditadura Hitlerista ou abertamente adversários dela. Em 1946, consagrou a Hermann Hesse, escritor alemão, por sem dúvida, mas que vivia no exílio, desta vez própria Suécia, também naturalizada, logo depois da guerra. Premiando agora a Heinrich Boell, consagrou os direitos da literatura alemã e da Alemanha de após-guerra ao reconhecimento universal.

Heinrich Boell fez com que entrasse na literatura mundial uma Alemanha desconhecida: a que nasceu da guerra e das ruínas. Sua obra deseja ser uma tentativa de explicação do drama interior vivido pelo povo alemão. É uma tomada de consciência de acontecimentos, nas suas causas e nos seus efeitos, um permanente reexame dos valores propostos aos seus compatriotas pelo Terceiro Reich, durante a Guerra como em nossos dias. Não se trata de uma defesa do povo, mas de um esclarecimento de situações reais, para permitir melhor compreensão do passado e do presente e também para “diagnosticar os germes de um novo mal”.

Na menção desse vírus, a que alute René Wintzsen, o colaborador de *Le Monde* a quem vamos acompanhando, denuncia-se, logo se vê, a repugnante ressurreição do nazismo e a explosão de nova Guerra Mundial – a constante existência da Guerra. Recentemente, Tristão de Athayde viu na Itália funescos cartazes que dizem assim: “Fachismo ou o caos”. Na Alemanha já existe uma ala extrema da mocidade ultra-nazista que se denomina, orgulhosamente, “oscaóticos”.

Verdade, verdade, os que pertencemos à geração das duas conflagrações tardamos em avaliar completamente a extensão e a profundidade dessa desgraça por excelência. Dos seis para os nove anos, acompanhávamos as notícias que ensangüentaram o mundo, de 1914 a 1918, com a esportividade superficial de quem torce para um ou para outro lado. Achávamos divertidas as discussões dos adultos, de cujo alinhado academicismo só muito mais tarde nos compenetrámos. Reparávamos então na hostilidade onomástica do Tio Germanófilo que pôs o nome de Jofre a um cavalo e no carinho do aliadófilo que fazia coleção das fotografias de Foch. A idéia de que a Alemanha simbolizava a maldade acabou de configurar-se na outra Guerra. Provinha de pressuposto ideológicos. Terminando o conflito, em que, ai de nós, depunhamos esperanças, houve ingênuos que preconizaram, antes de caírem as máscaras – o que, aliás, não demorou – missão de catequese democrática para recuperação da pátria de

⁶² MACHADO FILHO, Aires da Mata. Ascensão literária da Alemanha. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 ago. 1973. Suplemento Literário, ano VIII, n. 364.

Goethe. Enfim, foi sinceramente que choramos no dia da queda de Paris. Como quer que seja, o certo é que nem sombra de ideais ou de ideologias pode justificar, por um segundo sequer, as Guerras de interesse meramente mercantil, para competição comercial no excelente negócio de armas – e haverá alguma sem deixar de ser? – que não cessaram de travar-se, entre as duas mais amplas explosões, até culminarem – é difícil imaginar que não – nos horrores do Vietname com a sua paz duvidosa.

Mas, os esteriótipos simplistas são duros de erradicar. Por isso, livros como de Boell devem ser disseminados, em todas as línguas, para que se acabe de crer que o bárbaro belicismo nunca privilegiou determinado povo de maneira excludente; que a Guerra é sempre injustificável; que o povo tem de imunizar-se contra os efeitos da propaganda, em suas múltiplas manifestações. Justamente por nada terem de prospectos e panfletos, os livros de Heinrich Boell esclarecem e convencem, com o empolgante vigor da autenticidade na arte. Simples resumos o demonstrá-lo-iam.

Pudera não! A criança nascida em 1917, é um filho da Guerra e da ruína, um cidadão da restauração alemã:

“Não tomou partido nem por esse passado, nem por essa miséria material e moral, nem por um presente sem alma, que desnatura, esteriliza, caricatura a realidade.” A explicação é de René Wintzen, que acrescenta: “*É que ser alemão hoje em dia, não deixa de inquietar esse homem junto a quem nenhuma instituição política ou espiritual encontra perdão: o renano e o católico em Boell são, antes de mais nada, contestadores*”. Homem de ação, participa sem o compromisso do engajamento, tal como, a meu ver, deve fazer o escritor consciente da sua condição e do seu ofício: nas instituições e nas organizações da classe e, principalmente na expressão da obra corajosa, caracterizada pelo inconformismo, pela rebeldia definicional.

O Prêmio Nobel distingue, na pessoa e na coragem de Heinrich Boell, uma Alemanha consideravelmente afastada dos políticos e dos monopólios econômicos, como dos dirigismos espirituais em voga. Sua obra manifesta-se, segundo o crítico, “*em um acento de revolta no “humour” negro, na ironia por vezes crispante*”. Com isso, é a de um solitário, como solitário são nas lutas e nas derrotas, os homens e as mulheres que a povoam.

Inscribe-se entre os mais penetrantes esforços pela compreensão da realidade. Perfez a atual ascensão literária da Alemanha, a qual vem de mais longe. Por 1947, Editions Montaigne divulgaram, em magníficas edições bilingües, os clássicos da literatura alemã. A mencionada premiação de Hermann Hesse ocasionou, em seguida a 1946, a moda de “*Lobo da Estepe*” recentemente retomada com a inclusão de outras obras do autor. E, como se não bastassem essas e outras manifestações de interesse do público, que o bom editor sabe compreender, Editions du Seuil publicam *Ocruves de Bainer Maria Rilke* em dois volumes, que, pela introdução excelente de Paul de Man como pelos textos inéditos e novas traduções facilitam a consideração completa de um conjunto do qual, até o presente, só se conheciam elementos. E precisamente a respeito de Rilke muito traduzido aqui e em Portugal, o nosso Cristianismo Martins publicou em 1949 o primoroso ensaio *Rilke, o poeta e a poesia* o qual faz boa liga com o outro do mesmo autor mineiro *Goethe e a elegia de Marienbad*, também saído nesse ano.

Pobre adágio⁶³

P. B. Browne

SIDDHARTHA (“*Siddhartha*”), direção de Conrad Rooks; com Sashi Kapoor, Simi Garewal e Romesh Sharma; Rio.

Para o alemão Hermann Hesse (1877-1962), a Índia era a “terra-mãe da juventude da alma”. Para o americano Conrad Rooks, 39 anos, é apenas um rincão ideal para lugares-comuns pretensamente poéticos. Enquanto o herói de “*Siddhartha*”, o mais popular dos livros de Hesse (lançado em 1922 vendeu até hoje 2 milhões de cópias em todo o mundo, com nove edições já tiradas no Brasil), buscava em peregrinações franciscanas a harmonia consigo mesmo, a suprema verdade e a paz edênica inacessível ao mais comum dos nobres humanos, seu homônimo da versão cinematográfica tem outras preocupações menos sutis.

Interpretado por um ator italiano, Sashi Kapoor, cujo maior talento é falar um perfeito inglês californiano ele se contenta em apreciar um belo festival de cartões postais. Ou em confundir, tristemente, orientalismo com exotismo simplório, meditação transcendental com indigência intelectual.

Filtros mágicos – Produzido, escrito e dirigido por Rooks – cineasta underground há oito anos premiado em Veneza com um filme, “*Chappagua*”, sobre suas experiências com LSD – “*Siddhartha*” tenta passar por fiel versão da obra de Hesse.

Mas demonstra acreditar menos no encantatório e utópico universo do autor do que nos filtros igualmente mágicos da câmara manejada pelo sueco Sven Nykvist, fotógrafo dos últimos filmes de Ingmar Bergman (Nykvist foi premiado com o Oscar de 73 por “*Gritos e Sussurros*”). Entre duas dezenas de crepúsculos multicores e faiscentes reflexos solares nas águas sagradas do rio Ganges, indolentes e imaturos protagonistas recitam pomposas frases aforísticas, ao som de solos tortuosos de cítaras e flautas. O estilo não é exatamente hierático. Apenas contemplativo. No máximo, lírico como um comercial de TV em cores.

Afinal, reconheça-se, o filme conseguiu a invejável proeza de converter as reflexões metafísicas de Hermann Hesse em elementares adágios que caíam sob medida no seriado “*Kung Fu*”. E também a façanha de levar à tela um dos livros desse profeta da geração hippie e, não obstante, deixa-lo ainda inédito no cinema. Comprovando, talvez, que Hesse, o exegeta das evanescentes maravilhas do nirvana, amante caloroso das transcendências monásticas, é simplesmente infilmável.

⁶³ BROWNE, P. R. Pobre adágio. *Veja*, São Paulo, 14 ago. 1974.

Vigor agressivo⁶⁴

Bruna Becherucci

O ÚLTIMO VERÃO DE KLINGSOR, de Hermann Hesse; Record; 172 páginas, 28 cruzeiros.

Como “Siddartha” e “Demian”, os três contos de “O Último Verão de Klingsor” pertencem à mais vigorosa e livre concepção de Hermann Hesse e proclamam a liberdade de escolha do homem. Tido como um dos maiores escritores alemães do século, apesar de se situar independentemente de qualquer tradição literária, Hesse (1877-1962) pode ser considerado um romântico no significado estritamente literal do termo. Seus heróis, inclusive, invariavelmente se parecem com os típicos egoístas românticos.

Identifica-se em geral o famoso movimento como uma revolução polêmica diante do classicismo. A definição, porém, não é completa, assim como não parece exato e justificado considerar o romantismo só nos seus aspectos degenerados de lânguido sentimentalismo, de ênfase, de fácil lirismo. O verdadeiro herói dessa renovação é o homem-homem antiépico. Os interesses universais se encontram todos dentro dele, não fora – daí a definição comum de “egotismo romântico” (ou afirmação do ego cósmico). Hesse respeita os mais sólidos princípios de “sturm und drang”*mas não diminui a viril energia do grande alemão.

Sentimento de culpa – O livro consiste de três contos, todos com um traço comum, o vigor quase agressivo da vida íntima da personagem. “Alma de Criança” gira em torno do sentimento de culpa de um garoto. Magnífica história onde o roubo de alguns figos se tornam delito, traição para com a figura do pai.

E talvez seja a inalcançabilidade da figura paterna, do “modelo”, que impele o garoto ao roubo, pois sua relação com o progenitor se baseia na superposição ódio-amor. Ódio pelo modelo inimitável e remoto, amor pelo abrigo e confiança que o pai representa.

O segundo conto, “Klein e Wagner”, propõe o conflito de consciência de um homem honesto, comportado, exemplar, que se transforma em ladrão de um dia para outro e nessa condição encontra Deus. A história de Klein, complexa e pesada, acaba numa exaltação mística, entre a vida e a morte, a verdade e a alegoria: Deus, a que Klein não teria chegado sem passar através do duro caminho do mal.

O último verão do pintor Klingsor é alegre: amigos, viagens, arte, a felicidade angustiada da natureza, num país ensolarado (talvez a Itália). No fim, o pintor termina um quadro, o único daquele verão: um auto-retrato “assustador” que não se parece com o autor mas “é” ele. Klingsor pintou o seu espírito íntimo, as mil facetas da sua personalidade esfuziante e misteriosa, desde a ingênua e infantil até aquela do “enfant perdu”: todos os seus rostos, todas as contradições e os segredos. Sabe-se que Hermann Hesse se dedicou ocasionalmente à pintura, mas seu auto-retrato “à lá Klingsor” se encontra especificamente na sua prosa, nos múltiplos aspectos das suas personagens.

⁶⁴ BECHERUCCI, Bruna. Vigor agressivo. *Veja*, São Paulo, 31 dez. 1975.

Para ler e pensar⁶⁵

Oscar Mendes

Hermann Hesse, o grande escritor alemão, depois naturalizado suíço, premiado com o Nobel em 1946, mesmo não sendo um fabricante de “best-sellers”, é um autor bastante lido no Brasil, desde que, pela primeira vez, surgiu a tradução de seu livro, de fama mundial, “O Lobo da Estepe”. Depois desta tradução varias outras obras suas vêm sendo divulgadas entre nós, como “Demian”, “Siddharta”, “O Último Verão de Klinsor” e outros. Agora a Distribuidora Record apresenta mais um livro seu “PARA LER E PENSAR” – Hermann Hesse (Lektüre für Minuten) – tradução de Belchior Cornélio – Rio – São Paulo – s/d, que não é obra de ficção, mas uma súpula de suas idéias e pensamentos, recolhida de seus livros, de seus ensaios de crítica, de sua correspondência. Aliás, ele próprio havia já publicado, como retribuição aos votos de Boas Festas, às cartas e aos presentes que recebia de seus amigos e admiradores em todo o mundo, uma coletânea de 39 pensamentos retirados de sua obra e à qual deu o nome de “Leitura para Minutos”.

Este livro de agora é a completação dessa realização de Hermann Hesse, pois contém 550 citações, resumindo a essência do seu pensamento e dos seus escritos, e referentes a vários temas como: política, sociedade e indivíduo, deveres do indivíduo, cultura, escola e educação, religião e Igreja, saber e consciência, leituras e livros, realidade e imaginação, arte e artistas, humor, felicidade, amor, morte, juventude e velhice. Muitas destas citações são pensamentos isolados, outras foram tirados do contexto de suas obras. Graças a esses pensamentos, reflexões, máximas e apologias temos “para ler e pensar” (bom título dado à coletânea), a mensagem que esse adversário intransigente do totalitarismo, da violência, do nacionalismo fanático, do coletivismo; que esse defensor denotado dos valores espirituais, da justiça social, do individualismo, da beleza, da arte pura, nos levou em sua vasta obra que, no dizer do grande crítico alemão, Alfred Döblin, “trata dos temas essenciais do ser humano com uma segurança incomparável”.

Numa época em que a massificação desenfreada transforma os homens numa carneirada tangida pelos militares, pelos políticos, pelos burocratas; em que as ideologias mais inumanas são impostas pela força; pelo medo e pelos processos científicos de lavagens cerebrais, em que a linguagem literária se prostitui ao tagante dos álcoiceiros da pornéia e se acafaiesta no contubérnio com a gíria, em que a beleza é menosprezada e ridicularizada, enquanto a leiura é endeusada e idolatrada e o mau gosto tido requinte, conforta encontrar um pensador do porte de Hermann Hesse que não se acovarda, que condena ousadamente os manipanços deificados por filósofos que são tudo menos amigos da sabedoria.

Esta, coletânea é livro que se lê duma assentada para saborear-lhe com avidez a mensagem espiritual, mas que, obrigatoriamente, exige novas leituras e releituras, porque, como diz seu título nessa tradução brasileira, é livro “para ler e pensar”. Cada um de seus pensamentos leva a gente a meditar no seu ensinamento, para com ele concordar ou dele discordar, pois Hermann Hesse é partidário do embate das idéias e não das aceitações sem discussão. Muitos dos pensamentos e reflexões aqui reunidos são de uma clareza, de uma beleza, de um senso poético que nos enchem o espírito de um encanto duradouro e de uma seiva avigorante. Não lhes falta mesmo, como um tempero sávido, um toque de ironia, como quando diz que “todo político, no mundo inteiro, é decididamente a favor da reforma, do império do bom senso e da renúncia às armas não de sua parte, mas apenas da parte do adversário”, ou quando observa que “não se acomoda a este mundo” está sempre perto de

⁶⁵ MENDES, Oscar. Para ler e pensar. *Suplemento Literário Minas Gerais*, 10 jan. 1976.

encontrar-se a si mesmo. Quem se ajusta e se adapta, jamais se encontra. Pode todavia tornar-se um senador.

Coletânea de reflexões sobre o mundo, a vida, a humanidade, é o livro especialmente uma confissão dos sentimentos mais íntimos do autor. Por meio delas temos a revelação da alma de Hermann Hesse. Quem quiser estudar-lhe a obra não pode prescindir destas, verdadeiras confissões em que seu pensamento é declarado, fruto de seus estudos e de sua experiência humana. Não esconde o seu individualismo extremo, agressivo mesmo, numa época de massificação: “Quanto mais perto ficamos um do outro, tanto menos nos conhecemos a nós mesmos”. Seu patriotismo não é fanatismo: “Sou, sem dúvida patriota. Mas, antes de tudo, sou um ser humano. E, se não posso conciliar as duas coisas, dou sempre prioridade a minha humanidade”.

Ataca com destemor os erros do mundo moderno: “A duas enfermidades do espírito, segundo me parece, devemos a atual situação da humanidade: à megalomania da técnica e a megalomania do nacionalismo. Essas duas megalomanias dão fisionomia e caráter peculiar ao mundo atual. Produziram duas guerras mundiais e suas terríveis conseqüências e, antes de desaparecerem de todo, causarão ainda inúmeros atos da mesma natureza. A luta contra esses dois males universais constitui hoje o mais importante dever e a mais importante tarefa do espírito humano sobre a Terra. A serviço dessa luta dedico minha vida apenas uma pequenina onda a resistir a corrente”. Mas de pequeninas ondas como esses pensamentos cheios de força, haverá de formar-se a grande vaga que algum dia levará de arrasto todo esse lixo ideológico que vem poluindo os espíritos e envenenando as almas.

O espírito de justiça de certas idéias marxistas, que na prática comunista se desviou para o uso e abuso das maiores injustiças, não leva a aceitar a “estúpida ditadura do proletariado”, e se declara possível um domínio comunista geral, nem por isso acredita que “tenha o comunismo melhor solução para as grandes questões da humanidade do que quaisquer filosofias anteriores”. E afirma: “Não acredito que o futuro nos traga uma humanidade “melhor”. Não creio que venha ela a ser nem melhor nem pior do que esta. A humanidade é sempre a mesma. O demônio irrompe no ser humano não apenas de uma maneira velada ou encarnado em criminosos e psicopatas. Muitas vezes e em alta escala, o diabo faz política e dizima povos inteiros”.

É difícil resistir à tentação de citar trechos e trechos deste livro tão cheio de sábios conceitos e observações felizes. Que os que desejam boa e substanciosa leitura o leiam. Mas não fujo ao dever de convidar o leitor a meditar sobre algumas amostras da sabedoria do mestre alemão, embora nem tudo possa ser aceito ou sua mensagem de saber e experiência. Há belas e justas reflexões que merecem destaques pelo seu bom senso e pela sua atualidade. A propósito da cultura: “Forma-se a cultura graças à sublimação dos instintos animais, graças ao respeito, ao pudor, aos sonhos da fantasia, ao saber”. Boa ironia contra certos críticos que condenam todo livro que goze de popularidade: “No que tange ao valor primeiro e fundamental de uma poesia, isto é, no tocante à sua força de linguagem, o povo, em seu julgamento, é mais seguro e exato do que os críticos capazes de análises filológicas e estéticas. E, em particular quando se trata de juízos negativos e posições condenatórias, considero as críticas emanadas do povo mais profundas e justas do que as pronunciadas pelos intelectuais”.

E esta acerada farpa: “Ignorar o mais recente romance ou o mais falado autor da moda, muitos consideram atitude vergonhosa. Por outro lado, sempre desprezam os livros antigos, essas velharias ultrapassadas. Nem sequer se dão conta de que muitas novidades e belezas atuais outra coisa não são senão o antigo, requentado e servido de novo”. E esta escandalosa afirmativa: “Bem sei que, quando me perco na leitura de um belo livro, o que faço é melhor, mais inteligente e mais nobre do que quanto realizaram, ao longo do tempo, todos os

ministros de Estado e todos os reis deste mundo. Construo, onde eles destroem; reúno, onde eles dispersam; sirvo a Deus, onde eles o negam ou crucificaram”.

Para os amantes idiotas de tudo quanto é novidade: “O que hoje é novo e interessante, amanhã já não será. Mas o que tem já alguns séculos de duração e, entretanto, ainda não foi esquecido nem destruído pelos homens, provavelmente permanecerá ao longo de toda nossa vida, sem que ninguém mude de idéia a seu respeito”. Para os amantes do hermetismo e da poesia estrambólica e malabarista: “Ser original à custa da compreensibilidade e da forma transparente e clara não é fazer arte”. Para os viciados chafurdados na pornografia, este sábio conselho: “Não se salva a dignidade da pessoa humana a não ser por esse caminho: a espiritualização dos instintos animais. Partindo deste princípio, a coprofilia na poesia parece destituída de futuro”. E nós acrescentamos: na prosa de ficção também.

E a propósito da “arte boêmia”: “O perigo da arte boêmia ameaça a todos os jovens superiormente dotados de sentimento e gosto artístico, mas nos quais o talento é mais forte do que o caráter, hoje em dia, a arte boêmia é uma forma de arte extraviada, fascinante, sem dúvida, mas atrasada e até impossível. Quem a ela se dedica não é nenhum gênio ou revolucionário: é apenas um pobre diabo, nem suficientemente inteligente, nem bastante forte para assumir uma vida própria e digna”. E que bela definição de arte: “Arte é meditação do mundo em estado de graça”. E gênio: “Gênio é a força de amor. É anseio de doação”. E, para finalizar esta admirável reflexão sobre o valor dos livros: “Os livros só têm valor quando nos estimulam a viver, quando servem à vida e lhes são úteis. Desperdiçada é toda hora de leitura da qual não resulte para o leitor uma centelha de energia, uma impressão de rejuvenescimento, um sopro de novidade e de viço”. Não é o caso deste livro de Hermann Hesse, cuja leitura nos estimula, nos faz pensar, nos fascina, nos rejuvenesce.

Hesse, toda a poesia, simples vida⁶⁶

Márcio Tavares D'Amaral

Andares é o nome da antologia de poemas de Hermann Hesse. E o título diz bem do modo de ser do Autor. Toda a obra de Hesse – penso sobretudo na sua produção romancista – é organizada em torno do caminhar. Seus personagens são peregrinos, os caminhantes de Sidarta e Peter Camenzind, Knulp, Narciso e Goldmund, o viajante da Viagem ao Oriente. Do Jogo das Contas de Vidro é o conselho da sabedoria: tudo o que fizeres na vida, faze-o como quem atravessa um campo: chegado ao outro lado, deixa-o, não volte para trás.

Não tenhamos pressa em condenar o conselho como recurso meramente literário: assim foi a vida de Hermann Hesse. Não se negou a nenhuma experiência, mas sobe cada uma pairou sempre a possibilidade de ruptura e da rejeição. Sua vida foi uma sucessão de revoltas: filho de missionários protestantes que levavam o cristianismo às terras da Índia, abandonou o seminário, inconformado com a disciplina desindividualizadora; educado em escolas alemãs, revoltou-se contra o ensino nacionalista e fugiu para a Suíça; casado com a filha de ricos burgueses suíços, abandonou o lar depois do terceiro filho, optando pela liberdade da criação literária, já promissora iniciada com Peter Camenzind, alguns anos antes: a tranquilidade de sua vida, novamente na Alemanha, é enfim interrompida em 1914, e Hesse, inimigo feroz do nacionalismo do Kaiser, opõe-se também à guerra, optando por um pacifismo indiferenciado, que conservou até a morte. Assim foi a sua caminhada. Nunca se deteve, findo o campo. Jamais voltou sobre seus rastros na estrada.

Parecerá talvez estranho, depois do ensinamento formalizador da moderna teoria literária, começar a resenha-crítica de um livro pela notícia biográfica do Autor. Mas é que Hesse é muito pouco Autor no sentido ocidental da palavra. Sua obra, de grande importância literária, subsidio precioso para a decifração do espírito especialíssimo com que a *intelligentzia* européia assistiu à Primeira Guerra e viveu a expectativa da Segunda, não é simplesmente uma produção de textos, cuja literariedade devesse ser analisada por quem dela se aproximasse com amor – e só. Os trabalhos de Hesse constituem todos uma aflita, por vezes desesperada busca de unidade e sentido. A beleza não é aí acidental, não é mera forma: é uma exigência da vida cuja harmonia o poeta questiona em cada livro, sem dúvida, mas especialmente em cada ato marcante de sua própria vida. Esta será, por ventura, a maior lição de Hesse, resgatando a literatura do desencanto formalista do entre-guerras, devolvendo-lhe sua natureza de arma na conquista da vida, instrumento de reflexão e crítica, um dos maiores deste século, que empreendeu, entre os primeiros a fazê-lo, a libertação de seu ofício dos males da “literatura”.

O pano de fundo deste empreendimento foi a relação extremamente viva com a tradição da sabedoria hindu. Foi deste ponto-de-vista que pôde compreender o caráter nocivo, histórico, e portanto, não essencial, da separação profunda entre vida e arte que Ocidente forjara no seu afã especializador. Também o abismo entre natureza e cultura expatriando o homem da convivência simples com as coisas e os bichos do mundo, espantou seu olhar educado no pensamento da unidade essencial de tudo que vive. Seus romances não são senão explorações dessa distância, ensaios de superação, têm jeito de arremesso e salto.

Não é outra a fonte da sua poesia. Armado desta visão e da sabedoria no manejo vivo da palavra, opôs o dinamismo dos seus *Andares* à tradição petrificada, à mitologia da Permanência e da Verdade em que o Ocidente, depois de clara manhã dos primeiros sábios

⁶⁶ D'AMARAL, Márcio Tavares. Hesse, toda a poesia, simples vida. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 fev. 1976.

gregos, aprisionou a vida e o seu pensamento. Não o fez, é verdade, de um só fôlego. Seu caminho poético, desde as Canções Românticas de 1899 até o último poema, em 8 de agosto de 1962, um dia antes de sua morte, foi muito longo. Mas pôde chegar a esta síntese feliz da unidade da vida e da cultura, para lá das aparências com que o Ocidente enfeitou seu projeto de divisão radical:

*Que existam cores: /
azul, amarelo, branco, vermelho e verde! /
Que existam sons: /
soprano, baixo, trompa, opõe! /
Que e existam línguas: /
vocábulos, versos, rimas /
delicadeza de acordes, /
marcha e dança de sintaxe! /
Quem com tais jogos brincou, /
quem seus encanto provou, /
terá sempre a sorrir-lhe e a encaminha-lo /
o coração e os sentidos.*

*O que amaste e desejaste, /
o que sonhaste e viveste, /
faz parte do teu saber: /
foi deleite ou sofrimento? /
Lá-bemol, re-sustenido, /
mi-bemol, ré-sustenido: /
pode isolá-los o ouvido?*

Tudo é Um. Mas a densa unidade da vida é formada pelo pecado e pela santidade, pela sabedoria e pela loucura, pela vida e pela morte. O poeta é aquele que, senhor das diferenças, pastoreando a Unidade em sua palavra, conhece o sentido dos Andares, faz-se companheiro e guia na aventura de viver.

A lição poética de Hermann Hesse foi muito bem recriada em português por Geir Campos. Geir já reproduziu em nossa língua o alto mistério de Rilke. Dá-nos, agora, um Hesse clássico, equilibrado. Quem quer que já tenha tentado traduzir o verso alemão conhece as dificuldades da tarefa, e pode avaliar a altura do trabalho de Geir Campos, servido, ademais da sensibilidade poética, pela competência forjada no magistério de Teoria de Tradução (Escola de Comunicação – UFRJ). Sua tradução é certamente um ato de amor, pois ó o amor permite tocar a poesia, recebê-la no coração. E a poesia, em que pese os literatos, não é simplesmente um “produto estético” – é pão vivo, necessidade vital. E, quando ele falta, a vida, a simples vida cotidiana, sem metafísica, fica menor.

Hermann Hesse: uma certa banalidade romântica⁶⁷

Hermann Hesse abandonou a escola porque achava que ela quase o arruinou. Dizia: “Tudo o que lá aprendi foi latim e a mentir”. Essa é uma das razões pelas quais tem sido tão popular para a recente geração de estudantes norte americanos, que se voltou para um escritor alemão porque não há grande coisa na literatura inglesa que satisfaça um irritado descontentamento com o conhecido oficial, um descontentamento aspirando a ser filosófico.

A própria idéia de um romance educativo – o “Bildungsroman”, essa especialidade germânica – implicava uma crítica às limitações da educação formal. Goethe não mostra Wilhelm Meister na sala de aula, nem Thomas Mann o faz com Hans Castrop. A verdadeira educação desses personagens é dada pela vida. É verdade que um grande escritor inglês – Wordsworth – chamou os livros de “folhas estéreis”, e não apreciava os anos passados em Cambridge – achando a natureza um professor melhor. Mas Wordsworth era monótono demais para o movimento estudantil da década de 60.

Episódios de Vida Estudantil é o título escolhido para reunir, num só livro, histórias escritas por Hesse em diferentes épocas, bem antes da metade do século. Berthold, escrito na primeira década do século, é sobre um seminarista que, na época da guerra dos Trinta Anos, “levava uma vida de sombras, tranqüila mas intensa, na terra pálida das letras escritas, e esquecia-se do mundo a que pertencia e que deveria ter sido o seu”. Mas a “ânsia pela vida” afirma-se nele contra uma vida de rotina sacerdotal sem inspiração. Depois de procurar uma criada e fazer amor com ela, não timidamente mas com energia, e de matar um falso amigo num acesso de ciúmes, o seminarista vai para a guerra como soldado.

Há um poder na história, incompleta, mas é desajeitado demais. Há um sentimentalismo latente. Hesse diz, a respeito do caso de amor de seu protagonista com a criada, que “não foi bom para Berthold e não é bom pra ninguém travar conhecimento com o milagre do amor desta maneira artificial”. Mas por que não foi bom pra ele? A artificialidade não cancela necessariamente “o milagre do amor”.

Amigos, também escrita antes da Primeira Guerra Mundial, é amais comum das três histórias. No centro encontra-se Hans Calwer, um esteta solitário. A sua direita, seu submisso amigo Erwin que, no final, decide adotar uma vida regular de médico e pai de família. À sua esquerda, um filósofo camponês e estudante vegetariano, doutrinário moralista de nome Heirinch Wirth. Seu alvo é “deixar de ter uma vida própria” e fundir-se com a totalidade. A certa altura, diz: “Será que o conhecimento não é o caminho certo ou será apenas que não adquirira conhecimento suficiente? Que eu poderia ter ido sempre mais para a frente, ou isso me teria quebrado? Voltei então a Schopenhauer. Seu discernimento final é que a cognição não é a mais alta atividade e, conseqüentemente, que a cognição sozinha não pode levar ao alvo”.

Se isto parece manifesto, não é porque a ficção deve afastar-se de abstrações filosóficas. Basta pensar na grande cena do Buddenbrooks, em que o desesperado Thomas Buddenbrook devora Schopenhauer em grandes bocados, desde o desjejum até a hora do jantar. Parece manifesto porque Hesse, embora entusiástico, cuidadoso, sensível, está marcado por uma irremediável banalidade romântica. Essa é outra razão por que tem sido tão popular nos Estados Unidos.

A história mais interessante é A Quarta Vida, de 1934, que originalmente deveria fazer parte de um romance, O Jogo das Contas de Vidro. Foi afastada porque não se encaixava. O estudante, neste caso é Joseph Knecht, seminarista do século dezoito, dilacerado entre sua piedade e seu amor pela música. Hesse evoca, nesta história, com certo sentimento, o mundo

⁶⁷ HERMANN Hesse: uma certa banalidade romântica. São Paulo: *Jornal da Tarde*, 27 mar. 1976.

religioso estreito, doutrinário, pesado de palavras e monótono, em que ele próprio cresceu e contra o qual se revoltou. É um mundo interessante. Mas ainda há a infeliz tendência para a banalidade, a falta de ironia, um certo espírito simplório que faz lembrar Romain Rolland.

Roteiro para conhecer Hermann Hesse⁶⁸

Flávio Moreira Costa

Por haver alguma coisa em comum entre um escritor alemão que publicou seus primeiros trabalhos ainda no fim do século passado e a juventude do começo dos anos 70, acostumada Janis Joplin e Jimi Hendrix? Há alguma coisa de especial nos livros desse homem, falecido aos 85 anos, em 1962, que fala a linguagem direta dos hippies e dos jovens inconformados? Como conciliar a prosa desse autor – Hermann Hesse – com um conjunto de música pop que se chama justamente *Steppenwolf* (Lobo da Estepe), título de um dos seus romances?

Aos 15 anos, Hesse escrevia, numa carta zangada a seu pai: “Não obedeco e não obedecerei nunca”. Era o começo de uma revolta que marcaria sua vida; revolta contra o pai, contra a família, contra o nacionalismo germânico que encaminharia o mundo para duas guerras mundiais e, contra a religião. O pai de Hesse era pastor protestante. Mais tarde, ele o lembraria com certa admiração e iria refletir sobre a própria religião em que foi criado, mas da qual sempre se manteve afastado – com mais lucidez:

“Todo protestante autêntico luta contra sua própria igreja, bem como toda e qualquer outra religião, porque para ele viver significa mais transformar-se do que ser”.

E no processo dessa transformação ele jogou sua vida, mantendo-se quase sempre afastado de todos (nem o prêmio Nobel ele recebeu pessoalmente) produzindo livros e mais livros, pintando aquarelas, sendo analisado (por Jung em pessoa), alertando seus compatriotas para os perigos do germanismo cego e excessivo - o que lhe valeu uma série experiências desagradáveis (chegou a ser considerado traidor). Individualista, muitas vezes suas posições coincidiram com a História. Incompreendido em sua época (embora conhecesse o sucesso desde os 25 anos de idade) – foi sobejamente aclamado no mundo inteiro muitos anos depois.

Esse espírito obstinado, irreverente, andarilho, foi o que o aproximou dos jovens de há pouco. Nos Estados Unidos, um livro como *Sidarta* foi lido por mais de dois milhões de leitores: em determinado momento, na Universidade de Harvard, ele era mais consumido do que Faulkner ou Hemingway. Mesmo no Brasil, onde tradicionalmente se lê pouco, muitos de seus livros já ultrapassaram dez edições (*Sidarta* está na 16^a). Para os jovens de espírito, ele sempre teve palavras que encontravam eco:

“Quem quiser nascer, terá de destruir um mundo” – escreveu em ele em *Demian*. E aos 70 anos de idade, ainda escrevia coisas assim:

“Esses meninos que partiram têm para mim, apesar de tudo, alguma coisa de imponente, assim como o anjo rebelde de Lúcifer, tem certa grandiosidade. Talvez tenham feito algo de errado, podemos admitir que cometeram um erro, mas seja como for, fizeram alguma coisa, realizaram algo, ousaram dar um salto e é preciso coragem para isso. Nós que fomos aplicados, pacientes e ajuizados, não fizemos nada, não demos salto nenhum”.

Obstinação é um roteiro, publicado em livro postumamente, de escritos autobiográficos do autor de “*O Jogo das Contas de Vidro*”. É um livro que todo leitor de Hesse lerá com interesse; e para aqueles que não o conhecem, serve como ótima introdução. O autobiográfico sempre esteve presente nas suas obras de ficção, pois ele é o tipo do autor que sintetiza a aventura pessoal e aventura existencial (criação). “A verdadeira profissão do homem é procurar o caminho que o conduza a si mesmo” – escreveu ele certa vez repetindo Sócrates (“conheça-te a ti mesmo”).

Quem quiser encontrar esta profissão verdadeira, quem quiser nascer de novo – deve ler Hermann Hesse, esse escritor, como disse um de seus biógrafos, Theodore Zioukowsky –

⁶⁸ COSTA, Flávio Moreira. Roteiro para conhecer Hermann Hesse, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1976.

“cujos trabalhos antecipam com surpreendente clareza o dilema crucial do homem contemporâneo numa sociedade desumanizada”.

A magia de Hesse⁶⁹

Bruna Becherucci

OBSTINAÇÃO, de Hermann Hesse; Record; 22 páginas; 40 cruzeiros.

O título “Obstinação” (*Eigensinn*) relaciona-se com aquela que Hesse considerava a sua maior e mais positiva qualidade: obediência obstinada não a uma ou muitas leis, mas á “única lei em si mesma, ao sentido (*sinn*) do seu próprio ser (*eigenen*). Em suma, a coerência consigo mesmo, que Hesse demonstrou de maneira heróica durante a sua vida. E também o adjetivo “heróico” deve ser entendido com o significado que o autor lhe dá: herói é o indivíduo “que escolheu como meta e ideal a vivência exata do sentido de si mesmo e tem a coragem de enfrentar o seu destino”

No início deste livro de recordações, Hesse esclarece que nasceu no fim dos chamados tempos modernos, pouco antes do retorno da Idade Média, o que define seu conceito a respeito da época em que viveu (1877-1962). Do pai, herdou a inclinação para o ceticismo e a crítica. Da mãe, a vivacidade, a fantasia, a atração pelas religiões e a especulação filosófica. Relata ainda outros aspectos de si mesmo, como por exemplo a recusa da realidade, à qual não atribui nenhuma importância.

Completas confissões – Pelo contrário, a magia é o elemento fascinante que tem um importante lugar na obra de Hesse, pois representa “a possibilidade de mudar a realidade”. Com tais premissas, fica então mais fácil compreender as complexas confissões deste livro breve demais para representar a personalidade, o espírito crítico e o pensamento do autor. Delas brota, mais viva que qualquer outra característica, a sensibilidade um tanto arisca do escritor que às vezes tem acessos de cólera contra os filisteus, os literatos imaturos, a pseudocultura e, na política, os ultranacionalistas.

Delas igualmente nascem as explosões de dor ante o leito de morte do pai, as lembrança infantis, as evocações do avô endeusado. O homem de hoje se contempla no passado: vê um estudante que recusa a atávica vocação (pai e avô foram pastores) e os estudos teológicos, foge da escola e tem uma comunhão intensa, sofrida, com a natureza (mais talvez do que com o homem). Agnóstico, mas apenas até certo ponto, o apolítico Hesse criticou a filosofia do Terceiro Reich, que chamou de “diabólica”. No exílio voluntário da Suíça, assiste de longe ao desmoronamento da pátria, lamenta os dissidentes que chegam a desejar a derrota da nação, mais abandonados e solitários do que todas as outras vítimas da guerra, que contam com a solidariedade de toda a Europa.

Em 1952, Hesse escreve sem retórica, sereno, sobre a velhice. A morte viria, dez anos depois. Este “Obstinação” é mais o retrato das “magias” do que o relato das “realidades” da vida de Hermann Hesse.

⁶⁹ BECHERUCCI, Bruna. A magia de Hesse. *Veja*, São Paulo, 8 dez. 1976.

Hesse revisto⁷⁰

Walter Faber

Parece-nos inadequada, pelo menos à luz de recentes interpretações, aquela afirmativa corrente, de que Hesse se teria manifestado com otimismo perante o desenvolvimento de modernas correntes existenciais, da vida livre de preconceitos e de grilhões sociais, como base de uma nova cultura ocidental. É verdade, sem dúvida, de que – talvez até mesmo num sentido romântico e rousseauístico – aspirava à volta a natureza, assim como corresponde a realidade a afirmação de que buscava a harmonia entre indivíduos e universo. Entretanto, nos seus últimos anos de vida, ao somar os resultados de sua existência, manifestava com frequência crescente seu ceticismo diante dessa meta, que lhe veio a parecer utópica. Muito mais característico para o escritor, cujo centenário celebramos, é seu pessimismo cultural.

Sob influencia da Primeira Guerra Mundial e de crises domésticas começou o escritor a preocupar-se com os prenúncios da decadência da cultura de nosso mundo, e nos livros *O Veranista (Der Kurgast)*, escrito em 1924, e em *A Viagem de Nuremberga* surge a personagem central como representante de ordem social enferma, apresentando-se a indagação de Hesse mais ou menos nesses termos: “Será curável ou moral a doença que acometeu a nossa ordem social?”

Hesse, o próprio “veranista”, percorre os parques, jardins e ruas muito bem tratadas da pequena estação de águas Baden (no Aargau, Suíça), a fim de recuperar-se de fatigante tratamento diatérmico. Observa a vida no balneário e, de resto, na vila, na sala de jogos, em salas de concerto, chegando à conclusão de que a atividade humana naquele ambiente não gira em torno da satisfação de necessidades nem da busca de divertimentos, mas que existe de fato uma supersaturação, levando a desesperados exageros e contorções grotescas da existência. Veio à procura de harmonia, mas enfrenta a falta de gosto e sentido, característica da moderna “atividade cultural”, depara-se com conversas despropositadas, assim como distrações sem gosto. Não pretende, contudo, exercer as funções de um pregador de moral. Gostaria de convencer-se que toda essa gente, veraneando como ele naquela estação, estava pelo menos se divertindo:

“Mas se divertem? Vale a pena todo esse mármore, o creme e a música? Não lêem essas mesmas pessoas, servidas de pratos cheios de deliciosos doces, trazidos por criados uniformizados, reportagens em seus jornais, falando de fome, rebelião, tiroteio, execuções? E não se ergue, por detrás dos vidros dessas elegantíssimas casas de chá e café, um mundo de pobreza e loucura e suicídio, de medo e terror?” (IV, 49) (1).

E, finalmente, o veranista é levado a desistir dessas elucubrações por duas pequenas martas, presas em suas jaulas, pois olhando-as e respirando o “seu cheiro de animal selvagem” convence-se de que o sobrarão sempre “planetas e estrelas, palmeiras e rios caudalosos”. Esses bichinhos provam ser mais fortes do que a “cultura das casas de café”.

Esse tema volta frequentemente na obra de Hesse, e sob indícios sempre renovados. Assim, por exemplo, no que se refere ao manejo da língua. Tal como acontece com Herder, Humboldt, Nietzsche, considera Hesse a consciência lingüística um pressuposto básico cultural. Conforme afirma, parece-lhe a “tenebrosa desvalorização da palavra” um dos sintomas mais significativos de nosso período de decadência, que ele próprio viria a intitular de “época folhetinesca” (VI, 93). Para ele, a correnteza de escritos diligentes e zelosos, a abater-se diariamente sobre a imprensa mundial com análises sempre superficiais de dados, que por vezes possuem imensa significação, vem selada com o timbre da mercadoria de

⁷⁰ FABER, Walter. Hesse revisto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural: Letras, ano I, n. 38, p. 4-5.

massa” e a massificação corresponde à falta total de sentido de responsabilidade. Para combater esse espírito, Hermann Hesse construiu aquela ordem espiritual, encarregada de “disciplinar e dignificar o espírito, a Ordem dos Jogadores das Contas de Vidro. Mas já antes, bem antes (na *Viagem de Nuremberga*) considerou não só a língua, mas toda a literatura alemã atual decadente:

“Não creio no valor da literatura de nossa época. Reconheço que toda e qualquer literatura deva ter a sua época, tal como esta deve distinguir-se por seus ideais, sua política e sua moda. Entretanto nada me liberta da convicção de que a literatura atual alemã seja uma coisa desesperada e passageira, um produto de terra pobre e mal semeada, interessante – é verdade – e cheia de problemas, mas incapaz de fornecer resultados maduros, duradouros. Por isso, tenho para mim que as tentativas dos escritores contemporâneos alemães (incluindo os meus, naturalmente) no sentido de realizarem obras completas, no melhor sentido da palavra, têm de ser insatisfatórias e epigonais. Sempre parece surgir, quando as leio, a reminiscência de um “clichê”, um resto de modelo já inerte”. (IV, 155)

E da mesma maneira, Hesse enxerga também nas artes plásticas sinais de decadência. Para ele, vida e cultura devem formar uma unidade indivisível, convicção representada, por exemplo, em *Rosshalde* pelo pintor Veraguth (2), cujas obras originam-se de profunda necessidade íntima e se encontram organicamente ligadas à sua existência. Sua obra “mais bela e mais importante” surgiu de sua própria crise matrimonial, das preocupações pelo filho e, ao mesmo tempo, da experiência estimulante de sua solidão. Por outro lado comprova a arte moderna, tal como Hesse a vê, a decadência de uma expressão superada e uma invasão de elementos primitivos em síntese cultural desordenada, a manifestar uma transição, caracterizada pelo auto-retrato do pintor Klingsor, assim descrito:

“Não apenas o seu rosto, ou seus mil rostos, foram projetados nesse quadro, não apenas seus olhos e lábios, o desfiladeiro sofredor de sua boca, o rochedo dividido da frente, as mãos enraizadas, os dedos estremecidos, o escárnio da razão, a morte no olhar. Acrescentou, pintando, sua característica grafia individual, impulsiva e teimosa, sua vida, seu amor, sua fé, seu desespero (...)” (III 612).

Vida e morte, passado e presente são refletidos pelo auto-retrato em traços individuais que, reunidos, formam uma unidade desigual. É uma arte que, sob o signo da decadência, talvez aponte para possível reerguimento cultural, sabendo, contudo que não será jamais capaz de realizá-lo. Também a música atingiu a Hesse (especialmente em Chopin) seu refinamento máximo, encontrando-se agora em plena fase decadente. Talvez seja possível remeter aqui à teoria musical de Arthur Schopenhauer, influenciada pelo Extremo-Oriente, mas, de qualquer maneira, fundamenta-se a conceituação do entendimento musical de Hesse na identificação da mesma com cultura e moral. Essa concepção, tão importante para *O Jogo das Contas de Vidro* já influencia diretamente o *Último Verão de Klingsor* (1919), no qual um capítulo se denomina significativamente “Música de Decadência”. E ali se fala em nova tonalidade musical, apelidada ‘tsing-tse’, afirmando-se, por exemplo:

“Nossa arte é suicídio. Desaparecemos, amigos, é esse o nosso destino, a tonalidade ‘tsing-tse’ foi entoada” (III 591).

Toda a situação cultural acaba assim sendo realçada pela “música de decadência”. Surge como sinal dos tempos, como advertência que na obra mencionada se refere, em primeiro lugar, à Europa:

“(...) falo da Europa, que durante dois mil anos acreditava ser cérebro do mundo. É ela que desaparecerá.” (III, 592).

A decadência do Oriente, anunciada quase concomitantemente por Oswald Spengler, verifica-se inapelavelmente, “porque cada indivíduo, desde que não pertença ao mundo ultrapassado, encontra em si mesmo um caos em que se confundem o bem e o mal, o belo e o feio, o claro e o escuro.” (VII, 264) Caberia a cada um, por isso mesmo, assumir a sua parcela

de responsabilidade na divisão, “pois o caos deve ser reconhecido, antes que seja possível estabelecer-se uma outra ordem.” Falando da Europa, Hesse tratou de casos específicos de seu interesse, não se fecha, entretanto à convicção de que toda a cultura universal está fadada ao desaparecimento breve e total. Em fevereiro de 1938 Hesse escreveu uma carta em que torna claro que a denominada “humanidade” moderna, afastada de Deus e das coisas do espírito “(VII, 607) não é exclusivamente européia. Em 1950 envia uma *Carta Circular a Alguns Amigos na Suábia*, na qual vê o futuro como sendo o de uma “humanidade empobrecida e vergonhosamente simplificada, levando uma existência que nenhum de nós gostaria de partilhar, nem que fosse por um dia apenas” (VII, 755). Nesta mesma carta, escrita após entendimentos com Thomas Mann, afirma que dois escritores, por exemplo, fruíram das belezas e vantagens dos tesouros de uma cultura agonizante, cuja “totalidade” poderia ser apenas sentida por algumas pessoas da mesma geração, “e sentimo-nos satisfeitos por não termos necessidade de provar dos frutos das diversas simplificações e melhorias do universo do porvir.” (VII, 755) Pode-se dizer, assim, que a “decadência do ocidente” seja para ele, em última análise, só uma das formas do desaparecimento, válida para todas as expressões culturais de todos os tempos, tal como acontecerá também com as subseqüentes inovações culturais. Aqui se encontra a teoria de Hesse com a doutrina dos ciclos culturais de Oswald Spengler e do ‘eterno retorno’ de Friedrich Nietzsche. Acrescente-se a isso a “volta à natureza”, de cunho romântico, e surge o conceito da decadência cultural universal, unida à convicção de que sempre sobreviverá a natureza, produzindo novas formas de vida, que não podemos divisar. O “Magister Ludi”, Josef Knecht, personagem central do *Jogo das Contas de Vidro* eleva sua voz:

“Aproximam-se tempos críticos, em toda parte sentimos os prenúncios, pois o mundo deseja mais uma vez transferir seu centro de gravidade. Preparam-se mudanças de poder, que não hão de processar-se sem guerras ou prepotência, não apenas ameaça à paz, mas também à vida e à liberdade, aproximam-se do Extremo-Oriente. Mesmo que toda a nossa nação e a sua política se mantiver neutra, mesmo que todo o nosso povo (o que não é, porém, o caso) se mantiver unanimemente fiel ao presente e aos ideais de Castália, tudo será em vão.” (VI, 463).

E depois de confirmada a sua previsão, depois da destruição, da guerra e das doenças, o velho mestre está curvado, e o futuro é expresso no poema visionário, póstumo, e retratar a hera, “crescida em cima das ruínas” e “entre as heras zumbem as abelhas.” (VI, 548) Essa imagem de uma natureza intacta é bem mais do que o esboço de um quadro antagônico às destruições provocadas pela guerra. Para Hesse, a natureza vence a cultura, e daí Josef Knecht, o mais perfeito cérebro humano, morrer afogado, certo de que chegou o momento do desaparecimento irrevogável de uma cultura refinada e decadente. “Pois acreditamos na transitoriedade das máquinas e na eternidade de Deus!” (III, 890).

Hermann Hesse: o centenário de um rebelde não violento⁷¹

Acyr Castro

De Franz Kafka, que o admirou “com verdadeiro entusiasmo” (Max Brod), a André Gide – “j’avais lu, et avec grand appétit, Demian: 22/6/1930 , Journal – Hermann Hesse foi um dos Autores que mais influenciaram a cultura ocidental. Só nos Estados Unidos se venderam mais de 10 milhões de exemplares de um livro seu. No Brasil, as novas gerações sempre o preferiram, desde que, em 1951, a Editora Civilização lançou *O Lobo da Estepe*, versão brasileira de *Das Steppenwolf*, romance em que os jovens de todos os países se viram como que em premonição e em negativo: “Fera ou homem, ou homem-fera?” À procura de respostas a velhas perguntas, o poeta percorreu espiritualmente todo o mundo. O escritos germano-suíço foi um espírito indomável, também um grande sábio. O Prêmio Nobel, em 1946, distinguiu nele um dos Autores sempre em oposição aos poderes temporais ou espirituais. Numa hora de conformidade, de abastardamento do destino intelectual, a sua presença incomfortável renova, a cada dia, a sua impressionante vitalidade. Se vivo, ele estaria mais atual do que nunca, embora centenário.

Há cem anos, a 2 de julho de 1877, nascia um poeta – “foi rena, foi peixe, foi gente e serpente, nuvem e pássaro. Em cada forma, porém, era um todo, um par, tinha lua e sol, tinha macho e fêmea em si, corria pelas terras como rios gêmeos, brilhava como dupla estrela no céu”.

Hermann Hesse veio ao mundo no coração da Alemanha, em Calw/Wuttenberg, cidadezinha medieval da Floresta Negra suábica. Filho de missionários protestantes que pregaram o Evangelho na Índia, fugiria – como a tudo o que na vida poderia reduzir ou limitar o espírito – dos quadrantes da teologia. Foi boêmio, jogral, andarilho. E 37 livros após, traduzido para 35 idiomas, premiado com o Nobel de Literatura em 1946, morreu a 9 de agosto de 1962 duplamente consagrado: pelos leitores de várias gerações, a fazer de cada obra sua verdadeiro best seller; e pelos críticos, mesmo os mais exigentes ou requintados, que o colocam ainda hoje entre os maiores escritores de qualquer época, escola e/ou tendência.

“Aos 20 anos, no Brasil – lembro Fausto Cunha (*A Luta Literária*, Rio, 1964) – assisti à festa de consagração de Hermann Hesse, a verdadeira mania como se citava *O Lobo Estepário*. A crítica enxergava influências de Hesse em escritores que na véspera ignoravam a existência de Hesse.

Durante algum tempo só conhecido como o autor de *O Lobo da Estepe* (1927), Hermann Hesse chegaria, afinal, àquele raro ponto em que as etiquetas – marginal e maldito – a ele aplicadas já nada significavam para um esforço sério de definição.

Quais, então, os seus segredos? Combinar poeticamente os sons e os ritmos da tradição lírica alemã? Abrir seus aforismos e suas histórias no sentido da aprofundada compreensão de que a sabedoria é igual a loucura, a vida à morte, e de que nada é mais parecido com a santidade do que o pecado? Como resumi-lo a partir de fórmulas? Quem o lê, em versos ou em prosa, sabe apenas que ninguém procurou, com melhor empenho, desnudar o ser – desde o imperativo socrático (“conhece-te a ti mesmo”) até o que no século XIX, serviu de fonte ao Humanismo: o homem a pastorear os valores (segundo a escala heideggeriana) de forma a habilitar condignamente a terra.

⁷¹ CASTRO, Acyr. Hermann Hesse: o centenário de um rebelde não violento. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 jul. 1977. Livro, p. 4.

Na linha da antropologia filosófica de instauração do Reino do Homem é que se há de situar a hora e o destino, a vez de Hermann Hesse. “Sentimento estranho”, escreveria, “o de quem caminha na neblina”. Quem quer nascer tem de destruir um mundo.

Aos 13 anos, abandonando a escola de Maulbronn, e mais tarde o *Gymnasium*, de Constanz, Hermann faz uma jura: “Ser poeta, ou nada”.

Iniciava, assim, uma carreira de negação (todo grande escritor não interpreta e sim se opõe ao seu tempo, adverte Benedetto Croce) que é a marca dos inconformistas, dos que não se afinam pela clave comum dominante, dos que preferem a solidão a ter que dizer “amém” a tudo e a todos – o mundo avança pela rebeldia dos inconformados, lembra Franklin de Oliveira em seu estudo. E Hesse dizia “não” a muita coisa: às teorias pietistas, à rígida disciplina escolar, ao ensino nacionalista de orientação prática.

Na Suíça foi empregado de livraria e pescador (à beira do lago Constância), adotando hábitos de vagabundagem sem compromissos nos intervalos de seus três casamentos na pequena-burguesia. Esteve na Índia “por pura carência interior”. E ei-lo, entre 1914 e 1918, ao longo da I Grande Guerra Mundial, ferrenho antimilitarista: garante ser necessário “muito mais coragem para ser um homem comum e simples do que um herói”.

Amigo de Picasso e de Apollinaire, freqüentador dos círculos dadaístas, andou às portas do desequilíbrio nervoso, sendo salvo pela psicanálise. Retoma as viagens (Europa, China) e o gosto da pintura, “como à procura das cores primordiais da vida”. Já não era mais o poeta tranqüilo da estréia (*Romantische Lieder*, 1899), nem o bucólico e nostálgico romancista inaugural de Peter Camenzind (1904). Preparava-se, com o expressionismo de *Demian* (1919) para a extraordinária explosão dos instintos (*O Lobo da Estepe*), em que a crise psicótica do indivíduo coincide com o desafio imposto ao universo pelo período neurótico entre as duas grandes guerras. Thomas Mann chamou a atenção para esse aspecto insólito do livro de Hesse, nesse particular aproximando-o do experimentalismo joyceano do *Ulisses*, quando o proposto é saber qual o limite humano “entre não poder viver e não poder morrer”.

É sob o fogo cruzado da II Guerra Mundial, a de 1939/45, que o poeta nos dá o melhor de sua arte romanesca, *O Jogo de Vidrilhos*, em 1943. A utopia da salvação “numa província pedagógica (a expressão é de Goethe), “numa ilha em meio do mar de destruição e barbárie”, conforme Otto Maria Carpeaux em *As Revoltas Modernistas da Literatura*, “num pendant positivo do Doutor Fausto de Mann, inspirado, como este, pela religião da música”.

A sua fúria de viver o incompatibilizou perante o Poder, tanto na Alemanha quanto na Suíça. Sob Hitler, seus livros foram proibidos, e ele não poupou, quer em manifestos, quer em artigos pessoais, a violação dos direitos humanos típica do embuste totalitário do Nacional-Socialismo. Pois Hermann, a par das constantes temáticas a que sempre se entregou – a noite, a infância perdida, os amores nunca efetivados, a eterna adolescência, a solidão – encontrara, estilisticamente, a serenidade na busca rebelde pela paz universal; o poderoso significado do seu conjunto de obra acabaria tendo efeito catártico junto ao público: era mesmo preciso superar a moral equívoca do status quo em favor de um existir íntimo de verdade, autêntico, aberto em leque e despido de regras estabelecidas previamente.

Os livros de Hermann Hesse, traduzidos para o português, estão quase todos esgotados, entre eles *O Lobo da Estepe*, relançado, em terceira edição, em 1970, pela Civilização Brasileira. Antes da Editora Record (*Para Ler e Pensar*, *A Arte dos Ociosos*), a Civilização Brasileira se fizera senhora, no Brasil, do privilégio de editar e comercializar a obra do escritor. Mas ainda é possível encontrar, nas principais livrarias, títulos tão diferentes e sobretudo tão bons como: *Sidarta*, *Narciso e Goldmund*, *Knulp*, e mesmo *O Jogo das Contas de Vidros*. Levando a pesquisa até aos velhos sebos, talvez não seja tão difícil se achar, por exemplo, *Contos e Viagem para o Oriente*. Fácil, com certeza, não será encontrar uma novela

que Hesse escreveu na sua fase mais idealista, *Gertrudes*. Os preços variam de Cr\$ 30 a Cr\$ 75.

Editorial⁷²

Nilo Scalzo

Quando Hermann Hesse, cujo centenário de nascimento transcorre este mês, recebeu o Prêmio Nobel, em 1946, sua obra literária, iniciada no começo do século e praticamente concluída, permitia ao leitor ter uma visão completa da concepção de vida do escritor. Mais do que no caso de outro escritor, é lícito falar-se, em se tratando de Hermann Hesse, de concepção de vida, pois o autor de “O Lobo da Estepe” fez de seus romances verdadeiros ensaios em que expõe idéias sobre a existência. É certo que o próprio Hesse, muito mais ensaísta, um pensador do que um romancista – pelo menos se tomarmos a designação no sentido convencional – considera que sua obra, como ficção, não deve e não pode ser tomada como lição exclusiva, ou como verdade objetiva. Paradoxalmente, porém, talvez tenha sido esse caráter de doutrina, mais do que o lado ficcional propriamente dito da obra, que tenha contribuído para que o autor de “Demian” tivesse tanto êxito em todo o mundo, especialmente na década de 60.

Realmente, surpreende aos mais entusiastas leitores de Hesse no Brasil que lhe são fiéis desde os tempos em que aqui apareceu a tradução de “O Lobo da Estepe”, a popularidade do escritor motivada, sobretudo pela mensagem orientalista de livros como “Sidarta” e “O Jogo das Contas de Vidro”, Como também surpreende o fato de um escritor tido e havido como romântico por se recusar à temática geral de sua própria época, ser tomado como um guru das gerações atuais. Qualidade, é bom que se diga, que o escritor, por certo se negaria a aceitar, a julgar por um dos pontos básicos de seu pensamento, ou seja, a constatação de que nada de importante, do ponto de vista vital, pode ser ensinado. Como quer que seja, os livros do escritor solitário passaram a ser carregados de cá para lá para ser lidos nos ônibus, no intervalo das aulas, quando não durante as próprias, nas salas de espera dos dentistas, como o são os “best-sellers”. Menos pela lição que veiculam e que, afinal, não era assim tão simples, do que pela imposição da moda e do consumo.

Hermann Hesse extrai de sua própria experiência de vida – seus anos escolares, seu retraimento – a conclusão que orienta sua obra na qual o escritor tenta a síntese, a fusão do lado espiritual com o material, pois não se pode compreender o espírito separado das coisas do mundo. Há, portanto, na aparente atitude romântica uma explícita boa-vontade do romancista em relação a seus semelhantes. Essa atitude transparece também nos atos da vida prática do homem Hermann Hesse que procurou ajudar e dar assistência aos prisioneiros de guerra nos dois grandes conflitos mundiais deste século.

⁷² SCALZO, Nilo. Editorial. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural, ano I, n. 38, p. 2.

Centenário de Hermann Hesse⁷³

Erwin Theodor

Apontado como um dos escritores mais lidos do século, Hermann Hesse cujo centenário de nascimento se comemora este mês, continua a merecer a preferência dos leitores que encontram em sua obra, não obstante o caráter romântico de alguns de seus livros, resposta para muitas das preocupações que afligem as gerações atuais. O escritor surge hoje como adversário das guerras e inimigo da tecnocracia computada.

Há exatamente cem anos (2 de julho de 1877) nasceu em Calw, na província de Wuerttemberg, aquele que é hoje, no contexto internacional, o mais conhecido escritor alemão. Mais lido e comentado do que Kafka ou Brecht e envolto em aura de modernidade que de longe supera Boell ou Grass, apresenta-se ao leitor dos anos setenta como “defensor do equilíbrio ecológico, adversário das guerras e inimigo da tecnocracia computada dos nossos dias. É um autor pronto a despojar-se de tudo para conservar a sua liberdade, de tudo, menos de sua integridade!” (in *The Times Literary Supplement*). Muito antes, porém, de no Brasil, nos apercebemos de sua existência, já se interessava Hesse por nosso país. De fato, na segunda carta que dele se conservou, dirigida em janeiro de 1896 pelo jovem de dezoito anos a seus pais, em que lhes dava conta de suas leituras extensas e de seu entusiasmo enorme pela obra de Goethe, afirma que “ se necessário poderia, por exemplo no Brasil, restringir-me na minha biblioteca às obras de Goethe” (in *Gesammelte Briefe*, I, 10). Esta observação fez com que o editor das cartas, Voker Michels, um dos mais meritórios pesquisadores e editores da obra de Hesse, aduzisse nota explicativa para informar que, desde os dezesseis anos, o inquieto jovem sonhava emigrar para o Rio Grande do Sul, tendo-se provido de muitos livros e ricas informações acerca da vida no Brasil daqueles anos. Foi precisamente nessa época que iniciou seus primeiros passos como escritor, quando ainda aprendiz na Livraria Heckenhauer, de Tübingen, a cidade universitária mais próxima de sua terra natal. Seus primeiros poemas são publicados em revistas nesse mesmo ano de 1896, sendo então – e possivelmente sob a influência de *Literatura e Realidade (Dichtung und Waheheit)* de Goethe – que escreve *Minha Infância* que viria a constituir o primeiro capítulo de *Hermann Lauscher* (editado em português apenas em 1974). Em 1898 publica o primeiro livro de versos, *Canções Românticas*, e um ano mais tarde *Uma hora após Meia-Noite*, contendo nove ensaios, bem recebidos por Rilke, mas recusados, tal como acontecera com os poemas, pelo público leitor de então. No último ano do século dezenove muda residência para Basiléia.

No Brasil, Hermann Hesse colheu seus primeiros e significativos triunfos nos anos de trinta, quando foi publicado *O Lobo da Estepe*, na tradução bastante boa de Augusto de Souza (Edições Cultura Brasileira, São Paulo), e antes ainda da grande onda de popularidade de que Hesse viria a desfrutar nos últimos dez ou doze anos, foram publicados em português estudos sobre sua obra e pensamento. Assim, por exemplo, por Pedro Moacyr Campos (*Hermann Hesse e a História* in “Revista de História”, 36, 1958) e Sylvia Barbosa Ferraz (*Hermann Hesse e o verão* in “Filtros Mágicos”, 1960). Hoje, grande parte de sua obra está traduzida entre nós, alcançando tiragens que, dentro do nosso contexto editorial, são significativas. Mas Hermann Hesse, que foi extraordinariamente produtivo (entre suas obras mais conhecidas citamos *Peter Camenzind* (1904), três volumes de novelas entre 1906 e 1908, *Gertrudes* (1910), *A Caminho*, poemas (1911), *Da Índia* (1913), *Rosshalde* (1913), *Knulp*, (1915), *Demian* (1919, sob pseudônimo E.Sinclair), *Sidarta* (1922), *O Lobo da Estepe* (1927), *Contemplações* (1928), *Narciso e Goldmundo* (1930), *Viagem para o Oriente* (1932), *O Jogo*

⁷³ THEODOR, Erwin. Centenário de Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1977. Suplemento Cultural, ano I, n. 38, p. 3-4. Letras.

das Contas de Vidro (1943), além de ensaios políticos, de relatos e de memórias, cartas, resenhas e notas críticas, foi best-seller em muitas partes fora da Europa. No Japão foram vendidos mais de onze milhões de volumes de seus livros, tornando-o o autor europeu mais lido naquele país, nos Estados Unidos a tiragem move-se próxima aos dez milhões e, de uns anos para cá, também na Alemanha, Áustria e Suíça, que tradicionalmente assumiram posição crítica perante os escritos de Hesse, aumenta a ressonância do escritor. Se entre 1970 e 1973 foi vendido mais de um milhão de exemplares de obras de Hesse nos países de língua alemã, verifica-se que esse número chega a quase 50 por cento da vendagem total que seus livros obtiveram no original, desde a publicação de suas primícias literárias até 1970.

Para comemorar dignamente o centenário está sendo preparada uma nova edição crítica, capaz de permitir, melhor que as anteriores (edições completas de 1957 e 1970) uma avaliação cientificamente justa do trabalho de Hesse. Porque, se é verdade que a enorme receptividade desse escritor contribuiu para revelar alguns aspectos negligenciados de sua obra, não é menos correto dizer que o subjetivismo de muitas das apreciações incondicionalmente encomiásticas serviu para encobrir numerosos outros ângulos. Se, em determinado momento, os “hippies” receberam cada uma de suas palavras como se fosse revelação divina, surgiram na Europa muitos críticos que o rejeitaram com ares de superioridade, condenando-o ao rol dos epígonos românticos, sentimentais, incuravelmente superados. Nenhuma das posições convence. E na Alemanha, a fim de apagar a imagem do literato e poeta, estranho a seu tempo, publicaram ultimamente novas edições de suas cartas, com a intenção de realçar o observador político agudo, cujas predominações provaram certas pelos decênios afora. Parece-nos, contudo, que a reabilitação da sua obra, baseada nesses aspectos seria de duvidosa duração, já que a literatura não depende exclusivamente de relevância política ou social, embora essas tendências provem que Hermann Hesse reúne em sua obra aspectos avanguardísticos e visionários com tradicionalismo em elevado grau e que a sua filosofia tende a unir o passado com o futuro. O escritor procura chegar às grandes harmonias, que a vida reserva para quem a vive sabiamente, capaz de superar todos os conflitos e remediar quaisquer desencontros. Já em 1947 afirmava Ernst Robert Curtius, ao tratar do *Jogo das Contas de Vidro* em trabalho três anos depois publicado em *Ensaio Críticos da Literatura Européia*: “*O Jogo das Contas de Vidro* é resultado e documento de processo de cura da própria individualidade – e, portanto, da única cura digna e verdadeira, por proceder do verdadeiro cerne da pessoa. Psicoanálise, ioga, sabedorias chinesas exerceram função meramente auxiliar. O indivíduo “despertado” dela já não necessita. Os conflitos se desfazem no processo de um novo e abençoado período criador, resultante do jogo das contas de vidro. Eis o centro em torno do qual se reorienta a pessoa e a obra de Hesse. A anulação das dissonâncias constitui a nova grande experiência. Daí também o significado da música nessa obra, símbolo da euforia e da harmonia, e, ao mesmo tempo, da espiritualização ritmicamente concebida: portanto da harmonia com o universo” (pg. 168). Esta é a meta final, estamos certos, para a qual tende toda a sua obra, e a nova edição completa e crítica, orientada por Volker Michels, proporcionará aos leitores atentos exatamente esta visão de Hermann Hesse.

O presente centenário serve, portanto, para a reavaliação do grande escritor. Existe, nos Estados Unidos, um conjunto de “beat” denominado “Lobo da Estepe”; no mesmo país, em revista cultural (“*American-German Review*”, vol. 35,2,1969) R. Ziolkowski publica ensaio sobre “H. Hesse, Santo entre os hippies”; o “guru de Montagnola” (aldeia no Ticino, onde Hesse passou a última fase de sua existência) é apelidado de “mestre a liderar a experiência psicodélica”, e em Nova York abriu suas portas até mesmo um restaurante “Sidarta”, convidando suas freguesas a comparecer em saris e sendo os acompanhantes masculinos solicitados a usar turbante. Eis o lado “exótico” a ilustrar um tipo de determinada receptividade que Hesse mereceu nos Estados Unidos. Por outro lado, na Alemanha e muito

próximo à terra natal do escritor, em Marbach, foi ontem inaugurada exposição “Hermann Hesse 1877 a 1977 – marcos de sua existência, de sua obra e sua influência”. O diretor desse museu, Professor Bernhard Zeller, autor de livro e de vários ensaios sobre Hermann Hesse, é personalidade das mais indicadas para situar em terreno objetivo a posição atual da obra do homenageado e as causas de seus contraditórios efeitos. Pelo que foi dado a público a respeito dos propósitos dessa exposição (o catálogo foi publicado já alguns meses atrás) percebe-se que aqui não se trata de uma reunião de documentos com propósitos meramente enaltecedores. Tampouco existe a intenção de oferecer aos visitantes a seqüência cronológica de vida e obra. Concentra-se realmente nos mais importantes marcos de sua existência e documenta, pela primeira vez, determinadas posições do escritor, baseadas em cartas e escritos recentemente descobertos. Assim afirma uma carta que Hesse dirigiu a uma revista sueca em plena época do hitlerismo (10 de maio de 1935), comentando as suas interpretações dos mais recentes livros publicados na Alemanha: “Meu princípio de orientação é não expor-me e tampouco poupar-me, i.e., mantenho a posição de uma justiça neutra, por mais fictício que seja esse propósito; não faço mesuras diante das novidades teutônicas e nem cedo às minhas freqüentes vontades de manifestar a minha ira”. Meio ano mais tarde, quando a imprensa oficial alemã atacava-o furiosamente por seus elogios a recente livro de Thomas Mann (*José e seus Irmãos*), enviou a esse eminente colega uma carta dizendo: “Defendo, como dantes, a opinião de que não é necessário politizar a vida inteira e toda a humanidade, e resistirei, até o fim da vida, à intenção de que eu próprio seja politizado. Afinal, devem sobreviver pessoas desarmadas, que outros podem impunemente matar a pancadas. Pertencço a essa parte da humanidade e não admitirei jamais que a poesia possa vir a ser menos importante e menos necessária do que o partidatismo e as guerras”. Comentando esta carta diz Rolf Michaelis que tais observações sarcásticas não devem enganar, pois Hesse era observador extremamente perspicaz dos acontecimentos políticos, afirmando a respeito do movimento nazista já em 1931 (dois anos antes da ascensão ao poder de Hitler) que “os poucos espíritos esclarecidos da “revolução”, que não existiu, foram mortos com aprovação de 99 por cento do povo”.

Hoje se celebre, portanto o centenário desse autor, que viveu 85 anos, escrevendo mais de quarenta livros, até agora vendidos em mais de quarenta livros, até agora vendidos em mais de 35 milhões de exemplares, além de três mil resenhas de livros e 35 mil cartas! Foi traduzido para 35 línguas e 12 dialetos hindus. Ainda foi pintor de grandes recursos, sendo atualmente realizada em Hamburgo, Zurique e Berna outra exposição: “Hesse como Pintor”, a revelar que se trata de jubileu diferente de outros centenários: não se procura ressuscitar, por genuína admiração ou respeito pela memória de grande personalidade do passado, obra já quase condenada ao olvido, mas festeja-se quem, hoje mais do que nunca, alcançou o apogeu da fama. O que dirão as gerações futuras acerca deste homem de letras que figura em algumas estatísticas como o “escritor mais lido do século”?

Na Floresta Negra, há 100 anos, nascia Hermann Hesse⁷⁴

Carlos Menezes

“O Lobo das estepes”, “Sidarta”, “Demian”, “Narciso de Goldmundo”, “O jogo das contas de vidro” são títulos de livros largamente conhecidos do leitor brasileiro. Seu autor, Hermann Hesse, se vivo fosse, teria completado 100 anos sábado último, dia 2 de julho, efeméride a os círculos culturais de todo o mundo estão celebrando.

Autor de 37 livros, traduzidos para 35 idiomas (no Brasil foram lançados cêrca de 20 de suas obras, com cerca de 150 mil exemplares vendidos), Hermann Hesse nasceu numa pequena cidade da Floresta Negra suábia, Calw/Wuttenberg, no dia 2 educação julho de 1877, filho de missionários protestantes.

Cedo rebelou-se contra a tirania religiosa da família, fugindo, aos 14 anos, do seminário onde o haviam internado para se preparar para a carreira eclesiástica. Durante esses primeiros anos de revolta, tornou-se aprendiz de livraria, quando fez os contatos que lhe permitiram publicar, em 1899, seus “Romantsche Lieder” (Contos românticos), a que se seguiria cinco anos depois, “Peter Camenzind”, cujas numerosas reedições permitiram ao jovem autor dedicar-se exclusivamente, à literatura.

O primeiro grande livro de Hesse, entretanto, só apareceria em 1919: “Demian”, que a trazia os germes que o escritor iria desenvolver em sua obra, e que já tomava a linha que o conduziria a “O lobo da estepe” (Der Steppenwolf), lançado em 1927.

Até então, apesar dos protestos que são encontrados em “Peter Camenzind” e em “Debaixo da roda” (1906), contra o carrancismo coercitivo da educação da Alemanha oitocentista, a atitude literária de Hesse se mostrara convencional, predendo-se à beleza das paisagens, sempre observando do alto seus tipos psicológicos.

Já em “Demian”, voltando-se bruscamente para o interior do personagem, Hesse transforma-se num dos maiores intérpretes dos valores humanos de uma Alemanha presa da perplexidade e da angustia. O tema central do livro é a luta entre a dualidade do mundo luminoso e do mundo sombrio pelo qual transita Sinclair, - personagem autobiográfico – na busca da edificação de sua personalidade. Nesse livro Hesse deixa transparecer a tendência de introduzir postulados do freudismo na literatura, tema então em plena ordem do dia, e de que Hesse era um apaixonado estudioso, tendo inclusive, quando atacado de neurastenia, após a Primeira Guerra, se posto aos cuidados de J. B. Lang, psicanalista de Lucerna. Daí, sem dúvida, a presença constante, no livro do onirismo, de um encoberto complexo de Édipo e das reminiscências de ciências herméticas.

Em 1922, com “Sindarta”, (dedicado ao seu amigo Romain Rolland) o panorama se transfere para o Oriente. Nesse livro, Hesse transpõe para o cenário indiano sua revolta contra o pietismo reinante na casa paterna. Voltando-se, novamente, para o movimento expressionista alemão, Hesse publica, em 1927, “O lobo da estepe”, que a crítica aponta como sua obra prima indiscutível. O Lobo, Harry Haller, é uma continuação do Emil Sinclair de “Demian”, personagem “verdadeiramente genial na sua capacidade de sofrer”.

E com “O jogo das contas de vidro” (Das Glasperlenspiel) (1943) sua última grande obra, que Hesse fez a síntese geral de suas idéias, numa espécie de conciliação dos contrários. O livro se passa no país imaginário de Castália (pais da Castidade), onde vive o Magister Ludi, Joseph Knecht (José Servo), que muito jovem se vê escolhido para integrar a Elite de intelectuais-estetas, cuja suprema atividade era o jogo das contas de vidro (maneira de jogar com as significações e valores). Quando Knecht, já mestre de toda a Ordem está no auge de sua glória, toma a decisão de abandonar a vida monástica para retornar ao mundo exterior.

⁷⁴ MENEZES, Carlos. Na Floresta Negra, há 100 anos, nascia Hermann Hesse. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 jul. 1977.

Dias depois, ao nadar com um discípulo, nas águas geladas de um lago das montanhas, morre de um colapso cardíaco.

Prêmio Nobel de Literatura – 1946 e “Prêmio Goethe de Literatura – 1946, Hermann Hesse morreu em Montagnola, Suíça, aos 85 anos a 9 de agosto de 1962, consagrado pela crítica mais exigente que o situa entre os mais importantes escritores de qualquer época, escola ou tendência, e por várias gerações de leitores. Só nos Estados Unidos suas obras ultrapassaram a faixa dos 10 milhões de exemplares vendidos.

Hermann Hesse, 100 anos⁷⁵

Prêmio Nobel de Literatura em 1946, o alemão – naturalizado suíço – Hermann Hesse certamente não era um escritor esquecido no momento de sua morte, a 9 de agosto de 1962. Mas a celebração oficial e unânime de seu talento ameaçava convertê-lo, como a tantos outros premiados do Nobel, numa glória estabelecida e empalhada. Pior injustiça não poderia ser feita ao pensamento inconformista de Hermann Hesse: nascido a 2 de julho de 1887, filho e neto de severos missionários protestantes, já aos 14 anos ele fugia do seminário onde, dirá mais tarde, só aprendeu “o latim e a mentira”. Anos depois abandonará o conforto de um casamento burguês por uma vida materialmente pouco mais que miserável; e perderá sua cidadania alemã ao criticar, ao tempo da I Guerra Mundial, “o militarismo e o imperialismo do Kaiser”.

Destilado ao longo de mais de sessenta livros, o inconformismo de Hesse seria reabilitado pelos jovens rebeldes da década de 60, que fizeram dele um dos gurus da nova revolução. Traduzidos em todo o mundo, seus romances – entre os quais pontificam “O Lobo da Estepe”, “Sidarta”, “Demian”, “Narciso e Goldmundo” e “O Jogo das Contas de Vidro” – têm hoje mais de 30 milhões de exemplares vendidos.

No Brasil, onde cerca de vinte traduções já venderam modestos mas significativos 150.000 exemplares, a obra de Hesse mobilizou aplicados estudiosos – como Luiz Carlos Maciel, que, no centenário do nascimento do escritor, analisa sua influência sobre os jovens dos anos 60:

Hermann Hesse foi um dos escritores favoritos dos jovens da década de 60 que inventaram o que se convencionou chamar de contracultura. Dizia-se que seus livros podiam ser encontrados nas sacolas dos estradeiros da época, junto com os delírios de Lovecraft, os poemas de Ginsberg, as novelas de Burroughs, as teorias de Leary, os manifestos de Hoffmann e Rubin, textos sagrados do Oriente, como o Bhagavad Gita e o Tao Te Ching. E outras leituras de geração, no que ela – apesar de tudo – teve de literário. Ao contrário de Thomas Mann, por exemplo, só para citar um conterrâneo e contemporâneo seu, Hesse não era *careta*.

Por quê? Pode-se dizer, para resumir, que a experiência central dessa geração foi também a experiência central de Hesse em sua obra. Essa experiência consiste na verificação sensorial, afetiva e intelectual do fracasso de nossa civilização, de nossa maneira de viver, caracterizada por uma dupla repressão. Por um lado, nossa maneira de organizar a vida reprime o corpo, numa tentativa de suprimir o instinto em nome de interesses superiores do espírito, e, por outro, reprime também o espírito, praticamente proibindo a experiência de níveis superiores da consciência, em nome dos interesses materiais do corpo. Essa dupla repressão é, como se vê, antes de mais nada, contraditória – e, por isso, a busca de uma solução para ela também não estará livre de contradições.

A obra de Hesse procura equacionar essas contradições, refletindo certamente a sua própria experiência com elas. Nela, as tentativas de libertação são sempre parciais: a exigência por uma vida sensorial plena, por um lado, e por uma compreensão espiritual mais ampla, por outro, aparecem separadamente em duas personagens diferentes, como em “Narciso e Golgmundo” e “O Lobo da Estepe”, ou em momentos diferentes de uma mesma personagem, segundo um desdobramento psicológico convencional, como em “Demian”, “Sidarta” e “O Jogo das Contas de Vidro”. A atração de Hesse pelo pensamento oriental fez, sem dúvida, que ele tendesse a uma solução de tipo contemplativo, no sentido do que se chama geralmente de aperfeiçoamento espiritual, mas o outro pólo da questão, a fidelidade à

⁷⁵ HERMANN Hesse, 100 anos. *Revista Veja*, São Paulo, n. 552, p. 124, 6 jul. 1977.

“mãe terra”, o laço sagrado que liga o homem à vida material, mantém a tensão típica de sua obra.

Caminhos divergentes – Hesse não conseguiu resolver a contradição fundamental entre espírito e matéria, como também não a resolveram os jovens da contracultura dos anos 60, mas um e outros sentiram profundamente a necessidade de uma libertação efetiva nos dois sentidos. As personagens do romancista escolhiam caminhos diferentes, em momentos diferentes. Essa geração, porém, misturou as coisas: se atendiam o corpo, por um lado, com música, dança, e sexo, e o espírito, por outro, com meditação, ioga, e outras práticas mágicas ou místicas, dificilmente se poderá estabelecer alguma hierarquia ou prioridade na chamada contracultura, considerada como um fenômeno global. A Síntese não foi encontrada, os caminhos continuam a ser divergentes – e a contracultura retraiu-se, junto a toda um geração, diante do impasse.

Ainda aqui, no termo da experiência, Hesse e os jovens dos anos 60 se dão as mãos. Para estes últimos, os anos 60 trouxeram a necessidade de uma escolha entre o mundo, a vida material com seu prazer e sua dor, o caminho de Goldmundo, e o retiro espiritual, o isolamento monástico, o caminho de Narciso.

Mais uma vez, a síntese não foi encontrada. No caso de Hesse, a explicação é subjetiva: seu limite e sua própria repressão interna. Hesse era um intelectual do Ocidente, um tipo que pensa demais e é continuamente seduzido por todas as complicações do pensamento. No caso dos jovens dos anos 60, a explicação é objetiva: seu limite foi a repressão externa. Os jovens apresentaram-se como marginais cuja mera existência a sociedade vigente simplesmente não conseguiu tolerar.

A contradição permanece viva. Mas hoje podemos ver mais longe e perceber, além das primeiras intuições, que a dupla repressão contra o corpo e o espírito é, na verdade, uma coisa só, em dois aspectos aparentemente opostos. Reprimir o corpo é reprimir o espírito, e vice-versa. Trata-se de uma verificação simples e fácil, basta olhar em torno. Mas é difícil a introjeção dessa observação em nossa cultura, porque ela está baseada exatamente na sua negação. Hesse e os jovens da contracultura são testemunhos dessa dificuldade, mas, também, inegável inspiração para novas tentativas de libertação, no futuro.

Hermann Hesse, o centenário de um mágico⁷⁶

“Não fui educado somente por meus pais e professores, porém, por forças mais elevadas, mais arcanas misteriosa, entre elas o deus Pan, que se encontrava no armário de vidro de meu avô, sob o disfarce de um pequeno ídolo hindu, a dançar”.

Hermann Hesse nasceu na Alemanha, em 1877, na pequena e pitoresca cidade de Calw. Criado entre a natureza viva e, de outra parte, com um profundo senso de religiosidade (o pai e o avô eram pastores protestantes), o jovem Hesse, desde muito cedo, se viu destinado à carreira teológica, mais pela tradição do que por escolha individual.

De uma infância livre e bela à rigidez das normas pedagógicas, Hesse despertou profundamente abalado diante da súbita interrupção de seu sonho. E revoltou-se contra tudo o que lhe havia sido imposto. Rebelou-se contra as normas ortodoxas e opressoras da escola e contra a violação a seu mundo colorido, povoado pela “magia” que o acompanhou por toda a vida. Era o seu modo próprio, com o qual podia modificar a realidade a seu bel-prazer. E ele adorava essa brincadeira. Tinha uma visão toda especial dessa realidade, que lhe parecia às vezes “nada mais do que uma conspiração tola dos adultos”, extremamente individualista e peculiar, que se chocava diretamente com a educação clássica e fechada de seus professores, para o desgosto de seus pais. Mas, afinal, o que se poderia esperar de um menino criado por deuses?

Sem conseguir conter por mais tempo os constantes conflitos com o sistema escolar, aos 15 anos ele fugiu do Seminário de Maulbronn, num gesto de extremo descontentamento e revolta, à procura de um modo mais autêntico e sábio, um modo mais livre e próprio, e de um reencontro com os dias naturais e belos de sua infância, onde seu pequeno mundo era regido inteiramente por ele. “Diziam que o mundo sempre foi dirigido, guiado e transformado por homens que souberam impor-se a si mesmo sua lei própria e romperam com as normas tradicionais. Só que isto, como todas as outras lições, era puramente mentira. Com efeito, se um de nós, de boa ou má fé, se revelasse corajoso, e protestasse contra algum ponto do regulamento, nunca era tolerado pelo mestre, nem apresentado aos colegas como modelo. Ao contrário”.

Sua fuga foi vista, naturalmente, como um fracasso lamentável pelos eruditos educadores e esperançosos pais. Mas para o jovem Hesse ela lhe traria não só o rompimento com a teologia mas com o início (consciente) de um inconformismo radical e de profundo ceticismo em relação às formas enquadradas e limitadas de vida que lhe foram apresentadas. Após tentar por mais um ano, em outro educandário, adaptar-se à rigidez do ensino tradicional, às regras dogmáticas e a uma promissora carreira universitária, Hermann Hesse abandona definitivamente a escola, movido por uma crescente insatisfação e por um estado desesperado, mas, ainda assim, docemente irônico, o que o faz escrever aos pais: “Mui prezado senhor, já que Vossa Senhoria se mostra tão surpreendentemente generoso, talvez possa tomar a liberdade de lhe pedir que me mande sete marcos ou então um revolver”; e assim “H. Hesse, prisioneiro no reformatório de Stetten, onde veio para cumprir pena. Começo a me perguntar quem em tudo isso é o débil mental...”

E chegou ao fim a educação classificada. Nenhuma escola o queria, e Hesse regressou ao lar não como um filho pródigo, mas como um insubordinado nervoso e irrecuperável. Sua situação não melhorou nem um pouco, quando passou a entregar-se por completo à ociosidade e a intermináveis noites em bares, com estudantes boêmios. Isso era muito mais do que sua religiosa família poderia suportar, e as opiniões a seu respeito eram as piores possíveis. “Por dois anos fiquei sem ter o que fazer. Foi uma época muito triste pra mim.

⁷⁶ HERMANN Hesse, o centenário de um mágico, *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1977.

Meus pais e até muitas vezes até eu mesmo estávamos desesperançados a meu respeito”. Embora as perspectivas sobre seu futuro andassem um tanto nebulosas, de uma coisa ele, desde o início da adolescência, se manteve absolutamente certo: “Ou serei poeta, ou não queria ser mais coisa alguma neste mundo”. Até os 13 anos, sua preferência suprema seria a de tornar-se mágico. Mas não havia uma universidade que formasse mágicos, assim como não existia uma que criasse poetas, o que ele mais tarde viria a descobrir “Pretender ter alguém a profissão de poeta, nunca! Era impossível! Querer um jovem ser poeta era ridículo, era até vergonhoso, como logo vim a notar. Poeta era algo que a gente podia simplesmente ser, mas jamais tornar-se”.

Em casa, sem grandes perspectivas quanto à vitória, mas com grande obstinação de onde pretendia chegar, o jovem poeta Hesse dedicou-se inteiramente à leitura e a seu próprio método de estudo. “Tinha 25 anos do iniciei, cômico, e energeticamente, minha formação. Entre os 16 e 20 anos eu não só tinha enchido pilhas de folhas com minhas próprias tentativas de poesia, como tinha ainda, neste mesmo período, lido a metade da literatura mundial, com uma aplicação mais do que satisfatória para um estudante comum”.

E como para Deus tudo é possível, em 1904 “Peter Camenzind” seu primeiro livro, lhe trouxe a glória e o sucesso como poeta e escritor, e uma posição de respeitável cidadão alemão, ao lado da primeira esposa e seus três filhos. “E por maiores tolices e loucuras que fizesse agora, todo mundo ficava encantado comigo. Até eu mesmo estava surpreso com a minha vitória. O ar tépido do triunfo me fazia bem. E eu começava a ser um homem feliz”.

Os ares de bem-aventurança, no entanto, não se estenderam por muito tempo. Veio a guerra e, com ela, o antagonismo declarado de Hesse contra o nazismo e o sentimento fanático que imperava na Alemanha. Essa posição de contra-revolucionário convicto lhe valeu o título de “traidor da Pátria”, um número formidável de inimigos, cartas insultuosas que lhe chegavam em grandes quantidades e, por fim, a impossibilidade de continuar vivendo na Alemanha e toda sorte de perseguições que costumam sofrer os que algum dia se declaram contra. Refugiado na Suíça, num exílio voluntário, Hesse comentou sobre a publicação do seu protesto, que levou suas obras a serem queimadas e proibidas na Alemanha, e seu nome a passar a ser o de um escritor maldito: “O artigo com minha reclamação foi transcrito em 20 jornais. E entre todos os meus amigos dos quais cria poder esperar muito, devido à influencia na imprensa, somente dois ousaram sair a público em minha defesa”.

Ainda dentro das infinitas possibilidades divinas e inexplicáveis imprevisibilidades humanas, o mágico Hesse seria surpreendido depois de longos exílios internos e externos; depois de ser aclamado e rejeitado pelo mesmo mundo, o qual sempre mantivera a uma distância bem definida (e ao qual atentamente observava sem se deixar ver): esse mundo reencontrava-se agora com ele, numa dessas atitudes extremas e de razões ocultas, brindando-o com o título de doutor “honoris causa” em duas universidades.

A complexa e numerosa obra de Hesse retrata, por vezes simbolicamente e, em outras, com uma obstinada clareza, passagens autobiográficas de extrema importância: a juventude conturbada e revoltada, à procura da autenticidade a negação dos falsos e alienados valores da opressão massificadora; a busca profundamente lúcida da liberdade em sua poesia (para alguns um tanto neurótica), retratada fielmente em “Demian” O. O lirismo poético e doce da fábula de “Sidarta”, o homem que, à procura da perfeição, encontra-se com o prazer mundano; com os conflitos existenciais; com Buda; com o abandono às leis estabelecidas; com a situação limítrofe vida-morte; na proximidade do suicídio; com o amor etc. etc. O desprezo agônico das normas e hipocrisia sociais e o despertar lísergico, em “Lobo da estepe”; o título de traidor e a aversão ao regime nazista e à guerra, dos quais o personagem Harry Haller (H. H.), assim como o escritor Hermann Hesse (H. H.), é vítima.

Redescoberto, na década de 60, pelos sonhos de uma nova cultura e pelo clima de mutação e liberdade e liberdade cantado em altos brados por todo o planeta, Hesse passou a

ser reverenciado como profeta de uma geração, ao lado de escritores beatniks e artistas de vanguardas. Menosprezado por muitos intelectuais, que costumam considerar sua obra de uma filosofia romântica, fantasiosa e insana, Hesse, com sua sensibilidade, transcende a mentalidade racional e acadêmica; seus livros são um despertar para a busca e para o real; uma poesia da realidade, sem a visão preconceituosa de uma elite cultura, pela qual, em várias de suas obras, ele deixou bem claro seu desprezo.

Resta uma pergunta aos sensatos e eruditos: seria Hesse um ingênuo? Um romântico? Ou deliberadamente sarcástico? Ou tudo isso?

Relinchando ao vento⁷⁷

Christopher Middleton

Hermann Hesse tornou-se bastante conhecido na Alemanha por volta de 1904, quando foi publicado seu romance *Peter Camenzind*. A partir de 1945, Hesse adquiriu fama em todo o mundo. No entanto, apesar de ter ganhado o Prêmio Nobel de Literatura de 1946, seu trabalho não é colocado no mesmo nível do dos “grandes” autores alemães do século XX. Atualmente, os alemães achariam engraçado ou ficariam ligeiramente espantados se um estrangeiro mencionasse Hesse ao lado de Thomas Mann, Hofmannsthal, Rilke, Kafka ou Brecht.

Isso acontece não somente porque os leitores, hoje entre 50 e 30 anos ou mesmo mais, não o tenham lido desde a adolescência, nem porque as gerações mais céticas, hoje entre 30 e 50 anos, o tenham evitado. Essa situação também não pode ser inteiramente atribuída à sua prosa, legível demais para ser considerada suficientemente difícil para ser importante, embora seja provável que os escritores mais jovens da atualidade não o tenham lido e muito menos aprendido alguma coisa com ele. Isso se dá, parcialmente, por serem os padrões vigentes fechados a um escritor cuja obra, apesar de formar um todo coerente é tão curiosamente misturada. É às vezes enjoativa, às vezes profunda, depois quixotesca anti-irônica, em seguida – ao mesmo tempo – brusca, misteriosa e atual; em outras ocasiões, pelo menos em seus dois últimos romances, é que os alemães chama condescendentemente de *pubertar*, sendo quase sempre numa prosa de uma textura mercurial toda sua.

A mistura parece não ter incomodado os estudiosos americanos de Hesse ou os adeptos da cultura jovem, que o adotaram há dez anos atrás. Nem embarçou seus leitores japoneses (13 páginas da relação de traduções no livro de Mileck, incluindo uma bibliografia), ou os leitores italianos (35 itens em Mileck), iranianos, espanhóis e suecos. A maioria dos historiadores literários e dos críticos fora da Alemanha superou essa mistura sem dificuldades. A nova biografia de Ralph Freedman mostra ter ele feito a mesma coisa, colocando-se de lado algumas dúvidas. Mostra também, detalhadamente, que essa mistura surgiu de uma colisão no caráter tempestuoso, mas melancólico, de um autor que viveu muito (tinha 85 anos quando morreu em 1962), entre traços de família ocasionalmente brandos e a sangrenta história deste século.

Hesse estava com 22 anos quando o século começou. Nascido em uma família de missionários protestantes do sudoeste da Alemanha, positivamente não foi uma criança comum. Resistiu, desde a mais tenra infância, à implacável “quebra da vontade própria”, requerida pela cultura protestante. Quando tinha seis anos foi mandado para um internato, e daí em diante sua educação foi – no mínimo – confusa. Durante alguns meses conformou-se, depois revoltou-se, fugiu, ficou doente e desesperado. Hesse tinha um temperamento terrível. Em certa época, foi matriculado em uma escola para crianças retardadas. Seus pais, rigorosos mas não impiedosos, achavam-no incontrolável; no entanto, quando menino, Hesse só parece ter considerado intolerável a autoridade quando esta o assustava e fazia-o sentir-se culpado. Naquele mundo não havia prazer, e qualquer coisa fora do trabalho e do culto era uma razão para a culpa.

Até muito mais tarde, observa Freedman, ele foi incapaz de sentir um prazer profundo por qualquer coisa. Em outra parte do livro, Freedman refere-se também ao “constante sentimento de privação física e emocional” que Hesse sentia. Um estranho peixe para ser encontrado, muito depois, no meio da década de 1960, na aquariana cultura do prazer dos jovens norte-americanos incorrigíveis. Mas talvez não tão estranho, se encontraram em Hesse uma voz de compreensão, o guru que entendeu contra o que eles estavam lutando: a coleira de cachorro, o coração duro, e por detrás disso a baioneta.

⁷⁷ MIDDLETON, Christopher. Relinchando ao vento. *Cadernos de Opinião*, São Paulo/Rio de Janeiro, p. 56-64, jul. 1979.

Aos 13 anos, Hesse resolveu ser escritor. Escreveu seus dois primeiros livros enquanto estagiava como vendedor de livros, primeiro em Tübingen, depois em Basiléia. Hesse era um jovem pedante e afetado, mas talvez não tanto quanto seus elegantes contemporâneos do Império Alemão. Assim que publicou seu primeiro livro de sucesso, *Peter Camenzind*, casou-se com uma mulher nove anos mais velha e passou a levar uma vida “selvagem” em Gaienhoffen, no lago Constança. Maria Bernoulli era membro de uma tradicional família suíça e pianista de grande talento. Teve três filhos de Hesse, todos meninos, e finalmente, depois de longas depressões, enlouqueceu. Suas crises e melhoras acompanharam Hesse durante grande parte da sua vida. Hesse casou-se mais duas vezes. Primeiro com Ninon Ausländer, 19 anos mais moça do que ele, e em 1929 com a sua terceira mulher, que pelo menos não o decepcionou, tendo conseguido substituir uma imagem por uma pessoa concreta. Sobre a robusta Maria, de 36 anos, Hesse escreveu – em uma carta à família – que ela era uma “jovem encantadora, pequena, de cabelos negros, uma selvagem adorável”, “uma juvenzinha que mal alcança minha barba mas que é capaz de beijar tão vigorosamente que eu quase sufoco”. Estes detalhes não são triviais, pois ilustram a constante inclinação de Hesse para distorcer ou reduzir o “mundo” da sua experiência em uma imagem ou idéia psiquicamente carregada, com a qual então poderia brincar imaginativamente. Com efeito, essa mesma redução ocorreu depois da sua viagem, feita em meio a um grande desconforto, à Indonésia e aos Ceilão em 1911.

Os anos passados em Gaienhoffen marcaram Hesse como um autor gentil mas ligeiramente perturbado, de contos regionais da Suábia e de dois romances sobre artistas desesperados e melancólicos. Obteve um sucesso um tanto medíocre e sentiu-se encurralado. A mudança ocorreu no meio da Primeira Guerra Mundial. No início, sua posição contrária à guerra aproximava-se da de Thomas Mann. Hesse desejava que a Alemanha saísse vencedora e salvasse a cultura européia (a essência do mito nacional germânico daquele tempo). Contudo, sua recusa em ser militante foi logo atacada. Obedientemente, entrava em contato com o serviço de recrutamento (apesar de morar na Suíça) sempre que era necessário, mas acabava sendo sempre dispensado porque sofria da vista. Ele não gostava relembrar esse fato, mais tarde, quando suas declarações jornalísticas do tempo da guerra, que enfatizavam (de forma bastante convencional) a purificação espiritual através do sofrimento, provocaram um clamor malévolo entre os xenófobos.

Trabalhou longas e árduas horas em Berna, reunindo livros e imprimindo panfletos que eram enviados aos prisioneiros de guerra alemães na França – esperando ainda que a “cultura” pudesse prevalecer contra o lodo e a mortandade. Um parcial esgotamento nervoso levou-o aos cuidados de J. B. Lang, um psiquiatra jungiano; os dois homens permaneceram muitos amigos até a morte de Lang em 1945 (seus livros de anotações infelizmente foram destruídos por sua filha). Lang foi o modelo para Pistorius, o organista da igreja em *Demian*, romance escrito entre 1916 e 1917, publicado sob pseudônimo em 1919, e que lançou Hesse numa trajetória dificilmente previsível diante da sua obra anterior.

Hesse, porém, não pode ser incluído inteiramente entre aqueles escritores que extraíram da guerra além do horror, do desgosto e da ironia, uma visão inconfundivelmente diferente, um vocabulário purificado de hipocrisia e uma nova abordagem à poesia. A atitude de que Hesse confessa ter tirado da guerra é a incerteza face à qualquer pretensão à dignidade e à nobreza. Também a insatisfação da cor, do tempo e da urgência de sua prosa poderiam ser interpretadas como um sinal de que agora ele igualmente acreditasse que todos os idílios estivessem acabados. Mas o caso não é bem esse. O utópico e fantástico impulso de Hesse, não subjugado mas sim apressado, e a sua manifestação contra o mundo histórico estava agora registrada justamente com aquele tanto mais de intensidade. O que modificou Hesse, ou o que conseguiu criar, foi uma nova forma de narrativa, na qual a sua vida interior polifórmica pudesse ser refletida. Era o monólogo romanceado, com um fundo irreal de imagens (mais

tarde ele chamou isso de sua “mitologia particular”), que recorria a modulações e, de livro para livro, organizava os acontecimentos explícita ou tacitamente.

Hesse foi um dos primeiros escritores europeus a serem psicanalizados, mas sua análise nunca foi puramente clínica e sofreu várias interrupções. Tornou-se, durante os 20 anos seguintes, um romancista auto-analítico, cujos romances orquestravam suas próprias crises psíquicas; misteriosamente, milhares de leitores puderam encontrar seus próprios distúrbios refletidos naqueles de seus protagonistas. Publicado em 1927, *O Lobo da Estepe* – o fundo biográfico é admiravelmente investigado por Freedman – foi o seu monólogo mais intrincado e denso da década de 1920. É um livro no qual a maioria dos lugares comuns da crise cultural e psicológica dos anos 20 é anatomizada, e sua estrutura tem sido explorada por vários críticos. Contudo, embora o livro seja notável como prosa, os poemas de *O Lobo da Estepe*, que Hesse quis que fossem inseridos no livro, são unidimensionais e insípidos. O que se pode fazer com esse acróbata da autoexploração, cujas oscilações entre a autoestima e o autodesgosto, coragem psicológica, perspicácia imaginativa, ferocidade mórbida e intenção moralizadora fazem-no parecer um híbrido de Isidore Ducasse e (digamos) Maria Edgeworth?

A visão que Freedman tem de Hesse é de tal ordem que ele acharia algumas das observações acima tão peculiares como eu acho sua alegação de que os romances do grande antepassado de Hesse, o romancista Jean Paul Richter, do século XVII, eram “frequentemente escritos” em dialeto da Francônia.

Freedman traça, admirável e fielmente o labirinto dos movimentos de Hesse durante as décadas de 1920 e 1930. retrata a monstruosamente atraente velha Casa Camuzzi, no Ticino, onde, a partir de 1919, Hesse manteve um apartamento, até que seus amigos Hans e Elsy Bodmer lhe tornaram possível estabelecer-se em própria casa, em Montagnola (1931). Aí, Hesse fez muitas viagens para palestras e conferências e períodos de tratamento em estações de águas, pois doenças de Hesse multiplicaram-se (gota, ciática, artrite, dor de dentes, dor nos olhos e gripes frequentes). Como seus interesses irradiavam-se cada vez mais para o Extremo Oriente, especialmente a China, seus escritos também tornaram-se atraentes para alguns eminentes escritores seus contemporâneos, como Thomas Mann, que ainda o achava controvertido, mesmo que o seu vocabulário ainda fosse romântico e pouco sutil.

Apesar de toda a fama, Hesse estava sempre em dificuldades, como se tivesse de fabricar problemas para testar-se contra eles – para justificar-se. De vários pontos de vista, sua existência foi afortunada, não unilateralmente pontilhada de doenças como a de Kafka. Hesse tornou-se cidadão suíço em 1924, mas renda dependia de direitos autorais que vinham da Alemanha (daí, mais tarde, seu alívio quando os nazistas não proibiram seus livros). Ele também escreveu narrativas, mas estas não eram nem reais nem mitocêntricas, as principais modas da nova ficção alemã dos anos 30. Casou-se com Ruth Wenger, com o seu gato, cachorrinho e papagaio, mas viu-a pouquíssimo depois de dois meses de coabitação. Durante algum tempo viveu em Zürich, atormentado pela doença. Nesse período aprendeu a dançar o “shimmy”, afundou-se na bebida, em orgias, e teve longas conversas noturnas com J. B. Lang (“compartilhando depressões”). Antes mesmo dos 50 anos Hesse sentia que estava morrendo de velhice.

Embora tendendo à passividade, era demasiadamente contemplativo para ser apenas sensual, e o seu sensualismo cerebral, sendo desprovido de força, chocava somente os tolos e puritanos. Não sendo um homem prático, tinha um senso agudo para o dinheiro. Não sendo um homem sensual, sua imagem ideal do artista era diferente: um ser essencialmente nômade e erotocêntrico, exposto a todas as alegrias e horrores, desperdiçando sua substância em uma vida irrefletida, depois incubando a experiência e sombreando-a numa imagem essencial, abundante e arrebatadora, que transcende a todo sentido e a todo intelecto, enfim uma noção do artista, na melhor das hipóteses, de um filisteu ou de um romântico. Ainda que Hesse fosse basicamente um escritor de confidências, suas revelações pessoais são (para nós, convém

agora dizer) particularmente moderadas por uma discrição que costumava ser a marca das pessoas das pessoas civilizadas. Hesse nunca foi aquele indomável autoestripador que Henry Miller e Timothy Leary pensavam estar colocando em cena quando o louvavam.

Em suma, Hesse nunca foi um estranho. Sua obra situava-se na divisa entre épocas, entre culturas, entre as compulsões opostas de suas próprias riquezas psíquicas e de sua singular (mas não poderosa) inteligência. Maniqueísta “malgré lui”, era um “homem profundamente civilizado”, da velha escola, e assim podia sentir, mais dolorosamente, os dissabores da civilização, mas os considerava como injúrias inflingidas pelo destino, ao invés de efeitos de uma injustiça perversa e duradoura.

A retórica da crítica em relação a Hesse foi, desde o início, forçada e tonitruante, porque esforçou-se em fazer de um autor um pouco acima da média um autor intelectual. Freedman não é exceção. Do lado positivo, traça todas as espécies de relações fascinantes entre a vida e a obra de Hesse, mostrando de que material foram feitos os sucessivos autorretratos. Quando focaliza mal é porque tende a avaliar cada uma das ficções de Hesse de forma tão elevada quanto o próprio Hesse avaliava-se a si mesmo, uma vez que cada uma delas era catártica e deixava o autor eufórico, extenuado e aliviado até o próximo mergulho na melancolia. As auto-avaliações de Hesse não eram apenas exorbitantes: raramente deixavam de ter um tom de loquaz auto-elogio. Quando Freedman parece ter dúvidas, rapidamente as coloca de lado.

Algumas inconsistências, porém, são surpreendentes. Por exemplo, *Narciso e Goldmund* foi apresentado como “um dos romances mais reveladores e também mais bonitos que Hesse escreveu”; 21 linhas adiante é considerado como “essa alegoria medieval, sentimentalmente construída”. Se Freedman dá significação ao termo “sentimentalmente” com um sentido positivo (como devaneio retrospectivo), ele deveria nos ter informado como e, especificamente, com que base teria discordado dos leitores que acham o texto cansativo e todo o livro *Edelkitsch*. Mais adiante, depois de uma avaliação bastante positiva da gênese de *O Jogo das Contas de Vidro* e da sua troca da “imagem” pela “geometria”, com “complexidades dialéticas”, vem o resumo quase destruidor do seu último romance, visto como “uma obra árida, intelectual, cujas harmonias permaneceram teóricas e cujos personagens eram marionetes”. Entretanto, não se poderia afirmar que Freedman abriga uma relação de amor-ódio para com o seu assunto. Longe disso, seu tratamento é amplamente reverente.

Aqui, encontrei uma outra dificuldade nessa nova “biografia definitiva”; Freedman explica, com detalhes biográficos, a personalidade de Hesse e seus escritos do ponto de vista do próprio Hesse, mas raramente – senão nunca – tenta elucidá-los de uma maneira crítica. (Daí sua monótona insistência em certas palavras, tais como “interiormente”, “íntimo”, “interno” e “interior”). Nesse sentido, ele desiste de aguçá-lo ou aprofundar sua visão, ou o retrato do biografado, preferindo sustentar uma perspectiva diferente, intelectual, psicológica ou social. Esse método reverente lhe permite dar muitas informações sobre Hesse, mas esgota a paciência do leitor quando os valores (ou clichês) do biógrafo reiteram os do seu biografado, não havendo nenhuma contestação, nenhum drama.

Senti isso muito particularmente quando Freedman fala das “poses” de Hesse. Ele comenta muitas vezes, por exemplo, que este ou aquele aspecto eram “de qualquer maneira, somente uma pose”, e depois prossegue até outra implicação da mesma espécie, repetindo (na página 214) que “a nova vida de Hesse não passava de ostentação”. Por que não ataca e questiona a tendência inteira para a auto-invenção teatral que marca quase todas as fases da obra de Hesse, virtualmente cada modulação de sua auto-imagem? Esses pontos são cruciais – depois das injustiças de Sartre e Baudelaire e toda a controvérsia existencialista a respeito da boa e má fé. O problema aqui é que o sentimentalismo e o egocentrismo de Hesse muitas vezes obscurecem os mais incandescentes aspectos de sua personalidade e da sua obra, que se

manifestam em estereótipos hesitantes, clichês e outras formas de um débil escapismo. Hesse era atormentadamente consciente disso e amplos trechos da sua obra o revelam.

A “lenda” norte-americana de Hesse (uma mistura de ignorância, excentricidade e exploração comercial) mudou a percepção comum de Hesse, mas sem fornecer outra melhor. Com Hesse desligado de suas origens e valores germânicos, os admiradores americanos podiam-no ler (ou analisar) como um fascinante fantasmagorista, um mágico da sugestão poética, sem terem de procurar o seu caminho no meio das tradições que o sustentam. Ainda mais irritante do que isto é o fato de que os leitores não alemães não poderiam perceber como os aspectos sentimentais e egocêntricos de Hesse estabelecem a ligação do escritor Hesse com todos os gêneros do mal-estar psico-social germânico – com filistéia e sombria torpeza, autocomiseração e autoengrandecimento. O seu outro utopismo mundano, acompanhado ou não por profundas equações indianas entre o eu e o mundo, era excentricamente parte de uma tendência parte de uma tendência mais ampla à veleidade que dava a medida da média alemã: o nazismo, ao dar autorização formal a esse impulso, levou-o a políticas fatais.

Não estou dizendo que Hesse era um irracionalista deliberado, como D. H. Lawrence ou Knut Hamsun, dos quais algumas noções estéticas e morais, quando retiradas do contexto, podem ser consideradas fascistas. Com efeito, todas as suas quase místicas inclinações, Hesse nunca adotou o irracionalismo, muito menos suas aproximações terroristas. Muito pelo contrário. Nos anos 30, achou que devia arrancar o impulso utópico das mãos dos seus manipuladores e resguarda-lo numa forma imaginativa inatacável (*O Jogo das Contas de Vidro*). A forma com que Hesse fez isso é mostrada em algumas das melhores páginas de Freedman. Mas a incerteza política de Hesse e sua arrogante e provinciana distinção a respeito do “mundo real” eram típicos da mentalidade da classe média alemã, que foi ao mesmo tempo arrastada ao nazismo e vitimada por ele. Assim, as fantasmagorias de Hesse não deviam ser consideradas leviana e isoladamente. Nem mesmo o seu complacente biógrafo consegue manter-se criticamente à distância, de modo a desnudar para nós os clichês e revelar o mecanismo psicológico do *Edelkitsch* de Hesse. Quanto ao horror da sua impotência política, Freedman não o dramatiza pela comparação dos antecedentes de Hesse com os de outros escritores europeus, no que – alias – merece crédito.

Freedman examina com real perícia as ambigüidades e a timidez da posição de Hesse a respeito da Alemanha dos anos 30, mesmo depois do *Anschluss* *, e nesse exame há uma rara mistura de perspicácia e complacência.

A meu ver, uma das razões pela qual Freedman falhou ao avaliar a obra de Hesse numa perspectiva clara é que a sua nacionalidade alemã, apesar dos seus muitos anos nos Estados Unidos, levou-o a pensar e a escrever, principalmente nos 2/3 iniciais do livro, em um inglês germanizado, às vezes excessivamente. Ele confia em estereótipos léxicos e fraseológicos, o que para mim levanta dúvidas quanto à sua capacidade de penetrar nos freqüentes clichês e nas maçantes expressões de Hesse.

No uso que Freedman faz das metáforas, por exemplo, há uma nítida tendência a misturar estereótipos, o que pode ser causado pela sua relutância em visualizar ou levar em conta a etimologia. Assim: “As crises na visão do poeta encontravam ressonância nas mentes e corações dos leitores” (pg. 6: dois lugares-comuns em matéria de metáfora, combinados desajeitadamente). E mais: “ ‘O buraco de toupeira’ figurativo... cavado por debaixo dos bem cuidados jardins de sua vida... e, no entanto, paradoxalmente, portões abertos à liberdade” (pg. 132).” “Ele tinha atravessado o Rubicão da sua vida... as profundezas de *Sidarta* tinham sido reabertas” (pg. 230: não é uma combinação, mas sim uma justaposição desajeitada).

Há questões de vocabulário onde aparecem confusões semelhantes. Algumas deles ocorrem em virtude de um mau conhecimento da língua inglesa. Exemplos: “ ‘God Give’ (devia ser ‘grant’), wrote the dubious (devia ser ‘doubtful’), mother as she was preparing his blankets and sheets, ‘that Hermann will discipline himself and improve in diligence and

manners” (pg. 40: alguma comédia involuntária nesse trecho). “I have picked up carbon (devia ser ‘pencil’ ou ‘charcoal’) and paintbrush for the first time in forty years” (pg. 187).

O modo mesmo de escrever de Freedman tende a ser desengonçado: “Maria’s musical passion allowed her to enjoy these friends a good part of the time, although they retained (with the obvious exception of Ilona) a distinctly masculine coloration” (pg. 136: porque não “although most of them were men”? Ou será que Freedman esqueceu que “friends” e não “friendships”?). Detectei um pesado sotaque alemão em frases como “friend Finckh” (pg. 92) e “gardener Hesse” (pg. 159). O sabor germânico, assim como a falta de jeito, são até certo ponto inseparáveis do seu modelo de pensamento.

Biógrafo afetuoso, Freedman parece desesperado para tratar de um escritor que era, mais do que a maioria dos escritores do seu tempo e de hoje, um monomaniaco. Com a sua monomania, Hesse construiu um individualismo que tem exercido grande atração sobre várias gerações de jovens. No entanto, entre a monomania e o individualismo há uma sombria ligação. O lado benigno desta ligação é formulado de maneira muito agradável por Freedman na penúltima página: “Durante várias décadas da sua vida, Hesse viveu como um artista autoconsciente, que via sua função como a de um pintor, não de costumes, mas de características interiores do homem, cuja glória e sofrimento estavam além do tempo... A incerteza da qual Hesse tem sido acusado era, na realidade, um sinal da sua humanidade, da sua necessidade de refletir a visão interior dos que estavam à sua volta e um sinal do seu sucesso em fazê-lo.”

O que me impressiona ao ler Freedman antes dele chegar a esta formulação (um tanto de mãe coruja) é precisamente a inabilidade de Hesse de sentir empatia, sua diabólica opacidade, que ele projeta nas mentes de todos seus protagonistas, assim como sua compulsão em desviar tudo para o seu próprio ego, usando os outros quase como um vampiro, sem nenhum interesse particular pela “visão interior dos que estão à sua volta”. Estes traços estão presentes em todos os seus romances, desde *Peter Camenzind* até *Viagem ao Oriente*, romances oprimidos, como seus protagonistas, por uma dupla deficiência. O protagonista não consegue entrar e nem mesmo manter-se em comunhão com a experiência subjetiva de outras pessoas e, se chega afinal a ser na animado e “salvo” pelo fluxo e pelo toque cicatrizantes de imagens que parecem governar as profundezas da sua própria personalidade, isto acontece no isolamento ou lançando tudo o que é externo, inclusive as pessoas, à margem da experiência. O exausto protagonista em um mundo impenetravelmente denso tem que truncar este mundo drasticamente, a fim de tirar dele o mínimo sentido, até mesmo para conseguir crer na sua própria identidade.

Do mesmo modo, Hesse em sua vida truncou vampiricamente seu mundo a fim de – ao que parece – engrandecer se ego, mesmo que não pudesse animar sua personalidade, exceto em momentos de graça – momentos herméticos, talvez, aqueles em que estava realmente empenhado em escrever. O próprio Freedman observa (pg. 266) em Hesse “o hábito costumeiro de explorar publicamente uma imagem de si mesmo, cuidadosamente elaborada, isto é, a de um artista que se define por suas agonias íntimas”. O suposto Hesse “Zen” da lenda americana, o alucinador mágico, deve ser visto como um ser isolado, ameaçado, autoprotetor e autoexplorador. Freedman fornece todo tipo de detalhes sobre essas limitações, mas sagazmente deixa de enquadrá-los em uma esquema. Pode-se imaginar, porém, como funcionaria tal esquema se fôssemos arriscar, assumidamente, por meios de vários desvios, uma formulação mais unilateral – “pontos”, como diria Freedman, “sem contraponto”.

Poderíamos selecionar alguns detalhes e considerá-los típicos. Em 1909, Hesse, aos 32 anos, partiu para uma estação de águas, e deixou sua mulher Maria com um filho e um bebê

recém-nascido aos cuidados de uma empregada. Estava atravessando uma crise mental e física, mas também, como escreve Freedman, sentia necessidade de tornar-se “objeto de compaixão”.

Assim, Hesse satisfaz uma necessidade profundamente sentida de afastar-se do dia-a-dia para uma vida rarefeita, nas qual a pessoa doente recebe cuidados e torna-se centro das atenções”. E daí em diante Hesse seria encontrado doente em uma estação de repouso uma ou duas vezes por ano. No outono de 1909 Hesse foi visitar o idoso escritor Wilhelm Raabe, e em meados de novembro escreveu-lhe, depois de uma operação de apendicite, dizendo que acordara ao meio-dia no segundo dia após a operação para ouvir os sinos de Frankfurt tocarem em unísono para ele. Na verdade, os sinos estavam tocando em memória de Schiller, mas não consigo perceber nenhum humor na observação de Hesse.

Durante os anos que se seguiram, com Hesse freqüentemente ausente de Gaienhoffen, Maria caiu numa depressão que acabou levando-a para o sanatório. Quando Hesse estava sendo atacado por seus sentimentos (ambivalentes) em relação à Primeira Guerra Mundial, defendeu-se por meio de autojustificações, apoiadas em elevados apelos a um espírito de fraternidade internacional. (Depois da Segunda Guerra Mundial, grande parte das suas cartas e ensaios – que hoje suplantam qualquer esforço imaginativo – foram de novo tentativas autojustificadoras de explicar sua relutância em condenar definitivamente o nazismo).

Depois da morte do seu pai, em 1916, Hesse escreveu em um ensaio: “Eles nunca o compreenderam. Ninguém. Nem mesmo seus amigos. Somente eu o compreendo inteiramente porque sou exatamente como ele, sozinho e incompreendido por todos”. Durante os entusiásticos e produtivos meses que se seguiram à primavera de 1919 Hesse teve numerosas “amizades”, que “faziam contraponto” à vida do solitário Hesse no Ticino (sua esposa enlouquecera e seus filhos viviam longe dele). Contudo, é questionável até que ponto o suposto gênio de Hesse para amizade se dirigia no sentido de uma comunhão real (como provavelmente aconteceu na sua afeição por Hugo Ball e Emmy Hennings). A qualidade das suas amizades é de fato uma questão sensível, e Freedman a examina superficialmente. Pode-se suspeitar que Hesse usava os amigos como telas sobre as quais se projetava, experimentalmente em suas “poses”, exatamente como “usava as mulheres” (aqui eu cito um Freedman imprudente), sem realmente conhecê-lo. “A realidade”, escreveu ele em 1925, “é um acidente, um pedaço dos restos da vida”.

A equação entre o eu e o mundo que finaliza *Sidarta* poderia ser exatamente uma versão liricamente glorificada, sublimemente transposta (ou deslocada) de uma monomania tão orgulhosa como a sua. Em 1925, escreve Hesse a Emmy Hennings: “Continuo só e não consigo nunca penetrar no grande vácuo que me separa das outras pessoas”. Nessa época, ele estava vivendo separado da sua segunda mulher, a “estudante de canto” Ruth Wenger, com a qual viveu apenas dois meses, depois do casamento em 1924. Esse casamento parece ter sido não somente absurdo, como também o indício de um julgamento humano extremamente pobre da parte de Hesse (três anos depois de terminar o difícil *Sidarta*, aquele livro da “sabedoria”). Talvez Hesse precisasse de Ruth para cuidar dele quando ficasse doente. Quando a doença da esposa foi diagnosticada como tuberculose, ele escreveu à irmã Adis: “É realmente engraçado que a passividade de Ruth para comigo no exato momento em que eu estava para rebelar-me contra isso tome a forma da sua doença, tanto que agora ela foi ao menos desobrigada de qualquer responsabilidade de cuidar um pouco de mim”.

Freedman comenta, duas páginas adiante (pg. 265): “Ele escreveu para Emmy dizendo que havia sofrido menos com a doença de Ruth, com a loucura de Mia e com as suas preocupações com as crianças do que com as suas dores nos olhos” – porque estas impediam-no de escrever.

A dupla visão de si mesmo como um miserável sofredor e um espectador divertido em *Um hóspede na estação de águas* forneceu, certamente, uma maior elasticidade, um espaço mais amplo para considerar as relações entre o mundo e o eu, entre o corpo e o espírito. Mas para Hesse toda experiência permanece vaga entre os caprichos do desesperado ego (cisão, “*werzweifelt*”) que suplanta o mundo dos outros. Daí, no Teatro Mágico de *O Lobo da Estepe*, a visão que Haller tem da vida como peça ilusória; e daí, também, todos os outros absurdos personagens desse livro, Hermine, Maria e Pablo, serem meras cascas, marionetes, sem nenhum fragmento de substância ficcional, muito pouco “verdadeiros para a vida”. Daí, igualmente, o canto e a dança no livro de Freedman sobre como “‘a realidade’ e seus horrores podem ser *superados* (o grifo é meu) refletindo o eu no ‘imortal’ ou ‘eterno’ eu da consciência artística” (Freedman, pg. 273). Não é a realidade que é superada, mas o desespero de uma pessoa criativa em relação a ela. À medida que essa pessoa descobre seu “espaço interior” de imagens e ritmos, a realidade é posta de lado para tornar-se uma ficção, acreditando em primeiro lugar como uma projeção luminosa do “eu imortal”, logo depois absorvida vampirescamente pelo ego irredutível, deserto e vão, e finalmente dispensada com repugnância.

O escândalo, neste ponto, é que as pretensões do ego, sempre clamando por alimento psíquico, induzem, à “realidade poética”, que não é substancial mas um substituto, uma fuga, através de um corredor de espelhos sem fim, de modo que não há uma fuga real, mas sim a paralisia da sua própria armadilha.

Hesse notou esses aspectos escapitas, não em *O Lobo da Estepe*, mas no seu romance seguinte, *Narciso e Goldmund*: “Lendo Goldmund, o leitor alemão pode fumar seu cachimbo e pensar na Idade Média e achar a vida bonita e sentimental, não precisando pensar nele mesmo, nem em sua (própria) vida, nem em suas transações de negócios, suas guerras, sua cultura e tantas outras coisas” (carta de novembro de 1930). De passagem, permitam-me dizer que Kafka, a quem Freedman intimamente arrolou como testemunha em favor de Hesse, imaginou através dos seus próprios sofrimentos, uma versão diametralmente oposta à do negativismo do ego (como mal). Se Hesse foi influenciado por Kafka, levou-o adiante em *Viagem ao Oriente*, numa direção que de modo algum teria agradado a Kafka.

Ao mesmo tempo que *O Jogo das Contas de Vidro* – “‘uma ilha de humanidade e amor’ no meio da matança e do satanismo” (Freedman citando Hesse) – e era lançado na Suíça durante a Segunda Guerra Mundial, depois que a Surhrkamp foi obrigada a rejeitá-lo em Berlim, Hesse escrevia a propósito dos ‘raids’ aéreos de agosto de 1943 em Hamburgo: “Em Hamburgo eu também perdi uma ou duas coisas. Era a cidade de onde recebia ,maior número de cartas por ano. No passado não passava uma semana sem chegar uma carta de Hamburgo.” Que displicência! Não é cinismo. Mas será que este homem não era capaz de imaginar o que essas tempestades de fogo tinham feito à população? Não há uma palavra que permita encontrar no envelhecido, enfasiado e artrítico Hesse um gênio da espécie que Alexander Dovzhenko, atormentado ele próprio pelos stalinistas, disse ser necessário, na época dos julgamentos de Nuremberg:

Há necessidade de novos gênios na Alemanha – não apenas um mas muitos – para fazer brilhar uma luz pura sobre a humanidade, a fim de trazer uma alegria criativa, capaz de preencher os abismos do mal que o povo germânico criou ao dar à luz Hitler. Terá a nação germânica força para tal aventura? Ajoelho-me. Beijo o chão por onde nossos soldados passaram em combate ao lutar e morrer aos milhões para salvar essa desgraçada p... velha Europa. (The Poet as Filmmaker , MIT Press, 1973, pgs. 140-141)

Naturalmente, pode-se dizer de *O Jogo das Contas de Vidro* que nele brilha esta luz pura. Naturalmente, também, Hesse, durante anos a fio, escreveu cartas a todo tipo de gente, dando conselhos muitos necessários (de uma maneira que lembra Polônio). Certamente, a

caracterização de Hesse como monomaniaco, combatendo males de autoalienação, mas furtando-se aos males sociais, é demasiadamente seletiva para ser algo mais do que provocativa. Todavia, como hipótese, esse dado sugere como o “individualismo”, considerado como uma vaga postura, pode vir a ser uma mera charada de egotismo opaco, vaidade a seu próprio serviço, ignorância provinciana do que são os outros seres humanos e outras desordens paralisantes da imaginação. Sugere também como esse individualismo pode pôr a própria liberdade de expressão contra a parede.

Pois, se “os sentimentos subjetivos” - que são os fatos de um escritor, como mostrou Orwell – são consistentemente tomados como teste supremo da verdade na vida, então, o gênio do sentimento subjetivo pode ser como o de antigamente, enquanto o conceito Karamazov o substitui – vale tudo, agora não porque Deus esteja morto, mas porque o mundo é meu brinquedo e a linguagem é o meu cercadinho (ou chiqueiro).

Conseqüentemente, mundo e linguagem ficam submetidos aos ideólogos, aos manipuladores políticos, comerciais e da televisão, que neutralizam todas as “ilhas de humanidade e amor” exatamente como, de início, essas ilhas foram criadas por mentes literárias que não conseguem ver o que está adiante do nariz. A mesma hipótese também oferece uma advertência. Se a engenhosidade, energia e revolta que inspiram a arte significativa no começo deste século esgotam-se em formas de opaco egotismo (aqui eu vejo Hesse como uma figura de transição), aparece o perigo de que os ruidosos impulsos do ego possam ser tomados, como muitas vezes o são hoje, por atividade “criativa”, quando de fato são acidentais à imaginação poética. Estes impulsos não são o aspecto do artista real. São uma contaminação do mundo automático e filisteu, do qual a sintaxe do processo criativo se desvia radicalmente.

Independente da reserva que se possa fazer a Hesse, a questão permanece: os livros recentes sobre ele levam sua obra à academia? A biografia de Freedman transforma o desejável Hesse em um bem comportado poeta professoral? Tacitamente, a biografia de Freedman mostra como lenda americana tem sido deformada, ou ainda o é explicitamente, a biografia traz dados novos ao estudo sério de Hesse, mas não é provável que altere seu aspecto geral. Para mim, ainda há um chilreio a ser identificado, que provém desses túmulos documentários, da mesma forma como existe um Hesse durável porém *abstruso*, a ser desentranhado das defesas que ele construiu em seus escritos e em volta deles. Toda essa conversa seráfica que faz dele um peregrino, um viajante, um sábio, e assim por diante, tende somente a refletir os hábitos sedentários e cerebrais de leitores que imaginam Hesse desta maneira.

Todavia, Hesse foi o que os alemães chamam de um “investigador” lírico. Se ao menos seus poemas não fossem tão insípidos, isto poderia oferecer uma pista para seu lado abstruso, de onde vem aquele chilreio. Sua ingenuidade, talvez, é o que realmente mereça ser notado e entendido. É um traço que tem sido até agora mais obscurecido pelos excessos intelectualizantes de muitas críticas professorais sobre Hesse do que outros traços. Sintomaticamente, Freedman não menciona a afeição de Hesse por seu contemporâneo, o grande escritor suíço ingênuo Robert Walser, cuja fama era zero se comparada com a de Hesse. Já com idade muito avançada, Hesse enviou a Walser um cartão-postal incrivelmente não paternalista para lhe dizer que o tinha lido outra vez. Walser recebeu o cartão em um hospital em Herisau, onde estava internado já há muitos anos. A simplicidade desse cartão-postal deve ter lhe aquecido o coração.

Dentro e por debaixo de tudo havia algo de selvagem em Hesse, algo do filho incontrolável dos missionários pietistas. Hesse manteve isto vivo, algumas vezes em formas grotescas e outras luminosas. Também havia nele alguma coisa dos seus intelectuais

antepassados suábios, aos quais ele retornou bem mais tarde na sua vida: grandes divergentes, perseguidos por Deus, sonhadores e delinqüentes, de Alberto Magnus e Hölderlin e Mörike, cada um deles peculiarmente arrebatado em sua visão do Único em Muitos, dos Muitos em Um e alguns deles despedaçando-se na busca desta visão. O que, afinal, os protagonistas de Hesse procuram, se não a ingenuidade renascida como iluminação pela graça? E algo mais: não a subjugação da razão a qualquer sistema, mas a justa paz entre as ingênuas e intelectuais reivindicações da consciência. Escute apenas, diz ele, escute ativamente, aí está ele, “o cavalo de pau está relinchando ao vento”.

* N. do T.: anexação da Áustria pela Alemanha nazista em 1938.

A obra de Hesse no Brasil⁷⁸

Christl Brink

A afinidade de Hermann Hesse com o romantismo alemão, do qual sofreu reconhecida influência, não só quanto aos temas, mas também quanto ao individualismo, como atitude de espírito, seria um dos motivos que explicam a excepcional acolhida dada no Brasil ao autor de “Sidarta”. Ao lado disso, figura também a religião e o orientalismo.

Não é de crer que haja leitor no Brasil que desconheça o nome de Hermann Hesse, cujas obras são das mais lidas e discutidas neste país já há explicação à primeira vista, porque a popularidade do autor não foi explorada, à semelhança do que aconteceu nos Estados Unidos, pelas editoras, pela imprensa e nem sequer pelos professores de literatura alemã das universidades. Contudo, a admiração por Hesse no Brasil é um fato: 25 de duas obras foram traduzidas, tendo sido vendidos aproximadamente 200.000 exemplares. Perguntamos, por isso, quais os motivos deste prestígio.

Hermann Hesse, romancista e poeta alemão, nascido a 2 de julho de 1887 em Calw, de pais missionários protestantes, alcançou seu primeiro sucesso literário na Alemanha em 1904, com o romance de sutil resignação romântica chamado *Peter Camenzind*. Daí em diante, o nome de Hesse continuou se afirmando cada vez mais nos países de língua alemã, graças à surpreendente repercussão de obras como: *Debaixo das Rodas* (1906); *Este Lado da Vida* (1907); *Gertrud* (1910); *Caminhada* (1911); *Demian* (1919); *Sidarta* (1922); *O Lobo da Estepe* (1927) e *Narciso e Goldmund* (1930), o seu livro mais popular entre os leitores alemães.

Desde 1912, Hesse viveu na Suíça, para onde se havia mudado por motivos pessoais. Quando Hesse regressou de uma viagem ao Oriente, pareceu-lhe imperioso mudar-se de Gaienhofen, aldeia alemã junto ao Lago de Constança. Hellerau, perto de Dresden, na Saxônia, Munich e Zurich foram os lugares cogitados para a nova residência, depois rejeitados, por motivos financeiros. Finalmente, a família se decidiu por Berna, em cujos arredores, na casa do recém-falecido pintor Albert Welti, amigo de Hesse, veio a fixar-se. Embora Hesse contrário a política alemã da época, essa mudança para a Suíça não significa, em hipótese alguma, uma fuga ou imigração dramática, como muitas vezes se tem afirmado. Ao contrário, no começo da Primeira Guerra Mundial, Hesse se apresentou no Consulado em Berna para alistar-se e trabalhou até 1919 no Serviço Alemão de Assistência aos Prisioneiros de Guerra. Em 1923, torna-se cidadão suíço. O relacionamento do autor com a Suíça sempre foi muito estreito: o avô casou-se com uma suíça; o pai, nascido na Rússia, adquiriu a nacionalidade suíça. A mocidade e os estudos escolares transcorreram na Alemanha e na Suíça. De 1881 até 1886, morou com seus pais na cidade de Basiléia. Abandonou a nacionalidade suíça, ao ingressar como bolsista no seminário estadual protestante de Maulbronn, na Alemanha. Mais uma vez, não se trata, em 1923, na adoração da nacionalidade suíça, de um ato de protesto ou de um exílio forçado, mas de aceitação voluntária do “modus vivendi” suíço. Em Montagnola, Hesse escreveu o seu último grande romance, *O Jogo das Contas de Vidro*, em 1943, foi publicado apenas na Suíça.

A popularidade de Hermann Hesse na Alemanha ressurgiu quando lhe foi outorgado o Prêmio Nobel em 1946, e manteve-se até meados dos anos de 50.

O primeiro sucesso de Hermann Hesse no Brasil data de 1930, com a publicação de *O Lobo da Estepe*, traduzido por Augusto de Souza e publicado pela Editora Cultura

⁷⁸ BRINK, Christl. A obra de Hesse no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1980. Suplemento Cultural: Letras, p. 11-12.

Brasiliense. Logo em seguida, a mesma editora lançou o *Demian*. A segunda fase do prestígio de Hesse no Brasil começou após a sua morte, em 1962, sendo talvez influenciada pela euforia com que os norte-americanos aceitavam a obra do autor nos anos entre sessenta e setenta. Não é de crer que seja este o único motivo a explicar a calorosa acolhida de Hesse neste país, pois a sua popularidade nos Estados Unidos arrefeceu há quase 10 anos, mas continua viva até hoje no Brasil.

Procurando encontrar uma explicação para o fenômeno do entusiasmo, há dois níveis a considerar: o da história cultural-literária brasileira e o da formação do próprio autor.

Críticos especializados em questões culturais brasileiras apontam duas mudanças decisivas no desenvolvimento literário no Brasil nos últimos dois séculos: O Romantismo no século XIX (1836-1870) e o Modernismo no nosso século (1922-1940). Ambas representam fases culminantes do particularismo literário, arraigado na terra e no anseio por universalidade.

O século XIX, que nos interessa especificamente em relação ao nosso autor, divide-se em três períodos: o primeiro estende-se de 1900 até 1922; o segundo, de 1922 até 1940, e o último insere-se na época atual. A primeira fase pertence organicamente ao Pós-Romantismo, a segunda ao Modernismo e a terceira, contemporânea, tenta reconciliar todo o sistema cultural anterior, procurando novas estruturas literárias.

Por outro lado, a formação de Hermann Hesse, sempre muito individualista, baseia-se na literatura dos séculos XVIII e XIX. Pedro Moacyr Campos (“As Fontes do Individualismo de Hesse”, in *O Estado de S. Paulo* 4-5-58) num excelente ensaio sobre o individualismo de Hesse, enumerou seis fontes de estudo, que moldaram a personalidade intelectual de Hesse: o Classicismo Alemão, o Pietismo, o “*Sturn und Drang*”, o Romantismo, o Modernismo, a religião e a filosofia asiática.

Na escalada de valores de Hesse consta em primeiro lugar a figura de Goethe, cujo “romance de formação” *Wilhelm Meister* serviu de modelo a vários romances do autor de “*Sidarta*”. O representante do Pietismo alemão no século XVIII, cujo nome merece um lugar todo especial na lista de autores selecionados por Hesse, é Heinrich Jung-Stilling. O contato direto, aliás, muitas vezes problemático, com o pensamento pietista, foi vivenciado por Hesse em sua própria casa, uma vez que seus pais eram adeptos praticantes deste movimento.

Entre os representantes do “*Sturn und Drang*”, Hermann é o exemplo no qual o autor possivelmente é o exemplo no qual o autor possivelmente encontrou confirmada sua fé nos valores interiores do indivíduo, compreendido como pessoa única e não submetido a sistemas previamente estabelecidos. Prendia-se a tal postura a chamada “doutrina do gênio”, que buscava acima de tudo enaltecer o homem como capacidade criadora, principalmente como artista, cuja obra independe de cânones, sancionados pela tradição.

A afinidade com o Romantismo alemão (Brentano, Jean-Paul, Moerike, Tieck, etc.) é expressamente reconhecida pelo autor. A maior parte das obras de Hesse caracteriza-se por linguagem e temática que conservam, em essência, os traços da época romântica. Assim, não foi por acaso que se classificou Hesse como epígono do Romantismo. O Modernismo na obra de Hesse resulta do contato com Nietzsche, e assoma especialmente no *Lobo da Estepe*. Por fim, o Oriente, por onde viajou em 1912, também influenciou de maneira decisiva a formação de Hesse. Seus apontamentos sobre a viagem encontram-se nos ensaios “*Aus Indien*” (1913) e refletem principalmente em *Sidarta* e na *Viagem ao Oriente* (1932).

Assim, o romantismo de Hesse, ou seja, o seu espírito arraigado nos séculos XVIII e XIX, e as características do desenvolvimento literário brasileiro celebram, na obra de Hesse, um encontro feliz. Isto é, o leitor brasileiro, na maioria dos casos mais radicado no *Romantismo* do que no *Modernismo* propriamente dito, encontra em Hermann Hesse um autor que agrada ao seu sentimento romântico e desafia o seu espírito crítico. Uma terceira razão, ao explicar o sucesso de Hesse no Brasil, é o seu relacionamento muito especial com a

juventude. Hesse disse que seus livros foram escritos sem propósito algum de liderança. No entanto, durante longos anos, têm encontrado um público leitor, do qual a maior parte é jovem, e para quem Hesse se tornou uma espécie de conselheiro. Principalmente na suas obras da fase inicial aborda problemas típicos da juventude, tais como solidão, busca da individualidade, desprezo pelo dinheiro e pela sociedade burguesa. O *Demian* é a história da juventude que Hesse escreveu com 43 anos de idade, sob o pseudônimo de Emil Sinclair, como que para indicar que não se tratava da sua pessoa nem de outra conhecida, famosa, e já um pouco idosa. O livro introduz na literatura a doutrina de Freud, do qual Hesse era um apaixonado estudioso, tendo-se entregue inclusive aos cuidados do Dr. J.B Lang, psicanalista de Lucerna, quando foi vítima de uma crise nervosa. Daí a presença constante da psicanálise na obra de Hesse, como ele mesmo ressalta no ensaio “O artista e a psicanálise”. Não causa mais surpresa o fato de o Brasil, país jovem com uma população de jovens, transformar Hesse num herói da juventude brasileira.

A religião ocupa um lugar importante na vida e obra de Hesse. No ensaio “Minha fé” ele disse: “Na minha vida religiosa o cristianismo representou, portanto, se não o único, de fato um papel predominante, um cristianismo mais místico do que eclesiástico, e que se não viveu sem conflitos, também não provocou guerra ao lado de uma crença mais do colorido indu-asiático, cujo único dogma é o pensamento da unidade. Nunca vivi sem religião e não poderia viver sem ela um só dia, mas durante toda a minha vida me organizei sem Igreja.”

Um cristianismo amplamente ecumênico e um vital interesse pela religião de um modo geral correspondem à religiosidade brasileira, também pouco dogmática, refletindo-se mais uma vez nas palavras do autor sobre o *Sidarta*: “O fato de o meu Sidarta ter colocado em primeiro lugar o amor e não o conhecimento, de ter rejeitado o dogma para colocar no foco central a vivência da unidade, pode levar a pensar numa tendência para um retorno ao cristianismo...”.

O romance de Hesse mais lido e discutido no Brasil é justamente o *Sidarta*, traduzido por Herbert Caro e publicado em 20ª edição (1979) pela Editora Civilização Brasileira. A vida de Sidarta parece-se com a do próprio Buda e também com o próprio Hesse. Além da religião este romance apresenta mais dois aspectos que agradam ao leitor brasileiro: em primeiro lugar, a natureza tropical, que lembra muito o clima e a natureza brasileira com suas chuvas de verão, seu sol ardente, seus coqueiros e suas mangueiras.

E, além disso, a paciência, a característica de Sidarta e, como sabemos bem brasileiras. Quando Sidarta corteja Kamala, ela pergunta: “Que sabes fazer?”, e Sidarta responde: “Sei pensar. Sei esperar. Sei jejuar.” Hesse disse uma vez que existiam três armas contra as infâmias da vida: a coragem, a obstinação e a paciência. A coragem fortalece; a obstinação traz prazer e a paciência dá sossego.

Por fim, interessa a linguagem de Hesse. O seu estilo é sempre elogiado por sua sensibilidade, seu colorido e sua harmonia, mas também por sua clareza e simplicidade de expressão, que muito colaboram com o tradutor em sua tarefa de verter de um idioma para outro não somente as palavras, mas uma visão de mundo com seus significados específicos.

Hesse sem Exotismos⁷⁹

Mário Pontes

CARTAS DE GÊNIOS

Publicada finalmente em português a correspondência entre Mann e Hesse.

HERMANN Hesse, que já teve praticamente toda a sua obra de ficção publicada no Brasil, está de novo nas livrarias agora, porém, na companhia de outro gênio da literatura do século XX, o seu compatriota Thomas Mann. Reúnem-se os dois no volume **Correspondência Entre Amigos**, uma seleção das cartas que trocaram de 1904, quando se conheceram, até 1955, ano da morte do autor de **A Montanha Mágica**. Mann e Hesse encontraram-se poucas vezes. Durante a maior parte do período coberto pela correspondência, Hesse viveu recluso na Suíça, habitando uma casinha de campo em cuja porta havia uma placa avisando que não gostava de visitas. Mann um homem do mundo, viajava constantemente, e durante a II Guerra Mundial esteve exilado nos EUA. Extremamente formais no início, os dois escritores vão-se tornando íntimos com o passar do tempo. Na medida do possível auxiliam-se reciprocamente em seus empreendimentos extraliterários e sobretudo graças aos esforços de Mann que Hesse recebe o Prêmio Nobel logo após o término da II Guerra Mundial. Bem anotada e melhor prefaciada, a seleção de cartas foi feita por Theodore Ziolkowski em 1974. A tradução brasileira, direta do alemão é de Lya Luft.

HESSE SEM EXOTISMOS

Correspondência Entre Amigos, de Hermann Hesse e Thomas Mann. Editora Record. 242 páginas, Cr\$ 400.

A adoção pela contracultura dos anos 60 foi ao mesmo tempo boa e má para Hermann Hesse. Trouxe-lhe, de um lado, uma popularidade que não conhecera em vida, nem mesmo na restrita área dos países de expressão alemã. De outro, obrigou-o a pagar por isso o preço de uma certa banalização. Buscava-se em Hesse de preferência o exotismo, um certo pietismo oriental que incorporou à sua literatura. O mais lido dos seus livros era **Sidharia**, romance sobre budismo. Em seguida vinha **Demian**, cujo subtítulo, **História de uma Juventude**, atraía mais do que ruptura contida em suas páginas.

Hesse, porém, foi muito mais do que o romancista **fácil**, cujo lirismo campônio fez dele o agradável companheiro de viagem de uma geração que transitou da contestação ao **sistema** para a regressão a um idílico ruralismo. É verdade que a sua própria biografia contribuiu para que fosse tomado como uma espécie de profeta dessa fuga ao mundo industrial e urbano – pois não se refugiara ele, tantos anos antes, numa casinha isolada nas encostas dos Alpes suíços? E contudo, se houve algo que Hesse não quis foi a destruição dos valores da moderna civilização ocidental, que tanto criticou.

O mal é que Hesse, como todos os grandes autores que por esta ou aquela razão caem na moda, foi lido apenas epidermicamente. Dos seus romances extraía-se o óbvio, o que convinha às circunstâncias. O essencial das suas idéias não era, freqüentemente, sequer percebido. Talvez o seja agora, quando se começa a publicar em português algo da sua extensa obra de reflexão, formada por ensaios, artigos, resenhas de livros e milhares de cartas dirigidas ao seu pequeno mas fiel círculo de amizades. Uma parte dessa produção fragmentária mas altamente elucidativa está nas páginas de **Correspondência Entre Amigos**, volume no qual se reproduzem as cartas trocadas por Hesse e Thomas Mann ao longo de meio século.

⁷⁹ PONTES, Mário. Hesse sem exotismos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1980. Inclui introdução.

Figuras de dimensão idêntica, é Hesse, contudo, quem parece mais nitidamente retratado ao término desse diálogo, embora seja ele o que nunca faz pose para a posteridade. Contradizendo a sua imagem de eremita, Hesse, desde o começo, revela-se um temperamento mais sanguíneo; deixa-se levar com relativa facilidade pelas suas emoções e não costuma ter papas na língua na hora de dizer o que pensa. Já Mann, apesar da sua conduta mundana, apesar de dedicar metade do seu tempo às conferências, jantares e recepções, é sempre o mais reservado. Só quando Hitler o expulsa da Alemanha, quando o Estado nazista se apossa dos seus bens, quando se promove contra ele uma campanha de calúnias em escala internacional, Mann finalmente declara-se disposto a “lavar a alma”. E ainda assim com que elegância e tato ele o faz.

Contudo, se a imagem de Hesse aparenta estar sempre mais bem focalizada do que a de Mann, isto se deve também ao fato de que a correspondência, na prática, só se intensifica a partir de um momento em que o autor de **O Lobo da Estepe** já havia feito as suas opções, escolhido o seu caminho. O primeiro encontro entre os dois futuros prêmios Nobel ocorreu em 1904, mas a primeira carta transcrita no livro é de 1910, e o que a motiva é uma resenha de Hesse – por sinal “rabugenta”, como ele mesmo a classifica – ao romance **Sua Alteza Real**, de Mann. A seguinte é de 1916, e a essa altura Hesse já se havia mudado para Suíça, país do qual mais tarde se tornaria cidadão.

Hesse, como se sabe, não foi para a Suíça apenas em busca de melhores ares, mas praticamente escorraçado da Alemanha em decorrência de seu pacifismo, de sua visceral oposição ao nacionalismo germânico, de sua rejeição ao espírito burguês que amesquinhou a sociedade européia e acabara por lançá-la no desastre da I Guerra Mundial. Ora, enquanto Hesse perseverava nessas posições, sem delas afastar-se um milímetro, Mann cuja inocência política chega por vezes a surpreender, avançava sinuosamente e ainda estava longe de tornar-se o paladino da liberdade que só seria quando mais do que se configurara a ameaça nazista.

Durante a I Guerra, numa série de ensaios reunidos sob o título de **Reflexões de um Apolítico**, Mann posicionou-se no mínimo anbiguamente em face do chauvinismo e do militarismo alemão. Proclamada a República de Weimar, reconhece o seu erro e passa a apoiá-la, evoluindo lentamente, a partir de então, do liberalismo clássico para um vago socialismo. Esse estado de constante mutação reflete-se na correspondência e resulta num inevitável contraste com a retilínea coerência de Hesse. No final, porém, as diferenças apequenam-se chegando um momento em que, juntamente como leitor, os dois mestres reconhecem-se herdeiros de um mesmo legado, o humanismo, que querem escoimar de suas impurezas e preservar como a semente da qual a civilização poderá renascer.

Até o fim, no entanto, será por estradas diversas – e mantendo cada um a sua individualidade – que chegarão ao ponto em que se identificarão nesse programa humanista. Impregnado do racionalismo de sua formação, Mann ainda sonha com a harmonia e o equilíbrio, antigas aspirações, que agora dirige para a esfera social, pretendendo ordenar a sociedade através da ação política. E sociedade, no caso, continua a ser fundamentalmente a Alemanha, centro de todas as suas preocupações. Otimista, acredita que apesar de todas as desgraças trazidas pela guerra a “Alemanha terá de reconhecer” que, “por bem ou por mal”, deu um passo adiante em seu amadurecimento como nação.

Hesse, ao contrário, despreza o equilíbrio e a harmonia. Em uma de suas últimas cartas, lembra a Thomas Mann que sempre foi e será “um venerador da bipolaridade das coisas vivas” e o que continua a atraí-lo é o “paradoxo e a duplicidade das almas”. Quanto à Alemanha, embora sempre continue a amá-la, considera melhor, naquela altura dos acontecimentos, colocá-la entre parênteses e apostar no futuro da Europa. Uma Europa que não vê não como mero “monumento de memória”, mas como “uma idéia, um símbolo, um centro de força espiritual”. Apesar da divergência, com a generosidade que sempre o caracterizou – e não, certamente, sem uma ponta de intenção – proclama o amigo já não mais

simples “porta-voz de uma nação, mas um solitário, cuja verdadeira pátria”, tal qual a dele próprio, Hesse, estaria “apenas começando a nascer”.

Opiniões⁸⁰**HESSE**

WEIMAR – *“Não desconfio do Estado atual por ser novo e republicano, mas porque, para o meu gosto, é insuficiente as duas coisas... No ano de 1918 saudei a revolução com toda simpatia; minhas esperanças de uma república alemã que se pudesse levar a sério foram destruídas desde então... Por mais simpática que me seja a pequena minoria de republicanos de boa vontade, considero-os totalmente impotentes e sem futuro” (1931). “Desmoronou algo que não estava realmente vivo” (1933).*

WAGNER – *“Sabe que concordo inteiramente com o Sr Mann no seu menosprezo e nas críticas que faz ao teatro e à megalomania de Wagner; já o amor que, apesar disso, o senhor dedica a ele me parece comovente e respeitável, mas pouco compreensível... Esse audacioso e inconsciente caçador de sucesso é exatamente o ídolo que serve para a Alemanha atual” (1934).*

BURGUÊS – *“O que há de burguês em Thomas Mann, no sentido belo e digno, aparece particularmente puro nos ensaios sobre, Goethe, Wagner e Storm... Ele é um burguês no sentido nobre e positivo, mas é um burguês atrasadão” (1935).*

APOLITICISMO – *“Queremos verdade e paz, onde e sempre que possível, não a luta por amor à luta; assim nos tornamos, para todos os Partidos militantes, o pano vermelho sobre o qual se dispara de ambos os lados... Hoje o nosso trabalho é ilegal, segue tendências que incomodam a todos os Partidos... Agora, como antes, sou de opinião de que a vida e a humanidade não devem –ser politizados por inteiro, e vou-me negar até a morte a me deixar politizar” (1936).*

POLÍTICA – *“Se o homem de espírito sente obrigação de participar da política, se a história mundial o chama, ele deve entender logo. Mas deve resistir quando for convidado ou pressionado de fora, pelo Estado, pelos generais ou os donos do poder” (1945).*

HISTÓRIA – *“A gente se envergonha de ser contemporâneo de um inferno como esse, acionado de modo frio e cruel, e meu espírito, no fundo cristão, suspeita de que toda a história mundial concreta seja apenas um repugnante coágulo de sangue... A mitologia hindu, a um tempo mais infantil e mais corajosa, deixa o mundo sucumbir de tempos em tempos, corromper-se e esgotar-se, até que Shiva o reduza a cacos com sua dança e Vishnu, deitado em algum campo ou sobre ondas azuis, deixe nascer sorrindo de seus sonhos um mundo novo, belo, inocente e feliz” (1941).*

ESTADO – *“Por toda parte a vida civil, humana e natural, está cerceada pelo Estado... Por vezes toda essa história de guerra, desde 1914, parece-me uma gigantesca tentativa da humanidade no sentido de destroçar os tanques de suas superorganizadas máquinas estatais, o que contudo não consegue fazer” (1942).*

Mann

WAGNER – *“Muitas vezes penso que aquilo que o Sr. Chama de acenos ao público (no romance Sua Alteza Real) são resultados do meu longo, apaixonado e crítico entusiasmo pela arte de Richard Wagner – essa arte tão exclusiva quanto demagógica, que talvez tenha*

⁸⁰ OPINIÕES: Hesse, Mann. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1980. Caderno B.

influenciado definitivamente meu ideal e minhas necessidades, para não dizer que as corrompeu” (1910).

ALEMANHA – *“A história alemã sempre me moveu em ondas que se levantam e afundam. Uma das depressões mais fundas, talvez a mais funda de todas, é a que acontece hoje. O insuportável é que a julguem um ponto alto” (1934). “Precisamos ter esperança, e por vezes parece que realmente, ao lado de tudo isso, há de reserva uma Alemanha melhor, espiritualmente mais sadia” (1936). “Nada há de mais alemão do que esse escritor (Hesse) e a obra de sua vida; nada de mais alemão no velho sentido, alegre, livre e inteligente, a quem a palavra alemão deve a sua melhor fama e simpatia da humanidade... Ela (a obra de Hesse) tem o timbre romântico, o humor crispado e hipocondríaco da alma alemã” (1937). “Na Alemanha, os mais insatisfeitos com a cultura alemã foram sempre os mais alemães de todo” (1947).*

FANATISMO – *“Um rapazinho de Koebusberg me enviou um exemplar dos Buddenbrooks, porque eu dissera algo contra Hitler. E escreveu ainda (anonimamente) que tinha vontade de me obrigar pessoalmente a terminar a destruição do livro. Guardei os restos enegrecidos, para que um dia testemunhem o estado espiritual do povo alemão em 1932” (1932).*

GUERRA – *“Verdade é que qualquer guerra, mesmo as que são conduzidas em favor da humanidade, deixa atrás de si um rastro de sujeira, desmoralização, brutalidade e estupidez. Necessária e corruptora, ela faz parte das antinomias deste vale de lágrimas” (1947)*

POLÍTICA – *“Vivemos o mal em todo o seu horror, e com isto – esta é uma confissão envergonhada – descobrimos nosso amor ao bem. Se o espírito é o princípio, o poder que deseja o bem, o cuidado atento com as mudanças no quadro da verdade, eu uma palavra, a providência divina, que nos impede para o temporalmente justo, ordenado, necessário, então é político, não importa se se ache o nome bonito ou não. Acho que hoje em dia nenhum homem escapa ao político. Esquivar-se ainda é política. Com isso fazemos a política das coisas más” (1945).*

EUROPA – *“Visitou-me Alvarez del Vayo, ex-Ministro da República Espanhola. E me disse: Europe is miserable, but very much alive. Mais alive talvez do que este imenso país (EUA), onde poderes cegos e ultrapassados resistem com perversa obstinação às novas necessidades e provavelmente deixarão o país repetir todas as experiências da Europa, até mesmo o fascismo” (1946).*

MACARTHISMO – *“Aqui (nos EUA) exorcizam Satanás com Belzebu, e estão interiramente dedicados à desmontagem do Bill of Right” (1948).*

VELHO/NOVO – *“Os melhores servidores do novo – e Hesse é um exemplo disso – serão aqueles que conhecem o antigo, e o amam, e o transportam para dentro do novo” (1947).*

Para adormecer⁸¹

Marília Pacheco Fiorillo

NARRATIVAS, de *Hermann Hesse*; Record; 299 páginas; 490 cruzeiros.

Thomas Mann dizia de seu amigo Hermann Hesse que ele era um solitário rouxinol entre os convencionais canários da literatura alemã. Mas “Narrativas” – uma coletânea de textos breves de Hesse, escritos ao longo das duas primeiras décadas do século e publicados originalmente em jornais e revistas – não chega mesmo a um tosco ensaio geral da sinfonia orgulhosa do “Lobo da Estepe”, de 1927, ou da rebordada melodia de “Demian”, de 1919. melhor seria dizer que o rouxinol, nessas narrativas esparsas, se parece mais a um filhote de qualquer espécie alada: trinado inseguro, plumagem escassa, nada que indique os rumos do primeiro vôo. Há já alguma coisa do Hesse futuro, mas não seu melhor. Há o encantamento com a natureza e heróis solitários – como o rude estudante “Wirth”, meio asceta, meio sábio, que conquista irremediavelmente o “Hans” do conto “Amigos”. Há romantismo, suavidade, leves acordes que mancham de tons pastéis todos os enredos – mas em uma dose tão pouco comedida que o pastel resvala para o adocicado cor-de-rosa na maior parte das páginas.

A maioria dos contos são histórias mínimas, especulações fugidias sobre uma noite de junho ou uma bela jovem recostada a um piano. Em “A Conversão de Casanova” e “Uma História de Bilhar” o humor invade a trama, mas não sem se render, calculadamente, a espasmos melancólicos. Quase tudo é névoa e pessimismo langoroso nessas histórias de perdedores entre perdedores. Em “Padre Matias”, o protagonista passa do mosteiro à prisão. Em “Bertoldo”, o herói assassina seu melhor amigo, abdica da amada e parte para a Guerra dos Trinta Anos.

De toda essa sonata outonal, sobram “Amigos” e “O Europeu” como os melhores movimentos, cada qual a seu ritmo. “Amigos”, por ser a mais solidamente armada dessas histórias envoltas em bruma e sentimentalismo. “O Europeu”, escrito nos estertores da I Guerra Mundial, tem cerca de um décimo das páginas de “Amigos”, mas qualidades proporcionais. Com elegante ironia, Hesse parodia o mito de Noé e sua arca só que, em vez de animais, são as raças humanas os sobreviventes do dilúvio bélico. A cada uma, malaia, hindu, chinesa, corresponde uma qualidade nítida, da sabedoria à destreza física. Só o europeu, com sua retórica civilizatória, nada tem a oferecer senão a esterilidade.

Escrito pelo Hermann Hesse pacifista, “O Europeu” resgata por sua sucinta mordacidade o lusco-fusco dos outros contos. Que, no geral, são uma leitura razoável apenas para aquelas horas em que se acende o abajur de cabeceira à espera do sono.

⁸¹ FIORILLO, Marília Pacheco. Para adormecer. *Veja*, São Paulo, 12 nov. 1980.

Hermann Hesse – Thomas Mann: *Correspondência entre amigos*⁸²

Erwin Theodor

A correspondência entre Hermann Hesse e Thomas Mann é um importante documento para o estudo da personalidade dos dois escritores e constitui ao mesmo tempo um excelente meio de informação sobre as principais características da vida política e artística da Alemanha, na primeira metade do século.

Hermann Hesse e Thomas Mann, esses dois preeminentes escritores de língua alemã de nosso século, publicavam suas obras habitualmente na editora S.Fischer. Em 1968 lançou a Editora Suhrkamp, sucessora da S.Fischer, volume contendo a correspondência entre eles, somando 78 cartas e cartões de Mann e 40 respostas de Hesse, edição ampliada em vinte unidades na edição de 1975, a qual serviu de base ao volume traduzido. (Hermann Hesse-Thomas Mann, *Correspondência entre Amigos*, Trad.Lya Luft, Editora Record, Rio de Janeiro,1980,242 págs.)

Não se trata, portanto, de um intercâmbio epistolar volumoso, em se considerando que Mann e Hesse foram apresentados um ao outro pelo próprio editor Samuel Fischer, em 4 de abril de 1904, e mantiveram os seus contatos até o falecimento do primeiro, em 1955. Aliás, as últimas duas cartas inseridas no volume constituem a despedida de Hermann Hesse, escritas logo depois de 12 de agosto, data da morte do amigo.

Fascinante é observar a crescente ligação entre os dois missivistas, pois, se as primeiras cartas revelam apenas um benevolente coleguismo, observa-se por volta de 1930 real interesse pelos problemas suscitados, chegando ambos, durante e depois da última guerra mundial, à real “fraternidade de espírito” e demonstrando uma afinidade eletiva que chega a exprimir-se até mesmo por meio de abordagens e tratamentos comparáveis de temas nas duas grandes obras da velhice de ambos, o *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, e o *Jogo das Contas de Vidro*, de Hermann Hesse. A edição alemã de 1968, aos cuidados da competente Anni Carlsson, traz excelentes comentários, além de um posfácio erudito e de dimensão talvez até mesmo excessiva, considerados os limites em geral impostos e tais edições epistolares. Já então eram conhecidas as *Cartas* de Hesse, reunidas em volume em 1951, completadas a partir de 1973 pelos volumes das *Cartas Reunidas*. A partir de 1962 publicou a editora S.Fischer as *Cartas* de Thomas Mann, pertencendo os direitos a viúva Katia, mas cabendo os critérios de seleção à editora, a filha Erika Mann.

Assim, o conjunto apresentado nesta *Correspondência* é, de há muito, acessível ao leitor do alemão, mas, apesar disso, constitui a reunião das cartas também para ele uma documentação de imenso valor para a avaliação correta das duas personalidades, de vez que as cartas oferecem oportunidades não apenas a considerações literárias, interpretativo-críticas, em torno da própria obra e de leituras efetuadas, mas incidem constantemente em considerações humanas e sociais para, na última fase, abrir espaço predominantemente a reflexões de cunho político. Muitas vezes foi Hesse interpretado como autor avesso à política (e ele próprio pretende por vezes encasular-se em uma existência apolítica), mas a correspondência põe a descoberto o reverso da medalha.

UM LÚCIDO E OUTRO OTIMISTA

Uma de suas características essenciais foi seu pessimismo cultural, proveniente de um profundo ceticismo perante a evolução de nossa história, conforme, aliás, expôs em artigo

⁸² THEODOR, Erwin. Hermann Hesse – Thomas Mann: *Correspondência entre amigos*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 18 jan. 1981. Suplemento Cultura: O livro da semana, ano I, n. 32, p. 12-13.

aqui publicado Walter Faber (*Suplemento Cultural*,38,3/VII/1977). Já em 1931 diz Hesse a Thomas Mann numa carta, em que explica a sua recusa em pertencer à Academia Prussiana: “*Aqueles poucos bons espíritos da ‘Revolução’(que não houve), foram assassinados com a aprovação de 99% do povo. Os tribunais são injustos, as autoridades indiferentes, o povo totalmente infantilizado*”.

E em julho de 1933, estando Hitler no poder há meio ano: “*Lamento um pouco que durante a sua presença entre nós eu não tivesse superado minha timidez, e lhe mostrado o prólogo do livro que planejo há dois anos. Há mais de um ano escrevi o prólogo, descrevendo o estado espiritual da Alemanha de agora com tão exata antecipação que, relendo-o por esses dias, cheguei a me assustar*”. E, mais embaixo, na mesma carta: “*Existe uma disposição de guerra(...)vai custar sangue e outras coisas; há cheiro de desgraça no ar*”.

Assim sendo, Hermann Hesse revela uma lucidez em questões políticas, aparentemente superior a Thomas Mann, que, em 1932, num rasgo de otimismo, julga terem sido “superados os cumes da loucura”. Considerado assim esse pequeno volume como um todo, é lícito afirmar que se trata de preciosa documentação para quem queira estudar a história da primeira metade de nosso século, a sua vida literária ou mesmo o comportamento humano desses dois representantes exponenciais das letras alemãs, os quais não emergem do estudo comparativo como tendo sido tão desiguais quanto os pretende apresentar a própria introdução da obra publicada entre nós.

Assim, passamos ao volume, lançado este ano pela editora Record. Já na contemplação do livro surpreende a inadequação visual da capa. Trata-se da Correspondência entre amigos, eis o título do volume, mas em primeiro plano aparece apenas, e muito nítido, o rosto de Hermann Hesse. Atrás dele, num lusco-fusco difuso, outro rosto que provavelmente tem pretensões de representar Thomas Mann, mas que parece antes nova projeção da imagem de Hesse e no qual predomina a visão dos óculos, que Thomas Mann raramente ostentava em público. Outro reparo a apresentação do livro: falta a peça 61 da correspondência, um cartão de Thomas Mann, de 29 de maio de 1937, aqui esquecido.

Vejamos agora o conteúdo. O volume tem início com um *Prólogo* de onze páginas, escrito por germanista norte-americano de alguma distinção, Theodore Ziolkowski, que aqui entretanto não oferece qualquer novidade, à exceção talvez das cifras totais de cartas escritas por Thomas Mann e Hermann Hesse, orçadas em 25 mil e 35 mil, respectivamente. A que leva essa informação? No máximo à conclusão de que as cartas reunidas no nosso volume perfazem a magra soma de 0,25%(!)do acervo total.

Quanto ao conteúdo desse *Prólogo*, não concordamos com a assertiva de que o tratamento formal que se dispensaram Hesse e Mann até o fim da vida seja produto de uma “distância irônica”, assim como podemos refutar, com base em dados reais, a opinião de que em 1932, durante os festejos do centenário da morte de Goethe, Thomas Mann “deixou em segundo plano o próprio Goethe, nas cerimônias realizadas em toda a Alemanha”. Tal assertiva não passa de um “bormot”, tão ao gosto do prefaciador.

Quanto à tradução do *Prólogo*, ocorrem alguns erros penosos, assim o famoso Samuel Fischer ser duas vezes citado como Fischers, provavelmente por influência do genitivo inglês; a denominação do lago de Constança como “Lago Boden”, por influência do Bodensee alemão, e a afirmação de que Thomas Mann foi impelido “durante a vida toda a transitar por sobre o atlântico”, como se o fizesse em *zeppelin* ou *avião a jato*. Realmente fez repetidamente esse percurso nos luxuosos transatlânticos de seu tempo, e muito apreciava a vida a bordo. Isto, no quê diz respeito ao prólogo.

O livro é acompanhado de um *Apêndice*, e eis empresa muito louvável. É como que um adendo explicativo e um documentário, a elucidar muitas das passagens das cartas. Enriquece o volume e torna-o mais claro aos leitores interessados. Não é revelada a autoria do responsável pelo *Apêndice*, mas o trabalho merece tantos encômios quanto cabe censura às

notas de pé-de-página, pouco reveladoras e , em geral, mal-cuidadas. Que aquela excelente novela, autobiográfica e irônica, *Der Kurgast* (a que o próprio Hesse deu outro título, que deveria ter sido aproveitado: *Psychologia Balnearia*) aparecesse sob a bárbara designação *O Hóspede da Estação de Águas* (pg.24) em vez de “*O Lobo da Estepe* conseguiu me ensinar novamente,depois de muito tempo,o que significa ler” vem “complementada” pela informação: “*O Lobo da Estepe*, de H.H., Berlim, 1927”(pg.25).

Muitos outros exemplos poderiam ser aduzidos, mas, restringindo-nos apenas a erros factuais: a 27 de fevereiro de 1933 não “se incendiou o edifício do Parlamento”. Ao *Reichstag* (Parlamento Alemão) foi criminosamente atado fogo (pg.44). Matthias Claudius, célebre poeta alemão, não era “escritor do século XIX”, muito embora viesse a morrer no século XIX, aos 75 anos. Era legítimo representante da literatura alemã do século XVIII, e escreveu o mencionado poema, antibélico e pacifista, dando-lhe ironicamente o título *Canção da Guerra*. Não cabe dizer portanto que fez afirmações “*numa canção de Guerra*”, a menos que se explique o sentido, sob pena de agradar Claudius a um poeta patriótico, do tipo de Koerner ou Schenkendorf, do século XIX, antinapoleônico e fanático (pg.52). Holitscher, por quem Mann nutria apenas reduzida afeição (cf.a figura de Spinell,na novela *Tristan*), não morreu em 1961, mas vinte anos antes (pg.75). A revista de bibliófilos, *Der Bücherwur* tem este nome erradamente traduzido por *A Traça!* Quando muito poderia ser denominada *O Bicho de Livro*, já que o título se refere àquele leitor sequioso, incapaz de largar a leitura (pg.77). O quarto volume do José, de Thomas Mann, não saiu em 1941, já que apenas em 1943 Mann concluiu a redação (132).

Esses, e muitos outros deslizes, recomendam uma reelaboração cuidadosa das notas, que podem ser úteis, mas apenas quando elucidativas e corretas. A tradução em si é bastante fiel ao texto mas, infelizmente, falha na tentativa de reproduzir a beleza de dicção, a prosa elegante e penetrante, a finura das observações dos dois grandes estilistas. Não merece arrolamento específico o número muito elevado de erros embaraçosos de impressão nem incidiremos aqui longamente em lapsos do tipo ocorrido à pág.26, e portanto logo no início das cartas em si. Ali, o leitor, ainda perfeitamente lembrado de que o *Prólogo* ressaltava o “tom reservado”e o “relacionamento formal”dado ao tratamento que se dispensavam Hesse e Mann, certamente lerá com surpresa um“(...)como deves saber”que jamais teria sido empregado por Mann.

Outra observação merece a palavra “Sincronização”; fala-se constantemente da “sincronização” na Alemanha e, a menos que tenha passado despercebido a este resenhista, não se dá nenhuma explicação ao termo, que a nosso ver corresponde muito mal ao bárbaro conceito nazista da *Gleichschaltung* tantasvezes referido, e que os leitores não poderão entender, sem a devida orientação. Esse termo, inventado pelo nazismo, designava a concordância de todos os órgãos oficiais do Reich, dos Estados, das organizações políticas e sociais com a orientação ideológica do nazismo. Pelas leis da *Gleichschaltung* foram “regulamentadas” as atividades científicas e artísticas em sentido hitlerista, e por isto cabe a esta palavra papel tão importante na correspondência de dois escritores que, primordialmente pelo menos, publicavam na Alemanha.

REVER A TRADUÇÃO, UMA NECESSIDADE

Além disso, a leitura da *Correspondência*, por mais interessante que seja, torna-se pesada e complexa na medida em que por vezes o leitor fica com a impressão que os missivistas não dominam realmente o seu idioma e lutam com as palavras para exprimi-las. São muitas vezes erros, provenientes de um apego demasiado ao original, assim quando um editor, em vez de deixar Hesse “com a pulga atrás da orelha”, “esteve aqui e me deixou uma porção de pulgas atrás das orelhas”, incomodando mais o leitor do texto em português do que originalmente a Hesse! (pg.80)

Na mesma carta, ficamos certamente chocados quando Hesse informa Mann, de que sua esposa não pode, ela mesma, escrever, e só manda saudações porque “ela está acupada com um hóspede”!!! *Honi soit qui mal y pense*. Centenas de incorreções ocorrem, devidas em grande parte ao idioma de partida. Citando exemplos da página 82: “Ele é (...) muito eficiente, com quem eu trabalharia *confiadamente*.” “Sua carta nos alegrou muito, seu texto, seu *ornamento* (...)”. “Estás tão bem informado sobre nossas pequenas *vivências*” Eis casos isolados, portanto, e seria pouco caridoso insistir em exemplos da espécie.

Lya Luft traduz muito e com certeza não será tempo suficiente para rever com cuidado os seus trabalhos, que então apresentam as mesmas imperfeições que já lamentávamos ao ler a *Anestesia Local* de Günter Grass. Realiza, entretanto, um trabalho altamente benéfico, abrindo ao leitor brasileiro sendas até agora fechadas. Trabalha muito e escolhe bem os títulos, apenas ousamos recomendar-lhe maior paciência e cuidado, que no volume em tela deveria concentrar-se especificamente no estilo da sua tradução. O tradutor não só precisa libertar-se das amarras do original, como estabelecer-se no próprio idioma, de tal forma que o texto original seja recriado na sua integridade contextual.

Lya Luft observou muito bem o original, mas infelizmente não se permitiu dar os “desvios” que nosso idioma impõe, mediante os quais teria podido salvar formulações especialmente felizes de Mann ou Hesse. Cometeu erros quase incompreensíveis, quando mais de uma vez, chama a cidade natal de Thomas Mann de de *Lübecker*, empregando um adjetivo declinado alemão; quando confunde uma *interrupção* de correspondência com um “fracasso de correspondência” (pg. 106), quando usa um termo talvez etimologicamente aceitável, mas entre nós descabido, ao classificar Hesse e seus conterrâneos de *suevos* ao invés de *suábios* (suevos são, para nós, aqueles grupos germânicos que ocuparam a Península Ibérica e jamais um grupo populacional da Alemanha).

Mais grave se torna a situação, quando o sentido é deturpado. Assim, quando em lugar de “Algumas vezes me foi possível intervir com êxito” aparece “algumas vezes poderei dar uma mão” (pg. 117) ou quando, na mesma página, em lugar de “o melhor no momento me parece ser seguir a sua indicação e repassá-lo (o manuscrito) a Welti, que se interessa por ele”, se diz “o melhor no momento me parece ser seguir a sua indicação e repassá-la (alguma coisa) a Welti, que se interessa por essas coisas (pg. 117).

Existe ainda aquele exemplo em que uma cópia dos poemas de Hesse passa a ser traduzido como o “verso dos poemas” (pg.121) e, mais grave, a construção errada do idioma, de que desejamos dar apenas dois exemplos, contidos numa mesma carta, a de número 78 (pgs. 131 à 133). Esta carta, a tradutora faz iniciar assim: “Como minha biblioteca, depois de longa ausência, está novamente mais ou menos ao meu redor, até onde existe e foi reconstituída na nossa nova casa própria, caiu-me na mão um livrinho que o senhor assinou como organizador há dezesseis anos: *Vida e Pensamento de Schubart*”. Lemos, hesitamos, pegamos o original e traduzimos: “Tendo sido possível reunir novamente em torno de mim a minha biblioteca, na medida em que pude reconstituí-la, depois de longa ausência, e isto no novo lar, caiu-me nas mãos um livrinho, cujo editor responsável foi o senhor, dezesseis anos atrás: *Vida e pensamentos de Schubart*”.

Na mesma carta se fala da “arte dialetal”, em lugar de “existência artística afrancesada” e é reproduzida uma afirmação de Goethe, já traduzida por outrem. Diz a tradutora: “Na probabilidade de que o que produzimos “seja levado para a praia, jazendo ali como um monte de ruínas, logo coberto pela areia das horas” (trecho que faz parte da última carta de Goethe dirigida a Humboldt), para o que encontramos a seguinte correspondência: “seja atirada à praia, como destroços de um navio, enterrados por hora no areal das horas desfavoráveis”. Mas, terminemos positivamente: A hora é favorável, e disto não há dúvida, para traduções dos bons autores. É altamente recomendável o imenso trabalho tradutório de

Lya Luft e jamais pretenderíamos desanimá-la, apenas apelamos para um cuidado maior na revisão e no tratamento dado ao nosso idioma.

Amizade em nome da resistência humanista⁸³

O. C. Louzada Filho

“Na Alemanha os mais insatisfeitos com a cultura alemã foram sempre os mais alemães de todos”.

Com esta frase, aparentemente sibilina, Thomas Mann resume de alguma forma a complicada dualidade entre o universal e o singular, sempre presente na sua obra e na obra de Hermann Hesse (e de todo grande artista).

Ser fiel ao que se conhece e traí-lo: Mann e Hesse, cada um a sua maneira, foram capazes de fazê-lo. A grande (no sentido moral) traição sempre foi conhecer sua casa, pátria, classe e grupo e retratá-la. Esse imenso retrato realista realizado pelos dois romancistas significou exatamente isso: a insatisfação que, em vida, levou cada um a um exílio (provocado pelas guerras e pelo nazismo) através do qual a fidelidade às raízes criticadas serviu como nascimento de duas das mais grandiosas obras do século.

A consideração vem a propósito da edição da correspondência entre ambos, agora encontrada em edição brasileira; *Correspondência entre amigos*, de Mann e Hesse (ed. Record), reúne uma coleção de cartas trocadas entre ambos. E para – bom – pasmo do leitor brasileiro, facilmente encontrável em bancas de jornais.

O livro nos dá o prazer da leitura de um documento artístico; é a real troca de correspondência (parcial) entre ambos, e mostra através do longo tempo em que a amizade sobrevive a presença e o enriquecimento das relações humanas. As vicissitudes dos romancistas recriam o duro curso do século, feito ao arrepio da violência e da brutalidade e carregado pela bela coragem do criador: crítico e humano ao mesmo tempo.

Existe, nesta coleção de cartas, a grande presença da resistência do humanismo. Mesmo, e particularmente, mascarado pela ironia presente até mesmo na polidez com que os dois mestres – ambos e sempre, a partir de certo momento – exilados se saúdam.

E, como obra de arte que estas cartas não resistem a ser, existe também a crítica inesperada a qualquer forma de manipulação e instrumentalização.

Claro que a guerra, limite da brutalidade, sempre está presente. Na atitude pacifista de Hesse, ou na obra monumental de Mann (particularmente o “Faustus”).

Mas há manipulações menores, que se infiltram no terreno da obra do homem e que – à sua revelia – o livro revela.

A correspondência coletada tem um prefácio. O ilustre erudito Theodore Ziolkowski (que se assina com data e local: 1974 Princeton) tenta impor uma visão própria a respeito da correspondência que se segue. Tolice. Num grande esforço para opor, sem dizê-lo (o que é típico dos esforços de quem manipula), Mann a Hesse, o scholar acaba por revelar (e não está aí um dos menores méritos do livro) como os pobres jogos sectários caem perante o que é mais sério.

Há imprecisões tolas. Por exemplo, o prefácio anuncia um Mann vaidoso e mundano perante um Hesse heremita. Mas na brincadeira esquece-se de dados presentes nas cartas seguintes: Hesse, p.ex., viajou com Mann até Roosevelt (p.154, n4) ao contrário do sedentarismo proposto pelo prefaciador contra um suposto mundanismo de Mann. Mann recebeu o Prêmio Nobel, como Hesse anos depois, embora só haja referência ao segundo. E para não chegar a minúcias, Ziolkowski afirma que não é “surpreendente que (Mann) escrevesse tão pouco” em 23 anos, quando o “tão pouco”(!) vai dos “Buddenbrooks” à “Montanha Mágica”, passando pela “Morte em Veneza”.

⁸³ FILHO, O. C. Louzada. Amizade em nome da resistência humanista. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 jul. 1981.

Em suma: o prefaciador cai no pior dos equívocos. Toma partido onde ele não cabe. A imensa (em qualidade e quantidade) obra de Mann e Hesse revela na correspondência que se segue às tolices do introdutor algo muito mais sério. A seriedade do grande trabalho intelectual. E a quase perenidade da obra de arte que – como a sólida amizade entre dois artistas – resiste a qualquer esforço de transformá-la em instrumento imediatista.

Como diria Mann a Hesse a propósito do “Jogo das Contas de Cristal” deste e do “Faustus” do primeiro (em carta de 8 de abril de 45, e não de 46 como pretende o prefaciador): “ainda assim Uma coisa, Essa, extremamente escandalosa e diabólica, o absolutamente Imundo, não foi possível, ao contrário, foi expulsa pelas forças unidas”, das quais a arte e amizade, reflexos da verdade, diríamos, seriam das menos fracas.

Hermann Hesse e o expressionismo alemão⁸⁴

Antônio Espeshit

INTRODUÇÃO

Entende-se por literatura alemã não propriamente a literatura da Alemanha, mas sim a literatura escrita em alemão. Inclui-se também o que se escreve na Áustria, Suíça e outras regiões do idioma de Goethe.

Um dos períodos mais turbulentos e interessantes desta literatura está no expressionismo. Este movimento foi uma etapa do impressionismo que se opunha ao naturalismo. Procuravam os expressionistas voltar-se para dentro, buscando o âmago das coisas. Foi uma volta à metafísica, um protesto contra a mesquinha existência burguesa, sendo principalmente um movimento de ordem espiritual. O movimento tem suas principais origens na pintura. Primeiro na França, e a partir de 1905 na Alemanha. Passou a designar obras literárias um pouco antes da Primeira Guerra Mundial, estendendo-se até a década de vinte.

O MOVIMENTO

Em seus primórdios, o expressionismo era caracterizado por figuras mais amadurecidas, mas surge em 1910 uma nova fase, trazendo consigo, nova geração de literatos. Uma onda de revolta revolveu a Alemanha, através destes jovens estudantes rebeldes, que procuravam se opor à autoridade paterna, aos mestres, à escola, aos costumes burgueses, etc.

A revolução girava sobretudo em torno do jovem Kurt Hiller. Com ele reuniam-se os jovens estudantes que revolucionaram a poesia alemã. Era uma juventude conturbada, de onde surgiram nomes importantes como os de Ernest Blass, Georg Heym, assim como Georg Trakl. Este último foi um expressionista de importância capital, nascido em 1887 e morto aos 27 anos de idade, após tomar uma dose excessiva de droga. Reprovado duas vezes no ginásio de Salzburgo, abandonou os estudos e foi ser prático de farmácia. Uma tentativa de suicídio, depois de ter sido convocado no princípio da guerra, fez com ele fosse enviado a Cracóvia a fim de fazer exame de sanidade mental. Ali morreu em fins de 1914. Sua obra poética fazia dele um dos mais profundos poetas de seu tempo, considerado por muitos superior a Rainer Maria Rilke.

O panorama literário fervia em Munique e Berlim. Nesta época redescobriram Hoelderlin, até então praticamente esquecido. Hoelderlin passou a influenciar profundamente aquela geração, sendo que muitos jovens morriam nos combates recitando seus versos.

A TERCEIRA FASE

A década de vinte traz a terceira fase do expressionismo alemão. Entra em cena o vigor de um Thomas Mann. A explosão de um Herman Hesse. Estes dois pairavam acima de movimentos, acima de escolas. O primeiro, decididamente, oscilava entre o expressionismo e o naturalismo, pendendo mais para o último. Sua obra é imensa e variada. Herman Hesse, por outro lado, pertence, incontestavelmente, ao primeiro movimento, sendo que o *Demian*, publicado em 1919 sob o pseudônimo de Emil Sinclair, é a expressão máxima de todo o expressionismo germânico.

A efervescência havia já passado. Aparecem outros ideais juntos aos anseios religiosos e sociais, junto as rebeliões e protestos da juventude inflamada. *Os Irmãos Karamazov* torna-se um dos livros mais lidos nesta época. O espírito introspectivo chama a atenção para o oriente. Dostoiévski e Freud influenciam os escritores. Nomes como Joyce, Kafka, Rdschimid

⁸⁴ ESPESHIT, Antônio. Hermann Hesse e o expressionismo alemão. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9 jan. 1982. Suplemento Literário, ano XV, n. 797, p. 2.

se destacam. O romance *Peter Camenzid*, de Hesse, havia feito um relativo sucesso anos antes. Neste romance já encontravam os traços marcantes de todos os seus romances posteriores. O *Demian* em 1919, foi a verdadeira revelação.

O AUTOR

Herman Hesse nasceu em Calw, Alemanha, em 02 de julho de 1877, e adotou a nacionalidade suíça em 1920. Nunca, porém, deixou de se considerar alemão. Vira sempre como algo estranho e mesmo arbitrário a fronteira que separa os dois países. Este homem único, este individualista obstinado, foi um dos escritores mais profundos de sua pátria.

Dotado de um caráter romântico, Hesse sentia-se revoltado com a Alemanha progressista, fugindo então para a Suíça. Em 1892, aos quinze anos de idade, ingressou no seminário Maulbron. Em junho deste mesmo ano fez uma tentativa de suicídio, passando uma estada num sanatório para doentes nervosos. Casou-se em 1904 com Maria Bernoulli. Dois anos após fundava o jornal liberal *Março* contra o regime de Guilherme II. Em 1890 conseguiu a cidadania de Württemberg, e em 1924 torna-se novamente cidadão suíço. Hesse havia se revoltado contra o militarismo e o imperialismo da Alemanha na Primeira Guerra e perdeu, por isso, sua cidadania. Casou-se com Ruth Wenger e divorciou-se em 1927, para três anos depois contrair seu terceiro casamento com a historiadora de arte Ninom Dolbin. Em meados de 1938 parte de sua obra começou a ser publicada na Alemanha. Recebeu em 1946 o Prêmio Goethe e no mesmo ano foi laureado com o Prêmio Nobel. Em 1955 recebeu também o Prêmio da Paz dos Livreiros Alemães.

A OBRA

Herman Hesse nasceu numa austera família protestante, fator que o levou, ainda criança, a um estado de revolta e ceticismo. Seu livro *Debaixo das Rodas*, de 1906, conta sua entrada para o seminário de Maulbron. *Demian*, fruto de suas análises, é a primeira manifestação de reconciliação daquele mundo da infância. *Gertrud* marca o conflito da vida artística aposta às exigências do casamento. *O Último Verão de Klingsor* traz o primeiro pêndulo a oscilar pelo Oriente, *Sidarta* e *Viagem ao Oriente* foram influências de sua viagem à Índia, revoltado já com o Cristianismo. *O Lobo da Estepe* representa a luta entre dois egos: o homem e o lobo. *Narciso* e *Goldmund*, de 1930, é também a luta de duas personalidades opostas. Além destes livros, existem muitos outros, sendo que o *Knulp*, narra com singular beleza às andanças do protagonista. *O Jogo das Contas de Vidro*, é o último romance do autor, uma reaproximação ao Cristianismo. Após sua publicação, Hermann Hesse entrou em exílio interior, indo viver recluso em sua casa de campo na Suíça, onde morreu em 09 de agosto de 1962.

Hermann Hesse, enigmático e culto⁸⁵

Bruna Becherucci

O Lobo de Estepe (Hermann Hesse, Editora Record, 222 páginas) é um dos mais enigmáticos e cultos livros de Hermann Hesse. O próprio autor convida o leitor a escolher para esta charada a interpretação e a solução que lhe parece mais indicada conforme “a sua consciência”. O lobo da estepe é uma personagem múltipla de um grande ato dramático, que se desenvolve num pequeno palco. Existiu mesmo um indivíduo que sugeriu ao escritor alemão o protagonista desta árdua história? Um homem arredio, ríspido, solitário que detesta tanto a solidão quanto a companhia dos outros? Da introdução à breve obra se pode deduzir que existiu. Mas se existiu e se serviu de modelo ao Harry Haller do romance, tem importância secundária. É normal um romancista procurar na vida de todos os dias os tipos destinados a repetir a vida nas páginas escritas e meditadas.

O que mais intriga aqui é a aventura de Harry Haller, que se afasta resolutamente da real idade, sobretudo no final, que introduz um clima de fábula alucinada, algo mágico e irreal: francamente, um quebra-cabeça para o leitor.

O famoso **O jogo das Contas de Vidro**, um outro convite de Hesse para decifrar as intenções do autor, recusa este clima de fábula, pois é um tratado de filosofia superculto e se desenrola nas alturas conceituais da meditação e do auto-aperfeiçoamento.

Este, ao contrário, coloca o homem nos limites do romance, mostrando-o numa série de acontecimentos físicos e espirituais. A primeira parte é toda dedicada ao opressivo pesadelo da depressão de Harry feito lobo; mas lobo consciente da existência de uma libertação na morte; lobo que sabe que é lobo cuja incomunicabilidade chega às raízes da crueldade e da autodestruição, embora esta última fique retida na área das probabilidades teóricas. Na segunda parte, que não é menos opressiva, verifica-se uma espécie de “humanização” do indivíduo lobo, graças a um encontro com uma moça, a equívoca Hermínia (repara-se na raiz do nome e na afinidade com Hermann). Mas se Hermínia é o símbolo caprichoso do bom senso e do viver dia após dia, ela também é um símbolo delirante. De qualquer forma, ela reconduz o lobo a sua humanidade através duma diminuta filosofia e mediante o grotesco; veja-se aquele aprendizado ridículo de bailes modernos aos quais Hermínia obriga Harry para atualizá-lo e induzi-lo a fazer parte de uma comunidade simplória, que é um meio, como qualquer outro, para sair das trevas e ser demasiado interessado na individualidade.

Estudioso da Psicanálise freudiana, em voga na época em que o livro foi escrito (1955) Hesse levanta uma construção barroca dedicada ao dualismo implícito na criatura humana. Meio lobo, meio homem, que se liberta através de um trivial **fox trot** ou um **shimmy**, mas sempre fiel a uma ou a outra das suas personalidades, cessa de ser lobo através de uma metamorfose algo precipitada.

Nesta altura se pode estabelecer a hipótese de que o lobo, o feroz amante e ao mesmo tempo o pior inimigo de si mesmo, que vive dentro de qualquer um de nós, pode voltar ao seu destino de homem através de um simples contato com o semelhante. Com graça melancólica e sibilina, Hermínia o faz sair da sua toca para ser como os outros, viver como eles. Talvez não ao acaso os contatos do lobo com esses “outros” sejam dos mais banais e a estepe solitária e árida seja substituída por poeirentas salas de bailes e barzinhos pobres. Mas o escritor, em contradição com o evidente dualismo do tema, avisa que um único indivíduo pode abrigar em si mais personalidades e todas em conflito. No final, caem as barreiras da verdade numa desordem onírica em que Harry reivindica o direito de ser lobo.

⁸⁵ BECHERUCCI, Bruna. Hermann Hesse, enigmático e culto. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 25 set. 1982.

A crítica vê neste livro uma denúncia da sociedade burguesa; sob certos pontos de vista ela é.

“Tem de aprender a rir – diz Mozart a Harry Haller no fim -, tem de aprender a maldita música de rádio da vida...” e Harry pergunta: “E se não me submeter?”

“Manchou o belo mundo das imagens com as nódoas da realidade”, é o crime de Harry Haller-homem; o seu grande erro: não saber jogar o jogo da vida, em outras palavras o anti-conformismo.

Mas não se pode acreditar que seja só está a finalidade de Hesse e da sua livre invulgar construção duma personagem e duma vida, nos alicerces do surreal. Hesse tinha 50 anos quando escreveu esta que Thomas Mann definiu “novela experimental”, anunciando o famoso “Ulisses” de Joyce. Hesse declarou que ela era uma das mais freqüentemente e violentamente incompreendidas pelo público, mormente o juvenil. A maior falta de compreensão de parte dos leitores de qualquer idade era, segundo ele, a de não ter identificado no mundo dos sofrimentos e dos sonhos do lobo a existência de um outro mundo “superior” além das problemáticas de Harry Haller; nele, as questões do espírito, os assuntos da arte, as memórias dos “imortais” se opõem às angústias particulares dos Harry Haller.

E provavelmente Hesse quis dizer que o conflito existe entre o individualismo cego e sofrido que nada vê além do seu egoísmo e as alturas serenas da beleza, da arte, da imortalidade.

Só um fiapo, mas feito de puro linho⁸⁶

César Tozzi

Hermann Hesse. KNULP. Tradução de Eglê Malheiros. Editora Record. 129 pg. Cr\$ 890.

No início dos anos 40, as obras de Hermann Hesse começaram a irromper com mais intensidade para o conhecimento e a apreciação de uma faixa restrita do público brasileiro sob a forma de traduções em língua espanhola. Uma parcela pequena da juventude daqui teve, então, a oportunidade de fazer uma espécie de traller, apenas eórico, do que seria a vivência hippie dos anos 60, com o seu interesse aproximação das religiões orientais. Pois para tantos, Hesse significava principalmente “Siddharta”, um auge de experiência mística. Entretanto, o grande romancista de origem alemã e nacionalidade suíça nunca abandonou a sua visão ocidental dos problemas mundiais. SP. nas fases de sua obra, Hesse deslumbrou de forma diferente a juventude, a quem ele agradou tão facilmente. Ao contrário de Thomas Mann, que se apresentou inexoravelmente adulto desde “Os Buddenbrook”. Filho de missionários protestantes, a rebelião de Hesse explodiu cedo, juvenil, contra uma camisa-de-força de disciplina radical. Deste primeiro impulso, então, a instabilidade iria marcá-lo. Começa romântico-sentimental num livro de poesias e no romance “Peter Kamezind”, que agradou em cheio. Depois, com o aprofundamento da psicologia de seus personagens, foi se distanciando da tradição do pós-romantismo alemão. Define a sua posição definitiva de pacifista decidido. Chega à denúncia audaciosa dos falsos valores europeus, com o sucesso espetacular de “O lobo das estepes”, o que influiria para que obtivesse o prêmio obel de literatura, em 1946. Entretanto, sobrepairando-se à feição, em aparência, marcadamente mística, de suas obras, Hesse retém, de forma entranhada, o insuperado de um romantismo muito seu. “O jogo das pérolas de vidro”, escrito em meio aos casos da Segunda Guerra Mundial, seria a sua manifestação de força definitiva, num vislumbre do que poderá ser a era da informática.

Chegamos, pois a este álgido e tênue, tão pouco conhecido fiapo da obra de Hermann Hesse, que é “Knulp”. Trata-se, porém, de um fiapo do mais puro linho. Um flagrante da mocidade de Knulp, o peregrino convicto, hábil no acordeão e no domínio das pequenas habilidades que nada lhe renderam e que foi colhido por Deus no ápice da floração, antes dos frutos.

⁸⁶ TOZZI, Cesar. Só um fiapo, mas feito de puro linho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.

Hermann Hesse antes de sua melhor hora⁸⁷

Renne Sequerra

Hermann Hesse. ROSSHALDE. Romance. Tradução de Álvaro Cabral. Editora Record. 173 pg. Cr\$ 990.

Hermann Hesse foi um dos poucos autores sérios que conheceu o sucesso ainda em vida. Seus romances mais importantes, como “*O lobo das estepes*”, “*Sidarta*” e “*O jogo das pérolas de vidro*”, entre outros, se tornaram leitura obrigatória de gerações sucessivas, cansadas de guerra e de um modo de viver embrutecido.

“*Rosshalde*”, publicado em alemão em 1914, não é um dos melhores romances de Hesse. Ele ainda está muito preso à vida européia e ainda só influenciado, na fantasia, pela filosofia oriental, especialmente a indiana, que tanto marcou sua vida e seus romances. O livro pretendeu ser um estudo em profundidade da personalidade de um pintor famoso que se vê sem saída e tenta, através de uma viagem à Índia, reconstruir sua vida dominada pelo tédio e pela infelicidade.

Mas a intenção de Hesse não ficou plenamente estabelecida. Os personagens, apesar de bem caracterizados, pois o autor é um grande artesão, são apresentados linearmente, ou seja, só mostram algumas facetas ao leitor, e, por isso, o seu estudo se torna artificial e superficial. Eles parecem bonecos que agem como espectros, sem muita individualidade. E a psique e o élan criativo do pintor ficam bastante nebulosos, bastante incompreensíveis para o leitor, o qual, com a maior boa vontade, não pode acreditar realmente na energia criativa do artista.

A trama do romance é muito simples. E a tal ponto que o leitor pode prever, com facilidade, o que está para acontecer. Hesse, em “*Rosshalde*”, ainda não chegou à coerência consigo mesmo. Por isso o livro não é plenamente honesto e arrebatador como seus romances mais importantes.

⁸⁷ SEQUERRA, Renne. Hermann Hesse antes de sua melhor hora. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1983.

Hermann Hesse, oito sobre temas juvenis⁸⁸

Escrito há quase 30 anos, antes, “O Livro das Fábulas” e “Pequeno Mundo” um dos textos de maior sucesso de Hermann Hesse. “Este Lado da Vida”, chega à sua quinta edição pela Record, com tradução de Álvaro Cabral. Usando uma analogia, Cabral classificou as três obras como o “mais belo conjunto de peças de câmara da prosa alemã deste século”

A primeira edição surgiu em 1930 e, como em muitos de seus textos, Hesse conseguiu conquistar várias gerações. Segundo alguns estudiosos de sua obra, o seu grande trunfo é manter a contemporaneidade dos temas, especialmente os sociais. “Este Lado da Vida” reúne oito anos que retratam uma juventude romântica, mas revoltada contra os falsos padrões de comportamento impostos pela burguesia alemã do princípio do século.

Considerado “tradicionalista” por alguns e por outros com o “último cavaleiro do romantismo”, Hesse se considerava um “homem de devaneios e metamorfoses”. Seus temas são basicamente os mesmos e ele costumava dizer: “São variações da questão, ‘quem sou?’ ou que sentido tem a vida?” Essas indagações estão vagamente diluídas nos textos “O Canteiro de Mármore”, “Dos Tempos de Infância”, “Uma Excursão no Outono”, “O Estudante de Humanidades”, “O mês do Feno”, “Bela é a Juventude” e “O ciclone”, este dois últimos extraídos da obra **Shön ist die Jugend**, de 1919, além de “Na Velha Estalagem do Sol”, que foi retirado do volume **Nachbarn**, de 1908. A maioria deles foi retrabalhada pelo autor no pelo autor no período de 1928 a 1930.

Para Cabral, Hesse foi capaz de compor uma pequena “música verbal” em que o mesmo conteúdo de sentimentos, a mesma clareza descritiva se repartem igualmente de conto para conto.

⁸⁸ HERMANN Hesse, oito contos sobre temas juvenis. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jan. 1984.

A solidão de Hermann Hesse⁸⁹

Luiz Carlos Lisboa

“Meu propósito foi sempre o de esboçar aquele pedaço de humanidade e amor, de instinto e sublimação que conheço de minha própria experiência e de cuja verdade, sinceridade e realidade posso dar testemunho.” Em seu leito de enfermo em Sils Maria, aos 80 anos, os pensamentos de Hermann Hesse voltam-se para a pequenina cidade de Claw, perto da Floresta Negra, onde nasceu e reuniu as primeiras impressões do mundo, semente de tudo o que sentiu, pensou e escreveu nos 85 anos de sua vida. “Os escritores, mais do que outros homens, recorreram às suas recordações mais antigas”, disse ele em outra ocasião, sem acrescentar que sua obra é uma confissão permanente, um auto-retrato e um debate constante consigo mesmo. Seu biógrafo Bernhard Zeller assenta a apresentação de Hesse no fato de que ele nunca se interessou pelo social, mas pelo individual no mundo, longe das teorias que tentam organizar o conjunto da vida, mas diretamente ligado aos fatos palpáveis que fazem o dia-a-dia de um homem.

Os Hesse, do lado paterno, e os Gundert do materno eram de ascendência alemã do Báltico, e de famílias de missionários protestantes. Sua mãe nasceu na Índia e ali viveu enquanto os pais trabalhavam na missão. O menino Hermann acompanha os pais contrariado, quando eles mudam para Basiléia. A partir dos cinco anos recebe alguns castigos que visam domar seu gênio impetuoso. A mãe mantém um diário em que faz anotações freqüentes, e ali ela registra que o menino saiu do quarto em que o manteve preso por uma hora, com um sorriso nos lábios. Hermann diz que aquele não é um bom lugar para castigos, porque a vista da janela é muito bonita. “*Hermann parece difícil*”, diz o diário. O tempo haveria de confirmar a avaliação; o pequeno Hesse não suporta o colégio, não gosta dos colegas, fica entediado com os jogos e com a palavra dos professores. Apesar disso, gosta muito das aulas de grego, o que é raro entre seus colegas. Aos 13 anos, emociona-se até as lágrimas lendo o poema “Noite”, de Hölderlin.

Em Göppingen, estuda com o reitor Bauer, rigoroso, sensível e capaz de detectar um talento muito de longe. O professor passa a conversar em latim com o menino, e em pouco tempo tornam-se bons amigos.

Mas há alguma coisa na vida de Hermann Hesse que começa a manifestar-se desde então, e que faz com que ele não possa parar muito tempo no mesmo lugar – seja pela própria vontade, seja pelas circunstâncias. Seus pais sonhavam com uma vida de pastor e missionário para o inquieto menino, e ele é mandado para o Seminário Evangélico de Maulbronn, onde vão começar suas dúvidas espirituais mais sérias. Ali o jovem Hermann lê Homero e Ovídio, e os traduz com muita propriedade. Aos 16 anos vai para uma escola perto de Stuttgart, trabalha em jardinagem e leciona para crianças.

Cada vez mais se reforça em seu espírito a aversão pelo ensino religioso. Muda de colégio seguidamente, sofre de ansiedade e depressão. A única coisa que faz com entusiasmo é ler: Dickens, Sterne, Swift, Fielding, Cervantes, Ibsen, Zola, Goethe, Korolenko – tudo desordenadamente, às vezes dois e três ao mesmo tempo. Em outubro de 1895 vai para Tübingen, trabalhar numa livraria: embrulha, aceita pedidos, envia pelo correio livros sobre filologia, teologia, direito. Pensa em reeducar-se, recomeçar a vida. Seu apartamento é triste e pequeno, mas ordenado e bem aquecido. Nesse tempo, organiza um cenáculo em que outros jovens interessados em literatura encontram-se semanalmente para discutir. Lá estão Otto Faber, Carlo Hamelehle, Oskar Rupp. São todos excitados e melancólicos, alternadamente.

⁸⁹ LISBOA, Luiz Carlos. A solidão de Hermann Hesse. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 ago. 1984. Suplemento Cultura, ano IV, n. 217, p. 1-2.

Hesse está agora voltado para a poesia e prepara um primeiro livro, *Gedichte*. Seus temas são a infância perdida, a solidão, os amores não realizados. O pequeno volume de 83 páginas é assinado pelo imaginário Hermann Lauscher.

Em 1904, o primeiro romance, um colossal sucesso. *Peter Camezind* é discutido em toda parte, até mesmo na crítica de imprensa. É um romance de educação, um *Bildungsroman*: um moço que se rebela contra seu meio e resolve escapar, em busca do mundo. O tempo e a vida ensinam-lhe a encontrar nas coisas simples o segredo da felicidade – esse, tema predileto de Hesse, que atravessa toda sua obra, até o fim. “Minha intenção era familiarizar – explica o autor o homem moderno com a fluente e silenciosa vida natural, junto à qual participamos da verdadeira vida.” Anos mais tarde, em 1951, o escritor diria a um leitor, a respeito desse romance: “Ele refaz o caminho de Rousseau, e esse é um modo de alguém tornar-se um escritor”. Mas nem todo o sucesso do mundo contentaria o Hermann Hesse daqueles dias. Inquieto, vai à Itália e na viagem conhece Maria Bernoulli, de Basiléia, com que se casa na volta. Com os direitos do *Peter Camezind*, compra uma pequena casa e dedica seu tempo a escrever – em jornais e revistas, inclusive no *Simplicissimus*, de Reinhold Geheeb. Anda pela Suíça como um homem inquieto que percorre a própria casa. Passando uns dias em Claw, escreve *O Prodígio*, visitando Lugano escreve contos que depois junta em coletâneas (*Vizinhos e Desvios*). Maria tem problemas psiquiátricos e Hesse está quase sempre sozinho, seja viajando, seja em sua casa à margem do lago de Constança. Um dia, resolve ir à Índia. Juntamente com o pintor Hans Sturzenegger (setembro de 1911), vai a Gênova e dali toma um navio que navega sem escalas até o Ceilão. De Colombo escreve ao amigo Haussmann que “tudo ali é calor, cores e ópio”. De Singapura vai a Sumatra e depois à própria Índia, onde haveria de encontrar a religiosidade que o acompanharia pelo resto da vida.

Em setembro de 1912 está morando perto de Berna e escreve *Rosshalde*, “um romance trabalhoso”, segundo afirma. Conhece Picasso, Apollinaire e os psicanalistas. Durante a Primeira Guerra, engaja-se em movimentos pacifistas, combate o militarismo alemão, manifesta grande interesse pelos trabalhos modernistas que já se esboçam. Seu próximo livro vai dedicar a Romain Rolland, com quem se corresponde há algum tempo: *Demian*. Está agora sob influência junguiana e é com o próprio Jung que se trata, provisoriamente. O livro é expressionista e entoia um hino à juventude, esperança do mundo. *Demian* foi escrito em quatro meses, e o nome do personagem apareceu a Hesse num sonho. “A vida de cada homem é um caminho na direção de si mesmo”, diz o herói Demian, que mais adiante resume o espírito da obra: “Somente as idéias que vivemos de fato têm qualquer valor”.

A peregrinação do escritor ainda não chegou ao fim. Hesse deixou Maria e mudou-se para Locarno, dali passa a Serengo e para Lugano. O casamento do escritor foi dissolvido em 1923 e logo depois ele se naturalizou suíço. Em janeiro de 1924, está casado outra vez, agora com Ruth Wenger, filha da escritora suíça Lisa Wenger. De 1925 a 1931, o casal passa o inverno num apartamento alugado em Zurique, e durante o ano vai a Baden, devido a um reumatismo renitente do escritor. Não gosta de ruído, vozes, movimento excessivo, escolhendo os que lhe parece lugares mais tranquilos. Fixado em Montagnola, perto da fronteira italiana, tem poucos e bons amigos. Hugh Ball, seu primeiro biógrafo, que morre precocemente, Thomas Mann e T.S.Elliot, que aparecem sempre para conversar. *O Lobo da Estepe*, seu romance mais famoso, surge em 1927. Mann considera o livro da estatura do *Ulisses* de Joyce. O personagem Harry Heller contra a vida em três tempos: apresentação, pequeno tratado e confissão. O solitário e contraditório figurante é evidentemente o próprio autor. A poesia intercalada na história é diferente da antiga poesia de Hesse: é dura, moderna, desesperada.

Narciso e Goldmund aparece em 1930. Biografia espiritual, encontro de Eros e Logos, é um estudo do animal-homem que coexiste em todo indivíduo. Essa divisão é revelada no escritor, na sua vida afetiva. Hesse já deixou Ruth há um ano, e, numa homenagem que uns

amigos lhe prestaram nos seus 50 anos, conheceu Ninon Dolbin, hidtoriadora austríaca, com quem passou a viver. Moram na “Casa Camuzzi”, em Montagnola, até 1931. Um amigo então o presenteia com uma nova casa, construída de acordo com um desenho ocasional feito pelo escritor há alguns anos. Com frente para o Lago de Lugano, vê do outro lado a margem italiana. É a “Casa Hesse”, onde o casal vai viver até o fim. Em 1943, em plena guerra, aparece o que é talvez o seu melhor romance, *O Jogo das Contas de Vidro*. Para quem leu *Sidarta*, que parecia um poema hindu, mas era novamente um *Bildungsroman*, o novo livro é estranho e fantástico, transcorre no ano de 2200, num país de sonho, Castália. O homem não deve deter-se em etapa alguma da vida, ensina a obra, mas sentir-se sempre preparado para recomeçar um novo jogo. A morte pode ser um caminho inesperado e completamente novo. Nisso, Hesse é bem alemão: sempre atrás de um sentido profundo para a vida, sem o encontrar.

Hermann Hesse ganha o prêmio Nobel em 1946. Termina a guerra recebera milhares de cartas de todo o mundo. Escrevendo a Gide, reclama: “Nunca tive suficiente privacidade”. Mas responde às cartas, na medida em que pode. Escrever (sua obra) exige paz, paciência, preparação, concentração – diz ele – e isso não se faz sem a proteção da segurança doméstica. Em *O Jogo das Contas de Vidro*, há uma frase que explica aquilo que alguns leitores e críticos consideravam enigmático na obra de Hesse: sua conclusão sobre o mundo. “Não debes aspirar – diz um personagem que resume as idéias do livro – a uma doutrina perfeita, mas ao aperfeiçoamento de ti mesmo. A divindade está em ti, não nos conceitos e nos livros.”

Na noite de Natal de 1961, Hesse escreve um pequeno poema e o esquece sobre a mesa. Ninon só vai mostrá-lo aos amigos alguns meses depois: *Cansado e ansioso por outra jornada/ Desperto de um sonho interrompido. /Ouço na noite/ O roçar conhecido dos meus bambus / Quero abrir minhas asas / E escapar dos laços que me prendem.*

Escritor disfarçado

Daniel A. Estill⁹⁰

Hermann Hesse, O CADERNO DE SINCLAIR. Tradução de Marija César Mendes Bezerra. Editora Record, 144 pgs. CZ\$ 249.

Hermann Hesse, nascido na Alemanha em 1877, escreveu os artigos e contos coletados neste “O caderno de Sinclair” entre 1917 e 1920. Todos foram publicados em jornais alemães sob o pseudônimo Emil Sinclair. O teor dos escritos desta época é altamente anti-belicista, e contrários aos ideais de conquista alemães. O pseudônimo foi a maneira que encontrou para continuar a escrever.

Avesso à massificação, Hesse não chega a engajar-se nos movimentos de vanguarda que pipocavam no início do século. Sua escolha é pela afirmação do indivíduo. Nela, Hesse deixou-se impregnar profundamente pelas regiões orientais. Esta pluralidade, somada a um estilo denso e entrecortado de imagens bem construídas lhe valeu o Nobel, em 1946.

A publicação de “O caderno de Sinclair” dá continuidade à edição das obras de Hesse no Brasil. O livro oscila entre o conto, a parábola e, até mesmo o ensaio literário, marcados pela ingenuidade e por fina e contagiante melancolia. O desencanto com uma cultura européia, dita evoluída, fruto de uma guerra de quatro anos, está presente no conto “O europeu”. E os ridículos da sociedade de consumo aparecem na “Conversa com um fogão”. Segue-se um ensaio no qual o autor confessa que à medida em que envelhece, vai desaprendendo a distinguir as boas das más obras, e assim por diante. Junto aos artigos, algumas aquarelas do autor colorem o tom cinzento destes textos pós-primeira guerra.

O leitor de outras obras de Hesse notará que esta coletânea, não tem a consistência de livros posteriores, tais como “Narciso e Goldmund”, ou “O lobo da estepe”, entre os muitos volumes de sua obra. Mas não sentirá falta de temas recorrentes como o transcendentalismo, o elogio da infância, a fugacidade dos estados psicológicos ou a solidão, em páginas bem redigidas pela tradutora.

⁹⁰ ESTILL, Daniel A. Escritor disfarçado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1987.

Um velho cult⁹¹

Luís Antônio Novaes

Cadernos de Sinclair, de Hermann Hesse – trad. Marija Mendes – Ed. Record, 144 pp.

Educado para missionário, o alemão Hermann Hesse (1877-1962) foi profeta à sua maneira. Introduzido na espiritualidade das religiões orientais por seus pais, missionários protestantes alemães que já haviam morado na Índia, aos 14 anos Hesse abandonou o Seminário distanciando-se cada vez mais das verdades da religião ocidental. Escolhendo como única verdade seu próprio eu, escreveu o que viveu. Meditações, às vezes verdadeiras orações, fábulas, contos, romances, ensaios e poemas: o ato de escrever foi para ele um permanente diálogo com outras vozes, outras dimensões. Os 12 ensaios literários deste *O Caderno de Sinclair* – Sinclair era o pseudônimo com que assinava seus escritos entre 1917 e 1920, inclusive *Demian* (1919) – compõem um rico mosaico da amplitude de suas preocupações. São artigos de jornais e revistas, escritos em sua maioria na primeira pessoa.

Extremamente sensível às convulsões da época, marcada por explosões da fúria e esperanças – provocadas pela I Guerra Mundial e pela Revolução Russa de 1917 -, pelo surgimento das vanguardas artísticas e pelas poderosas investigações sobre o inconsciente catapultado pela psicanálise de Freud, Hesse optou pelo caminho da busca de si mesmo, da liberdade individual acima de qualquer compromisso partidário, ideológico ou de sistema de valores fechados. Defendeu Rosa Luxemburgo e os espartaquistas no massacre da insurreição de Berlim, em 1918, mas condenou igualmente a violência intrínseca a toda verdadeira revolução. Acima de tudo foi um pacifista. Atento às interpretações dos sonhos desenvolvidas por Jung – com quem, aliás, se analisou – tentou, em diversos momentos, submeter suas produções oníricas mais fortes e significativas a ensaios literários. Exemplos destas tentativas não faltam neste *Caderno*.

Apesar de ter sido o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1946, foi somente 20 anos mais tarde, na segunda metade da década de 60, que suas obras começaram a ser lidas em grande escala, primeira e principalmente nos Estados Unidos com a explosão do movimento hippie e posteriormente em todo o mundo. Timothy Leary, incansável incentivador do psicodelismo, inclui Hesse na galeria dos seus principais ídolos, além, como afirma na introdução de *Viagem ao Oriente*, de companheiro de viagens lisérgicas. Inspirador do “paz e amor”, a absorção de Hesse pela juventude ocorreu *pari passu* à crescente onda da contracultura. No Brasil, grande parte de sua obra já foi editada ou aparece em novos enfoques através de textos inéditos como os deste *Caderno* (exceção a *O Europeu*, já publicado pela mesma Record em *Narrativas*, de 1980). Jorge Mautner e Luis Carlos Maciel foram uns dos muitos brasileiros que, sob o travesseiro, tinham a obra mais conhecida de Hesse: *O Lobo da Estepe*, de 1929.

Atual, porque de interesse permanente e resultado de uma experiência singularíssima, este livro, como afirma o próprio Hesse em seu prefácio de 1962, foi escrito numa época de despertar individual, “um lampejo da compreensão da unidade dentro da dicotomia: o desmoronamento dos contrastes como há mil anos os mestres Zen da China tentaram mostrar através de fórmulas mágicas”.

⁹¹ NOVAES, Luís Antônio. Um velho cult, *Leia*, São Paulo, ago. 1987, p. 38.

[Hermann Hesse]⁹²

Jair Arco e Flexa

Ninguém se iluda com o tamanho relativamente pequeno deste livro – o Hesse que aqui está é da melhor qualidade. São doze textos de temas extremamente variados, às vezes enveredando pela narrativa fantástica, às vezes em tom de ensaio literário. Foram escritos durante a I Guerra Mundial, a maioria deles publicada originalmente em revistas da época, sob o pseudônimo de Emil Sinclair – o mesmo, aliás, que Hesse usou ao lançar o romance *Demian*.

Foi com a guerra de 1914-1919 que o homem, escorado na tecnologia, pela primeira vez pôde multiplicar seu poder de destruição. É uma mortandade estúpida e destituída de sentido que revoltava Hesse e se faz presente ao longo do livro. Em algumas das histórias, o autor faz uma espécie de exercício de futurologia ou ficção científica, imaginando como seria a vida na Europa depois de encerrado o conflito. Para época, eram previsões bem pessimistas. De lá para cá, entretanto, a situação internacional só endossou as hipóteses de Hesse, provando que, além de grande ficcionista, ele era também – infelizmente – um bom futurólogo. Dominada pelo desencanto, a imagem que Hesse apresenta do mundo é matizada também por toques de ironia e sarcasmo. Hesse não se contenta em condenar a guerra: é implacável igualmente com os conceitos de patriotismo, heroísmo ou nacionalismo.

A busca dos valores essenciais que norteia as personagens do livro lembra, por sinal, o método socrático no qual, combinando lógica e ironia, o filósofo grego levava o interlocutor, mesmo inculto a descobrir a verdade por ele mesmo. Assim, à maneira de Sócrates, usando argumentos ao mesmo tempo irrefutáveis e divertidos, Hesse demonstra a certa altura que o camponês que cultiva sossegadamente seu pedaço de terra é muito mais patriota que o soldado obediente às ordens de seu comandante. No texto final, *Sobre a Leitura de Livros*, ele descreve de maneira minuciosa as diversas posturas do leitor – seja ele uma pessoa comum ou um crítico especializado – diante de uma obra literária, para fazer a leitura mais proveitosa. Tratado por um autor de menos talento, o tema certamente cairia no ridículo ou no presunçoso. Burlado por um mestre como Hesse, é o arremate perfeito de um livro feito com amargura e elegância.

⁹² FLEXA, Jair Arco e. [Hermann Hesse], *Isto é*, São Paulo, 2 set. 1987.

Hermann Hesse, o primeiro hippie moderno?⁹³

Léo Gilson Ribeiro

Enquanto o Brasil retrôgrado se debate em meio a sabotagens de eletricitários na Bahia, degolações de policias em atos de barbárie no Rio Grande do Sul, Portugal relê, extasiado, o romance *Demian*, de Hermann Hesse, informa-nos a revista lisboeta *Ler*.

Hermann Hesse mal deixou, se tanto, um traço de si mesmo no Brasil. A década de 60, porém, tanto nos Estados Unidos como na França, levava seu nome como uma bandeira dos hippies desprezados pela burguesia que queria para sempre, unicamente, a manutenção do *status quo*. Isto é: todos os jovens deviam preparar-se para respeitar os mandamentos emanados do poder da “Lei e Ordem”, como:

- Abster-se de encontros eróticos, condenados pelas igrejas e tachados quase que universalmente de “libidinosos” e “imorais”, “um caminho reto para o Inferno”, quando não usados somente para a procriação e dentro das sufocantes leis conjugais.

- Preparar-se, a mulher, para “as lides do lar”, da maternidade e uma burrice ignorante, a ser mantida a todo custo: o que teriam as “obedientes companheiras do homem” a ver com a política, o racismo, a violência e outros elementos que compõem a nossa sociedade??

- Os jovens deveriam lutar, todos, por obter uma carreira que os levasse paulatinamente a cargos de mando, de “executivos” em grandes firmas como a General Electric ou a Exxon: poderia haver um ideal mais desejável do que este?

Um nada ortodoxo e sensibilíssimo autor alemão, Hermann Hesse, se for possível resumir o seu credo de maneira tão grosseira e imperfeita, pregava, ao contrário, o horror às guerras, pregava a paz e o amor. Era um novo Thoreau, indicando como salvação a Natureza e também, a música, a mística do Oriente, os ensinamentos da Índia. Como recorda muito a propósito o crítico português sobre Hermann Hesse. “A vida deste homem foi uma longa, prolongada e solitária luta contra toda espécie de conformismo, em busca da palavra iluminadora e do equilíbrio entre o desejo de ação e o da contemplação.”

A Ásia, desde a sua infância, o marcou indelevelmente. Não bastasse o avô materno ter sido missionário na Índia, Hesse, desde criança, teve acesso à sua vasta biblioteca, encimada por uma estátua de Buda que infundia ao ambiente e a quem a contemplasse uma profunda sensação de serenidade.

Mais tarde, Hesse resumiria o que significa o Oriente também para os ocidentais: “Nosso objetivo não é apenas o Oriente, ou melhor o Oriente não é uma país ou uma geografia, mas é olhar e a juventude da alma, está em todo o lado e em lado algum, é a união de todos os tempos.”

Exilado na Suíça, para salvar-se da carnificina da II Guerra Mundial, iniciada por Hitler, e contra a qual ele advertira veemente em vão, o autor de *O Lobo das Estepes*, *Narciso e Goldmund*, *Siddharta* etc, terminada a hecatombe de conflito planetário, já no ano seguinte, em 1946, recebe o prêmio máximo, do Ocidente, pela Academia Real de Letras da Estocolmo, por aquele que é talvez o seu supremo livro: *O Jogo das Contas de Vidro* (1946). Sobre ele disse, numa carta:

“Duas coisas são para mim importantes: construir um espaço espiritual onde possa respirar e viver apesar de todo o veneno à solta do mundo, um refúgio e um castelo; e em segundo lugar, quis expressar a resistência da mente contra os poderes da barbárie.”

E ainda:

⁹³ RIBEIRO, Léo Gilson. Hermann Hesse, o primeiro hippie moderno? *Jornal da Tarde*, São Paulo, 20 ago. 1990.

“É preciso respeitar a lei mas pairar acima dela, possuir como se nada possuíssemos, resignar-nos como se nada houvesse a que renunciar – Todas estas conhecidas e muitas vezes formuladas questões de uma vida cheia de sabedoria podem apenas ser realizadas através do humor.” Afinal, conclui: “A Imaginação e a compreensão nada mais são do que formas de amor.”

Um coração aberto para o mundo⁹⁴

Rodrigo Gil Ferreira

Hermann Hesse - LITERATURA

Para defini-lo, talvez o adjetivo “inconformismo” fosse perfeito. Hermann Hesse, que morreu há 30 anos, discordaria, pois em sua opinião nenhuma palavra era suficiente para explicar a realidade. Ele percorreu o caminho da solidão e melancolia, antes de chegar a uma visão coerente de seu tempo.

Hermann Hesse (seu nome de batismo era Emil Sinclair), nasceu no dia 2 de julho de 1877 em Calw, Württemberg, Alemanha, e morreu há 30 anos, 9 de agosto de 1962, em Montagnola, Suíça.

Contista, poeta, ensaísta e editor de obras importantes da literatura alemã, filho de um missionário, pregador pietista, Hermann Hesse passou a infância em Calw. De 1881 a 1886 viveu na Basileia. Depois frequentou em 1890 a escola de Latim em Goppingen, diplomou-se em 1891, e conseguiu escapar dos estudos de Teologia a que estava destinado, fugindo do seminário de Maulbronn (1892). No mesmo ano, foi matriculado em um ginásio em Cannstatt. Começou a trabalhar cedo, empregando-se numa livraria de Ebingen. Foi ajudante de seu pai na Associação de Editores de Calw e mecânico em uma oficina de relógios de torre naquela cidade, mas o que deixou nela marca profunda foi aquele contato diário e inteiramente anáquimico, com os livros.

Em 1885 aprendeu o ofício de livreiro em Tübingen e em 1899 chegou a trabalhar nessa profissão, além de como antiquário na Basileia. *Unterm Rad* (Sob a Roda), conto que data de 1906, retrata de maneira elaborada as experiências desse período de trágicas ressonâncias: um jovem herói com pendores convenções e dos métodos pedagógicos da sociedade em que vive.

UM PACIFISTA

Depois de seus primeiros êxitos literários, passa a viver, a partir de 1903, como escritor profissional em Gaienhofen (Bodense), até que, de 1907 a 1912, distingue-se como co-editor da revista *Marz* (Março). Desencantado com a civilização européia, empreendeu em 1911 uma viagem à Índia, para conhecer a vida no Extremo Oriente. De volta, fixou-se em Ostermundigen, perto de Berna, Suíça, de onde saiu várias vezes em viagens pela Europa.

Partidário do pacifismo, tomou posição contra “loucura sangrenta da guerra”, em seu famoso artigo o “*Freunde, nicht diese Töne*” para o *Neue Zürcher Zeitung*, número de 3 de novembro de 1914. manteve-se coerente com essa posição durante todo o desenrolar subsequente da 1ª Guerra Mundial, provocando a ira das lideranças belicistas que o qualificavam de traidor e covarde. Durante a guerra, trabalhou como voluntário da Cruz Vermelha e na assistência aos prisioneiros alemães.

Em 1916/17, co-editou o periódico *deutsche Internationale-Zeitung* e, na mesma época, até 1918, o jornal dominical *Sonntagsboten für deutschen Kriegsgefangenen*, bem como da coleção *Bücherei für deutschen Kriegsgefangene* (Biblioteca para prisioneiros de guerra alemães, 1918/19, com 22 volumes editados).

CIDADÃO SUÍÇO

Em 1919/1922, co-editou a revista *Vivos Voco* (Falo aos Vivos). Em 1919, mudou-se para Montagnola, nos arredores de Lugano, onde, a partir de 1923, viveu como cidadão suíço até a morte. Durante o período nazista, pertencia ao grupo dos intelectuais que eram

⁹⁴ FERREIRA, Rodrigo Gil. Um coração aberto para o mundo. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 8 ago. 1992.

permanentemente caluniados e classificados como indesejáveis e, depois de 1945, manifestou-se reiteradamente pela manutenção da paz.

Além de muitos outros prêmios literários, a começar pelo Buernfeld, em 1904, passando pelo Fontane, em 1919, e o Goethe de Frankfurt em 1946, recebeu o Nobel de 1946 e, em 1955, o Prêmio da Paz conferido pelo comércio livreiro da então Alemanha Ocidental.

Hesse é um dos representantes da literatura do século XX que atuaram na contracorrente da decadência cultural de seu tempo, procurando manter as tradições literárias românticas e clássicas, em contraposição à “era folhetinesca” e propagandística. Na prosa e na poesia, as primeiras obras foram de um romantismo sentimental e neurótico (as poesias de *Romantische Lieder*, 1899, ou de *Hinterlassene Schriften und Gedichte von Hermann Lauscher*, 1901), com edição ampliada em 1907.

Escreveu sua primeira obra importante, *Peter Camenzind*, 1904. O livro trata do melancólico desenvolvimento de um homem de origem modesta, que sendo dotado de talento musical e possuindo espírito idealista, não consegue satisfazer as exigências práticas da sociedade. Repellido pela rotina e a moagem do meio artístico e pela agitação urbana, acaba resignando-se a voltar a sua aldeia. O conflito do personagem, que tem cores autobiográficas, com as condições de desenvolvimento de sua personalidade impostas pela sociedade do seu tempo, caracteriza-se, dessa maneira, pela renúncia e o recuo, diante do desafio que lhe opõe o desejo de transformação que crescera dentro dele.

A linha que Hesse adotou como editor, referendando tradições literárias que lhe eram caras, inclui coleções de canções do romantismo alemão – *Der Zauberbrunnen* (1913), edições da obra de *Morke* (1911), Jean Paul (1913, 1922, 1943), de obras e escritores românticos (*Des Knaben Winderhorn*, 1913); *Eichendorff* (1933, 1952); *Kerner* (1913, 1926); *Novalis* (1925, 1940) e *Goethe* (1923, 1932).

A índole acentuadamente romântica e a tendência para a análise psicológica caracterizaram as primeiras obras de Hesse, com componentes realistas críticos, nos textos de prosa, que foram emprestados do exemplo de mestres como Goethe e G. Keller. Em alguns romances, ele aborda problemas do pós-guerra e do período que antecedeu a 2ª Guerra Mundial. Em *Demian* (1919), denotando influência de Nietzsche e mostrando conhecimentos de psicanálise, Hesse pinta o cataclisma ético e enorme desconcerto de um jovem que toma consciência da fragilidade e da ausência total da compostura da moral sancionada pelos pais e pelo Estado, saindo em busca da verdade do próprio eu. Seguiram-se *O Último Verão de Klingsor* (1920) e *Sidarta* (1922).

ENTRE O INSTINTO E O ESPÍRITO

No romance *Der Steppenwolf* (O Lobo da Estepe, 1927), espelha-se a crise de um escritor empenhado na sinceridade e que por isso é isolado no seu meio para afinal descobrir a insuficiência do ordenamento político-institucional e social da República de Weimar, que traz em si germes do fascismo. Neste livro, como em muitas de suas obras (que expressam em consideráveis proporções a crise da sociedade européia da sua época), o autor trata da busca de um sentido para a existência, dentro da ambigüidade das personagens divididas entre a animalidade e a espiritualidade (que em outras obras adquirem expressão bipolar mais clara), e retrata a procura de auto-afirmação da criatividade do homem em uma sociedade defraudada de seus valores éticos e hostil à espiritualidade.

O problema da harmonização entre o instinto e o espírito volta a ser tratado em *Narciz und Goldmund* (*Narciso e Goldmundo*, 1930), romance repassado de sentimentalismo, mesmo no plano da linguagem, em que Hermann Hesse de novo se dedica a um tema medieval, como já fizera em *Demian*. Acoroação de sua vida literária veio com *Das Glasperlenspiel* (*Jogo das Contas de Vidro*, 1943, 2 volumes), criado durante a Segunda Guerra Mundial, um romance transbordante de intenções humanitárias e pleno de pensamentos profundos, não muito fáceis

de interpretar. Este livro, uma manifestação crítica utópica, em que Hesse explora as possibilidades e a necessidade de atuação didática, educativa, em favor da humanidade, e demonstra sua tese de maneira alegórica, é tido como o resumo do conjunto das experiências vividas pelo autor: o espírito não pode florescer e sobreviver enclausurado; ele necessita assumir a vida e situar-se perante fatos, mesmo quando isso encerra os maiores perigos. O herói, que trabalha em uma área didática da atividade cultural científica e artística, morre em holocausto a seus discípulos. Eles entretanto, que se sentem culpados pela morte do mestre, chegaram à conclusão de que essa culpa transformava o próprio mestre e sua vida, e exigiria dele muito mais do que até então havia sacrificado.

No mesmo nível desses romances maduros e essenciais, que trabalham o tema da crise das transformações humanas e exercem a crítica cultural e social, estão os contos de Hesse. Um deles, o fascinante *Klingsors letzter Sommer* (1920, *O Último Verão de Klingsors*), já referido, lembra o seu *Knulp*, uma história de andarilhos escrita por *Eichendorf* (1915). Esse enquadramento é válido também para *Siddharia* (1922), poema e reflexão sobre a sabedoria oriental, indiana especificamente, que o autor, primeiramente entrega o herói a uma vida de contemplação e renúncia, para depois levá-lo à consciência da necessidade de tornar real o amor à humanidade, mediante a ação e a prática social e espiritual entre os homens.

Importantes manifestações das idéias humanitárias de Hesse são também as biografias e os ensaios, entre eles, por exemplo, um dedicado a São Francisco de Assis (1904) e outro centrado na personalidade de Goethe (*Dank an Goethe*, 1946 Agradecimentos a Goethe).

A poesia de Hesse, cuja obra em prosa também tem momentos poéticos e elementos musicais de grandeza lírica insuperáveis, faz o caminho natural que começa pela solidão e a melancolia com tonalidades românticas, típicas da virada do século, e vai terminar na abertura do coração para o mundo e numa visão responsável e coerente de seu tempo, em que estão presentes o sonho e a certeza de um futuro espiritual melhor para a comunidade humana.

No Natal de 1961, Hesse escreveu um pequeno poema que no dia seguinte esqueceu sobre a mesa, antes de viajar. Somente após sua morte ele será reencontrado, quando algumas cópias vão circular entre seus amigos e parentes:

*Cansado e desejoso de outra jornada,
Desperto de um sonho interrompido.
Ouço na noite o roçar.*

*O roçar dos bambus que conheço há muito.
Quero abrir minhas asas
E escapar dos laços que me prendem.*

O eterno retorno do alemão que amava a indisciplina⁹⁵

Carlos Haag

Escritos inéditos de Hermann Hesse serão editados no País em abril durante a Bienal do Rio.

Se o escritor alemão (naturalizado suíço) Hermann Hesse desconfiasse que, um dia, toda uma geração o leria como se fosse um Paulo Coelho teutônico, com certeza teria pedido que seus livros fossem novamente queimados em praça pública pelos nazistas. Tudo bem, a uma primeira vista, a sua obra, que definiu como sendo, do primeiro ao último escrito, uma defesa-até mesmo um SOS, para usar palavras suas-da personalidade, do ser individual, parece ocultar aquela bata de algodão indiano-se falarmos em Sidarta, então, a coisa fica ainda mais tendenciosa-e um pezinho na tal auto-ajuda literária.

Mas não se engane: embora soubesse tocar o coração de seus incontáveis leitores-que se identificavam de imediato com suas experiências e buscas chegava a receber 900 cartas diárias de congratulações-, Hesse foi um digno representante da literatura do século 20, um defensor da volta ao clássico, em oposição a um mundo que cria mergulhado na vulgaridade folhetinesca. E ele está de volta: em abril a Record lançará Felicidade (título provisório), reunião de escritos inéditos no Brasil. Trata-se de uma obra póstuma (Glück, também o nome de um poema seu) editada na Alemanha em 1993 (leia, ao lado, com exclusividade, um trecho de um dos textos, que dá título ao livro). Como será ler Hesse novamente, no centenário da publicação do seu opus um, um livro de poemas, e nos 90 anos de Demian?

Nascido em julho de 1877, era filho de missionário pietista que queria vê-lo teólogo. Mas o futuro autor de O Lobo das Estepes, revoltado, expulso de escola em escola, fugiu do seminário, decidido a ser poeta. Em 1899, publicou o seu livro de poemas, na Suíça, país que adotou como pátria e onde morreu em 1962. Em meio à paisagem montanhosa acreditou descobrira felicidade por meio da ruptura com as normas da civilização, que acreditava corrompida pela modernidade. Encontrar o equilíbrio entre espírito e corpo, achar um sentido para existência, ressaltar a criatividade do homem em oposição às máquinas esses eram seus credo, aos quais acrescentou a paixão pelas filosofias orientais, iniciada em 1911, quando visitou a Índia.

O ponto de inflexão necessário veio com a 1ª Guerra: Hesse viu confirmado o seu horror ao mundo urbano capitalista e burguês. Eis, aliás a chave de suas virtudes e vicissitudes, pois pode confirmar as críticas que dão sua obra como um protesto quixotesco, antiquado, saudosista de um mundo idílico contra a realidade industrial. Mesmo que de certa forma, essa seja uma descrição razoável de sua vida e obra, ainda assim, não basta para explicá-lo em profundidade. A desilusão de Hesse com a civilização – por causa da negação dessa à liberdade do corpo e do espírito – vinha acompanhada por uma reflexão crítica e uma boa dose de ceticismo sobre a possibilidade de se chegar um equilíbrio e a um universo rural idealizado. Os mochileiros on the road levaram muito a sério o homem e leram com pouco cuidado o escritor.

Síntese – É esse que merece ser relido, pois, assim como o seu guru, Nietzsche, importam menos as suas proposições do que a beleza e a riqueza de sua linguagem. Nesse contexto, ele não foi um guru da contracultura, mas um bom literato. De um tema único: a contradição na negação social da síntese entre os elementos apolíneos e dionisíacos, bem ao gosto do autor de Assim Falou Zaratustra. Esse conceito está presente na conciliação dos contrários de Demian (em que também se percebe a influência da análise psiquiátrica, a que Hesse se submeteu com um discípulo de Jung); na metáfora do homem moderno e urbano que

⁹⁵ HAAG, Carlos. O eterno retorno do alemão que amava a indisciplina. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 jan. 1999.

se reencontra com a animalidade do Lobo das Estepes (que o amigo Thomas Mann, entusiasmado, comparou ao Ulisses, de Joyce); no debate entre Logos e Eros de Narciso e Goldmund; no passadismo aristocrático de O Jogo das Contas de Vidro e a busca por uma elite sábia, capaz de aglutinar as heranças da Ásia e da Europa.

Bela matéria para romances. Mas, alemão, não resistiu à tentação de complicar as coisas. Optando por uma solução intermediária, contemplativa (trazida da Índia e descrita com delicadeza na renúncia do herói de Sidaria) desse dilema, acreditou que poderia resolvê-lo. Não conseguiu, é claro, mas deixou o melhor de suas tentativas seus escritos. O temerário foi a posteridade jovem pensar ter reconhecido neles um manual. As idéias de Hesse não eram novas e, sem dúvida, não eram funcionais. Só a forma como as descreveu é que sempre merecerão o nosso respeito.

Hesse estiliza traumas da juventude⁹⁶

Nelson Ascher

Apesar de ter morrido no começo dos anos 60 e escrito a maior parte de sua obra antes mesmo da Segunda Guerra, Hermann Hesse (1877-1962) era um autor cuja sensibilidade se afinava ou harmonizava de modo feliz com o clima dos anos da contracultura e do movimento hippie e, por isso ele voltou a se tornar um sucesso entre os jovens de então. Esse sucesso perdurou, sem dúvida, por mais algumas décadas, e sucessivas gerações de adolescentes encontraram em suas obras não tanto uma resposta aos seus dilemas, nem mesmo uma formulação clara de suas angústias, mas uma espécie de empatia essencial, uma tradução para um plano estético de seus próprios temores e confusões.

Essa popularidade, entre os adolescentes, de um autor cuja adolescência coincidiu com o fim do século passado e foi vivida numa sociedade muito diferente de qualquer contemporânea, a saber, a da sisuda Alemanha imperial, pode parecer surpreendente. No entanto, ao estilizar mais ou menos oniricamente os problemas e traumas de sua própria juventude, ele tocou em alguns temas basicamente universais e, se a rigidez da educação e das instituições que ele criticava tinha sido no seu caso bastante real, seus leitores mais recentes foram capazes de lê-la enquanto uma hipérbole para a qual, em todo caso, a tendência juvenil ao exagero já os predispunha.

Romances como "Demian", "Sidharta", "O Lobo da Estepe" e outros, bem como os temas do artista sensível e incompreendido, da riqueza do mundo subjetivo e infantil contraposta à aridez da realidade cotidiana e adulta, as grandes emoções incapazes de encontrar uma forma e os grandes pensamentos sem assunto, tudo isso, de tão precisamente talhado a uma certa idade da vida das pessoas, se tivesse sido concebido hoje em dia, e não 70 ou 80 anos atrás, levantaria suspeitas de uma pesquisa prévia de opinião e mercado. Embora esse conjunto de temas e preocupações não fosse novo, pois vinha desde o romantismo alemão, Hesse foi, à sua maneira, o inaugurador de uma vertente literária na qual, associado à maneira como o abordava, o conjunto em questão passou a ocupar um lugar não periférico, mas central. Além disso, numa época na qual a Índia popular era a dos tigres e de Rudyard Kipling, o escritor alemão, cujo pai e avô materno haviam, aliás, sido missionários na Índia, criou uma versão do subcontinente que, duas décadas antes de Mircea Eliade visitá-lo, já correspondia à pátria da sabedoria e do misticismo dos anos 60.

Para os que já travaram conhecimento com esses aspectos de Hesse, a leitura de seu volume de recordações, observações e meditações, "Felicidade", será uma experiência útil. Não é que nele se revele o escritor por trás da máscara dos personagens. O que se revela é até que ponto elas correspondiam seja à imagem que ele fazia de si mesmo, seja àquela que desejava que seus leitores fizessem, isto é, do velho sábio que teima em afirmar que nada sabe.

Não raro, por exemplo, ele refere-se a si mesmo como "nós artistas" e, quando diz isso, patenteia-se que não está falando de um profissional qualquer, mas de um ser diferente das pessoas comuns, alguém que se relaciona de modo especial com o mundo e particularmente com a natureza. Assim, vários de seus textos contém longas descrições e/ou reflexões sobre lagos, bosques e montanhas, algo previsível num herdeiro dos românticos que desde os anos 10 escolheu viver na Suíça.

Outros ensaios abordam o ofício do escritor e sua matéria-prima, a palavra, mas não o fazem obviamente de uma forma técnica ou ensaística, e sim de acordo com uma prosa menos argumentativa que associativa à qual se poderia acrescentar facilmente tanto o adjetivo

⁹⁶ ASCHER, Nelson. Hesse estiliza traumas da juventude. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 abr. 1999.

"filosófica" quanto o "poética". Hesse ganha mais precisão quando lida com um assunto menos abstrato e, nesses momentos, seus ensaios se tornam mais interessantes.

Num desses ele discute sua própria relutância em retirar, a pedido de um judeu ortodoxo, uma única palavra de um livro escrito 25 anos antes, e nessas linhas se pode entrever uma ou outra das razões que o levaram a se manter longe de seus compatriotas no momento mais abjeto de sua história. Em outro, ele fala de sua relação de leitor, correspondente e, enfim, de seu contato pessoal com André Gide e nesse momento ele entremostra que não era absolutamente um mau observador. No geral, os textos desse volume, todos escritos depois da guerra, reiteram, na velhice do autor, a visão peculiar que o havia levado a começar, meio século antes, a sua obra.

O encanto de Hermann Hesse⁹⁷

João Domenech Oneto

Hermann Hesse abordou em Demian as questões existenciais de um jovem

Livro de ensaios inédito e reedição mostram por que esse Nobel fez a cabeça de várias gerações.

Houve um tempo no qual ler o escritor alemão Hermann Hesse ao final da adolescência era como se fazer personagem de um Bildungsroman, era uma revelação, um ritual de passagem. Quando líamos Peter Camenzind ou Demian de certa forma nos tornávamos um daqueles rapazes que descobriam o mundo e a necessidade de pensá-lo. E mais adiante mergulhávamos em Narciso e Goldmund, Sidarta, O jogo das contas de vidro, O lobo da estepe. Talvez o mundo idealista e pacifista que surgiu das ruínas da Segunda Guerra e ainda queria acreditar na possibilidade de teses sociais igualitárias estivesse mais preparado para se apaixonar por Hesse, o rouxinol (como o chamou Thomas Mann, o colega alemão também ganhador do prêmio Nobel e que o admirava muito) da paz, do respeito e amor ao próximo e da simplicidade. O poeta que se insurgia contra o utilitarismo radical que por vezes invadia até a arte. Que buscou ao longo de seus mais de 80 anos de vida um ideal de tranquilidade espiritual através da beleza.

O mundo mudou, já se vão quase 40 anos da morte de Hesse (em 1962), e embora ele continue a ser lido por toda parte - inclusive no Brasil - seus livros recebem menos atenção, e muitas vezes são abordados como curiosidades excêntricas de um poeta sem grande objetividade. Um grave equívoco que se perpetuava enquanto as edições brasileiras necessitavam de uma atenção especial - em alguns casos havia e ainda há textos inéditos que precisavam e precisam de tradução - algo que agora a Record finalmente está se dedicando a dar. Para começar este processo de redescoberta, saíram um livro de ensaios inéditos escritos nos últimos quinze anos da vida de Hesse, chamado Felicidade, e a reedição de um belíssimo romance que ninguém deve deixar de ler em algum momento da vida, Demian. As edições são bonitas e bem cuidadas: Felicidade chega traduzida por Lya Luft com um delicioso prefácio de Marco Lucchesi e Demian tem tradução e prefácio de Ivo Barroso.

Felicidade se explica em parte no primeiro parágrafo do ensaio (na verdade reflexões reunidas sem nenhuma proposta analítica mais objetiva) do mesmo nome: "O ser humano, como Deus o imaginou e a literatura e sabedoria dos povos o entenderam por muitos milhares de anos, foi criado com uma capacidade de alegrar-se com as coisas mesmo que não lhe sejam úteis, com um órgão reservado para apreciar o que é belo". E nele Hesse contempla o mundo a sua volta, o descreve, busca as razões da vida depois de tanta miséria e violência vividas por milhões de pessoas na guerra que ele jamais compreendeu inteiramente. Ele ainda rebate os argumentos em favor do suicídio, se defende de acusações de perverter a cultura alemã com idéias místicas e exóticas que lhe são alheias. Mas, acima de tudo, Felicidade pulsa com um imenso desejo de paz, algo que o próprio Thomas Mann invejava em Hesse: "pelo grau de liberdade espiritual arduamente conquistada com a qual ele me ultrapassava, por seu distanciamento filosófico em relação a toda a política alemã".

Demian, escrito em 1919, é um fenômeno mais difícil de explicar, seu efeito é muito marcante mas de certa forma indefinível. Desde que o garoto Max Demian aparece na mesma turma de escola do garoto Sinclair, com suas lições de não conformismo e seu desejo de saber mais sobre o que está por trás das aparências do mundo, a vida de todos os leitores também muda um pouco. "A maioria das coisas que nos explicam no colégio são, sem dúvida,

⁹⁷ ONETO, João Domenech. O Encanto de Hermann Hesse. Jbonline, Rio de Janeiro: 10 jul.1999, Idéias, p. 3.

verdadeiras, mas também podem ser consideradas de um ponto de vista diferente daquele dos professores, e então passam a apresentar quase sempre um significado mais amplo".

Thomas Mann chega a comparar o impacto de Demian ao impacto do Werther de Goethe. Em pleno final da primeira guerra Hesse colocava na boca de Demian um discurso poderoso que se inicia assim: "A comunidade é uma coisa muito bela. Mas o que vemos florescer agora não é a verdadeira comunidade. Esta surgirá, nova, do conhecimento mútuo dos indivíduos e transformará por algum tempo o mundo". E que continua de forma surpreendente e reveladora.

Felicidade e Demian fazem parte do melhor de Hesse. E devem abrir as portas para muito mais. (Aliás a Record podia lançar uma biografia do autor, talvez Hermann Hesse, Pilgrim of Crisis de Ralph Freedman) Quem sabe o espírito que move sua obra será restaurado num mundo cuja falta de idealismo condena ao utilitarismo, à arrogância intelectual e à violência?

História e gestos de interpretação⁹⁸

Carmen Zink Bolognini

I. INTRODUÇÃO

Em 1865, Victor Hugo, ao escrever o prefácio da tradução para o francês de Shakespeare, feita pelo seu filho, afirma que “when you offer a translation to a nation, that nation will almost always look on the translation as an act of violence against itself. Bourgeois taste tends to resist the universal spirit. ... Who could ever dare think of infusing the substance of another people into its own very life-blood?” (apud Lefevere, A. 1992:18). Tal afirmativa justificase porque, para o autor, a língua para a qual é feita a tradução vê-se invadida por elementos da língua do texto original.

Essa afirmação de Victor Hugo, feita há mais de dois séculos, é de interesse para a discussão que desenvolverei aqui, porque ela implica uma concepção de linguagem que remete a algumas posições adotadas atualmente. Porque, ao considerar que a tradução possibilitará a “invasão” (infusing), de elementos de outras pessoas na própria vida, é estabelecida uma relação entre linguagem - mundo, segundo a qual seria na linguagem e pela linguagem que aquilo que é denominado “life-blood” pelo autor, se dá. Essa posição de estranhamento, uma posição de uma certa hostilidade para com o que é estranho/estrangeiro, reflete uma preocupação em preservar algo que seria próprio seu.

Trabalhando com uma concepção de sujeito que o considera definido historicamente pelo discurso, e de discurso como sendo o lugar onde história e ideologia se encontram (E. Orlandi, 1990), estarei discorrendo aqui a respeito de algumas questões que podem definir certos limites para essa posição adotada por Victor Hugo. Essa discussão será feita a partir da análise de alguns itens lexicais da tradução, feita por João Accioli, da poesia, abaixo, de Hermann Hesse, intitulado *Über die Felder*, ou, em português, *Pelos Campos*:

PELOS CAMPOS

Passam nuvens no céu, sopra o vento pelos campos, pelos campos vagueia o perdido filho de minha mãe.

Rolam folhas nas estradas, cantam pássaros nas árvores nalgum lugar pelos montes Deve estar minha terra distante.

ÜBER DIE FELDER...

Über den Himmel Wolken ziehn Über die Felder geht der Wind Über die Felder wandert Meiner Mutter verlorenes Kind.

Über die Strasse blätter wehn, Über den Bäumen Vögel schrein - Irgendwo über den Bergen Muss meine ferne Heimat sein.

II. SOBRE HERMANN HESSE

Hermann Hesse nasceu em 1877, e optou por um auto-exílio em 1912, indo morar na Suíça. De acordo com Martini (1954), cada um de seus livros trata do reconhecimento da solidão, que aparece nas coisas silenciosas: paisagem, nuvens, criança, pátria, terra. Em sua auto-biografia, Hesse afirma que a partir de 1912 ele começou a entrar em conflito com o nacionalismo alemão, e começou, timidamente, a escrever contra a política que visava suggestionar as massas e contra a violência que dominavam aquele país. A proibição de suas obras foi compensada, segundo Hesse, pelo pretígio que alcançou entre as gerações mais jovens que pensavam em termos pacifistas. Segundo Martini, Hesse sofreu de um forte

⁹⁸ BOLOGNINI, Carmen Zink. *História e gestos de interpretação*. Campinas: UNICAMP, 199-, p. 100-108.

desequilíbrio emocional nos anos de 1916/17, devido à Primeira Guerra Mundial, o que o levou a estabelecer contato com a psicanálise. Ele escreveu sobre a burguesia, o sofrimento, sobre a guerra. Talvez por esse motivo sua obra tenha se destacado na Alemanha, de acordo com Bettex (1967), principalmente após a II Guerra Mundial. O fato de ter sido um autor que refletiu a respeito da humanidade, da pátria, da guerra, aspectos que estavam em evidência na época, lhe confere um lugar especial na produção literária da primeira metade do século. Além disso, ele foi um autor que lançou sobre a Alemanha, seu país de origem, um olhar diferente do lançado pelos seus compatriotas que permaneceram no país durante as duas guerras, uma vez que sua produção literária se deu no exílio, na condição de emigrante.

III. QUADRO TEÓRICO

Uma das questões que mais motivam atualmente discussões entre os teóricos que trabalham com tradução é aquela que envolve a conceptualização de sujeito. Essa discussão ganha importância principalmente porque ela está ancorada a uma concepção de linguagem. Gostaria de focalizar a relação entre sujeito, linguagem e tradução considerando o processo denominado por E. Orlandi (1996) de gesto de interpretação.

A partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso, de linha francesa, todas as discussões a respeito de concepções de linguagem estão estritamente relacionadas a uma discussão a respeito de uma concepção de sujeito. Isso porque, de acordo com E. Guimarães (1995), é o sujeito que coloca a língua em movimento. O sujeito é constituído como tal pela linguagem, pela linguagem de sua sociedade, de sua cultura, de sua história, determinadas ideologicamente. Ao entrar em contato com símbolos, o sujeito lhes atribui significado, ou seja, ele faz gestos de interpretação. A autora afirma que os gestos de interpretação não são voluntários, e tampouco conscientes: o sujeito interpreta, porque é compelido a isso. Os gestos de interpretação de um sujeito são determinados pela linguagem. Há uma ligação intrínseca linguagem-sujeito, pois ao colocar a língua em movimento, ao falar, o sujeito estabiliza a linguagem que o constituiu (cf. E. Orlandi, 1990). Dessa maneira, o sujeito é, ao mesmo tempo, produto e estabilizador daquilo que o constituiu. Por esse motivo E. Guimarães (1995) afirma que a linguagem se realiza no sujeito, e que, ao passar de um sujeito a outro, ao passar de uma geração a outra, ela adquire seu caráter histórico, e constitui outros sujeitos a partir dessa história. Sendo constituído pela linguagem como sujeito inscrito em uma história, os gestos de interpretação de um sujeito são orientados pela história de sua sociedade. Ao fazer gestos de interpretação, o sujeito produz efeitos de sentido. Ou seja: as palavras não tem sentido em si, elas não são transparentes. O que existe são efeitos de sentido produzidos pelo sujeito quando ele se defronta com as palavras, objetos simbólicos (E. Orlandi, 1996). Partindo do pressuposto que o sujeito faz gestos de interpretação definidos pela história, os efeitos de sentido produzidos também são definidos pela história.

IV. HERMANN HESSE NA HISTÓRIA DA ALEMANHA

Certamente, o fato de ter ganhado o prêmio Nobel de Literatura em 1946 não pode ser descontextualizado do fato de Hermann Hesse ser um autor que resolveu sair da Alemanha já antes da Primeira Guerra Mundial. De acordo com Martini (op. cit.), esse auto-exílio foi provocado pelo fato de Hermann Hesse discordar do estado belicista em que se encontrava aquele país. Todas as expressões de Hesse tinham sua origem na sua intenção de renovar a humanidade e o mundo (cf. Bettex, op. cit.). Ele era um pacifista, em um período marcado por duas grandes guerras mundiais. Hermann Hesse cresceu, assim, em uma sociedade formada por sujeitos constituídos por uma linguagem que tinha a história de guerras, de conflitos como um de seus componentes. Essa história não estava “no ar”, não podia ser apagada, esquecida ou silenciada, pois ela estava inscrita na materialidade da linguagem e, sendo assim, estabilizada no discurso, toda vez que um sujeito colocava a língua em movimento.

V. JOÃO ACCIOLLI NA HISTÓRIA DO BRASIL

Não se sabe com tal exatidão qual era o perfil dos habitantes nativos do Brasil, denominados “índios” pelos portugueses. Sabese que provavelmente os diversos grupos promoviam guerras entre si, havia grupos mais hostis, outros menos (cf. D. Ribeiro, 1996). Entretanto, a história “oficial” do Brasil é aquela que tem seu início com a chegada dos europeus ao país. De acordo com E. Orlandi (1990) a história do Brasil foi contada pelos gestos de interpretação dos europeus, que produziram efeitos de sentido que definiriam aquilo que o Brasil era e viria a ser. O que aconteceu antes de sua chegada não está, ou está pouco inscrito no discurso. E a relação habitante nativo - português, justamente por ter sido de massacre, não merece muito destaque quando a história do país é contada.

O maior objetivo dos investimentos feitos pelos países europeus nas grandes navegações foi econômico. As nações européias procuravam outros lugares onde pudessem vender seus produtos, e de onde pudessem extrair riquezas minerais, vegetais e matérias-primas. Por esse motivo, H. Arendt (1957) afirma que as relações colônia-colonizador são marcadas por relações de poder que estabeleceram as bases sobre as quais o imperialismo se sustenta. Nesse contexto, o Brasil foi utilizado pelos países europeus como fonte de lucro, e seus habitantes, de acordo com D. Ribeiro (1978), serviram como fonte de energia, (carvão humano) para a produção dos bens. Sendo assim, o Brasil foi constituído discursivamente como um lugar de onde seria feita a extração de riquezas vegetais e minerais. Para que a extração vegetal ocorresse, foi introduzida a agricultura no país. Como se sabe, o Brasil foi um país de caráter iminentemente agrícola até o final da década de 30. A industrialização do país teve seu início tímido durante a primeira Guerra Mundial, principalmente devido ao bloqueio naval imposto durante o período, que impedia a importação de produtos industrializados. Mas foi após a II Guerra Mundial, principalmente devido à instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, que a industrialização ganhou impulso definitivo. O Brasil industrial demorou para se firmar, se pensarmos que ele tem cerca de 50 anos, e ainda hoje ele tem seu grande potencial restrito às regiões sul/sudeste do país.

VI. A TRADUÇÃO: AS HISTÓRIAS E AS PRODUÇÕES DO AUTOR E DO TRADUTOR

Como estão no seu título, pode-se dizer que *Feld* e *campo* são palavras chaves dos poemas. Comparando-se as histórias da Alemanha e Brasil, nota-se que elas são palavras que se originam de Formações Discursivas (Foucault, 1969) diferentes e estão, portanto, inscritas em histórias diferentes, ideologias diferentes. Elas significam diferentemente, porque fazem parte de cadeias discursivas diferentes.

Os brasileiros e os alemães têm histórias diferentes, marcadas por elementos que os constituíram a partir de discursos diferentes. A palavra *Feld* e a palavra *campo* permitem diversos gestos de interpretação diferentes nos dois idiomas. Essas diferenças nos gestos de interpretação remetem a ambigüidades diferentes alcançadas pelos dois textos. No entanto, devido às condições de produção do poema em alemão, devido à história de Hermann Hesse, um pacifista, crítico de guerras, o gesto de interpretação que relaciona *Feld* a guerra está mais próximo do sujeito constituído pelo idioma alemão do que o gesto de interpretação feito pelo sujeito constituído pelo idioma português falado no Brasil. Porque a história das duas grandes Guerras Mundiais, travadas em campos de batalha faz parte do discurso do idioma alemão com mais intensidade durante o século XX, do que o faz do discurso português do Brasil. No português do Brasil, devido à característica agrária do país, a palavra *campo* remete muito mais a um contexto bucólico do que a uma história de guerras, apesar de a Alemanha também ter agricultura, e de terem existido conflitos armados dentro do Brasil, e de o país ter se envolvido em guerras também.

Uma das possibilidades de diferentes gestos de interpretação é dada, nesse espaço existente entre o alemão e o português do Brasil, pelas diferenças na história entre os dois países. Fica particularmente clara a diferença nos gestos de interpretação ao analisarmos a tradução feita do verbo *schreien*. Na poesia, H. Hesse descreve o Feld, referindo-se a ele como sendo o lugar no qual os pássaros *schreien* (gritam). Na tradução para o português, entretanto, os pássaros cantam no campo descrito.

A diferença entre cantar e gritar é imensa. O grito dos pássaros no campo remete a uma situação de tensão, de mal-estar, de intranquilidade. O campo de Hermann Hesse não é descrito pela sua paz. Pelo contrário, ele é descrito pela ruptura da paz. Isso porque Hesse dá a descrição de um campo no qual há vento, no qual há folhas em movimento, no qual há nuvens no céu. Esse campo, cujas características podem ser típicas de uma típica paisagem bucólica, tem sua paz interrompida por pássaros que gritam.

O tradutor do poema, no entanto, segue seu gesto de interpretação inicial, perseguindo a descrição do campo bucólico, no qual há vento, nuvens no céu, folhas soltas e pássaros cantando.

Essa diferença no formato final da poesia é possível porque os gestos de interpretação feitos pelos dois sujeitos, a saber, o autor e o tradutor, são marcados por épocas diferentes, culturas diferentes, sociedades diferentes, oriundos de histórias diferentes. A partir de tal diferença surge a possibilidade de se traduzir Bergen por montes. Essa interpretação, no entanto, impossibilita ao leitor brasileiro interpretar Bergen como sendo os Alpes, e conseguir o efeito de sentido segundo o qual os versos “*Irgendwo über den Bergen/ Muss meine ferne Heimat sein*” poderiam fazer referência ao fato de Hesse estar na Suíça, e que, portanto, geograficamente, além das montanhas, estaria a Alemanha. A Alemanha, sua pátria (*Heimat*), cujo filho vagueia perdido pelos campos (*Felder*), que podem ser de batalha.

VII. A INEVITABILIDADE DA INTERPRETAÇÃO: CONCLUSÃO

A consideração expressa por Victor Hugo, ao fazer referência a uma possível “invasão” (*infusing*) de um idioma por outro, causada pela tradução, merece ser relativizada em função dos limites impostos pela história à linguagem, e vice-versa.

É verdade que todo contato entre culturas promove deslocamentos. J. B. dos Santos (1985) afirma que a cultura não é estanque, que ela está em movimento. Os deslocamentos operados, na concepção do autor, se devem a contatos comerciais, ou a conquistas, invasões, etc. Na concepção de Victor Hugo, uma tradução consistiria em uma invasão, e provocaria um sentimento de resistência. Essa resistência, a nosso ver, se encontra no próprio discurso, na medida que a constituição dos sujeitos pela história, se não interdita, ao menos dificulta a divulgação de determinados efeitos de sentido. Porque os gestos de interpretação feitos por sujeitos constituídos por histórias diferentes produzem efeitos de sentido diferentes. Por Feld e campo produzirem efeitos de sentido diferentes, por estarem ancorados a histórias diferentes, há a possibilidade de promover um gesto de interpretação que leva o tradutor a selecionar o verbo cantar ao procurar uma forma para *schreien*. Não se trata de avaliar as opções feitas pelo tradutor a partir do conceito de certo/errado, ou a partir da dicotomia verdadeiro/falso. Se pensarmos com Foucault (1981), que afirma que existem “efeitos de verdade”, isto é, “um conjunto de procedimentos regulados para a produção ... e funcionamento dos enunciados” (p. 14), concluiremos que as relações que se estabelecem em uma determinada sociedade fazem com que determinados discursos circulem como sendo verdadeiros, enquanto outros são silenciados (E. Orlandi, 1993). Trata-se, portanto, de investigar como a produção de determinados efeitos de sentido foram possíveis durante o processo tradutório, investigando-se as condições de produção das obras.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDR, H. As origens do Totalitarismo vol. II. Ed. Documentário, 1957.
- BETTEX, A. “Die Moderne Literatur” em Deutsche Literaturgeschichte in Grundzügen (Boesch, B. Hrsg.) Francke Verlag Bern , 1946, 3. Ed. pp. 407-485, 1967.
- FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal Ltda, 2. ed., 1979. Guimarães, E. Os limites do sentido. Campinas: Pontes, 1995.
- LEFEVERE, A. Translation History Culture A Sourcebook. New York: Routledge, 1992.
- MARTINI, F. Deutsche Literaturgeschichte von den Anfängen bis zur Gegenwart 5. Auflage Alfred Kröner Verlag München, 1954.
- ORLANDI, O. Terra à Vista. Campinas: Pontes, 1990. “Dispositivos da Interpretação” em Interpretação. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- RIBEIRO, D. Os Brasileiros. São Paulo: Cia das Letras, 3. ed., 1978. Santos, J. B. O que é cultura? Brasiliense, 1985.

Só para loucos⁹⁹

Bernardo Carvalho

Em meados dos anos 60, "O Lobo da Estepe" (1927), de Hermann Hesse (1877-1962), começou a ser lido como uma espécie de "O Pequeno Príncipe" por toda uma geração influenciada primeiro pela psicanálise e em seguida pelos ecos do movimento hippie.

Hesse virou moda. Seus livros foram devorados com um espírito de culto. Se você passou a infância naqueles anos psicodélicos, deve ter tropeçado pelo menos uma vez em algum dos romances do autor (Prêmio Nobel de 46), esquecidos na borda de uma piscina ou ao lado de uma cadeira de praia e discutidos pelos adultos como alegorias da procura espiritual do eu pelo viés do inconsciente psicanalítico ("Demian") ou do misticismo orientalista ("Sidarta").

É muito provável que a "literatura de mensagem" de Hesse, que tanto marcou os leitores nos anos 60/70, também esteja ironicamente na origem dos livros de Paulo Coelho, em seu aspecto massificado de "pérolas de sabedoria".

Ironicamente, porque, ao contrário do que pode parecer, "O Lobo da Estepe" não é um romance fácil. Ainda mais num mercado que é o avesso dos valores que o livro propõe, um mundo em que a idéia de autoconhecimento foi invertida e transformada em impostura e lugar-comum, vulgarizada como estratégia de marketing e vendas.

"O que chamamos cultura, o que chamamos espírito, alma, o que temos por belo, formoso e santo, seria simplesmente um fantasma, já morto há muito, e considerado vivo e verdadeiro só por meia dúzia de loucos como nós?", pergunta o protagonista.

Com a distância do tempo, a atual reedição (a 26ª) de "O Lobo da Estepe" prova que, a despeito de seu lado "filosófico", que o tornava aparentemente mais acessível nos anos 60, o romance de Hesse é, do ponto de vista literário, extremamente complexo, imaginativo e inovador para a época em que foi escrito. Um texto que oscila entre o simbolismo e o surrealismo, criando um mundo onírico que lembra os pesadelos das novelas de Schnitzler e dos contos de Hoffmann.

A misantropia, o solipsismo e a inadequação de seu protagonista ao mundo, descontadas as eventuais referências à ânsia de um "encontro com Deus", também estão de alguma forma na origem dos personagens de Thomas Bernhard: "O Lobo da Estepe, o sem pátria e solitário odiador do mundo burguês. (...) Não se devem considerar suicidas apenas aqueles que se matam. (...) Essa classe de homens se caracteriza na trajetória de seu destino porque para eles o suicídio é a forma de morte mais verossímil (...). Não estou satisfeito em ser feliz. (...) A infelicidade de que necessito (...) me permitiria sofrer com ânsia e morrer com prazer. (...) Anseio por uma dor que me prepare e me faça desejar a morte", diz o narrador do romance de Hesse.

Bernhard chegou a declarar numa entrevista à TV austríaca: "Quando descrevo este gênero de situações centrífugas encaminhadas na direção do suicídio, trata-se certamente da descrição de estados em que eu próprio me encontro e em que, por outro lado, talvez me sinta bem enquanto escrevo, justamente porque não me suicidei, porque escapei disso".

Assim também, ao final de "O Lobo da Estepe", o protagonista entra num teatro mágico, que lhe abre, como uma droga, as portas da percepção para o interior do seu inconsciente e se depara com um letreiro que lembra bastante a literatura de Bernhard: "Delicioso suicídio! Você se arreventa de rir!".

Todo o problema do personagem do livro de Hesse é um permanente mal-estar cuja fonte é a inadequação do seu espírito à sociedade, à massa, à média e à vulgarização burguesa da vida e dos valores. É por isso que ele se define como "lobo da estepe".

⁹⁹ CARVALHO, Bernardo. Só para loucos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 maio 2000, Ilustrada, s/p.

Aos 48 anos, aluga um quarto mobiliado na casa de uma senhora onde passa a viver isolado do mundo. É um intelectual misantropo. Suas andanças são ao mesmo tempo um mergulho simbólico dentro de si mesmo e uma redescoberta sensorial dos prazeres físicos.

Quando sai para a rua, as coisas se sucedem como se ele estivesse sonhando ou alucinando e como se tudo dissesse respeito a si mesmo. Um mundo bem mais imaginário e simbólico do que real.

A certa altura, recebe de um propagandista ambulante um panfleto que é a espantosa análise de sua própria personalidade. Encontra uma mulher que é, ao mesmo tempo, a lembrança de um amigo de infância e seu duplo. É levado a um teatro mágico, "só para loucos", cujo efeito é semelhante ao de uma droga de autoconhecimento.

A duplicação de si se estende por todo o romance e culmina no jogo de espelhos desse teatro mágico, em que o protagonista descobre que o eu é múltiplo. O autor se duplica em narrador e este, em elementos de sua própria narrativa: "Assim como a loucura, em seu mais alto sentido, é o princípio de toda sabedoria, assim a esquizofrenia é o princípio de toda arte, de toda fantasia". Ao que só lhe resta, como em Thomas Bernhard, "viver e aprender a rir".

Siddhartha ou uma lição da luz¹⁰⁰

Fernando Magalhães

Na próxima quarta-feira é a vez de "Siddhartha", de Herman Hesse, que foi e continua a ser livro de cabeceira de muita gente.

A maior parte de nós acorda todos os dias de manhã sem reparar que os olhos continuam fechados e que tudo em redor se mantém envolto em escuridão. "Siddhartha", de Herman Hesse, é o livro ideal para limpar as ramelas e afastar as cortinas do quarto. É um livro pequeno no tamanho mas imenso e intenso no que diz. E o que diz, di-lo directamente ao coração, sem intermediários. Foi escrito em 1922 por Herman Hesse (1877-1962), alemão naturalizado suíço, Prémio Nobel da Literatura em 1946 e que logo na infância declarara que "seria poeta ou não seria nada". As suas páginas estão cheias de zen. Nada de espantoso, se considerarmos que a espiritualidade caminha de Oriente para Ocidente (tenhamos esperança de que chegue cá a tempo e horas, como está escrito na luz). "Siddhartha" foi e continua a ser livro de cabeceira de muita gente. Para alguns, uma espécie de bíblia de bolso do Budismo na Índia que tanto enforma a noção de "eterno retorno" de Nietzsche como ilustra o naturalismo metafísico (mesmo se o termo lhe repugnava...) de Alberto Caeiro. Para outros, simplesmente a história de Siddhartha, filho de brâmane, que se tornou Buda, e do seu amigo Govinda, personificação do espírito crítico e do racionalismo ocidentais.

"Siddhartha" é ambas as coisas: uma fonte de sabedoria e um romance bem contado. Ao longo dos seus doze capítulos (curiosamente, os mesmos que os arquétipos do Ser...) conta-se a história de Siddhartha, desde os tempos de infância, quando "já sabia pronunciar Om silenciosamente" e "reconhecer Atman nos abismos do seu ser", até à velhice e à definitiva iluminação, passando pela fruição sem reservas da vida mundana e pela tentação do suicídio. É também a história do seu amigo Govinda que o segue a par e passo, em busca de consolo espiritual e de respostas para o enigma da (sua) vida. Livro de sabedoria, deslocado dos tempos que correm e, por essa razão, de leitura indispensável para se olhar para os tempos que correm com olhos de ver, "Siddhartha" tem tanto de lição de humanismo como, paradoxalmente, de libelo contra todas as escolas ou doutrinas de pensamento. Mas atenção, há uma (a)tensão e disponibilidade interiores que cumpre preservar, caso queiramos receber de mãos dadas com Siddhartha, o nirvana. "Nirvana não é apenas uma palavra, meu amigo - protestou Govinda - é um pensamento!". "Será um pensamento, mas devo confessar-te, meu amigo, que não diferencio muito entre pensamentos e palavras. Para ser franco, também não atribuo grande importância aos pensamentos. Atribuo mais importância às coisas." Quem não se dispuser a ir tão fundo tem, de qualquer forma, em "Siddhartha", bastante que colher e com que ficar fascinado. A escrita não poderia ser mais clara nem directa, possuindo o dom de modificar, senão a vida, pelo menos a visão daqueles de nós que, sedentos de Verdade, exclamam como Govinda: "Dá-me algo que me ajude no caminho, Siddhartha. O meu caminho é frequentemente duro e escuro". Leia-se, então, "Siddhartha", como quem segura uma lanterna.

¹⁰⁰ MAGALHÃES, Fernando. *Siddhartha ou uma lição da luz*. 4 jun. 2002. Disponível em: <<http://www.publico.clx.pt/docs/cm/f/autores/hermannHesse/licaoDeLuz.htm>>. Acesso em 22 dez. 2006.

Siddhartha, de Hermann Hesse¹⁰¹

Fernando Magalhães

Hermann Hesse (1877-1962, prémio Nobel da Literatura em 1946) escreveu "Siddhartha" em 1922 e desde essa data o livro tornou-se uma espécie de compêndio de vida e manual de aprendizagem espiritual para muitos ocidentais que nele encontraram eco e caminho.

"Siddhartha" insere-se numa linha de pensamento em que o misticismo e o pacifismo andam de mãos dadas e cujo centro se localiza nos preceitos e na espiritualidade (ou ausência dela, como se queira) budistas.

Criado no seio de uma família religiosa, Hesse leu Nietzsche, Dostoiévsky e Spengler, tendo aprendido com eles a contar uma história e a insuflar nela o verbo que distingue o simplesmente narrativo do iluminante, uma escrita que vai direita ao íntimo do leitor. Em 1911, viaja até à Índia e aí encontra o cerne da sua espiritualidade, que cruza com o ideário romântico e uma recusa de todo e qualquer dogmatismo. Coincidindo com o despoletar da Primeira Guerra Mundial, uma crise pessoal leva-o ao divã de psicanálise de um discípulo de Carl Gustav Jung, cujas teorias sobre o Inconsciente Colectivo são mais uma pedra que utilizaria para erguer o templo em louvor de religião nenhuma que é "Siddhartha".

Ao longo dos anos, o livro tornou-se, ele próprio, uma religião, sobretudo para os jovens, que nele viam, expresso de forma acessível, simples e condensada, o exemplo de uma conduta que, sendo moral, é ao mesmo tempo transgressora (Siddhartha recusa os ensinamentos dos sábios, do próprio Gotama, o Buda, dando ouvidos unicamente à sua própria voz interior).

"Siddhartha" é o caminho de Buda, o caminho para chegar a Buda e o caminho que parte de Buda. Pode ser lido também como uma história, na exacta medida em que todas as vidas contam uma história. É, em última análise, um livro sobre como abandonar todas as paixões para descobrir o amor.

Representa o culminar de uma fase criativa que, no capítulo dos romances e contos, engloba, entre outras, as obras "Demian", "O Último Verão de Klinsor", "Klein e Wagner", "A Cura", "O Lobo das Estepes", "Narciso e Goldmundo" e "Peregrinação ao Oriente".

¹⁰¹ MAGALHÃES, Fernando. Siddhartha, de Hermann Hesse. *Coleção Mil Folhas*, 4 de jun. de 2002. Disponível em: <<http://www.publico.clix.pt/docs/cmfautores/hermannHesse/licaoDeLuz.htm>>. Acesso em 13 jan. 2004.

Morre o filho de Hermann Hesse¹⁰²

Foi anunciada ontem a morte de Heiner Hesse, no dia 7 de abril em Ascona, na Suíça. Com 94 anos, ele era o último filho vivo do escritor alemão premiado com o Nobel de 1946, Hermann Hesse (1877-1962), autor de sucessos como "O Lobo da Estepe" e "Sidarta". A partir dos anos 60, Heiner começou a controlar o legado de seu pai, organizando e publicando cartas de Hermann Hesse, escrevendo resenhas e pintando mais de 2.000 aquarelas. Ele era o principal apoiador do museu Hesse, no vilarejo de Montagnola, na Suíça, onde seu pai viveu a maior parte da vida. O controle da obra de Hermann Hesse passa agora ao filho mais velho de Heiner, Silver.

¹⁰² MORRE filho de Hermann Hesse. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 abr. 2003. Ilustrada, s/p.

Realização pessoal é a busca em "Sidarta"¹⁰³

Guilherme Wernek

Romance sobre jovem hindu à procura da iluminação, escrito por Hermann Hesse, é o lançamento de amanhã.

Em 1911, o poeta e romancista alemão Hermann Hesse (1877-1962), prêmio Nobel de literatura de 1946, foi conhecer a Índia, país cuja cultura era objeto de estudo de seu avô materno, Herman Gundert. Lá, aprofundou seu interesse por religiões orientais, principalmente o hinduísmo e o budismo. "Sidarta", seu segundo grande romance, publicado 11 anos após essa viagem, em 1922, é resultado desses estudos. Hesse inspira-se na história de Sidarta Gautama -príncipe que nasceu no século 6 a.C., na região onde hoje é o Nepal, e renunciou à vida luxuosa para se tornar o primeiro Buda- para criar um outro Sidarta, também de origem nobre (brâmane), que abdica de sua riqueza para buscar conhecimento e iluminação. Mas na gênese de "Sidarta", o livro, há mais do que a questão religiosa. Embora esse seja um tema caro para Hesse -um filho de missionário protestante, educado para se tornar pastor, mas que se rebelou e interrompeu seus estudos-, a idéia que inquieta o escritor é a da realização pessoal.

Esse tema aparecerá diversas vezes em sua obra, mais notadamente em "O Lobo da Estepe" (1927), em que o personagem principal atravessa uma crise e tem de se decidir por uma vida de ação ou de contemplação. É possível especular que tanto o orientalismo quanto essa noção da busca do prazer pessoal estejam relacionadas às próprias experiências de autoconhecimento do escritor, que durante boa parte da década de 10 do século passado fazia terapia com J.B. Lang, discípulo de Carl Gustav Jung (1875-1961). E que, durante todo o ano de 1921, enquanto escrevia "Sidarta", tinha sessões de terapia com o próprio Jung, também ele um estudioso da cultura oriental.

Hesse estrutura a trajetória de Sidarta pela sede de conhecimento, acompanhando sua vida desde a infância, como membro da mais alta casta hindu, até a velhice, quando tem sua experiência final de iluminação. O jovem Sidarta é um estudioso do hinduísmo, preocupado com o ascetismo, com a filosofia e com a meditação. Sua meditação o leva a deixar a casa dos pais para viver uma vida religiosa com os "samanas", ascetas peregrinos que vivem na selva, mendigando e jejuando, em busca da verdade. Após anos vivendo com os "samanas", ele conhece o buda Gotama e resolve deixar os ascetas. Contudo percebe que não consegue seguir nenhuma doutrina, nem mesmo a do buda, e decide procurar em si mesmo a verdade. Deixando de lado a vida religiosa, Sidarta é tentado pelo amor. Abandona a vida espiritual para mergulhar em experiências mais mundanas, entregando-se ao sexo, aos negócios, ao vinho, à comida e ao jogo. Mas, da mesma forma que não se encontra no ascetismo, não se encontra na dissipação. Maduro, resolve voltar a se isolar e aí tem a iluminação de que não existem caminhos diferentes para o bem e o mal, mas que os dois coexistem num mesmo tempo.

Essa história sedutora, que impele tanto à ação quanto à reflexão, tornou-se ela mesma um ícone da cultura jovem após os anos 50, quando sua tradução foi lançada nos Estados Unidos. De pronto, as idéias de Hesse em "Sidarta" foram acolhidas pela nascente contracultura do pós-guerra. Para a geração beat, sobretudo para seus principais expoentes - Jack Kerouac (1922-1969) e Allen Ginsberg (1926-1997)-, "Sidarta" se torna um livro essencial, ao lado dos estudos de filosofia oriental de Aldous Huxley (1894-1963). Pela mão

¹⁰³ WERNEK, Guilherme. Realização pessoal é a busca em Sidarta, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 set. 2003, Ilustrada, s/p.

dos beats, Hesse contamina a geração seguinte, e o livro se torna referência básica para os hippies dos anos 60 e 70. E é assim que "Sidarta" sobrevive ao tempo e ganha novos leitores, tendo sua filosofia chancelada pelo pop e se equilibrando na própria dualidade que propõe.

Demian, 1984 e nós: natureza, consequência ou burrice?¹⁰⁴

Maurício Gomes Angelo

"Queria apenas tentar viver aquilo que brotava espontaneamente de mim. Por que isso me era tão difícil?"

(Fragmento extraído do livro Demian de Hermann Hesse)

Esta frase que encontramos em “Demian”, um dos melhores romances do século XX e belo exemplo da genialidade literária externada pelo baluarte das letras germânicas contemporâneas que foi Hermann Hesse, exemplifica com grande exatidão e síntese um dos principais dilemas do ser humano em toda sua história: o ser.

Outra grande máxima propagada por ele: “chegar a ser verdadeiramente você mesmo” serve para corroborar a introdução acima.

Cada dia mais afundados nesta sociedade sintética, artificial, de valores e pensamentos invertidos, onde a superficialidade toma proporções e importância cada vez maiores, como se o envolvimento pleno e verdadeiro fosse uma séria ameaça a sua estabilidade, e a hipocrisia é elevada como um valor natural e necessário, o homem se afasta mais e mais de sua essência e passa sua vida inteira sustentando valores e comportamentos que representam tudo, menos o que ele realmente gostaria de ser e fazer. Não se trata de um fenômeno moderno ou algo que seja exclusividade dos tempos atuais, o quadro é antigo e conhecido. Os raros abnegados que conseguem ter uma visão mais lúcida e isenta desse mal asqueroso, as poucas pessoas que tiveram (e têm) um pouco mais de inteligência intrapessoal ao longo da história sempre foram tratados como loucos, radicais, utópicos, alienados, foram vistos como má influência, foram execrados, excluídos e menosprezados, a não ser pelos seus semelhantes.

Poderíamos jogar a culpa na manipulação exercida pela imprensa, pelo governo, pela tv, poderíamos bombardear o “american way of life” como grande bode expiatório dessa história toda, mas tudo isso é apenas resultado de algo muito mais profundo: a própria natureza humana. Cada coisa a seu tempo, cada padrão adequado a sua época, cada valor considerado benéfico ou útil quanto a sua propriedade histórica, de alguma forma, manifestada sobre qualquer máscara que seja, sempre pairou sobre o comportamento da sociedade. O próprio termo “sociedade” já evoca artificialidade de imediato, o viver em conjunto, em rebanhos, implica necessariamente adequação, pudor, cautela, medo e incerteza.

Obrigados a agir artificialmente, nos afastamos de nós mesmos e acabamos tomando rumo e direção que em nada se assemelha ao que acreditamos. Mais do que um sintoma, a hipocrisia e a artificialidade não são apenas consideradas normais como também são exigidas, esperadas e louvadas (tome como maior exemplo o mundo do trabalho) e os que vez por outra são – ironicamente – “desatentos” e acabam agindo ou falando espontaneamente são logo reprimidos e advertidos. Criou-se um mundo à parte do natural, é como se a sociedade que representasse o homem isento de dogmas comportamentais e ideológicos ficasse em outra dimensão, em outra esfera que é raramente alcançada, e o mundo “real” – onde estamos – fosse a representação sintomática dos valores que criamos e que tanto nos auto-destrói, essa sim é a “matrix” presente e verdadeira com a qual lidamos no dia-a-dia.

¹⁰⁴ ANGELO, Maurício Gomes. Demian, 1984 e nós: natureza, consequência ou burrice?: um comparativo... 22 nov. 2004. Disponível em: <<http://www.duplipensar.net/george-orwell/2004-12-demian-hesse-1984-orwell.html>>. Acesso em 29 dez. 2006.

E esse homem que age, pensa e fala artificialmente, que sofre uma indução por assimilação destes valores desde a infância não pode nunca encontrar paz e satisfação em si mesmo, não pode nunca entender o mundo em que vive e se conformar com isso, não pode porque isso na verdade não faz parte dele, esse mundo se torna tão nauseabundo que ele passa a regurgitá-lo, a expurgá-lo inteiramente de si dentro do possível e como ele não pode se ausentar disso completamente, torna-se um dilema dilacerante ter que viver em parte dentro desse mundo. É o tipo de conflito clássico que Hermann Hesse sempre tratou com maestria em seus livros, seja no Harry Haller de *O Lobo da Estepe*, dividido entre seu lado “homem” e seu lado “lobo”, seja no Emil Sinclair de *Demian*, aprendendo a viver entre o mundo “sombrio” e o “luminoso”. E é o que acontece com o Winston Smith de George Orwell em 1984, quando tem que viver entre o mundo controlado pelo partido (uma versão sombria, verossímil e ampliada do nosso mundo atual) e a vida que ele tenta viver a parte das garras do Grande Irmão, que é o jeito real de como ele gostaria de viver. A fina analogia orwelliana entre o dilema de Winston e o nosso dilema que encaramos todos os dias é o retrato perfeito de até onde podemos chegar com essa insanidade travestida de naturalidade. Tudo está tão deturpado e invertido que a espontaneidade deixou de ser o que é (e qualquer outra coisa aqui seria redundância) para ser considerada uma virtude.

Também não é de se surpreender que a internet seja encarada como a maior invenção dos últimos tempos, servindo como o ícone de uma geração que prega a liberdade e julga-se mais “cabeça-aberta” que qualquer outra, mas que na verdade se isola cada vez mais. Não é de se surpreender que essa ferramenta seja a tão alardeada “aldeia global” que vai do puro ao decrépito, que seja o meio pelo qual todas as excentricidades sexuais são externadas despididamente por pessoas reprimidas ou não, que faz os índices de suicídio subirem vertiginosamente (incluindo aí a nova moda de suicídio coletivo combinado on-line), tudo guiado pela certeza do anonimato, pela segurança que uma tela fria e insensível proporciona, por pessoas (mais uma vez monopolizadas – pela Microsoft – e acorrentadas – pela tecnologia) que encontraram nela a forma mais fácil e rápida de representar o que não teriam coragem de fazer na prática (ou o que não são), a internet é, sob muitas formas, a artificialidade elevada como exemplo máximo de uma civilização e é essa a maravilha tecnológica celebrada exaustivamente pela sociedade no século XXI.

Com efeito, a religião, que sempre passou ao largo de sua concepção semântica (religare) de religar o homem a Deus, ou de religar o homem a ele mesmo (seguindo a corrente de linhas ideológicas orientais), sempre contribuiu significativa e decisivamente na segregação, por mais compreensiva e atrativa que ela possa se apresentar, sempre chegamos a um fator comum a todas elas: a condição básica de pertencer ao seu mundo, aos seus ritos, a sua doutrina. Condição essa que anula completamente sua origem e expõe uma grande contradição que nenhuma delas pode fugir. Nessa linha restritiva, exclusiva e impositiva, onde todas julgam a sua verdade ser a suprema, a definitiva, a absoluta, por mais que neguem acabam pondo em prática o preconceito que tanto “combatem”. O homem transformou o mandamento de “amar ao próximo como a ti mesmo” em “amar apenas os seus semelhantes”, dessa forma cada grupo isolado se ama mutuamente e odeiam-se entre si. O que me faz concordar com Nietzsche quando ele diz que “o único cristão (possivelmente o único “ser humano”) de verdade morreu na cruz”. E a religião (não somente o cristianismo) morreu com ele.

Depois de tudo isso fica a pergunta: o homem deixou de agir espontaneamente por que ele próprio criou o ambiente para isto ou o fez porque não pôde fugir à sua natureza?

Por um lado poderíamos dizer que a sociedade, a necessidade de viver em grupo incutiu em seu comportamento o medo, a insegurança e a falsidade, impedindo-o de agir naturalmente e “ser” como verdadeiramente cada um é, mas o homem não foi criado para viver (ou vive desde o início dos tempos) em sociedade? Não foi ela que proporcionou o

aperfeiçoamento da raça humana? O que acontece então? Encontramos resposta no que bem salientou George Orwell em 1984: “No fundo, só importa a gente”. A traição mútua entre Winston e Júlia é na verdade o mais puro comportamento humano destituído de máscaras, é o que sempre acontece e ninguém tem coragem de admitir, por isso esta parte do livro dói tanto em todos nós.

O fruto desse amontoado de conceitos danosos que são incutidos lentamente ao longo de nossas vidas (uma espécie de hipnopédia desperta), que dentre outros sintomas podemos destacar a revolta e o inconformismo (tão presentes nos jovens) podem se tornar inerentes à personalidade de cada um a partir do momento em que se toma consciência da máquina repugnante em que estão inseridos e passa-se a questionar o porque de tudo isso. É o “nascer de novo” de Hermann Hesse, este sim é o verdadeiro renascimento que o ser humano precisa, quando saímos da inocência pueril de nossa infância e passamos a fazer parte efetivamente da sociedade é quando tomamos o choque mais brutal de nossa existência. Mas isso não está atrelado a um conceito de tempo pré-determinado – pode acontecer nas mais variadas idades possíveis – e infelizmente nem todos conseguem (ou querem) nascer de novo, ou porque já foram tão absorvidos pelo sistema que não conseguem enxergá-lo de forma isenta ou pior, pessoas que têm consciência de tudo que se passa mas escolheram viver no engano, na hipocrisia, por definitivamente ser muito mais cômodo e fácil. Mudança implica dor, luta, sofrimento e reflexão, já o conformismo é apresentado como um açucarado mundo de ambição, prazer, desejo e facilidades, o mundo onde “tudo é bom”, o mundo onde não se precisa mudar para “ser feliz” e o espírito crítico é encarado como frescura de intelectuais pessimistas. O sistema está dizendo sedutoramente para você: “Nos encontraremos num lugar onde não há trevas” e você cai, cai facilmente, vai correndo satisfeito copular com o inimigo.

É o que acontece em 1984 com os membros do partido que aceitam plácida e cegamente as doutrinas do IngSoc, onde tudo para eles é justificável, onde o erro sempre decorre de si próprio, não do partido (ou no caso, do sistema), situação bem ilustrada pela devastadora descrição da prisão de Parsons, onde ele reflete debilmente sobre os motivos que o levaram a ser preso, chegando a louvar ainda mais a onisciência infalível do Grande Irmão, Parsons não representa apenas o quanto o ser humano pode ser condicionado, mas torna-se uma ilustração fidedigna das pessoas que estão (ou optaram por estar) vivendo em sincronia com as instituições e com os valores que lhe foram apresentados (como diria O’Brien, será que eles também não te pegaram há muito tempo?).

O ser não é apenas nosso maior dilema, é também nosso maior medo, a decisão capital que temos que tomar diante da qual deriva-se todas as outras.

A clássica frase dita por Hamlet de Shakespeare: “Ser ou não ser, eis a questão?” parece ter pouco ou nenhum significado em consequência da vã e exaustiva citação que lhe é feita.

Mas seu poder de síntese diante do comportamento humano é fantástico. Ela é na verdade o “day past” da indagação presente no início desse artigo feita pelo Emil Sinclair de Hesse. Quando decidimos “ser” nós mesmos é aí que vamos nos deparar com a profunda dificuldade decorrente disso, é quando vamos nos perguntar porque é tão difícil ser, porque é tão difícil para nós agirmos naturalmente, é quando nós (e não mais Sinclair) nos perguntamos: “Por que me é tão difícil viver espontaneamente o que brota dentro de mim?”.

E só conseguimos fazer essa pergunta porque nascemos de novo, nós na verdade só a fazemos quando temos consciência suficiente para tal. Voltando a Demian, não por acaso, bastou uma fala espontânea de Sinclair para que ele visse sua amizade com Pistórius ser profundamente abalada. O interessantíssimo paradoxo que Hermann Hesse coloca neste trecho ilustra o preço que temos que pagar por sermos nós mesmos.

Você já pensou se está disposto a pagar este preço?

O Winston Smith de George Orwell foi preso, torturado, humilhado, sofreu lavagem cerebral, foi obrigado a fazer tudo que o Partido queria. O Selvagem de Aldous Huxley em Admirável Mundo Novo viu-se obrigado a se isolar daquela sociedade pseudo-perfeita por não concordar com sua doutrina, ou seja, se isolou para poder viver como queria, foi descoberto, tratado como atração turística e acabou suicidando-se e o Emil Sinclair de Hermann Hesse foi execrado por sua família e teve que passar por um longo e doloroso processo para definir sua verdadeira personalidade.

Todos eles pagaram um preço muito alto por serem eles mesmos e para chegar lá tiveram que passar por uma auto-descoberta fundamental, todos eles renegaram os valores que lhes foram impostos e agiram de acordo com o que sua verdadeira essência exigia. Todos eles, em suma, isentos de qualquer influência nefasta, tentaram viver espontaneamente o que brotava dentro deles. E todos tiveram que pagar o preço por isso. Será que você está preparado para ser excluído, humilhado, menosprezado e taxado de louco? Será que você teria coragem de abandonar seu emprego, estremecer relações, comprar brigas e angariar inimigos para ser você mesmo? Você acha que vale a pena pagar o preço por isso?

Agir como um zumbi, aceitar tudo sem pestanejar, encarar as coisas com naturalidade e fazer parte desse mundo que é muito mais fictício do que real é fácil, se deixar levar pelo frenesi do dinheiro, do status, do poder, querer fazer parte da elite – seja ela qual for – é o que todos querem e pode até ser que você escolha esse caminho e seja “feliz” – não se sabe até quando – dentro dele. Já ser você mesmo é muito, muito difícil, implica uma luta interior constante que nem todos estão dispostos a encarar. Se você ainda não renasceu, enfrente a verdade de que você nunca nasceu até então, se você não consegue agir espontaneamente é porque você nunca conseguiu demonstrar a sua real essência, o seu eu verdadeiro. Não acho que o homem seja uma pequena divindade ou que seja auto-suficiente, longe disso, mas se não olharmos para dentro de nós e procurarmos agir de acordo com o que somos, é porque nós nunca existiremos de verdade (ou como diria George Orwell, seremos vaporizados). Temos que parar de encarar a espontaneidade como virtude e ver que ela deveria ser inerente a todos nós, foi a humanidade que inverteu as coisas, foram os homens que construíram esse mundo fétido que você vê a sua volta, somos nós, somente nós os culpados por tudo isso. E da mesma forma, cabe apenas a nós reconstruí-lo da forma correta.

Parafraseando Jesus Cristo, eu diria: “Ide ao mundo e pregai a verdade, a espontaneidade a toda criatura”! Estas últimas palavras de Hermann Hesse que irei citar (também retiradas de “Demian”) além de ser o supra-sumo do desejo e inspiração que me sobreveio para escrever este artigo, representa a quintessência do que realmente importa para o ser humano, deixo-os com o mestre:

"Quem quiser nascer tem que destruir um mundo; destruir no sentido de romper com o passado e as tradições já mortas, de desvincular-se do meio excessivamente cômodo e seguro da infância para a conseqüente dolorosa busca da própria razão do existir: ser é ousar ser."

ANEXO B**Lançamento das obras de Hesse na Alemanha¹⁰⁵**

- 1899** Romantische Lieder (Canções românticas)
- 1899** Eine Stunde Hinter Mitternacht (Uma hora após a meia noite)
- 1901** Hermann Lauscher (Hermann Lauscher)
- 1902** Gedichte (Poemas)
- 1904** Peter Comenzind (Peter Comenzind)
- 1906** Unterm Rad (Sob a roda)
- 1907** Diesseits (Deste lado)
- 1908** Nachbarn (Vizinhos)
- 1910** Gertrud (Gertrud)
- 1911** Unterwegs (A caminho)
- 1912** Umwege (Desvios)
- 1913** Aus Indien (Da Índia)
- 1914** Rosshalde (Rosshalde)
- 1915** Knulp (Knulp)
- 1915** Am Weg (No caminho)
- 1915** Musik des einsamen (Música da solidão)
- 1916** Schön ist die jugend (Linda, a mocidade)
- 1919** Demian (Demian)
- 1919** Märchen (Contos)
- 1920** Gedichte des malers (Poemas do pintor)
- 1920** Klingsors letzter sommer (O último verão de Klingsor)
- 1920** Wandering (Peregrinação)

¹⁰⁵ Fonte: HESSE, Hermann. *Sidarta: um poema indiano*. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1970. p. 191-196.

- 1921** Ausgewählte Gedichte (Poemas escolhidos)
- 1922** Siddhartha (Sidhharta)
- 1925** Kurgast (Hóspede de uma estação de águas)
- 1926** Bilderbuch (Livro de imagens)
- 1927** Die Nürnberger reise (A viagem a Nuremberg)
- 1927** Der Steppenwolf (O lobo da estepe)
- 1928** Betrachtungen (Considerações)
- 1929** Tros der Nacht (Consolação da noite)
- 1329** Eine Bibliothek der Weltliteratur (Uma biblioteca da literatura mundial)
- 1930** Narziss und Goldmund (Narciso e Goldmundo)
- 1931** Weg Nacht Innen (O caminho para dentro)
- 1932** Die Morgenlandfahrt (A viagem ao oriente)
- 1933** Kleine Welt (Pequeno Mundo)
- 1934** Vom baum des Lebens (Da árvore da vida)
- 1935** Fabulierbuch (Livro de fábulas)
- 1936** Studien im Garten (Horas no jardim)
- 1937** Gedenkblätter (Páginas de almanaque)
- 1937** Neue Gedichte (Novos poemas)
- 1942** Die Gedichte (Os poemas)
- 1943** Das Glasperlespiel (O jogo das pérolas de vidro)
- 1945** Berthold (Berthold)
- 1945** Die Blütenzweig (O ramo florido)
- 1945** Traumfährte (A pista do sonho)
- 1946** Der europäer (O europeu)
- 1946** Krieg und Frieden (Guerra e paz)

1949 Die Heimkehr (Volta à terra natal)

1949 Gerbersau (Gerbersau)

1951 Späte Prosa (Últimos escritos em prosa)

1951 Erinnerung an André Gide (Lembrança de André Gide)

1951 Briefe (Cartas)

1952 Gesammelte dichtungen (Obras completas)

1952 Glück (Felicidade)

1954 Briefe (Cartas)

1956 Abendwolken (Nuvens da tarde)

1956 Der Zwerg (O anão)

1958 Edição do 75º aniversário do autor (Reedição de 29 obras seleccionadas)

1958 Antworten an Briefe (Respostas a cartas)

1960 Eine Chronik in Bildern (Uma crônica em imagens)

ANEXO C

Traduções das obras de Hermann Hesse no Brasil¹⁰⁶

1935 O lobo da estepe. (Der Steppenwolf). Trad. Augusto de Souza. São Paulo: Cultura brasileira. (Coleção literatura moderna).

1964 Demian. História da juventude de Emil Sinclair. Trad. Augusto de Souza. Rio de Janeiro: Cultura Brasileira.

1965 Demian. História da juventude de Emil Sinclair. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

1965 Sidarta. (Siddhartha). Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

1968 O lobo da estepe. (Der Steppenwolf). Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

1969 Contos. (Märchen). Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro. Ed. civilização brasileira.

1969 Narciso e Goldmund. (Narziß und Goldmund). Trad. Myriam Moraes Spiritus. Rio de Janeiro: Distribuidora Record.

1969 O jogo das contas de vidro. Ensaio de biografia do magister Ludi José Servo, acrescida de suas obras póstumas. (Das Glasperlenspiel). Trad. Lavínia Abranches Viotti, Flávio Vieira de Souza. Rio de Janeiro: Distribuidora Record.

1970 Knulp. Trad. Eglê Malheiros. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

1970 O livro des fábulas. (Fabulierbuch). Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

1971 Debaixo das rodas. (Unterm Rad). Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

1971 Gertrud. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

1971 Pequeno mundo. (Kleine Welt). Trad.. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

1971 Rosshalde. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

1971 Viagem ao Oriente. (Die Morgenlandfahrt). Trad. Lêda Maria Gonçalves Maia. Rio de Janeiro: Editora Record.

1972 Este lado da vida. (Diesseits). Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

¹⁰⁶ Fonte: <<http://www.gss.ucsb.edu/projects/hesse/>>. Acesso em 14 out. 2005.

1972 Peter Camenzind. Trad. Myriam Moraes Spiritus. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense.

1972 Roßhalde. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira.

1972 O lobo de estepe. (Der Steppenwolf). Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Ed. civilização brasileira. (Biblioteca do leitor moderno, 95).

1974 Sobre a guerra e a paz. (Krieg und Frieden). Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Distribuidora Record.

1974 Hermann Lauscher. Trad. Eloísa Breda Ferreira. São Paulo: Ed. Brasiliense.

de bolso).

1976 Andares. Antologia poética. (Stufen. Ausgewählte Gedichte). Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

1976 Minha Vida. (Erzählungen). Trad. Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Ed. Arte Nova.

1976 O último verão de Klingsor. (Klingsors letzter Sommer. Klein und Wagner. Kinderseele). Trad. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro, São Paulo: Distribuidora Record.

1976 Para ler a pensar. Pensamentos extraídos de seus livros e cartas. (Lektüre für Minuten). Trad. Bêlchior Cornelio da Silva. São Paulo: Distribuidora Record.

1977 A arte dos ociosos. (Die Kunst des Müßiggangs). Trad. Paul Schenetzler, Mathilde Latja. Rio de Janeiro: Distribuidora Record.

1977 Minha Fé. (Mein Glaube). Trad. Luiza L. Leite Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Record.

1977 Obstinacao. (Eigensinn). Trad. Bêlchior Cornelio da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record.

1977 Pequenas alegrias. (Kleine Freuden). Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Editora Record.

1977 Vivências. Trechos escolhidos. (Erzählungen). Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Editora Record.

1978 Caminhada. (Wanderung). Trad. Ildikó Maria Jávör. Rio de Janeiro: Editora Record.

1978 Para ler a guardar. (Lektüre für Minuten, Neue Folge). Trad. Bêlchior Cornelio da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record.

1980 Correspondência entre amigos. Hermann Hesse, Thomas Mann, Briefwechsel. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Editora Record.

1980 Histórias medievais, compiladas por Hermann Hesse. (Geschichten aus dem Mittelalter, hrsg. von Hermann Hesse. Ü.: Lya Luft. São Paulo: Distribuidora Record.

1980 Narrativas. Textos escolhidos. (Erzählungen). Trad. und Vorwort: Lya Luft. Rio de Janeiro: Distribuidora Record.

1982 ersch. Demian. (Demian). Ber. Brasilien. Trad. Ivo Barroso. Distribuidora Record.

1982 ersch. O jogo das contas de vidro. (Ber. Brasilien). (Das Glasperlenspiel). Trad. Lavinia Abranches Viotti und Flavio Vieira de Souza. Distribuidora Record.

1983 Este lado da vida. Diesseits. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Distribuidora Record.

1983 Viagem ao oriente. Die Morgenlandfahrt. Trad. Leda Maria Conçalves Maia. Rio de Janeiro: Distribuidora Record.

1983 Manino prodigio.. Unterm Rad). Trad. Álvaro Cabral Rio de Janeiro. Distribuidora Record.

1983 Sonho de uma flauta; e outros contos. (Märchen). Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Editora Record.

1983 Transformações. (Piktors Verwandlungen). Ausgewählte Gedichte). Nachwort von Volker Michels. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro. Editora Record.

1984 ersch. Este lado da vida. (Diesseits). Ber. Brasilien. Trad. Alvaro Cabral. Distribuidora Record.

1987 O caderno de Sinclair. (Sinclairs Notizbuch). Com aquarelas do autor. Trad. Marija Cesar Mendes Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Record.

(**1999** ersch.) Felicidade. (Glück). Trad. Lya Luft. Editora Record.

ANEXO D

Listagem alfabética dos críticos da literatura hesseana

Acyr Castro	K. Strömberg
Affonso Blacheyre (trad.)	Lavínia Abranches Viotti (trad.)
Aires M. M. Filho	Leda Maria Gonçalves Maia
Ana Lúcia S. Enne	Léo Gilson Ribeiro
Alfredo Lage	Ludwig Flachskampi
Álvaro Cabral (trad.)*	Luís Antônio Novaes
Anatol Rosenfeld	Luís Carlos Lisboa
Angelina Peralva (trad.)	Luiz Carlos Maciel
Aniela Jaffé	Luiza L. Leite Ribeiro (trad.)
Antônio Espeshit	Lya Luft (trad.)*
A. Österling	Mansueto Kohnen
Augusto de Souza (trad.)*	Márcio dos Santos Gomes
Belchior Cornelio da Silva (trad.)	Márcio Tavares D'Amara
Bernardo Carvalho	Mariano Tôrres
Bruna Becherucci	Marília Pacheco Fiorillo
Bruno Boesch	Mário da Silva Brito (trad.)*
Carlos Dante de Moraes	Mário Pontes
Carlos Haag	Martin Greensberg
Carlos Menezes	Matilda Latja (trad.)
Carmen Zink Bolognini	Maurício Gomes Angelo
C. Brink	Miguel Serrano
César Tozzi	Myriam Moraes Spiritus (trad.)
Christopher Middleton	Nelson Ascher
Cláudia Cavalcanti	Nil Castro
Daniel Brilhante Brito	Nilo Scalzo
Daniel Estill	Nina Chavs
Eglê Malheiros (trad.)	O. C. Louzada Filho
Eloá Heise	Olga Obry
Eloísa Breda Ferreira	Oscar Mendes
Erwin Theodor	Otto Maria Carpeaux
Fausto Cunha	Paul Schenutzer
Fernando Magalhães	Pedro Moacyr Campos
Flávio Moreira Costa	Pinheiro de Lemos (trad.)
Flávio Vieira de Souza (trad.)	P. R. Browne
Francisco Iglesias	Regine Margarethe Michaelles
Franklin Olveira	Renne Sequerra
Geir Campos (trad.)*	Rodrigo Gil Ferreira
Geraldo Galvão Ferraz	Ruth Röhl
Guilherme Werneck	Siegfried Unseld
G. Thürer	Silvia Barbosa Ferraz
Herbert Caro (trad.)	Stefan Baciú
Ingeborg Hartl	Teresa Balté
Ingeburg Dekker	Theodore Ziolkowski
Ivo Barroso (trad.)*	Victor da Cunha Rego
Jair Arco e Flexa	Waldemar Falcão
J. F. Angelloz	Walter Faber
João Domenech Oneto	Wilson Martins
José Nogueira Moutinho	Wira Selansk